FOLHA DE S.PAULO

DESDE 1921 UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 102 ★ Nº 34.150 **DOMINGO, 2 DE OUTUBRO DE 2022** R$ 9,00

Lula tem 50%; Bolsonaro, 36%

Pesquisa Datafolha não permite prever se petista terá hoje maioria dos votos válidos para vencer presidente no 1º turno

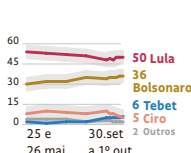
A mais recente pesquisa Datafolha mostra que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) lidera a corrida para o Palácio do Planalto com 50% dos votos válidos.

Como a margem de erro é de dois pontos percentuais para mais ou para menos, não é possível afirmar se haverá segundo turno. O levantamento foi feito na sexta-feira (30) e no sábado (1).

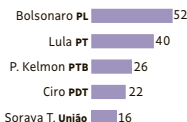
O atual presidente, Jair Bolsonaro (PL), está com 36%, seguido da senadora Simone Tebet (MDB), com 6%, e do ex-ministro Ciro Gomes (PDT), que tem 5%.

Para dar por encerrada a eleição hoje, Lula precisa obter metade mais um dos votos válidos (descontados os nulos e os brancos). O PT torce por uma abstenção pequena e pelo "voto útil".

Evolução dos votos válidos no 1º turno

Excluindo brancos e nulos, em %

A rejeição dos candidatos

Não votariam de jeito nenhum (resposta múltipla, em %)

Candidato	%
Bolsonaro PL	52
Lula PT	40
P. Kelmon PTB	26
Ciro PDT	22
Soraya T. União	16

A campanha eleitoral foi marcada por suspeitas levantadas por Jair Bolsonaro a respeito da segurança das urnas eletrônicas e por ameaças de que não aceitará o resultado.

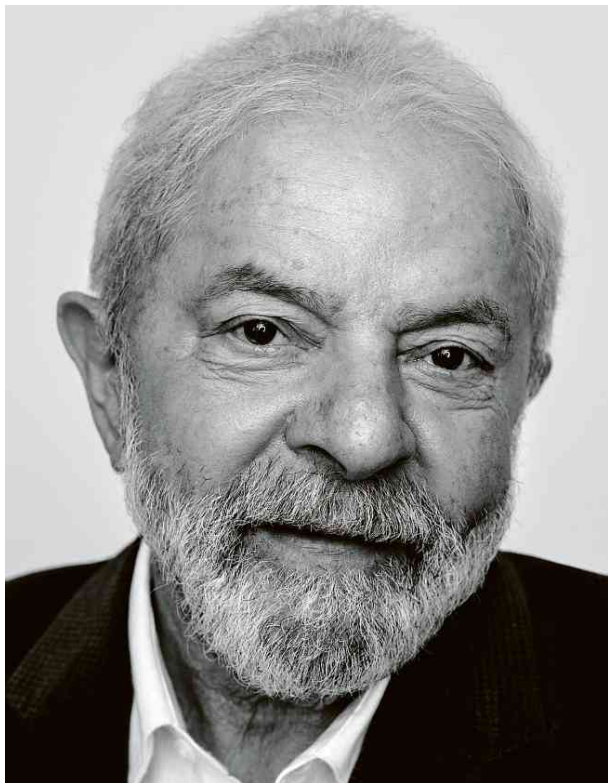
Desde que a possibilidade de reeleição foi instituída, em 1997, Bolsonaro é o primeiro presidente que não chega ao primeiro turno como o favorito na disputa.

Lula, que ficou preso por corrupção até 2019, conseguiu anular as condenações na Justiça e volta à cena política com o apoio, principalmente, dos mais pobres.

São escolhidos hoje também governadores, senadores, deputados federais e estaduais. Pela primeira vez, todos os estados votam ao mesmo tempo, até 17h de Brasília. **Eleições 2022 A4**

Haddad marca 39%; Tarcísio, 31%, e Rodrigo, 23% em SP A20

Castro está com 44% no RJ, seguido por Freixo (35%) A21

Em MG, governador Zema chega a 56%; Kalil, 35% A21

Fotos Bob Wolfenson

RETRATOS DE UMA DEMOCRACIA

Os presidenciáveis Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) estão entre expoentes políticos do país fotografados ao longo de um ano por Bob Wolfenson em parceria com a Folha **Especial**

TSE promete segurança em meio a medo e retórica golpista

O presidente do Tribunal Superior Eleitoral, Alexandre de Moraes, prometeu que a segurança e o sigilo do voto serão observados hoje.

O Brasil chega às urnas após campanha turbulenta.

Casos de violência marcaram os últimos meses, sob a sombra da retórica golpista. O presidente Jair Bolsonaro estimulou a atuação de militares no processo em escala inédita desde 1985. **A14 e A15**

Recorte a cola antes de votar e tire suas dúvidas

Folha traz ficha onde anotar os números dos candidatos, indica cidades com transporte gratuito e orienta o voto em trânsito e sem o título. Celular deve ficar com o mesário. **A6**

EDITORIAIS **A2**

Às urnas, cidadãos

Pela primeira vez, um candidato à reeleição presidencial chega em desvantagem ao primeiro turno. Ruim e péssimo são qualificadores apropriados do desempenho de Jair Bolsonaro (PL).

Desafiado de maneira inédita, o aparato institucional desenhado para resistir ao autoritarismo demonstrou a sua inexpugnabilidade e devolveu o especulador da desordem ao seu devido lugar.

A prova exuberante do enraizamento da democracia no país é a manutenção do ritual cívico que se repete hoje. As escolhas da soberania popular serão apuradas com eficiência e respeitadas.

Ucrânia expulsa russos de cidade anexada por Putin

Mundo A26

Violência no futebol indonésio deixa 129 mortos

Esporte B7

match eleitoral

Em dúvida em quem votar para deputado e senador em SP? Mire a câmera acima

Wilson Gomes

Atenção ao votar para o Congresso

Nada adianta dar a Presidência a A, achando que ele vai magicamente transformar o país, e anular todo o efeito da eleição do Executivo entregando as casas legislativas a B no momento em que elas têm o maior poder da sua história. **Ilustrada Ilustríssima C3**

PAINEL S.A.

Empresários têm resistência zero a Lula

ENTREVISTAS COM O EMPRESARIADO

Líder do grupo Esfera Brasil, que fez jantar com Lula, João Camargo diz que empresários são pragmáticos e não devem se opor a um governo petista. **A28**

Anna V. Balloussier

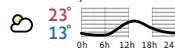
Jairo é 22, Eliana é 13, e o amor venceu

Nenhum conseguiu mudar a cabeça do outro. Já brigaram feio, "de eu até ficar com raiva dele", por causa de eleição, diz Eliana. Hoje a convivência está pacificada. Ela entendeu que tudo bem cada um ter seu preferido e não dá bola se Jairo azucrina. **Corrida B8**

Alerta financeiro

Sobre riscos em um cenário global de juros em alta.

ATMOSFERA

São Paulo hoje

ISSN 1414-5723

FOLHA DE S.PAULO
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 – Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Frias
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernanda Diamant, Hélio Schwartsman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luiza Helena Trajano, Patricia Blanco, Patrícia Campos Mello, Persio Arida, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Frias e Sérgio Dávila *(secretário)*
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA-EXECUTIVA Anderson Demian *(mercado leitor e estratégias digitais)*, Antonio Cavalcanti Junior *(financeiro, planejamento e novos negócios)*, Everton Fonseca *(tecnologia)* e Marcelo Benez *(comercial)*

Jean Galvão

EDITORIAIS

editoriais@grupofolha.com.br

Às urnas, cidadãos

Atacado como nunca sob a democracia, sistema eleitoral confiável expressará a soberania popular

Pela primeira vez na Nova República, um candidato à reeleição presidencial chega em desvantagem ao primeiro turno. Com 36% das intenções de votos válidos no Datafolha, Jair Bolsonaro (PL) arrisca-se a ser derrotado já neste domingo (2), caso Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com 50%, conquiste a maioria dos escrutínios.

No plano mais curto da história, entretanto, esse quadro não surpreende. Apesar da evidente melhora observada na economia, 44% consideram ruim ou péssima a administração federal.

Ruim e péssimo são qualificadores apropriados do desempenho do presidente, seja nas tarefas gerenciais, seja na sua relação com a institucionalidade democrática.

Nesse ponto há outra novidade histórica, nada inspiradora: sob a Carta de 1988 jamais um chefe de Estado havia ousado patrocinar ataques contra Poderes independentes e o próprio sistema eleitoral. Bolsonaro passou os últimos três anos e nove meses nessa ofensiva.

Escolhida como alvo da artilharia populista, a urna eletrônica manteve intacta a sua confiabilidade. O festival de ignorâncias proferidas a seu respeito não logrou levantar uma mísera prova de fraude. Soçobrou a manobra no Congresso para retroceder ao voto impresso.

O que aconteceu com a máquina de votação passou-se também com o aparato institucional desenhado para resistir ao autoritarismo. Desafiado de maneira inédita, demonstrou a sua inexpugnabilidade e devolveu o especulador da desordem ao seu devido lugar.

O Supremo Tribunal Federal não se curvou à saraivada que partiu do Palácio do Planalto. Impôs as regras do jogo, puniu celerados do golpismo e preservou o equilíbrio constitucional mesmo quando o presidente da Câmara e o procurador-geral da República se esquivaram de seu dever fiscalizador.

Da mesma forma agiu a Justiça Eleitoral. A tentativa de sabotagem conduzida por militares, convidados de boa-fé a opinar sobre a higidez do sistema de votação e apuração, foi energicamente barrada, restando claros o desvio de finalidade e a improbidade administrativa de qualquer interferência das Forças Armadas no processo.

A prova exuberante da resistência e do enraizamento da democracia brasileira é a manutenção, inabalável, do ritual cívico que se repete neste domingo (2). Mais de 156 milhões de cidadãos habilitam-se a escolher livremente seus candidatos ao Legislativo e ao Executivo nas esferas estadual e federal.

Como o sol aparece todas as manhãs no leste, as escolhas da soberania popular serão apuradas com eficiência e respeitadas, e os eleitos tomarão posse e exercerão seus mandatos nos limites da lei. Vida longa à democracia brasileira.

Alerta financeiro

Turbulência no mercado britânico dá ideia dos riscos decorrentes da alta dos juros globais

Desde o início do ano o custo do dinheiro aumenta no mundo, sob a liderança do banco central americano, que busca conter a inflação. A zona do euro e o Reino Unido acompanham. Está sendo perturbado o equilíbrio dos últimos 20 anos, de juros baixos e mesmo nulos por boa parte do período.

O problema é que sempre há alguém com liquidez insuficiente e balanços fracos para enfrentar a virada do ciclo financeiro. A alta dos juros atinge a todos, mas quando há impacto sistêmico, em que o risco de colapso de um segmento causa uma reação em cadeia, os bancos centrais têm de intervir.

O processo vinha sendo ordenado, com queda de Bolsas e arrefecimento do crédito, como desejado pelos bancos centrais para conter a demanda. Mas a ansiedade quanto a algum grande acidente crescia.

Eis que um potencial candidato a produzir um choque sistêmico surgiu no Reino Unido — o conjunto dos fundos de pensão. O país está em situação delicada, com alta inflação, crescimento e produtividade declinantes desde que deixou a União Europeia, além de déficits público e externo elevados.

Depois de meses de tumulto político para a definição da nova liderança conservadora, Liz Truss foi alçada à posição de primeira-ministra. Sua plataforma é de restauração do crescimento com mais gastos públicos e ativismo fiscal.

O governo anunciou um plano de 70 bilhões de libras em cortes de impostos para os mais ricos e subsídios à energia, com promessa de que mais expansionismo virá. Os mercados não gostaram.

Houve corrida contra a libra e disparada dos juros dos títulos públicos de longo prazo. A turbulência abalou os fundos de pensão britânicos, que têm obrigações atuariais e se valem de títulos e instrumentos financeiros para harmonizar a rentabilidade dos ativos com os pagamentos futuros.

Ocorre que a escalada das taxas de mercado provoca perdas nos valores desses instrumentos, obrigando os planos a apresentar novas garantias — o que demanda recursos e por sua vez força a venda descontrolada de papéis.

Com o pânico instalado, o banco central teve de intervir com a compra de 65 bilhões de libras em títulos, poucas semanas após iniciar vendas para contrair a liquidez.

Uma virada humilhante, que evidencia a fragilidade do mercado. O dano parece controlado por ora, mas trata-se de um sinal de grandes riscos à espreita.

A queda

Hélio Schwartsman

A menos que as pesquisas eleitorais estejam muito erradas, Jair Bolsonaro deve sofrer uma fragorosa derrota nas urnas. A dúvida é se a queda será sacramentada já ou se será necessária a votação do dia 30. Em qualquer hipótese, ele permanece no cargo até 31/12/2022, o que exigirá de nós muita atenção, pois, embora as chances de um golpe exitoso pareçam remotas, é bastante provável que ele aposte na confusão e também tente plantar armadilhas para seu sucessor.

Os otimistas poderão proclamar que não apenas as instituições funcionaram como também que houve aprendizado democrático. Em 2018, os brasileiros elegeram alguém totalmente despreparado para exercer o cargo máximo do país, mas perceberam seu erro e o consertaram quatro anos depois.

Minha visão é menos benigna. É verdade que as instituições foram capazes de evitar uma ruptura constitucional. Mas elas sofreram enorme desgaste ao longo dos últimos quatro anos e é razoável afirmar que só resistiram porque houve mobilização de setores influentes da sociedade civil e da comunidade internacional. Sem isso, a história poderia ter sido diferente.

Mais importante, mesmo admitindo que o conceito de culpa coletiva é complicado, para dizer o mínimo, acho que dá para afirmar que nós, como sociedade, fracassamos moralmente ao não afastar Bolsonaro pela via do impeachment. Elementos jurídicos para fazê-lo começaram a se acumular desde o início do mandato, mas foi seu desempenho na epidemia que transformou o afastamento num imperativo moral. Ali, ele não apenas deixou de cumprir com sua obrigação de proteger a população como contribuiu ativamente para piorar a situação sanitária, sabotando a vacinação e o distanciamento social e propagandeando curas inexistentes.

Não ter usado os remédios constitucionais para nos livrar de um governante desses é uma nódoa que teremos de carregar. Ao não tê-lo afastado, nós o normalizamos.

helio@uol.com.br

Uma eleição anormal

Bruno Boghossian

Em dois programas de TV de grande audiência, Jair Bolsonaro teve oportunidade para explicar o que fará se perder a eleição. No Jornal Nacional, o presidente sugeriu que só aceita o resultado se os militares, que seguem suas ordens, atestarem a transparência da votação. No debate da Globo, ele simplesmente fugiu de uma pergunta sobre o assunto.

Bolsonaro fabricou a fantasia de que há uma conspiração para manipular a eleição, tirá-lo do cargo e, em suas palavras, "roubar a liberdade" de seus apoiadores. Não foram raras as vezes em que ele convocou uma reação violenta — como no discurso em que pediu ao público que jurasse dar a vida por sua causa.

A esta altura, ninguém deveria esperar do presidente um compromisso com a democracia. Depois de anos de disseminação de falsas suspeitas sobre o processo eleitoral, nem faria muita diferença. Mas o comportamento de Bolsonaro mostra que ele escolheu chegar ao dia do primeiro turno com uma tropa mobilizada para a conflagração.

O presidente levou a eleição deste ano para o terreno da anormalidade. Esta é uma disputa em que o TSE precisou criar restrições para atiradores, tratados pelos bolsonaristas como uma guarnição política. A corte também teve que proibir o porte de armas perto dos locais de votação, para evitar casos de intimidação e violência.

Esta também é uma eleição em que apoiadores do presidente fazem convocações abertas para uma invasão ao STF e ao Congresso caso ele não vença no primeiro turno. Qualquer ponto de contato com a retórica do capitão não é mera coincidência.

Bolsonaro deixa claro que, diante de um risco de derrota, aposta num tumulto durante e depois da votação. Há poucos dias, ele usou uma informação falsa para dizer que o Exército poderia fechar seções eleitorais. No ano passado, falava no perigo de uma "convulsão social" caso um dos lados não aceitasse o resultado. O presidente não apenas se recusa a desarmar essa bomba como explora a ameaça a seu favor.

Quilombo nos parlamentos

Denise Mota

"Enquanto houver racismo, não haverá democracia."

Essa ideia-força, central já no manifesto vocalizado há dois anos pela Coalizão Negra por Direitos, guia também a iniciativa Quilombo nos Parlamentos, que agora busca representatividade real da diversidade racial brasileira no sistema político nacional.

Nessa construção coletiva, mais de 120 lideranças negras postulam neste ano cargos no Congresso Nacional e nas Assembleias Legislativas de todo o Brasil.

Esse projeto de um país menos desigual, e que se faz presente nas urnas neste domingo, tem por objetivo eleger legisladores que encarem as muitas mazelas que legam a 56% da população os piores indicadores sociais.

"Mas esse é um projeto do movimento negro para o Brasil que não termina nisso por si só. É uma ação contínua que temos que fazer enquanto não tivermos essa representatividade das reivindicações das nossas lutas sociais dentro das instituições públicas", me conta Sheila de Carvalho, advogada e defensora dos direitos humanos que atua como articuladora da Coalizão.

"Quando falamos de Quilombo nos Parlamentos, não falamos apenas de candidaturas negras. Não queremos a presença pela presença, mas sim candidaturas comprometidas com a agenda de direitos do movimento negro", pontua Carvalho, também diretora do Instituto de Referência Negra Peregum.

Ela destaca também o legado construído pela vereadora Marielle Franco, assassinada em 2018, e a importância de fortalecer e ampliar "iniciativas de busca da dignidade das pessoas e do reconhecimento da cidadania, algo que sempre tivemos muita dificuldade de fazer no Brasil quando falamos de população negra", define.

"Que democracia é essa e como podemos aprimorá-la? Só vamos fazer isso quando conseguirmos superar o racismo na nossa sociedade."

O pior que nos inunda

Muniz Sodré

Professor emérito da UFRJ, autor, entre outros, de "A Sociedade Incivil" e "Pensar Nagô". Escreve aos domingos

É muito provável que as urnas nacionais acionem hoje a descarga político-sanitária da vigência atual da palavra cambronniana. É uma referência infecta, mas recorrente.

Até Marx, que jamais baixava o sarrafo da elegância de linguagem em teoria ou jornalismo, permitiu-se uma vez seu uso: "Scheisse" em alemão, "merda" em português. Notoriamente, foi Pierre Cambronne, general de Napoleão, que tornou famosa a expressão, ao responder "merde" à intimação inglesa para render-se em Waterloo.

Sem ser gíria ou palavrão, essa referência chula peca por mau gosto. Seu impacto nas imprecações não lhe garante mais nenhuma glória, apesar de algum interesse cognitivo, como evidencia a frase de Steve Bannon, guru do extremismo: "A oposição real é a mídia. E a forma de lidar com eles é inundá-los com nossas merdas".

Num trecho de "A Ideologia Alemã", Marx desabafa com essa palavra, argumentando que a transformação da consciência massiva dos homens só pode se dar por um movimento prático, a derrubada da classe dominante. Diz então textualmente que "a classe revolucionária, só graças a uma revolução, poderá libertar-se da velha merda", ou seja, das condições sociais responsáveis pela alienação dos trabalhadores. No século 20, em "Salò", Pasolini inscreveria artisticamente o fascismo num repulsivo Ciclo da Merda.

Rebaixamentos à parte, a história tem mostrado que o emprego dessa palavra flutua segundo a diversidade conceitual de sociedade. Hoje ela chega mesmo a orientar o que a pornocultura entende como laço social. Em 2007, a revista Newsweek publicava o comentário de um executivo da Paramount Pictures a propósito do filme "Jackass-2.5": "Há mais vômito, nudez e defecação — o tipo de coisa que os consumidores realmente querem".

Essa verdade parcial relativa ao consumo de mídia ajusta-se a uma fatia da realidade afim à lógica do reality-show: uma perversa radicalidade democrática pautada pela ausência absoluta de qualidades. Na esfera política, isso resvala para a bárbara desqualificação das regras de civilidade. Assim se destampou a fossa de onde saíram Trump e congêneres.

As redes sociais dinamizaram o fenômeno, de complexo desenho global. A mídia de entretenimento é vetor extraordinário, mas não está só. Ignorância e passadismo reacionário são motores profundos da consciência impermeável ao progressismo dos costumes e valores. É a brecha para gente como Bannon e para a matéria-prima da náusea, capaz de fazer do bufão mito. A frase dele, de 2018, ano eleitoral brasileiro, revelou-se funcional. Semanas atrás, porém, o guru foi para atrás das grades, por corrupção. Sinal alvissareiro, talvez, do início de descarga democrática do pior que nos inunda.

TENDÊNCIAS / DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br
Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo

Abstenção e suas variáveis podem definir o 1º turno

Há de se observar mulheres, idosos e escolaridade

Jairo Nicolau
Cientista político, professor e pesquisador da FGV/CPDOC, é autor dos livros 'O Brasil Dobrou à Direita: uma Radiografia da Eleição de Bolsonaro em 2018' (2020) e 'Representantes de Quem? Os (Des) caminhos do seu Voto, da Urna à Câmara dos Deputados' (2017), ambos publicados pela editora Zahar

Desde 1994, os eleitores brasileiros que comparem às urnas no primeiro domingo de outubro são tomados pela mesma dúvida: a eleição presidencial será decidida no primeiro turno? Nas últimas cinco disputas, não foi.

Esse quadro de incerteza gera uma busca do que poderia influenciar no resultado da eleição: a escolha dos indecisos, o peso do voto útil, a influência das pesquisas eleitorais, o efeito do debate da Rede Globo, o volume de votos nulos e em branco. Ou numa hipótese mais dramática: "Quem sabe as pesquisas estariam errando? Haveria algo acontecendo, e as pesquisas simplesmente não conseguiriam captar?".

Neste ano, uma das principais hipóteses é que a taxa de abstenção pode ser decisiva para o resultado do primeiro turno. O total de eleitores que deixam de votar estaria aumentando, e os que não comparecem têm perfil diferente dos que comparecem. A conclusão é simples: a taxa de abstenção definirá se o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) vence ou não no primeiro turno.

O que sabemos sobre a taxa de abstenção no Brasil? Em primeiro lugar, que ela oscila em torno de 20% e está avançando lentamente desde 2006. A taxa de comparecimento das últimas cinco eleições foi a seguinte: 2002 (82%), 2006 (83%), 2010 (82%), 2014 (81%) e 2018 (79%).

É preciso lembrar que o voto não é compulsório para três grupos: analfabetos, jovens entre 16 e 17 anos e pessoas com 70 anos ou mais. Em 2018, apenas 37% dos eleitores com mais de 70 anos compareceram para votar. Com o envelhecimento da população, a ausência dos idosos é cada vez mais relevante para explicar a taxa final de abstenção.

Um contingente de eleitores falta simplesmente porque não está no seu domicílio eleitoral. São pessoas que mudaram de cidade e não transferiram o título de eleitor. O recadastramento biométrico reduziu esse problema nas cidades em que o sistema foi implementado.

Em que pese muitos analistas interpretarem a abstenção como uma decisão estritamente política ("Não tenho interesse por política e simplesmente não vou votar"; "Não gosto de nenhum dos nomes que disputam, prefiro ficar em casa"), não há pesquisas sobre o tema. Não sabemos quantos eleitores deixam votar por motivação política.

Sabemos ainda que existe uma diferença de gênero no perfil de quem comparece às urnas. Em uma análise que fiz recentemente com os dados do primeiro turno das eleições de 2018, me surpreendeu o fato de que as mulheres comparecem mais do que os homens. A diferença foi pequena (80,4%, ante 79,2%), mas relevante em um país que tem uma das menores taxas de mulheres representadas em cargos políticos.

No entanto, a diferença mais importante na taxa de comparecimento está associada à escolaridade: quanto maior a faixa de escolaridade, maior o comparecimento. Em 2018, 77,4% dos eleitores com ensino fundamental incompleto (maior segmento do eleitorado) compareceu para votar no primeiro turno. Já entre as pessoas com superior completo, a taxa de comparecimento foi de 88,4%.

A campanha de Lula tem pedido aos eleitores (sobretudo os de menor escolaridade) que saiam de casa neste domingo (2). Pelo que me consta, a campanha do presidente Jair Bolsonaro (PL) não fez o mesmo.

Um fator adicional que pode afetar a abstenção em 2022: a justificativa online. Esta será a primeira eleição presidencial em que os eleitores poderão usar o celular (e-título) ou o site do Tribunal Superior Eleitoral para justificar a sua ausência das urnas. Antes, o eleitor que queria justificar no dia do pleito precisava se deslocar até um lugar (em geral, uma agência dos Correios). A justificativa online aumentará a abstenção? Qual é o perfil de quem não votará neste domingo? Não sabemos.

A abstenção eleitoral é fruto de uma combinação de fatores, e é muito difícil estimar que forças políticas perdem ou ganham com ela. Mas é bom não perder de vista que o comparecimento eleitoral no Brasil é comparativamente alto: está no nível de outras democracias que adotam o voto compulsório.

Hoje, 8 de cada 10 inscritos devem comparecer para votar. Um deles deve anular ou votar em branco. Logo conheceremos o novo presidente da República — ou começaremos uma nova onda de estudos para saber se foi a abstenção que nos impediu de conhecê-lo.

Cláudia Liz

Da antipolítica à desaprovação de governo

Em 2022, eleitor tem curto atalho para decidir voto

Silvana Krause e Bruno Schaefer
Professora do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da UFRGS e secretária-geral da Abrape (Associação Brasileira de Pesquisadores Eleitorais)
Doutor em ciência política e professor substituto da UFRGS

Não há dúvidas de que a eleição de 2018 foi mobilizada pela negação da política e abriu uma janela de oportunidade para candidatos que melhor representaram essa demanda. O político experiente e profissional simbolizou o que o eleitorado mais rechaçava na opção de voto. Foi um pleito disruptivo.

Já as pesquisas de intenção de voto na eleição de 2022 têm apresentado mudanças nas motivações do eleitor em várias dimensões.

Em 2018, não concorreu ao pleito um candidato à reeleição (ou que defendia o governo bastante impopular de Michel Temer), e o eleitor foi mobilizado por um sentimento de rejeição à política tradicional e ao político com trajetória tarimbada na vida da administração pública. Taxas recordes de renovação e a vitória de um presidente que se apresentava como outsider, em que pese sua longa trajetória na vida pública.

Nesta eleição, por sua vez, há dois candidatos à Presidência conhecidos e experimentados, um contexto inédito em que o eleitor tem a oferta de um curto atalho para a decisão do voto. Este elemento é central para compreender as razões do quadro de estabilidade das intenções de voto e a até então nunca vista convicção solidificada do eleitor.

Em 2018, o pleito foi marcado por instabilidade e indecisão, enquanto 2022 se caracteriza pela estabilidade nas preferências. De setembro de 2017 à véspera do pleito de 2018, houve variação de 25% para menos de 6% dos eleitores indecisos. Já na atual eleição, de setembro de 2021 a setembro de 2022 os indecisos variaram menos de 4%.

Chama a atenção que não somente os indecisos apresentam tendências distintas nas duas eleições. Em 2018, há poucos dias antes do escrutínio, 28% ainda admitiam mudar seu voto (Datafolha, 23/9/18). Quadro muito diferenciado desta eleição, em que apenas 11% dizem que poderiam fazer o mesmo (Datafolha, 23/9/22).

A perspectiva, desta vez, ao que as intenções de voto indicam, não é privilegiar a opção pela aventura, mas um voto mais pragmático. Um retorno ao voto retrospectivo parece ser o centro maior na decisão do eleitor. Lula apresenta a vantagem de ter alcançado no fim de seu governo a aprovação de 82%, e Bolsonaro apenas 32% (Datafolha 21/9/10 e 22/9/22). A diferença na desaprovação (ruim e péssimo) de ambos é gritante no fim de seus governos. Lula apresentava apenas 3%, e Bolsonaro, 44%. Bolsonaro manteve alta sua desaprovação durante todo seu governo. Uma diferença fundamental para compreender esta eleição.

Cabe lembrar que, em 2018, o atual presidente, pouco antes de ser eleito, já tinha uma rejeição de 46% (Datafolha, 28/9/18). Ao observarmos o movimento da intenção de voto na antessala do pleito, a rejeição de Bolsonaro é a grande barreira apresentada em sua campanha: 52%; enquanto Lula tem 39%. Ela é um elemento central nesta eleição. O presidente não diminuiu sua rejeição estando na posição de governo; ao contrário, aumentou.

A desaprovação do governo está colada na sua rejeição atual. Ao que o cenário indica, viemos de uma onda de rejeição à política para uma onda de rejeição a um governo não bem avaliado.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br
Cartas para al. Barão de Limeira, 425, São Paulo, CEP 01202-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço

Eleições 2022

"TSE adota postura mais rígida contra desinformação na reta final da eleição" (Política, 30/9). Quem tem certeza de sua capacidade, vive a trabalhar com afinco, não mente descaradamente nem espalha o terror, pois sabe que certamente será recompensado. Simples assim.
Henrique Oliveira (Cascavel, PR)

Fake news

"Damares é alvo de fake news por fake news que espalhou em 2013" (Painel, 1º/10). Sou contra fake news mas é pedagógico Damares provar o próprio veneno.
Márcia Meireles (São Paulo, SP)

*

Isso começou como simples deturpação da realidade, passou a ser perigoso, depois caiu no ridículo e agora virou pura comédia.
Horacio Cerzósimo (Campo Grande, MS)

Investigação

"Cachês da 'CPI do sertanejo' com Gusttavo Lima seguem lacrados numa caixa-preta" (Ilustrada, 30/9). Gusttavo Lima nos lembra que a essência do bolsonarismo é neoliberal. Estado mínimo na hora de promover o bem-estar social; apoio estatal na hora de fazer mimos aos multimilionários.
Leonardo Trindade (São Paulo, SP)

Copa do Mundo

"Dinamarca camuflará escudo na Copa em protesto contra o Qatar" (O Mundo é uma Bola, 30/9). Parece mais é que estão se escondendo de vergonha. Se fosse mesmo um protesto, boicotariam o torneio.
Rodrigo de Deus Vieira de Moraes (Valinhos, SP)

Na cozinha

"As cozinheiras estão com Lula... e os homens?" (Cozinha Bruta, 30/9). Ótima! Mais uma vez, evidência de que as mulheres pensam melhor, decidem melhor e são mais corajosas.
Maria Lopes (São Paulo, SP)

Rodrigo Zeidan

"Escolha deste domingo é entre civilização e barbárie" (Opinião, 30/9). Excelente mais uma vez o escrito de Rodrigo Zeidan. Chega! Muito será necessário reconstruir a partir do zero.
Vera Maria da Costa Dias (Porto Alegre, RS)

Testes matemáticos

"Eleições de 2018 passam por 5 testes matemáticos e não têm sinal de fraude" (Política, 1º/10). É preocupante a constatação de que existe muita gente, inclusive com estudo e conhecimento, disseminando fake news a toda hora sobre o assunto.
Ana Bernardete dos Santos Garcia (São José do Rio Preto, SP)

Temas mais comentados pelos leitores no site
De 24 a 30.set - Total de comentários: **16.773**

Comentários	Tema
620	'Não me intimidarão', diz Ciro Gomes em carta manifesto à nação brasileira (Política) **26.set**
425	Bolsonaro diz que 'pessoal da PF come na mão' de Moraes e critica quebra de sigilo de assessor (Política) **27.set**
332	Ciro amplia ataques ao PT na reta final e reforça acenos à direita (Política) **28.set**

ASSUNTO QUAL A LEMBRANÇA MAIS MARCANTE QUE VOCÊ TEM DE ELEIÇÕES PASSADAS?

A minha casa sempre foi o ponto de encontro da família no domingo de eleição. Todos íamos juntos votar na mesma escola. A eleição mais marcante foi a primeira eleição com urnas eletrônicas em 1996, eu tinha 8 anos. Minha mãe é semi-analfabeta, tinha medo de errar o voto e pediu minha ajuda. Eu, uma criança que mal enxergava a tela da urna, apertei dois números e confirmei o voto no lugar da minha mãe!
Camila Pechous (Chicago, EUA)

*

Quando fui fiscal de urna (voto impresso), o fiscal do partido oposto estava de casaco num sol de 15 de novembro de 1989. Quando o vento soprou, mostrou uma arma. Velho oeste de Santa Catarina.
Adalberto Machado dos Santos (Piratuba, SC)

*

A primeira vez que entrei em uma zona eleitoral foi em 2002 para ajudar o meu pai a votar. Ele estava muito fragilizado pelas consequências do tratamento contra um câncer pulmonar, mas queria votar e me apresentou o processo. Votamos juntos e acompanhamos a posse do Lula com entusiasmo, esperança e emoção de quem via uma mudança forte acontecendo. Meu pai partiu pouco tempo depois da posse.
Mariana Hoeppner Borgerth (Rio de Janeiro, RJ)

*

A eleição de 1989, quando tinha 18 anos, e o Brasil voltava a votar. Organizei palestras sobre o voto aos 16 anos no colégio. Escrevi uma redação para os principais candidatos. Organizamos uma eleição no colégio para a escolha dos principais candidatos, ganhou Mário Covas.
Renata Bastos da Silva (Niterói, RJ)

*

Minha mãe demorou anos para transferir o título de eleitor dela do centro de São Paulo para perto de casa. Então, toda eleição ela ia até esta escola enorme para votar. Na saída sempre comíamos pastel na barraca que havia na frente dessa escola.
Karen Anne Spethmann Quiroga (São Paulo, SP)

*

Em 1989 eu morava em Natal. Lula faria um comício na cidade. Eu e minha esposa fomos para a estrada por onde ele passaria ao chegar ao aeroporto. Estávamos com a bandeira do PT. Éramos só eu e ela no acostamento. Ele surgiu sobre um caminhão e nos olhou fixamente enquanto agitávamos a bandeira do partido. Ficou admirado com nossa solitária demonstração de apoio e acenou para nós. Trago até hoje essa imagem na lembrança.
Edson Joanni (São Paulo, SP)

*

A de 1989, quando, apesar do meu petismo, não tive coragem de votar no segundo turno. Para mim, o Lula e o Brasil não estavam preparados para um governo de esquerda.
Gildázio Garcia Vítor (Ipatinga, SP)

*

Leonel Brizola no primeiro debate depois da redemocratização chamando Paulo Maluf de "filhote da ditadura", com seu marcante sotaque gaúcho, e ao aceitar apoiar Lula no segundo turno de 1989, dizendo que "vamos engolir este sapo barbudo". Exemplos magnânimos que faltam ao hoje candidato do partido de Brizola.
Adilson Roberto Gonçalves (Campinas, SP)

*

1989, a primeira eleição para presidente, depois de 25 anos de ditadura militar. A minha primeira eleição. Contra todas as expectativas, Lula, o candidato dos trabalhadores, passou para o segundo turno. Fomos comemorar no Circo Voador, sem medo de ser feliz. Collor foi eleito no segundo turno. Mas aí, já era: Luisa, minha filha, já estava encomendada.
Anazilda de Barros Stauffer (Rio de Janeiro, RJ)

PAINEL | *Fábio Zanini*

painel@grupofolha.com.br

Ócio

Aliados de Jair Bolsonaro (PL) preocupam-se com a vida dele pós-Presidência, caso se concretize sua derrota em primeiro ou segundo turno. Nesse cenário, o presidente ficará sem mandato pela primeira vez em 34 anos. Militar reformado, ele não tem uma profissão que possa voltar a exercer, como faz Michel Temer (MDB) com a advocacia. Também não tem perfil para ser dirigente partidário ou montar um instituto, como fizeram Fernando Henrique Cardoso (PSDB) e Lula (PT).

MENTE VAZIA... A questão financeira não preocupa tanto, pois Bolsonaro pode pedir aposentadoria à Câmara por seus sete mandatos como deputado. Mas se estiver ocioso, diz um interlocutor, a tendência é que se dedique exclusivamente ao ativismo político e se radicalize ainda mais, para tentar voltar ao poder em 2026.

...OFICINA DO DIABO Uma preocupação especial é com a possibilidade de que um eventual comportamento mais radical de Bolsonaro sirva como pretexto para ele sofrer uma ordem de prisão, no âmbito de inquéritos que investiguem atos antidemocráticos.

MAMADEIRA... Candidata a senadora no DF, a ex-ministra Damares Alves (Republicanos) foi alvo de notícia falsa baseada em inverdade que ela própria propagou em 2013, quando era pastora. Na época, ela mencionou, num culto, que especialistas da Holanda supostamente defenderiam a masturbação em bebês a partir de sete meses, para que tivessem vida sexual saudável quando adultos.

...DE PIROCA A informação foi posteriormente negada pela imprensa holandesa. Nos últimos dias, uma versão editada do vídeo passou a circular, dando a impressão de que Damares defende a prática. A pedido da candidata, o TRE determinou o bloqueio do vídeo.

MAROLA Estrategistas de Bolsonaro acreditam que, se a onda do voto útil em favor de Lula (PT) tivesse ocorrido na semana passada, o risco de derrota no primeiro turno teria sido alto. Em levantamentos internos da campanha, o petista cresceu nos últimos dias, mas, passada a euforia dos apoios mais importantes, a onda refluiu.

CHANCE PERDIDA Ao fazer um balanço da campanha, integrantes da equipe do presidente avaliam que deveriam ter sido mais incisivos para conquistar o voto antipetista. Lamentaram não terem exposto mais cedo e com mais força os escândalos de corrupção, principalmente para o eleitor jovem, que não viveu o mensalão.

404 O site do Novo caiu após o candidato presidencial do partido, Felipe D'Ávila, mencionálo no debate da Globo. Foram mais de 2 milhões de acessos, o que gerou sobrecarga.

MECENATO A expansão do fundo eleitoral não mudou a prática de candidatos ao Senado de escolher suplentes financiadores de campanha. Um caso inusitado é o de Guaracy (PTB), que disputa o Senado no Amapá e tem como suplente o empresário Otavio Fakhoury, presidente do partido em SP. Maior doador da campanha, ele contribuiu com R$ 85 mil.

DDD Outra situação incomum ocorre no DF, onde Flávia Arruda (PL) colocou como suplente Luiz Pastore, atualmente senador pelo MDB do Espírito Santo. Empresário, ele doou R$ 380 mil para a campanha da ex-ministra.

EM COMUM No Paraná, os dois principais candidatos fizeram uso do expediente. Suplente de Álvaro Dias (Podemos), o empresário do setor educacional Wilson de Matos Silva Filho deu R$ 440 mil à campanha. Outro empresário, Ricardo Augusto Guerra, é o maior doador individual de Sergio Moro (União Brasil), de quem é suplente, com uma contribuição de R$ 259 mil.

REQUISITADA Apesar do desejo de alguns petistas de que a ex-presidente Dilma Rousseff ficasse oculta na campanha, ela esteve em atos em SP, Rio, Porto Alegre, Florianópolis, Curitiba e Ipatinga nas últimas semanas. No domingo (2), estará ao lado de Lula durante a apuração, na capital paulista.

ESPELHO MEU No Rio, Dilma participou de evento com o youtuber Felipe Neto. Também esteve no lançamento da candidatura de Guilherme Boulos (PSOL) em SP e gravou vídeo para Gustavo Mendes (PT), humorista que é candidato a deputado federal em MG e ganhou fama com imitação dela, entre outros apoios que deu.

MOBILIZAÇÃO 1 A CUT lançou na atual eleição 48 candidaturas de dirigentes, para cargos de deputado estadual, federal e senador. A maioria pertence ao PT, mas há casos também no PC do B e no PSOL. Somente na direção nacional da central são sete representantes com nome na urna eletrônica.

MOBILIZAÇÃO 2 Já o MST apresentou 15 candidaturas, para a Câmara e Assembleias, todas pelo PT. A decisão é inédita na história do movimento, que atribui a iniciativa à "grave conjuntura na qual se encontra o Brasil nestes últimos anos".

com Guilherme Seto e Juliana Braga

GRUPO FOLHA
FOLHA DE S.PAULO ★★★
UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

Redação São Paulo
Al. Barão de Limeira, 425 | Campos Elíseos | 01202-900 | (11) 3224-3222
Ombudsman ombudsman@grupofolha.com.br | 0800-015-9000
Atendimento ao assinante (11) 3224-3090 | 0800-775-8080
Assine a Folha assine.folha.com.br | 0800-015-8000

EDIÇÃO DIGITAL PLANO MENSAL	Digital Ilimitado R$ 29,90	Digital Premium R$ 39,90

EDIÇÃO IMPRESSA	Venda avulsa seg. a sáb.	dom.	Assinatura semestral* Todos os dias
MG, PR, RJ, SP	R$ 6	R$ 9	R$ 827,90
DF, SC	R$ 7	R$ 10	R$ 1.044,90
ES, GO, MT, MS, RS	R$ 7,50	R$ 11	R$ 1.318,90
AL, BA, PE, SE, TO	R$ 11,50	R$ 14	R$ 1.420,90
Outros estados	R$ 12	R$ 15	R$ 1.764,90

*À vista com entrega domiciliar diária. Carga tributária 3,65%

CIRCULAÇÃO DIÁRIA (IVC)
347.577 exemplares (agosto de 2022)

Intervenção sobre foto de Eduardo Knapp/Folhapress

Lula chega ao 1º turno com 50%, e Bolsonaro tem 36%, diz Datafolha

Dados se referem aos votos válidos e colocam petista no limiar de uma vitória neste domingo; Tebet marca 6%, e Ciro fica com 5%

Igor Gielow

SÃO PAULO Luiz Inácio Lula da Silva (PT) chega ao primeiro turno da eleição geral, que ocorre neste domingo (2), com chance de vencer de forma direta a disputa. Ele tem 50% dos votos válidos, ante 36% de seu principal rival, o presidente Jair Bolsonaro (PL). Simone Tebet (MDB) tem 6%, empatada tecnicamente com Ciro Gomes (PDT, 5%).

O cenário, de notável estabilidade nas últimas semanas, foi registrado pela última pesquisa do Datafolha antes do pleito. A marca do petista é o limiar para atingir metade mais um dos votos válidos, aqueles que excluem brancos e nulos (e indecisos, no caso do levantamento), o mínimo para evitar o segundo turno.

Presidente de 2003 a 2010, Lula coroa uma volta por cima rara: deixou o Planalto com mais de 80% de aprovação, viu sua sucessora Dilma Rousseff (PT) ser bem-sucedida, perder tração e gestar uma crise econômica e política que lhe custou o cargo.

Foi condenado e preso por corrupção, só para ver as sentenças anuladas por questões legais e o seu algoz, Sergio Moro, julgado parcial e fracassar ao tentar ser presidenciável.

Agora, o petista tenta voltar ao poder enfrentando um adversário diferente do que o PT se acostumou até 2018, quando Bolsonaro saiu das franjas do baixo clero para a Presidência com um discurso antipolítico e radical de direita.

Com alta rejeição de 52% (Lula marca 40%), o presidente é o primeiro da era das reeleições a não chegar à frente no dia do primeiro turno, e luta para ir ao segundo.

A margem de erro da pesquisa é de dois pontos para mais ou menos. O instituto entrevistou 12.800 pessoas em 310 cidades. O levantamento tem o registro BR-00245/2022 no Tribunal Superior Eleitoral, e foi contratado pela **Folha** e pela TV Globo.

Sem Simone e Ciro no páreo, é possível que Lula já tivesse a certeza da vitória, considerando os padrões de migração de intenção de voto.

Não por acaso, principalmente no caso de Ciro por ser associado à centro-esquerda, os estrategistas do PT fizeram de tudo pelo voto útil.

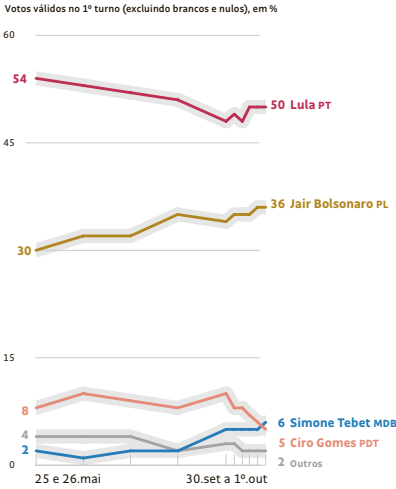
Nas últimas rodadas do Datafolha, Ciro até oscilou para baixo, mas nada que indicasse uma desidratação fatal. Se ela for ocorrer, agora será algo a ser visto apenas na undécima hora, com o eleitor na urna eletrônica. Outro fator central na contagem é a abstenção, que atinge mais o eleitorado associado ao petista.

Se houver segundo turno, Lula está em boa posição. Marca 54%, ante 39% de Bolsonaro. Sua altercação com Ciro no debate parece ter irritado apoiadores do pedetista.

Caíram de 45% para 40% os ciristas que votariam em Lula, enquanto 26% vão de Bolsonaro e 32%, anulam.

Continua na pág. A5

No alto, o vendedor Osvaldo Pires Valentim, 48, o Osvaldo das Toalhas, mostra o número de brasileiros aptos a votar na lousa em que costuma anotar as parciais do seu 'data-toalha' nestas eleições

Lula tem 50% dos votos válidos contra 36% de Bolsonaro

Nos votos totais, Lula tem 48% e Bolsonaro, 34% no 1º turno

Resposta estimulada, em %

Vantagem de Lula sobre Bolsonaro é de 16 pontos no 2º turno

Resposta estimulada, em %

Lula X Bolsonaro por grupo

Respostas estimuladas, em %

Lula mantém distância entre mais pobres

Entre quem ganha até 2 salários mínimos

Lula sustenta vantagem no Sudeste

Fonte: Datafolha presencial com 12.800 pessoas de 16 anos ou mais em 310 municípios nos dias 30.set e 1º.out; a margem de erro é de 2 pontos percentuais e o registro no TSE é BR-00245/2022

Variação na reta final não forma onda favorável para o petista

Mudanças na véspera sugerem pulverização de votos e mantêm incerta definição no 1º turno

ANÁLISE

Bruno Boghossian

BRASÍLIA Os dados que indicam uma flutuação de eleitores nos dias antes do primeiro turno não favoreceram o esforço de Lula (PT) para encerrar a disputa neste domingo (2). O Datafolha captou alguns sinais de mudança às vésperas da votação, mas em direções que mantêm o placar final do petista no mesmo lugar.

O primeiro foco da equipe de Lula eram os apoiadores de Ciro Gomes (PDT), alvos preferenciais dos apelos por um voto útil. De fato, alguns eleitores do pedetista parecem ter balançado, mas sem beneficiar o ex-presidente de maneira significativa.

Ciro variou para baixo nos segmentos em que Lula é mais forte —o Nordeste (menos quatro pontos) e a fatia de baixa renda (menos dois pontos). O petista, no entanto, não conseguiu crescer nesses grupos.

O movimento sugere que os poucos votos em migração às portas do primeiro turno podem se distribuir entre mais de uma candidatura, o que dificulta a formação da onda que Lula precisa para chegar à vitória.

No caso dos apoiadores de Simone Tebet (MDB), a resistência ao petista pode se manter firme. Ao superar Ciro numericamente, apesar do empate técnico, ela chega ao dia da eleição com um argumento extra para a fidelização de seu eleitorado. Ainda que o espaço para variações seja cada vez mais limitado, o Datafolha mostra que uma parcela não desprezível de eleitores ainda admite trocar de candidato.

Os apoiadores de Ciro e Simone estão mais convencidos, mas 41% dos eleitores do pedetista e 37% dos eleitores da emedebista dizem que podem mudar de ideia. Converter o voto desses grupos será difícil porque eles já resistiram a uma pressão forte pelo voto útil.

A incerteza sobre a vitória do petista no primeiro turno ainda pode ativar fatores adicionais de decisão do voto, como a rejeição às demais candidaturas. A nova pesquisa mostra que os eleitores de Ciro e Simone consolidaram a percepção que têm dos líderes na pesquisa.

Entre os eleitores de Ciro, 54% dizem não votar em Lula de jeito nenhum, e 65% se recusam a votar em Bolsonaro. No grupo que apoia Simone, 57% rejeitam o petista, e 72% negam voto no atual presidente.

Os índices de rejeição a Lula e Bolsonaro nessas fatias são altos, mas se a rejeição for um elemento determinante para encerrar a eleição no domingo, o atual presidente sai no prejuízo. O alto grau de estabilidade da campanha, concentrada em dois nomes conhecidos, permitiu que ambos consolidassem suas posições nos grandes blocos da população —deixando margem menor a reviravoltas significativas.

Lula manteve um domínio do eleitorado de baixa renda desde o primeiro semestre. Em maio, marcava 56% dos votos totais na faixa mais pobre da população, que representa metade dos votos em disputa.

Nem a ampliação do Auxílio Brasil e a promessa de Bolsonaro de criar novos bônus reverteram esse quadro. Lula encerra a campanha do primeiro turno com 57% no grupo que recebe menos de dois salários mínimos por mês, contra 26% do presidente. O petista também conseguiu manter números favoráveis em duas regiões que se tornaram os principais pilares de sua candidatura: o Nordeste e o Sudeste.

Já Bolsonaro manteve fôlego graças a dois momentos principais da disputa. O primeiro foi o esvaziamento das raias à direita, com a saída de Sergio Moro (União Brasil) da corrida e a eliminação de candidatos como João Doria (PSDB).

O segundo fator de recuperação de Bolsonaro foram movimentos calculados por sua própria campanha. Os eleitores de renda média ampliaram sua aproximação com a candidatura do presidente na esteira de uma melhora de condições da economia, notadamente a redução dos preços dos combustíveis.

A jogada mais eficaz se deu entre os evangélicos, parcela na qual ele passou de 39% em maio para 50%.

O grande problema do presidente é que ele parece próximo de um teto nos grupos mais alinhados à sua candidatura. A classe média e os evangélicos são segmentos numerosos, mas não o suficiente para compensar a desvantagem que ele apresenta em relação a Lula entre os mais pobres e os católicos.

Mesmo que Bolsonaro consiga forçar uma ida ao segundo turno, o petista ainda largaria como favorito.

Continuação da pág. A4

Mas sua base encolheu. Entre eleitores de Tebet, os números são 41%, 23% e 34%, respectivamente.

A estabilidade também mostra o limite do debate final do primeiro turno, realizado na quinta (29) pela Globo. Não houve impacto na rejeição dos líderes, radioativa no caso de Bolsonaro.

Na rodada anterior, feita de terça (27) a quinta, o Datafolha havia aferido 50% de intenção de votos para o petista e 36%, para o incumbente. Dizem estar certos do voto 87%.

Este é um dos fenômenos mais relevantes desta campanha, antecipada por muitos como um embate de rejeições —o que gerou a ilusão da viabilidade da terceira via.

Vários nomes tentaram, sobrando a Tebet a vaga. Abaixo dela e de Ciro (empatados no limite da margem com ele) estão Soraya Thronicke (União Brasil,) e Felipe d'Avila (Novo), ambos com 1%. Não pontuaram Constituinte Eymael (DC), Padre Kelmon (PTB), Sofia Manzano (PCB), Vera (PSTU) e Leo Péricles (UP).

Lula manteve sua liderança até aqui apoiado na grande vantagem entre mais pobres, vendendo bonança econômica associada ao passado.

Nos votos totais, Lula tem 48%, Bolsonaro, 34%, Tebet, 6% e Ciro, 5%. Segundo o Datafolha, o petista chega ao dia da eleição com 57% dos totais entre quem ganha até dois salários mínimo, que são 48% dos entrevistados. Bolsonaro, apesar de ter feito diversos gestos para esse grupo, reduzindo preço de combustíveis e tendo conseguido acesso a R$ 41 bilhões para gastos sociais até o fim do ano, marca 26%.

Outra trincheira de Lula é o Nordeste, 27% da amostra. Lá, vence Bolsonaro por 62% a 23%. Seu desempenho é tão forte que ele até impulsionou candidaturas petistas, como ocorreu com bolsonaristas desconhecidos em 2018.

Mais relevante para o ex-presidente, contudo, é sua liderança no Sudeste, que soma 43% da amostra do Datafolha. Na região, ele supera o presidente por 44% a 37%.

As mulheres rejeitam mais o voto em Bolsonaro devido à sua ficha corrida de discursos machistas e a percepção, ampliada pelo seu manejo negacionista da pandemia, de que lhe falta empatia ("É só uma gripezinha", "Não sou coveiro"). Dono de 52% da amostra, o eleitorado feminino prefere Lula, que marca 47%, enquanto o presidente tem 32%.

Já a radicalização pendular de seu golpismo centrado na crítica ao sistema eleitoral pode não ter ganho votos, mas ajudado a manutenção de seu apoio. Para o presidente, resta também uma posição mais favorável nas faixas de renda acima de dois mínimos.

Também sustentou na campanha a vantagem entre o eleitorado evangélico, 26% dos ouvidos, onde bate o petista por 52% a 30%. Entre os católicos, menos organizados e 55% da amostra, Lula lidera por 54% a 28%.

Pode haver surpresas, mas os 10% de indecisos ou que não quiseram revelar o voto na pesquisa espontânea desestimulam o prognóstico.

Bolsonaro é rejeitado por 52% dos eleitores; Lula por 40%

Fonte: Datafolha presencial com 12.800 pessoas de 16 anos ou mais em 310 municípios nos dias 30.set e 1º.out; a margem de erro é de 2 pontos percentuais e o registro no TSE é BR-00245/2022

Petista tem 51% dos votos válidos e presidente, 37%, afirma Ipec

SÃO PAULO O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) aparece com 51% dos votos válidos na corrida eleitoral contra o presidente Jair Bolsonaro (PL), que tem 37%, segundo pesquisa Ipec divulgada neste sábado (1º).

Os resultados são diferentes dos apontados no levantamento anterior, publicado na segunda (26), que trouxe Lula com 52% e Bolsonaro com 34%. As oscilações estão dentro da margem de erro.

Ciro Gomes (PDT) e Simone Tebet (MDB)estão empatados em terceiro, com 5% dos votos válidos. Outros candidatos que pontuaram foram a senadora Soraya Thronicke (União Brasil) e Felipe d'Avila (Novo), com 1% cada.

O Ipec ouviu 3.008 brasileiros na sexta-feira (30) e neste sábado (1º), em 183 municípios do país. A sondagem foi contratada pela TV Globo e o registro na Justiça Eleitoral é BR-00999/2022.

Confira datas e informações sobre título, biometria e local de votação

Folha reúne em um guia as principais dúvidas do eleitor para o pleito deste domingo

Daniela Arcanjo

SÃO PAULO Os brasileiros irão às urnas neste domingo (2) para escolher deputados estaduais e federais, senadores, governadores e presidente da República. São mais de 156 milhões de pessoas aptas a votar.

As seções eleitorais abrem às 8h e fecham às 17h no horário de Brasília. Neste ano, início e encerramento da votação acontecerão simultaneamente em todo o país, sem levar em conta o fuso horário de cada região.

Não é necessário apresentar o título de eleitor, basta levar um documento com foto, e quem estiver longe do domicílio eleitoral poderá justificar a ausência por meio do aplicativo e-Título.

*

Quando são as eleições?

O primeiro turno das eleições será neste domingo (2). Há uma novidade neste ano: todo o país votará das 8h às 17h pelo horário de Brasília. Nos horários locais, fica assim:

Acre e 11 municípios do Amazonas (Amaturá, Atalaia do Norte, Benjamin Constant, Eirunepé, Envira, Guajará, Ipixuna, Itamarati, Jutaí, Tabatinga e São Paulo de Olivença), das 6h às 15h.

Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Rondônia, Roraima e os outros 51 municípios do Amazonas, das 7h às 16h.

Distrito Federal, Goiás, Tocantins, Pará, Amapá e as regiões Sul, Sudeste e Nordeste, com exceção de Fernando de Noronha, das 8h às 17h.

Fernando de Noronha, das 9h às 18h.

Vagas para Senado, Câmara dos Deputados e Assembleias Legislativas serão decididas neste domingo. Já as disputas por Presidência e governos estaduais e distrital podem ir a segundo turno caso nenhum dos candidatos alcance mais da metade dos votos válidos.

Se houver, o segundo turno será no dia 30 de outubro, nos mesmos horários.

Catarina Pignato

Quem pode votar?

Todos os cidadãos, natos ou naturalizados, com 16 anos ou mais no dia do pleito podem votar. A obrigatoriedade é para alfabetizados de 18 a 70 anos.

Poderá votar quem tiver emitido ou, se necessário, regularizado o título de eleitor até o dia 4 de maio deste ano —prazo para resolver eventuais pendências com a Justiça Eleitoral.

Como consulto meu local de votação?

A consulta do local de votação pode ser feita pelo site do TSE, pelo e-Título ou interagindo pelo WhatsApp do TSE.

Pelo site, é preciso preencher nome ou CPF, data de nascimento e nome da mãe, se constar no registro. Pelo app, os mesmos dados serão solicitados, além do nome do pai. Também deverá conferir dados e digitar ou criar uma senha. Na plataforma, o eleitor acessa o mapa com seu local de votação na aba "onde votar", na parte de baixo da tela.

No WhatsApp é preciso mandar um "oi" para a conta, clicar em "ver tópicos" e selecionar "serviços ao eleitor". Depois, é só clicar em "ver serviços" e "local de votação". O app vai pedir dados como CPF e data de nascimento e, se estiverem corretos, enviará mensagem com o local no Google Maps.

Quais cidades terão passe livre nestas eleições?

Entre as cidades que estabeleceram transporte gratuito nas eleições deste ano estão: Diadema (SP), Porto Alegre, Caxias do Sul, Pelotas, Santa Maria, São Leopoldo, Canoas (RS), Curitiba (PR), Rio de Janeiro (RJ), Porto Velho (RO), Florianópolis (SC), Fortaleza (CE), Maceió (AL), São Luís (MA), Boa Vista (RR), Salvador (BA) e Natal (RN).

Posso votar sem o título de eleitor?

Sim. Não é obrigatório apresentar o título no dia da votação, só documento com foto —mesmo vencido. Os seguintes documentos são aceitos: identidade, carteira de motorista, certificado de reservista, carteira de trabalho, passaporte e identidade funcional emitida por órgão de classe.

Os e-Títulos de quem fez o cadastro biométrico têm foto, logo também são válidos. Não serão aceitas certidões de nascimento ou de casamento.

Não fiz a biometria. Posso votar?

Sim. A identificação por biometria começou a ser testada no país em 2008 e estava em expansão até 2020, quando os cadastros foram interrompidos devido à pandemia de Covid-19. Quem não fez o cadastro, mas está com a situação eleitoral regular, poderá votar.

Posso votar em outra cidade?

O prazo para transferir o título de cidade para as eleições deste ano se encerrou em 4 de maio. O atendimento será retomado no dia 8 de novembro.

Estou em outro país. Posso votar?

Cidadãos em outros países poderão votar se tiverem regularizado sua situação no Título Net Exterior até o dia 4 de maio deste ano. Para as próximas eleições, o atendimento recomeça no dia 8 de novembro.

Posso votar em trânsito?

O prazo para solicitar o voto em trânsito terminou em 18 de agosto. É uma transferência temporária de domicílio eleitoral: quem sabe que estará longe da cidade em que vota no dia das eleições indica outro município do país —capital ou com mais de 200 mil habitantes— para exercer seu direito.

Quem estiver no mesmo estado de seu domicílio eleitoral vota normalmente para todos os cargos em disputa. Os que estiverem em outro estado participam apenas da escolha do presidente.

Posso ser mesário?

O prazo para se inscrever ao posto de mesário acabou no dia 3 de agosto. As inscrições eram feitas pelo site do Tribunal Regional Eleitoral de cada estado. Qualquer pessoa com 18 anos ou mais em situação eleitoral regular pode ser nomeada para a função, com exceção de candidatos e seus parentes de até segundo grau, integrantes de função executiva em diretórios de partidos, agentes policiais, funcionários em cargos de confiança do Executivo e funcionários do serviço eleitoral.

Neste ano, 1,7 milhão de pessoas foram nomeadas para a função —830 mil se candidataram. A cifra dos que se voluntariaram quase dobrou em relação a 2018. Os mesários trabalham nos dois turnos e têm direito a dois dias de folga para cada dia de trabalho ou treinamento. Eles recebem auxílio-alimentação no dia do pleito e têm preferência no desempate de concursos públicos que prevejam esse critério no edital.

Posso levar colinha para a cabine de votação?

A Justiça Eleitoral permite e encoraja o eleitor a levar à cabine de votação um papel com os números dos candidatos escolhidos. Há, inclusive, um modelo pronto para imprimir.

Posso ir com a camiseta do meu candidato?

Pode usar camisetas, broches, bandeiras e adesivos do candidato ou partido de preferência. Mas a manifestação deve ser silenciosa e individual. É proibido distribuir folhetos, pedir votos ou fazer comícios.

Mesários e servidores da Justiça Eleitoral não podem usar qualquer peça do vestuário ou objeto com propaganda política. Os fiscais partidários também não podem usar roupas padronizadas, só crachás com o nome do partido ou coligação. Não há restrições à roupa do eleitor —pode votar de bermuda ou chinelo, por exemplo.

O que fazer se flagrar propaganda de boca de urna?

No dia da votação, é crime fazer propaganda de boca de urna, ou seja, tentar persuadir eleitores a caminho da seção eleitoral com comícios, abordagens ou distribuição de material de campanha.

Também é crime eleitoral a produção de novos conteúdos na internet ou impulsionamento de publicações pelas campanhas. Desde 2014, a Justiça Eleitoral recebe denúncias pelo app Pardal. Até 12 de setembro, o aplicativo já havia recebido mais de 10 mil denúncias de propaganda eleitoral irregular, compra de votos e uso da máquina pública para campanha.

Além da plataforma, é possível denunciar o crime à autoridade policial mais próxima.

O que não posso levar para a cabine de votação?

Não pode entrar com celular, câmera, filmadora ou rádio-comunicador —que podem comprometer o sigilo do voto. No final de agosto, o TSE vetou o porte de arma perto de seções eleitorais na data da votação, nas 48 horas anteriores e no dia seguinte.

O que faço com o celular na hora de votar, então?

Ao entrar na sala de votação, o eleitor ou eleitora deverá entregar o celular com o documento de identidade ao mesário. Após o voto, o equipamento é devolvido. Quem descumprir a regra estará cometendo um crime eleitoral e poderá ser impedido de votar.

Tenho uma deficiência, posso pedir para votar em uma seção especial?

O prazo para votar em seções especiais —acessíveis a pessoas com mobilidade reduzida— terminou no dia 18 de agosto. Mesmo assim, o eleitor que não fez a solicitação pode informar ao mesário as suas limitações para que sejam tomadas as providências possíveis.

Se for imprescindível, é permitido entrar na cabine de votação com uma pessoa de confiança, com autorização do presidente da mesa. O acompanhante não pode estar a serviço da Justiça Eleitoral nem de partido político. Neste ano, todas as urnas terão tradução em Libras (Língua Brasileira de Sinais). As seções também terão fones de ouvido para pessoas com deficiência visual.

Quem tem preferência na hora de votar?

Candidatos, juízes eleitorais e seus auxiliares, servidores da Justiça Eleitoral, promotores eleitorais, policiais militares em serviço, idosos, pessoas enfermas, com deficiência ou obesas, gestantes, lactantes e pessoas com crianças de colo.

Para que cargos vamos votar nestas eleições?

Deputado federal, deputado estadual ou distrital, senador, governador e presidente da República. Todos têm mandato de quatro anos, com exceção dos senadores, que ficam na Casa por oito anos.

Os eleitores terão um tempo extra para conferir o voto na urna eletrônica. Segundo o TSE, pela primeira vez, o equipamento liberará a confirmação do voto após um segundo do preenchimento dos números do candidato para cada cargo. A novidade foi introduzida para estimular a conferência do voto e impedir que o eleitor confirme sem querer.

Qual a ordem de votação?

Deputado federal, deputado estadual ou distrital, senador, governador e presidente.

A cada confirmação, a urna emitirá um som breve. Após a escolha do candidato a presidente, emitirá o tradicional som por período mais longo.

Qual a diferença entre voto branco e nulo?

O voto é branco quando o eleitor aperta a tecla "branco" e confirma, e nulo, quando ele aperta um número que não corresponde a nenhum partido ou político e confirma. Não há diferença para o resultado: nenhum dos dois é computado para um candidato ou sigla, nem a abstenção. Quando o eleitor não comparece, porém, ele precisa justificar a ausência nas eleições, já que o voto no Brasil é obrigatório.

Para deputados, é possível votar na legenda, digitando só os números do partido. Nesse caso, o eleitor colabora para que a sigla com que simpatiza consiga mais cadeiras na Câmara. A eleição não é cancelada se mais da metade dos eleitores anularem seus votos.

Como justificar a ausência das eleições?

Quem estiver fora da cidade em que vota pode acessar o site da Justiça Eleitoral ou entrar no aplicativo e-Título. Pelo app, é só selecionar "mais opções" no menu da parte inferior da tela e clicar em "justificativa de ausência". As justificativas presenciais são feitas nas zonas eleitorais, apresentando documento com foto e preenchendo um formulário.

Após as eleições, o eleitor tem 60 dias para justificar a abstenção, pelo site ou pelo app até 1º de dezembro de 2022 para o primeiro turno e 9 de janeiro de 2023 para o segundo. No caso, ele deve anexar um documento que comprove o motivo da ausência. Também pode justificar presencialmente, em cartórios eleitorais, por requerimento de justificativa eleitoral.

Eleitores com domicílio eleitoral no exterior também poderão justificar o voto pelo site ou pelo aplicativo. Presencialmente, é preciso entregar o requerimento à repartição consular ou missão diplomática.

O que acontece se eu não votar e não justificar?

Quem está irregular com a Justiça Eleitoral, ou seja, não votou nem justificou a ausência, perde direitos como tirar passaporte, receber salário de emprego público, obter empréstimos das caixas econômicas federais e estaduais e inscrever-se em concursos a cargos públicos. Ele readquire os direitos quando quita seus débitos, com o pagamento de multa.

Haverá Lei Seca?

Proibir a venda de bebida alcoólica no dia e na véspera das eleições é competência dos tribunais eleitorais de cada estado. Anunciaram essa medida: Amapá, Acre, Amazonas, Ceará, Maranhão, Mato Grosso do Sul, Roraima e Tocantins.

No Paraná, a Secretaria de Segurança revogou da Lei Seca que estava programada para domingo, das 8h às 18h.

Quando saem os resultados das eleições?

Não há horário para a divulgação. Os votos começam a ser contabilizados a partir das 17h do horário de Brasília, e é comum que o resultado seja conhecido no mesmo dia. O eleitor poderá acompanhar a apuração pelos veículos de comunicação e pelo aplicativo Boletim na Mão, da Justiça Eleitoral.

Recorte sua cola de votação

Anote o nome e o número de seus candidatos, na ordem em que aparecem na urna

Deputado federal ☐☐☐☐

NOME DO CANDIDATO ____________

Deputado estadual/distrital ☐☐☐☐☐

NOME DO CANDIDATO ____________

Senador ☐☐☐

NOME DO CANDIDATO ____________

Governador ☐☐

NOME DO CANDIDATO ____________

Presidente ☐☐

NOME DO CANDIDATO ____________

Público acompanha leitura de manifestos pró-democracia no Largo de São Francisco, em São Paulo Bruno Santos - 11.ago.22/Folhapress

Mulheres, fé, democracia e corrupção dominam pleito

Temas, muitos dos quais pautados por Bolsonaro, reforçaram polarização

Anna Virginia Balloussier

SÃO PAULO Cada eleição apronta das suas. A de 1989, quando um Brasil recém-liberto da ditadura voltou a escolher seu presidente, elegeu Fernando Collor numa campanha marcada pela renovação.

Depois veio o Plano Real, em 1994. Os pleitos seguintes tiveram seu mote protagonista. Em 2018, Jair Bolsonaro (PL) venceu como ícone da antipolítica.

Os temas de 2022 "foram de certa maneira colocados" pelo atual presidente, diz o analista político Thomas Traumann, ex-ministro do PT. "O que costura mulheres, religião, democracia e corrupção é ele. Seja quando chamou uma jornalista de 'vergonha', investiu mais que qualquer outro no voto evangélico e quando fala há dois anos de fraude nas urnas e conspiração do Tribunal Superior Eleitoral contra ele."

*

Democracia
Lula busca imprimir tom plebiscitário ao pleito: um "ou vai ou racha" para a jovem república brasileira, já sobrevivente a duas ditaduras, a getulista e a militar. Daí vender a ideia de uma frente ampla para derrotar Bolsonaro, apontado como um perigo à democracia capaz de fazer rivais ignorarem divisões e se unirem.

Símbolo maior foi a escolha de Geraldo Alckmin (PSB) para compor a chapa petista como vice. O temor de uma ruptura democrática aproximou Lula de aliados improváveis, de Joaquim Barbosa, algoz do PT no mensalão, a Miguel Reale Jr., autor do impeachment de Dilma Rousseff (PT). Motivou também campanhas como a carta pela democracia lida na Faculdade de Direito da USP, gestos mais voltados às classes média e alta.

Já o presidente evoca supostas ameaças à liberdade de expressão para sustentar que é ele o paladino da democracia, além de defender a narrativa sem provas de que as urnas eletrônicas utilizadas no país podem ser fraudadas, alvará para uma possível investida golpista caso perca a reeleição.

Mulheres
Em paródia de "Mulheres", clássico na voz de Martinho da Vila, canta o humorista Marcelo Adnet: "Já xinguei mulheres de todas as coisas, de barbaridades, muitos desaforos". A bordoada com alvo óbvio, Bolsonaro, serve de trilha para um dos pontos mais sensíveis da disputa: mulheres, 52% do eleitorado.

A reincidência em falas misóginas voltou-se diversas vezes contra o atual chefe do Executivo. O ápice aconteceu no primeiro debate presidencial, durante o qual ele não gostou da pergunta da jornalista Vera Magalhães e a chamou de "vergonha".

No 7 de Setembro, puxou para si o coro de "imbrochável" e aconselhou homens a procurar "princesas", como a que afirma ter encontrado em Michelle Bolsonaro. Sugeriu uma comparação entre a primeira-dama e a socióloga Rosângela da Silva, a Janja, com quem Lula se casou. Um dia depois, a esposa do petista disse que não via princesas, só "mulher de luta" em ato do PT. Ambas viraram recursos eleitorais.

Religião
A base evangélica, mais afável a investidas políticas do que a média, é xodó eleitoral do atual presidente. Cercado de aliados como o pastor Silas Malafaia, batendo ponto em quantas Marchas para Jesus puder, o católico Bolsonaro ergueu a imagem de guardião da moral e dos bons costumes.

Lula virou alvo de uma fake news que já o fragilizou em 1989, a de que vai fechar igrejas caso eleito. Em 2010, o deputado Marco Feliciano fez um mea culpa: "Como um papagaio, eu repetia: o PT vai fechar as igrejas do Brasil. [...] Mas Lula foi eleito, e nenhuma igreja foi fechada". Ele voltou a propagar a falsa teoria.

Corrupção
O teto de vidro não impede que Bolsonaro tente colar no adversário a pecha de corrupto. Sua campanha pôs no ar o bordão "Lula ladrão, seu lugar é na prisão", e o mandatário se refere ao antecessor como "ex-presidiário". Bolsonaro enfrenta suspeitas próprias de malfeitos, seja na família (rachadinhas, compra de imóveis com dinheiro vivo), seja no governo (emendas de relator, escândalo no MEC).

Lula é cobrado também por Ciro Gomes (PDT) e Tebet, por acusações que o levaram a passar 580 dias preso. O Supremo Tribunal Federal anulou as condenações contra ele. Os rivais dizem que a decisão não prova sua inocência, apenas falhas na construção do caso pelo juiz Sergio Moro.

Economia
Quase nada se ouviu sobre vespeiros eleitorais de pleitos anteriores, como privatizar ou não, se um governo deve ser mais liberal ou desenvolvimentista. A agenda econômica que mais se sobressaiu dialogou com o dia a dia do eleitor, alérgico a inflação e desemprego.

O tema se impôs na promessa que Lula faz de forrar a barriga do brasileiro com picanha e cerveja. Bolsonaro cita a Guerra da Ucrânia e a pandemia para justificar malogros na economia.

Lula abarca ex-algozes em busca de força e mira mais apoios

Ex-presidente teve tropeços e gafes e manterá um movimento de ampliação de apoios qualquer que seja o resultado

Catia Seabra, Julia Chaib e Victoria Azevedo

SÃO PAULO E BRASÍLIA O ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) chega ao fim do primeiro turno convencido de que a "batalha está longe de terminar" neste 2 de outubro. À frente de uma aliança composta de dez partidos, Lula, 76, manterá um movimento de ampliação qualquer que seja o resultado das urnas.

É cogitada a abertura de pontes com integrantes do chamado centrão e do próprio governo Bolsonaro, além de articulação com MDB, PSDB, PDT e União Brasil —o candidato terá que alargar seu arco de alianças caso enfrente o presidente Jair Bolsonaro (PL) em eventual segundo turno.

Se eleito já no dia 2, terá que garantir condições para sua posse em meio a ameaças de golpes incentivadas por bolsonaristas. Além disso, precisa assegurar o reconhecimento de sua eleição. Em um movimento nesse sentido, Lula encontrou-se com representantes do governo americano e obteve o compromisso de reconhecimento do resultado.

Neste sábado (1º), Lula fez caminhada na rua Augusta, na capital paulista, e afirmou não temer eventual tentativa de Bolsonaro de impedir sua posse caso ele seja eleito. "Eu não temo nada. Se o povo me eleger, haverá posse e tudo o mais que tenho prometido."

O petista disse ainda que, em um eventual segundo turno, estará disposto a conversar com todas as forças políticas e seus eleitores. "Nosso barco é que nem a Arca de Noé. Basta querer viver para entrar lá dentro que nós iremos salvar todo o mundo."

O comando da campanha driblou percalços até chegar neste domingo à frente da disputa pelo Palácio do Planalto.

Escassez de material, disputa por espaço, queda do marqueteiro e resistência inicial ao vice, Geraldo Alckmin (PSB), foram tropeços na pavimentação de uma ampla aliança, encorpada por adesões de artistas, intelectuais e lideranças de outros partidos.

Na pesquisa Datafolha divulgada neste sábado, ele tinha 50% dos votos válidos, contra 36% de Bolsonaro, 6% de Simone Tebet (MDB) e 5% de Ciro Gomes (PDT).

Na tentativa de liquidar a fatura neste domingo, a equipe petista buscou a adesão de nomes que já rechaçaram o ex-presidente e passaram a pedir voto nele em defesa da democracia. Lançou ainda um movimento contra a abstenção, fator considerado determinante para definir se Lula vencerá em primeiro turno.

Evento importante, o debate da TV Globo, na quinta-feira (29), ocorreu sem ter impacto na disputa. Aliados elogiaram o desempenho de Lula, mas admitem que não foi o suficiente para conquistar indecisos a ponto de garantir vantagem expressiva. Entre petistas, há o temor de que Tebet tenha atraído esses eleitores, o que ajudaria a levar a disputa para o segundo turno.

Embora não tenha sido decisivo em favor do petista, seus aliados avaliam que a marola favorável não se desfez. A expectativa é que uma onda Lula se forme no minuto final, com o eleitor diante da urna. A torcida é para que simpatizantes de Ciro e da própria Tebet antecipem o voto em Lula por temer uma vitória de Bolsonaro no segundo turno.

A estratégia do petista foi criar um clima de campanha "plebiscitária", assentada na rejeição a Bolsonaro.

Um dos primeiros movimentos para criação do que Lula chama de pacto democrático foi a escolha de Alckmin para seu vice. Superada a resistência ele, o ex-presidente buscou aliados com a promessa de que o ex-governador pudesse se filiar à sigla.

Lula investiu, sem sucesso, no PSD. Alckmin filiou-se ao PSB, dando início à construção de uma aliança que já contava com o PSOL-Rede e PC do B-PV. A perspectiva de chegada ao poder atraiu novos agregados.

Em outra frente, a campanha trabalhou para ampliar seus apoios, sobretudo em setores que já rechaçaram o PT anteriormente. A campanha foi marcada, por exemplo, pela reaproximação com a ex-senadora e ex-ministra do Meio Ambiente Marina Silva.

Dias depois, um ato contou com a presença do ex-ministro Henrique Meirelles (União Brasil) e outros ex-presidenciáveis. A campanha conseguiu declarações de respaldo de nomes do meio jurídico como Joaquim Barbosa, ministro aposentado do STF, e economista, caso do economista André Lara Resende, um dos formuladores do Plano Real.

Na última semana do primeiro turno, cinco ministros do governo Fernando Henrique Cardoso, além de fundadores do PSDB e intelectuais, formalizaram apoio.

O ex-presidente focou e disputou ferrenhamente alguns espaços com Bolsonaro. Um deles foi o Sudeste. Já no início da corrida, tanto Lula como o adversário decidiram priorizar a região, que concentra 42% do eleitorado. Outro setor alvo de investidas de ambos os candidatos foram os evangélicos.

A campanha também buscou ampliar a rejeição a Bolsonaro. O petista passou a rebater de forma mais incisiva as acusações do presidente e passou a atacá-lo, chamando-o de mentiroso, e lembrando de suspeitas de corrupção que pairam sobre seu governo e sua família. Os ataques chegaram nas propagandas de televisão.

O tema escolhido desde o início do ano para nortear a campanha, "a vida do povo", foi a tônica do início ao fim da campanha. Uma das principais promessas de Lula, repetidas em praticamente todos os comícios, é que ele deseja garantir ao povo a oportunidade de voltar a "comer picanha e tomar uma cervejinha".

O ex-presidente também repisou constantemente a ideia de dar aumento real do salário mínimo, garantir a manutenção dos R$ 600 pagos hoje pelo Auxílio Brasil, ampliar o acesso a escolas, e a renegociação de dívidas, entre outros.

Assim como fez promessas sem detalhar as propostas, Lula cometeu gafes em alguns discursos, que foram exploradas por seus adversários. "Quer bater em mulher, vá bater em outro lugar mas não dentro de sua casa ou no Brasil", afirmou o petista, durante comício no Anhangabaú.

Lula (PT) em ato de campanha na r. Augusta, em São Paulo, neste sábado (1º), com Geraldo Alckmin (PSB), Fernando Haddad (PT) e Márcio França (PSB) Mathilde Missioneiro/Folhapress

Geraldo Alckmin, candidato a vice Marlene Bergamo/Folhapress

Quem é o candidato a vice de Lula

Geraldo Alckmin (PSB)
Médico, Alckmin, 69, foi vereador, prefeito de Pindamonhangaba (SP), deputado estadual, federal e governador de São Paulo. Disputou a Presidência em 2006 e 2018, mas acabou derrotado. Um dos fundadores do PSDB, deixou a legenda no ano passado após 33 anos para se juntar ao PSB e integrar a chapa de Lula

Principais propostas

- Manutenção de auxílio de R$ 600 + R$ 150 por cada criança de até seis anos
- Negociação das dívidas das famílias que recebem até 3 salários mínimos
- Reajustes do salário mínimo acima da inflação
- Retomada do programa Minha Casa, Minha Vida
- Produzir e assegurar comida para 33 milhões de pessoas passam fome
- Facilitar o acesso ao crédito e ajudar empreendedores que se endividaram
- Recriar os ministérios da Cultura, da Mulher, do Planejamento, da Previdência Social e criar o dos Povos Originários

1 Eduardo Anizelli - 8.nov.19/Folhapress

2 Raul Spinassé - 8.mar.21/Folhapress

3 Gabriela Biló - 29.jul.22/Folhapress

4 Marlene Bergamo - 26.set.22/Folhapress

Lula da prisão ao 1º turno

1 Lula deixa a prisão (8.nov.19)
Ex-presidente é solto após 580 dias na prisão em Curitiba. Na véspera, o STF (Supremo Tribunal Federal) havia mudado de entendimento e barrado a prisão após condenação em 2ª instância

Lula visita papa Francisco (13.fev.20)
O pontífice recebeu o petista no Vaticano. A reunião foi mediada pelo presidente da Argentina, Alberto Fernández, e foi possível graças a decisão da Justiça que adiou depoimento que o ex-presidente teria que prestar

2 STF anula condenações de Lula (15.abr.21)
Por 8 votos a 3, o Supremo mantém a decisão do ministro Edson Fachin que anulou todas as condenações da Justiça Federal de Curitiba contra o petista por questões processuais

Lula encontra FHC (12.mai.21)
A reunião, na casa do ex-ministro Nelson Jobim, irrita o PSDB e prenuncia o amplo arco de alianças que o petista buscaria na eleição presidencial do ano seguinte

Lula se casa com Janja (18.mai.22)
O ex-presidente se casa com a socióloga Rosângela da Silva, em um evento que reúne políticos e artistas

3 Alckmin é oficializado vice na chapa petista (29.jul.22)
O ex-governador de São Paulo e ex-tucano Geraldo Alckmin é oficializado pelo PSB como vice de Lula, em um aceno a eleitores do centro

Lula se encontra com líderes evangélicos (9.set.22)
O núcleo evangélico do PT realiza em São Gonçalo (RJ) o primeiro ato com lideranças do segmento. O partido busca reduzir a resistência ao petista e à esquerda entre os fiéis

4 Campanha prega voto útil (19.set.22)
Lula se reúne com ex-presidenciáveis, como o ex-ministro Henrique Meirelles (União Brasil) e o ex-senador Cristovam Buarque (Cidadania), e intensifica campanha pelo voto útil

Você foi negacionista, não acreditou na ciência, não acreditou na medicina. Você acreditou na sua mentira. Se tem alguém possuído pelo demônio é esse Bolsonaro

Hoje temos um presidente que não derramou uma lágrima pelas vítimas da Covid [...]. Ele não tem sentimento. Ele não gosta de gente, ele gosta de policial

Ele falar que eu montei quadrilha, com a quadrilha da rachadinha dele que ele decretou sigilo de 100 anos, com a rachadinha da família, do Ministério da Educação com barras de ouro? Ele falar de quadrilha comigo?

Bolsonaro vai para o 1º turno pressionado pelas pesquisas

Chefe do Executivo fez campanha centrada na sua base de apoiadores e com discurso golpista intermitente

Marianna Holanda e Matheus Teixeira

BRASÍLIA Candidato à reeleição, o presidente Jair Bolsonaro (PL), 67, chega ao primeiro turno pressionado por pesquisas que indicam favoritismo de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), mas com expectativa de chegar ao segundo turno.

Apesar de ter feito uma campanha voltada à sua base de eleitores e com dificuldade de ampliar o espectro de apoios, aliados do chefe do Executivo dão como certo que a disputa não acabará em 2 de outubro.

O que eles devem observar atentamente na apuração é a diferença de votos entre Bolsonaro e o ex-presidente.

Reservadamente, veem dois cenários possíveis. Em um deles, o petista chega ao segundo turno com larga vantagem, próxima de dois dígitos ou mais, o que representaria apenas um adiamento da vitória de Lula. No outro, Bolsonaro termina o primeiro turno mais próximo do adversário e com chance de virar e se reeleger em 30 de outubro.

Eles torcem e mantêm esperança no segundo cenário. A avaliação é que, se for registrada uma diferença pequena de votos, seria uma derrota para institutos de pesquisas, Bolsonaro reforçaria o argumento de que é perseguido pela mídia e Lula não tem a força que tenta vender.

Aliados do chefe do Executivo têm pesquisas próprias, que não foram registradas no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e não compartilharam com a imprensa, com metodologias diferentes dos levantamentos tradicionais e têm se baseado os cenários nelas.

Bolsonaro tem questionado as pesquisas, diz a seus eleitores que vai ganhar em primeiro turno e faz acenos à base com a tese do "Datapovo", quando usa imagens de atos com apoiadores para tentar descredibilizar os levantamentos de intenção de votos.

Isso aconteceu, por exemplo, nas manifestações do 7 de Setembro. Na ocasião, como costuma fazer, tentou esvaziar o resultado das pesquisas devido ao fato de ter reunido milhares de pessoas nas ruas.

Em live neste sábado (1º), ele voltou a atacar as pesquisa. "Fala-se tanto em combate a fake news... Nunca ninguém desses que combate fake news, que desmonetiza páginas de certas pessoas, prende outras, se preocupa com Datafolha falando barbaridade por aí", afirmou.

Mesmo sabendo da necessidade de buscar outros segmentos da sociedade, Bolsonaro priorizou na agenda de campanha comícios com apoiadores e motociatas.

Neste sábado (1º), ele fez passeios de moto com apoiadores em São Paulo e em Santa Catarina —comícios e discursos são proibidos por lei.

Na linha de frente do comboio na capital paulista estavam também os ex-ministros Tarcísio de Freitas (Infraestrutura) e Marcos Pontes (Ciência e Tecnologia), o empresário Luciano Hang e a deputada federal Carla Zambelli (PL).

Depois, o candidato realizou o último ato de campanha em Joinville, maior cidade de Santa Catarina. Ele participou de uma motociata com candidatos locais e com o empresário bolsonarista Luciano Hang.

As viagens têm como objetivo, segundo aliados, dar força para candidatos majoritários do presidente nos estados.

Em São Paulo, ele busca eleger Tarcísio de Freitas (Republicanos), ex-ministro da Infraestrutura, para o governo; e Marcos Pontes (PL), ex-titular de Ciência e Tecnologia, para o Senado. Ambos estão em segundo lugar nas pesquisas.

Em Santa Catarina, um dos estados que mais apoiam sua reeleição, ele busca eleger Jorginho Mello (PL) para o governo e Jorge Seif para o Senado.

O mandatário votará no Rio de Janeiro, acompanhado da primeira-dama, Michelle. A expectativa é a de que volte para Brasília para acompanhar a apuração dos votos do Palácio da Alvorada.

Michelle passou todo o governo com papel político secundário e evitando aparições públicas. Nunca, em todo esse período, concedeu entrevista à imprensa tradicional.

Neste ano, contudo, não apenas passou a acompanhar o marido em agendas públicas, como passou a discursar. A virada ocorreu porque a campanha diagnosticou que Michelle reduzia a rejeição de mulheres a Bolsonaro.

O chefe do Executivo enfrenta resistência entre as eleitoras devido a seu histórico de declarações machistas e de ataques às mulheres. O segmento é um dos principais obstáculos à sua reeleição.

Se há quatro anos, Bolsonaro conseguiu se eleger com uma campanha menos estruturada e com discurso radicalizado, nestas eleições o cenário foi diferente. O presidente modulou o discurso em pontos que sabia que poderiam custar votos.

Dois temas frequentemente abordados pelo chefe do Executivo abriram espaço para versões mais suaves: vacinas e urnas eletrônicas.

Bolsonaro fora aconselhado por aliados a se vacinar e a parar de criticar o imunizante contra a Covid-19, que a maior parte da população aderiu e controlou a pandemia no país. Apesar disso, não se vacinou. Mas o cálculo eleitoral funcionou, em parte.

O mandatário adotou discurso de que seu governo garantiu vacina a todos que quisessem, e que, por motivos pessoais, ele não quis se vacinar. Também continuou defendendo medicamentos sem eficácia do chamado kit Covid.

Quanto às urnas, Bolsonaro oscila o tom golpista. Há cerca de um ano, no momento de pior crise de sua administração, o presidente insistia no voto impresso e fez uma apresentação na internet, sem qualquer prova, de que houve irregularidade em 2018.

Levantamentos internos da campanha à reeleição do chefe do Executivo mostraram que, quando ele adota postura golpista e de que pode desrespeitar o resultado da eleição, aumenta a sua rejeição.

Assim, Bolsonaro evitou ser mais direto em suas declarações. Mas manteve o tom acusatório aos ministros do TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e agora condiciona o respeito ao resultado eleitoral a "eleições limpas", sem nunca ter explicado o que significa.

Sem usar capacete, Jair Bolsonaro (PL) e o candidato ao Governo de SP Tarcísio de Freitas (Republicanos) participam de motociata com apoiadores em São Paulo Adriano Vizoni/Folhapress

Braga Netto, candidato a vice Sergio Lima/AFP

Quem é o candidato a vice de Bolsonaro

Braga Netto (PL)
Militar da reserva, Braga Netto, 65, entrou no Exército em 1974 e chegou ao posto de general, o mais alto da hierarquia da Força. Chefiou a intervenção federal no estado do Rio de Janeiro entre 2018 e 2019. Atuou como ministro-chefe da Casa Civil e como ministro da Defesa durante o governo Bolsonaro

Principais propostas

- Ampliar e assegurar o acesso a armas de fogo aos cidadãos
- Desestatizar Eletrobras
- Corrigir tabela do Imposto de Renda
- Incentivar geração de energia eólica offshore
- Auxílio Brasil de R$ 600

Bolsonaro da facada ao 1º turno

1 Reprodução - 6.set.18

2 Reprodução TV Globo - 28.out.18

3 Pedro Ladeira - 20.abr.20/Folhapress

4 Danilo Verpa - 7.set.21/Folhapress

1 Bolsonaro leva facada em ato de campanha (6.set.18)
Candidato é esfaqueado por Adélio Bispo durante ato em Juiz de Fora (MG). Investigações posteriores concluíram que Adélio agiu por motivação política, mas sofre de distúrbio mental.

2 Bolsonaro é eleito presidente (28.out.18)
Com 55,1% dos votos válidos, o capitão reformado vence Fernando Haddad (PT) no segundo turno. No discurso de vitória, promete fazer um governo democrático.

Bolsonaro tenta criar partido (21.nov.19)
Após romper com o PSL, o presidente lança a própria legenda, o Aliança pelo Brasil. Apoiadores, porém, não conseguem colher as assinaturas necessárias para viabilizar a sigla.

3 Em meio a mortes por Covid, Bolsonaro diz: "Não sou coveiro" (20.abr.20)
Em um dos vários episódios em que minimizou a crise sanitária no país, ao ser questionado sobre qual seria o número de mortes aceitável para defender medidas de isolamento social, o presidente respondeu: "Não sou coveiro".

Celso de Mello torna pública reunião ministerial (22.mai.20)
O então ministro do STF libera o vídeo da reunião citada por em depoimento Sergio Moro como indício de interferência de Bolsonaro na Polícia Federal, motivo pelo qual afirmou ter deixado o Ministério da Justiça. Pressionado após o episódio, o presidente se alia ao centrão.

4 Bolsonaro ameaça descumprir decisões judiciais (7.set.21)
O presidente faz discursos de cunho golpistas em atos do 7 de Setembro. Bolsonaro exortou desobediência a decisões da Justiça e disse que só deixará o cargo morto.

Presidente reúne embaixadores e mente sobre urnas (18.jul.22)
No Palácio da Alvorada, Bolsonaro reúne dezenas de embaixadores estrangeiros e repete teorias da conspiração sobre as urnas eletrônicas e ameaças golpistas.

Notícia boa pra mulheres é beijinho, rosa, presente, férias

Se for a qualquer padaria, não tem ninguém pedindo pra comprar pão

Não sou muito bem-educado, falo palavrões, mas não sou ladrão

Imbrochável, imbrochável, imbrochável

Esperem uma reeleição para vocês verem se todos não vão jogar dentro das quatro linhas da Constituição

Simone Tebet (de azul marinho) chega ao aeroporto internacional de Campo Grande (MS) Divulgação/Flickr @simonetebetbr

Carlos Barreta/Folhapress

Quem é a candidata a vice de Simone

Mara Gabrilli (PSDB)
Publicitária e psicóloga, Gabrilli, 55, ficou tetraplégica após um acidente de carro em 1994. Foi secretária da Pessoa com Deficiência na Prefeitura de São Paulo de 2005 a 2006, vereadora e deputada federal. Em 2018, foi eleita senadora e representante do Brasil no Comitê da ONU sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência.

Simone Tebet sai de campanha mais forte; desafio será manter relevância

Mandato no Senado acaba em fevereiro; com aceno em 2º turno, atuar em governo Lula é opção

Renato Machado

BRASÍLIA A candidata à presidência da República Simone Tebet (MDB) termina a sua primeira eleição presidencial como uma personagem política mais forte do que a que entrou na corrida e com o desafio de se manter relevante para os próximos pleitos.

A senadora de 52 anos, que já foi professora e advogada, começou sua caminhada com 1% das intenções de voto e agora aparece numericamente à frente e tecnicamente empatada com Ciro Gomes (PDT) —ela com 6%, e ele com 5% no Datafolha deste sábado (1º).

Outro desafio será sobreviver a crises dentro do seu partido que foram aprofundadas durante o período eleitoral.

Quando o MDB realizou o evento para lançar sua pré-candidatura, no dia 8 de dezembro de 2021, Tebet talvez fosse uma das poucas pessoas presentes a acreditar que seu nome estaria nas urnas eletrônicas quase um ano depois.

A senadora por Mato Grosso do Sul tem enfrentado desde então uma ferrenha resistência da ala do partido que pressionava pelo abandono de uma candidatura pouco competitiva para apoiar um dos favoritos. O movimento mais forte, capitaneado por Renan Calheiros (MDB-AL) e outros caciques da região Nordeste, favorecia Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

As iniciativas fizeram ressurgir "fantasmas" da relação de Tebet com o MDB, como quando ela terminou abandonada pelo partido na eleição para presidir o Senado em 2021 e concorreu como avulsa.

O MDB também se viu envolvido na inicialmente promissora articulação para lançar um candidato único e forte representando a terceira via. A novela se arrastou por meses, viu a defecção do União Brasil e a briga interna do do PSDB, que resultou na saída da corrida do ex-governador João Doria de São Paulo.

Oficializada candidata, Tebet demorou para avançar nas pesquisas eleitorais, aparecendo durante meses com apenas um traço, abaixo de 1%. Mas ela ganhou força durante o primeiro debate presidencial, quando teve um enfrentamento com Jair Bolsonaro (PL) e foi alvo de machismo.

A emedebista saiu de 2% para 5% na pesquisa Datafolha subsequente e alcançou 6% no último levantamento do primeiro turno. Em alguns estados-chave, como São Paulo, sua intenção de voto chegou perto dos dois dígitos nas intenções de voto.

Os debates se tornaram um trunfo, com a senadora apontada como dona do melhor desempenho em pesquisas qualitativas com eleitores indecisos. Aliados avaliam que os enfrentamentos ajudaram, por exemplo, na manutenção de seus índices nas pesquisas mesmo durante a pregação pelo voto útil em favor de Lula.

Apesar das frequentes declarações públicas de otimismo com o resultado, sua campanha sempre teve em mente que o objetivo inicial era fazer de Tebet a emedebista mais votada em uma eleição presidencial, superando os 4,7% de Ulysses Guimarães em 1989.

Superar Ciro Gomes se tornou uma obsessão nesta reta final. O terceiro lugar reforçaria a percepção de que Simone Tebet deixa essa eleição mais forte e como um ator importante para os próximos pleitos presidenciais.

"Não tenho dúvida que Simone será um personagem político relevante depois desta eleição", afirma o ex-governador do Rio Grande do Sul Germano Rigotto (MDB), coordenador do seu programa de governo e um dos principais aliados.

Para tanto, porém, precisará de palco. O mandato de Tebet no Senado, de oito anos, termina em fevereiro de 2023.

Um aliado teme o efeito Marina Silva (Rede). Personagem importante da política após duas votações expressivas nas eleições de 2010 e 2014, a ex-ministra, sem mandatos, terminou o pleito de 2018 com 1%.

A mesma pessoa acrescenta que, em parte, o destino de Tebet dependerá da atitude do presidente do MDB, Baleia Rossi. De acordo com esse aliado, seria necessário manter Tebet em evidência e seguir associando a imagem do partido à da senadora, com uma mensagem de renovação.

A posição da candidata em um eventual segundo turno presidencial neste ano também é considerada decisiva para o seu futuro. A parlamentar já declarou recentemente que não vai se omitir e que estará em um palanque "defendendo a democracia".

Um apoio a Lula no segundo turno pode abrir as portas para que ela seja convidada a assumir algum ministério caso o petista, favorito nas pesquisas, seja eleito.

As pastas apontadas hoje como possíveis são as da Agricultura e da Justiça, mas sua campanha rechaça qualquer hipótese de negociação no momento.

Ficar atrás somente do ex-presidente Lula e do atual presidente, Bolsonaro, fortaleceria o poder de barganha não só dela como do MDB.

Esse mesmo aliado, no entanto, defende que convites petistas sejam avaliados com muito critério. Isso para que a imagem de independência construída durante a campanha não se desfaça com a aceitação do primeiro convite.

Tebet também vai precisar fazer as pazes —ou mesmo enfrentar— o "velho MDB".

Durante a campanha, a senadora criticou diversas vezes a ala lulista do partido por ter tentado "puxar o seu tapete". Também desagradou muitos ao criticar os membros de seu partido que estiveram envolvidos em casos de corrupção.

O cenário de provável fortalecimento de alguns caciques pesa como complicador.

Renan Calheiros, por exemplo, deve conseguir eleger o governador de Alagoas e seu filho, Renan Filho (MDB), para o Senado. Além disso, caso Lula seja eleito, aqueles que ela acusou de tentarem derrubá-la vão se fortalecer.

Principais propostas

- Ministério paritário entre homens e mulheres
- Poupança Mais Educação: bonificação financeira a alunos que completarem o ensino médio
- Zerar fila de exames e cirurgias represados por causa da pandemia da Covid-19
- Poupança semelhante ao FGTS para trabalhadores informais e formais de baixa renda
- Instituir benefício de renda mínima para eliminar a extrema pobreza
- Reajustes anuais do salário mínimo, baseados pelo menos na inflação
- Promover desestatizações, privatizações, concessões e parcerias público-privadas
- Recriar os Ministérios da Cultura e da Segurança Pública

O QUE TEBET DISSE

Vamos falar menos de Lula e Bolsonaro e falar mais de Brasil
sempre que questionada sobre outros candidatos e apoio em segundo turno

O MDB] é um partido ético, que tem, sim, uma meia dúzia que esteve envolvida no petrolão do PT, e hoje não estão conosco. Inclusive, tentaram puxar o meu tapete há pouco tempo
em sabatina do Jornal Nacional

Candidato Bolsonaro, por que tanta raiva das mulheres?
no debate da Folha, UOL, Band e TV Cultura

Eu não vi o presidente da República pegar a moto dele e entrar em um hospital para dar um abraço a uma mãe que perdeu um filho [na pandemia de Covid]
idem

Dinheiro tem, mas está indo para o orçamento secreto [emendas de relator]
sobre de onde virão os recursos para as suas propostas

Nós queremos que o eleitor não vote pelo medo e sim pela esperança e pela certeza. Não vote no menos pior e sim naquele ou naquela que pode representar a esperança e um futuro digno para a população
sobre a disseminação da campanha pelo voto útil

Mente tanto que acredita na própria mentira
sobre Jair Bolsonaro no debate da TV Globo

Soraya Thronicke enfrentou 'padre de festa junina'

Danielle Brant

BRASÍLIA Presidenciável do União Brasil, partido detentor de R$ 758 milhões do fundo eleitoral, a senadora Soraya Thronicke (MS) encerra sua participação nas eleições deixando para trás o papel de substituta de Luciano Bivar na disputa ao Planalto e se destacando por embates com Jair Bolsonaro (PL) em debates.

A candidata participou de uma corrida na qual ficaram pelo caminho nomes como o do ex-governador de São Paulo João Doria (PSDB), o ex-ministro da Justiça e ex-juiz Sergio Moro (União Brasil), o ex-ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta (União Brasil) e o presidente do Senado, Rodrigo Pacheco (PSD), além do deputado federal André Janones (Avante), hoje aliado de Lula (PT).

Integrante do pelotão que não superou 2% das intenções de voto, a candidata ainda assim conseguiu atrair alguns holofotes. No debate presidencial organizado pela TV Globo, Soraya foi protagonista de momentos que viralizaram nas redes, a maior parte dos quais com o Padre Kelmon como antagonista.

No embate, chamou o rival de cabo eleitoral de Bolsonaro e de "padre de festa junina". Também errou o nome dele. "[Perguntarei] ao Padre Kelson. Kelvin? Candidato Padre. Gostaria de perguntar para o senhor para quantas pessoas durante a pandemia o senhor deu a extrema-unção", disse, em certo momento.

Antes, no debate transmitido na Band, chamou Bolsonaro de "tchutchuca com outros homens", mas tigrão com as mulheres. "E digo mais: lá no meu estado tem mulher que vira onça, e eu sou uma delas."

No evento exibido no SBT, fez referências veladas à aquisição de leite condensado, viagra e próteses penianas pelo Exército para atacar Bolsonaro.

Nas inserções de TV e rádio, Soraya explorou a proposta de reforma tributária. Na campanha, cancelou eventos sob o argumento de falta de dinheiro, ainda que tenha recebido da União Brasil R$ 34,2 milhões, mais do que Ciro (R$ 33,3 milhões) e Bolsonaro (R$ 18 milhões) receberam de PDT e PL, respectivamente.

Padre Kelmon, que recebeu R$ 1,54 milhão do PTB, viveu uma situação bem diferente. Ele entrou na disputa depois de o TSE negar o registro de candidatura de Roberto Jefferson (PTB), condenado no escândalo do mensalão. Ao lançar seu nome, Jefferson afirmou que sua intenção era dar opção ao eleitor de direita e conter parte dos ataques da esquerda a Bolsonaro.

Candidata Soraya Thronicke, do União Brasil Miguel Schincariol/AFP

Ciro Gomes em carreata com o candidato pedetista ao governo do Ceará Roberto Cláudio, em Fortaleza Keiny Andrade/Divulgação

Pedro Ladeira/Folhapress

Quem é a candidata a vice de Ciro

Ana Paula Matos (PDT)
Advogada e professora, Ana Paula, 44, é servidora concursada da Petrobras. Ela iniciou a trajetória na gestão municipal como diretora-geral de Educação da Prefeitura de Salvador, em 2013. Foi eleita vice-prefeita da capital baiana em 2020 na chapa encabeçada por Bruno Reis (União Brasil).

Ciro Gomes chega a sua 4ª disputa com flerte à direita e arrisca perder CE

Com campanha marcada por ataques ao PT, pedetista arrisca terminar eleição atrás de Tebet

Danielle Brant e Mariana Zylberkan

BRASÍLIA E SÃO PAULO Candidato do PDT à Presidência, Ciro Gomes recorreu ao discurso antissistema, a ataques contra o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e até mesmo ao eleitor de centro-direita para tentar, pela primeira vez, ir a um 2º turno de eleições presidenciais. O resultado, no entanto, deve passar bem longe disso.

Ciro, 64, arrisca terminar outra vez em quarto lugar —em 2002, ficou atrás de Anthony Garotinho (PSB)— e ver sua família perder a base política no Ceará, depois de brigar com os irmãos Cid e Ivo para lançar Roberto Cláudio (PDT) ao governo do estado —o candidato, porém, desidratou e possivelmente não irá à volta final.

Ele também deve sair da disputa com capital político menor do que o que tinha ao entrar. As pesquisas indicam que Ciro conquistará metade da votação de 2018, quando obteve 13,4 milhões de apoios.

A equipe do presidenciável apostou alto na eleição de 2022. Em abril do ano passado, contratou João Santana, marqueteiro de Lula no pleito de 2006 e de Dilma Rousseff em 2010 e 2014. Santana recebeu, no total, R$ 11,45 milhões, ou 36,5% das despesas declaradas pela campanha de Ciro, de R$ 31,4 milhões.

Apesar do investimento, ele se manteve abaixo de dois dígitos nas pesquisas do Datafolha. A dificuldade de decolar e a formação de um autointitulado centro democrático que reuniu PSDB, Cidadania e MDB em torno de Simone Tebet (MDB) deixaram o pedetista sem possibilidades concretas de alianças.

Por isso, trata-se da primeira disputa em que não consegue reunir uma aliança em torno de seu nome. Em 1998, quando concorreu ao Planalto pela primeira vez, lançou-se pelo PPS (atual Cidadania) com o apoio de PL e PAN. Em 2002, ainda no PPS, reuniu PDT e PTB. Em 2018, já no PDT, teve o Avante em sua base.

Assim, Ciro teve de recorrer a uma solução interna, a vice-prefeita de Salvador, Ana Paula Matos (PDT), para formar sua chapa. Antes mesmo de formalizar a escolha, porém, já mostrava a linha que seguiria.

No discurso da convenção nacional em que seu nome foi confirmado, Ciro equiparou Lula e o presidente Jair Bolsonaro (PL) e afirmou que o "lulismo pariu Bolsonaro". Foi o mesmo discurso adotado na sabatina no Jornal Nacional e no debate entre os candidatos à Presidência realizado no final de agosto.

As constantes críticas ao petista levaram apoiadores do ex-presidente a sugerir que Ciro flertava com o bolsonarismo em busca de votos —foram até criados apelidos, como "Bolsociro" e "Cironaro".

Até o início de setembro, ataques aos líderes da corrida se alternavam com a apresentação de propostas nas redes. A tática mudou após o PT lançar mão de uma ofensiva pelo voto útil, na tentativa de encerrar a disputa no primeiro turno. A pressão irritou o pedetista, que passou a dizer que escolher entre Lula ou Bolsonaro é "ser vítima da maior fraude" eleitoral e a relembrar casos de corrupção envolvendo o PT.

Na última semana antes do primeiro turno, ainda criou um fato político ao anunciar um manifesto à nação que basicamente repetia tudo o que já havia dito durante a campanha e no qual afirmava ser vítima de uma "campanha de intimidação, mentiras e operações de destruição de imagem".

Nada surtiu efeito. Ciro viu antigos apoiadores, como os cantores Caetano Veloso e Tico Santa Cruz, declararam voto em Lula como estratégia para evitar a realização do segundo turno com Bolsonaro.

A oposição a Lula provocou dissidências em sua candidatura na última quinzena de campanha. Membros antigos do PDT elaboraram cartas de repúdio aos ataques de Ciro, na tentativa de descolar o candidato da sigla. Ao ser questionado sobre o racha, recusou-se a comentar e disse se tratar de fake news.

O presidente do partido, Carlos Lupi, disse que a ofensiva a Lula representou a única forma de Ciro obter espaço na disputa presidencial, marcada neste ano pela polarização dos dois líderes nas pesquisas. "Batalhamos para conseguir mais espaço de TV. É difícil fazer qualquer coisa com 50 segundos."

Em aceno à centro-direita, nas últimas semanas de campanha ele marcou presença em programas que dialogam diretamente com eleitores de Bolsonaro. Foi entrevistado pelo programa Pânico, da Jovem Pan, emissora considerada a voz do bolsonarismo.

Ele também concedeu entrevista ao programa do podcaster e youtuber Bruno Aiub, conhecido como Monark, desligado do Flow após defender o direito de existência de um partido nazista.

No último debate, Ciro teve papel coadjuvante. Na frente de Lula, chegou a titubear e se enrolou com as palavras. "No começo, o jogo com Lula não desenrolou tão bem quanto a gente gostaria, foi razoável, mas depois ele deslanchou", afirmou Lupi.

Além de um eventual fracasso na eleição nacional, Ciro pode sofrer uma derrota no Ceará, sua base política. A insistência no ex-prefeito de Fortaleza Roberto Cláudio para a disputa ao governo levou o PT a romper uma aliança de 16 anos. Os petistas queriam Izolda Cela (sem partido), mas Ciro não abriu mão.

Assim, o PT lançou Elmano de Freitas ao governo cearense, e o petista está à frente de Roberto Cláudio nas pesquisas. Agora, deve rivalizar com Capitão Wagner (União Brasil) no segundo turno. Na reta final, Cid e Ivo se aproximaram de Elmano, levando Ciro a dizer que havia sofrido uma facada dos irmãos.

Principais propostas

- Geração de 5 milhões de vagas nos dois primeiros anos de governo
- Novo Código Brasileiro do Trabalho
- Programa de renda mínima de R$ 1.000
- Lei Antiganância, segundo a qual o cidadão que pagar o equivalente a duas vezes sua dívida teria seu débito quitado
- Recriação do Ministério da Cultura
- Renegociação de dívidas das famílias e empresas
- Transformar a educação pública do Brasil numa das dez melhores do mundo num prazo de 15 anos
- Taxação de grandes fortunas
- Fim do teto de gastos

O QUE CIRO DISSE

"O lulismo pariu o bolsonarismo

A gente tem que entender que eu represento uma espécie de movimento abolicionista num sistema escravista. Você não vai esperar que um escravista ajude o abolicionista

Elegemos o primeiro presidente em 1989. Collor governou com essa gente [centrão] e foi cassado. FHC governou com essa gente, e o PSDB nunca mais ganhou uma eleição nacional. Lula governou com essa gente e foi preso. A Dilma governou com essa gente e foi cassada. Temer governou com essa gente e foi preso. Bolsonaro está governando com essa gente e está desmoralizado

Na verdade é um comício, né? Um comício para gente preparada. Você imagina eu explicar isso na favela? É um serviço pesado

em discurso sobre economia a empresários no Rio

Dei minha vida ao povo cearense, e algumas lideranças, todas que ajudei a formar, se reuniram e meteram a faca nas minhas costas

Fascismo puro, isso que o PT e o Lula estão administrando contra o fascismo do Bolsonaro. [...] O Lula sempre foi fascistoide

Progressistas e União Brasil trabalham fusão, diz Arthur Lira

Ranier Bragon

BRASÍLIA O presidente da Câmara dos Deputados, Arthur Lira (PP-AL), afirmou neste sábado (1) que o seu partido, o PP (Progressistas), trabalha para realizar uma fusão com a União Brasil, sigla criada em fevereiro a partir da junção de PSL e DEM.

Caso a fusão se concretize, a nova legenda deverá reunir a maior bancada de deputados federais tanto nesta como na próxima legislatura, que se inicia em fevereiro.

Isso aumentaria também as chances de Lira continuar no comando da Câmara mesmo em caso de vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

"Estamos trabalhando a fusão", disse Lira, afirmando que a possível união nada tem a ver com a eleição presidencial.

Atualmente o PP integra a coligação de Jair Bolsonaro (PL). A União Brasil tem candidatura própria à Presidência, Soraya Thronicke, e é formado por quadros mais alinhados a Bolsonaro, embora haja interlocução com Lula.

Como ficaria o novo partido

BANCADA NA CÂMARA	
PP	58
União Brasil	51
Com a fusão	109

BANCADA NO SENADO	
PP	8
União Brasil	8
Com a fusão	16

Fontes: Câmara, Senado e TSE

CIRO USA FOTO COM BOLSONARO PARA PEDIR VOTO
Ciro Gomes (PDT) postou neste sábado (1º) em suas redes sociais um pedido de voto em que usa, como imagem, uma foto em que ele aparece ao lado de Jair Bolsonaro (PL). O candidato do PDT aparece fazendo com as mãos o número do seu partido, o 12.

OMBUDSMAN

folha.com/ombudsman
ombudsman@grupofolha.com.br

Ombudsman tem mandato de um ano, com possibilidade de renovação, para criticar o jornal, ouvir os leitores e comentar, aos domingos, o noticiário da mídia. Tel.: 0800-015-9000; fax:(11) 3224-3895

Carvall

O país precisa de bons gestos

Mídia deveria se afastar da polarização, mas primeiros sinais não são bons

José Henrique Mariante

Silvio Almeida escreveu que esta eleição é "particularmente existencial". Foi um dos muitos colunistas da **Folha** que não pouparam tinta nos últimos dias para sublinhar a grande responsabilidade do país neste domingo (2). É momento de apertar o botão nas urnas.

Há outra existência particularmente em jogo neste pleito violento e polarizado: a da mídia, fundamental para a democracia e maltratada como ela por uma fila que começa com o presidente atual, mas também por ação própria.

É razoável a chance de hoje ou em quatro semanas Jair Bolsonaro ter um segundo mandato recusado. Era papel da imprensa desnudá-lo. Sua incompetência e falta de humanidade foram flagrantes na pandemia, para ficar apenas em uma das intoleráveis atitudes que adotou nos últimos quatros anos. Sairá do poder, se os eleitores assim desejarem, pelo voto, o instrumento que tanto desqualifica. A escolha majoritária, no entanto, não dará fim ao bolsonarismo. A depender do comportamento dos diversos setores da sociedade, deve em grande medida realimentá-lo.

Bolsonaro dificilmente vai reconhecer a derrota. Repetirá Aécio Neves, que não concedeu a vitória a Dilma Rousseff em 2014, para usar um anglicismo. Donald Trump também custou a largar o osso nos EUA em 2020 e deu no que deu. Derrotados no Chile e na Colômbia neste ano demonstraram urbanidade. Gestos fazem muita diferença. É de se imaginar que serão raros neste país nos próximos meses. A mídia poderia fazer os seus.

Em entrevista ao Valor, especialista em Venezuela afirmou que a polarização política transbordou para o tecido social também no Brasil e que o risco dessa trajetória é a desmoralização da democracia. O problema vem de longe e recrudesce agora ao som de tiros e pauladas. Nos últimos tempos, estava fácil pôr tudo isso na conta do presidente; Bolsonaro praticamente empurrou o jornalismo para o outro lado do campo. Sem o autoritário, como será?

Os primeiros sinais não são promissores. Páginas de opinião reagiram à medida que o favoritismo de Luiz Inácio Lula da Silva se consolidou. O Estado de S.Paulo, na semana passada, em apenas um dia não citou o ex-presidente em seus editoriais. Em três deles, estampou seu nome no título. A **Folha** se preocupou bem mais com o resto do mundo, que desmoronava em notícias, mas não se furtou a dar ampla visibilidade ao editorial "Tiro no pé", no último fim de semana, em que cobrou do petista definições sobre política econômica. Esforçou-se também na divulgação do artigo em que Alexandre Schwartsman, "Em louvor do voto inútil", rebaixou Lula ao nível de Bolsonaro. Quem pregou voto útil não recebeu tal tratamento. Oferta no jornal não faltou.

Lula não merece condescendência por ser a opção a Bolsonaro, por óbvio, mas a discussão aqui, antes de ser sobre lados, é acerca de disposição. A imprensa foi legitimada a combater o atual presidente por seus atos e tem longo histórico de animosidade com o ex, que sempre responde com a antiga ladainha de estabelecer algum controle sobre a mídia. Basta juntar o presente com o passado para ver que o futuro à polarização pertence.

Os efeitos desse processo são deletérios. A imprensa contribui com o acirramento de opiniões ao se entrincheirar. Isso quando a própria trincheira não vira ganha-pão, monetizada, não importa se via radicalismos. O país precisa se reconstruir em diversas frentes, consensos serão necessários. Sem estes, iremos para outros quatro anos de pancadaria.

Seria importante a mídia séria refletir sobre sua responsabilidade na condução do debate público. A exemplo do que fez no consórcio de veículos de imprensa diante da absurda desinformação oficial na pandemia. Sobram oportunidades. Uma campanha maciça pela normalização da vacinação infantil, um pool de jornalistas na Amazônia, um relacionamento mais maduro entre imprensa e governo.

O país precisa de todos os gestos possíveis. Apertar o botão é só o primeiro deles.

'Oi, Folha...'

Felipe Neto resolveu comentar no Twitter notícia da **Folha** sobre seu pedido de perdão a Dilma Rousseff "por ter propagado o antipetismo, o discurso golpista e o ódio à esquerda". Segundo o youtuber, o jornal deveria ter lembrado que as desculpas eram por seu apoio ao "GOLPE", assim escrito, em maiúsculas. E que o jornal "teve participação decisiva" na defesa do "GOLPE" à época do impeachment da ex-presidente. "Acho que vocês também devem um pedido de perdão, assim como outros veículos e grandes emissoras."

A **Folha** não respondeu ao influenciador, que tem 16 milhões de seguidores no Instagram e é cabo eleitoral master de Lula. Deveria ao menos ter registrado a crítica, mas recusou o gesto ao leitor. Leitores precisam de gestos também.

Juliana Freire

Hoje é o dia

O primeiro turno está na mão dos 15%

Elio Gaspari
Jornalista, autor de cinco volumes sobre a história do regime militar, entre eles "A Ditadura Encurralada"

O Datafolha saiu no inicio da noite de quinta-feira (29) informando que o placar estava em 50% para Lula e 36% para Bolsonaro e 85% dos eleitores já haviam decidido seus votos. O debate da Globo terminou de madrugada e é razoável supor que não serviu para mexer os ponteiros. Vai daí, só no fim do dia de hoje ou na madrugada de amanhã vai-se saber o resultado do primeiro turno.

Desde que John F. Kennedy derrotou Richard Nixon no primeiro debate transmitido pela televisão, em 1960, muitos candidatos arrastaram as fichas nessas ocasiões. Na França, François Mitterrand moeu seu adversário. Nos Estados Unidos, Ronald Reagan se impôs. Todos os grandes momentos desses debates tiveram como ingrediente a seriedade associada à presença de espírito.

Em 1981 o presidente francês Giscard d'Estaing achou que tinha uma pegadinha letal e perguntou a Mitterrand o preço do pãozinho.

O senhor não é meu professor e eu não sou seu aluno, respondeu o candidato socialista. Arrastou as fichas.

Lula e Bolsonaro foram para o debate com tamanha agressividade que perderam a calma.

Ganha uma coleção de sermões do Padre Kelmon quem for capaz de repetir uma ideia nova e boa de Bolsonaro ou de Lula apresentada durante o debate. O capitão continua repetindo paranhas de 2018, mesmo sabendo que os ventos favoráveis que o elegeram viraram poeira na eleição municipal de 2020.

Os 15% que poderiam mudar de voto na pesquisa do Datafolha decidirão se a fatura será liquidada neste primeiro turno.

Miro no tempo da civilidade
Hoje os eleitores poderão restabelecer o primado da civilidade nas relações políticas nacionais. Os bons modos evitam brigas de conveniência e quando as crises entram no palácio, saem menores. Quando há elegância no convívio, o impossível acontece.

Aqui vão duas histórias, ambas envolvendo o deputado Miro Teixeira.

Em 1980, Lula estava preso. Era um líder sindical de barba negra e discurso a um só tempo novo e amedrontador. A ditadura agonizava com o último general no Planalto. Thales Ramalho era um deputado do MDB conhecido pela sua intransigente moderação. Conversava com generais (poucos, porém relevantes) e a ala mais radical da oposição detestava-o. Uma jovem e ilustre figura chegou a negar-lhe o cumprimento. Thales nada tinha a ver com Lula mas, de Brasília, telefonou a Miro, que estava no Rio, pedindo-lhe que fosse a São Paulo, como deputado e advogado, para cuidar das condições carcerárias do preso.

Miro desceu em São Paulo e, numa pequena delegação, foi ao carcereiro de Lula. Era o delegado Romeu Tuma, outra figura do mundo de bons modos. O policial disse-lhes que não poderiam visitar o preso, mas se a sua mulher, Marisa Letícia, quisesse trazer algumas roupas, talvez o delegado do próximo plantão não saiba as normas da incomunicabilidade desse preso. Dito e feito, Marisa visitou Lula. Thales agiu sem deixar suas impressões digitais no lance.

Um ano depois, o caso de Lula seria julgado no Superior Tribunal Militar. Dessa vez, a operação foi conduzida por Tancredo Neves, que nada tinha a ver com Lula. Ele chamou Miro, pedindo-lhe que o acompanhasse ao STM, para mostrar a importância do julgamento. Dito e feito. O tribunal decidiu que o caso não era da alçada da Justiça Militar e a ação prescreveu.

Era o exercício da política com gestos, poucas palavras e muita civilidade.

Lula devia aprender com Lula
Durante o debate da TV Globo Lula perdeu a calma com o Padre Kelmon, da Igreja Ortodoxa do Peru, ex-petista, hoje no PTB do deputado Roberto Jefferson. Onze entre dez cidadãos também perderiam, mas Lula estava lá como candidato à Presidência da República.

Faz tempo, Lula estava preso no Dops de São Paulo e foi tirado da cela no meio da noite. No caminho, achou que ia apanhar.

O então dirigente sindical foi levado para uma sala, onde o apresentaram a um assessor da Secretaria de Segurança, que desejava conversar com ele. Era mentira, o assessor era um oficial do Serviço Nacional de Informações e havia um grampo na sala.

A conversa durou cerca de uma hora e a transcrição circulou em Brasília.

Lula deu um baile no inquisidor. Ele queria saber se Lula tinha um canal secreto de comunicação dentro do governo e ouviu o seguinte:

— Durante esse processo ninguém falou mais com autoridade do que eu. Reclamamos pela situação do trabalhador, como era que ele se encontrava (...) a gente sentia a coisa... ninguém estendia a mão para o trabalhador, quer dizer, vamos fazer um negócio e colocar na mão do trabalhador.

Muralha no TSE
Há uma muralha no Tribunal Superior Eleitoral, formada pelos ministros Alexandre de Moraes, Ricardo Lewandowski, Cármen Lúcia e Benedito Gonçalves.

Têm votado juntos, sempre contra as maracutaias.

Observadores da eleição
Estão no Brasil cerca de 30 observadores internacionais.

Depois de acompanhar a votação e a totalização do resultado, alguns deles estão prontos para anunciar ao mundo suas conclusões.

Lula mudou a escrita
Lula alterou a escrita dos candidatos a formar frentes de apoio às suas campanhas. Pelo protocolo, o apoio de notáveis era buscado a partir do inicio da campanha oficial. Por tática ou pelo simples movimento da roda, Lula recebeu-os no finalzinho do segundo tempo.

Foi o caso das manifestações de Joaquim Barbosa e do economista André Lara Resende. Barbosa significou uma poderosa vacina contra o reaparecimento das denúncias de corrupção ocorridas nos governos petistas.

Só o tempo dirá se apoio de Lara Resende significará algo mais de uma simples declaração de voto.

Vigarista
Chegará às livrarias americanas na terça-feira (4) "Confidence Man" ("Vigarista", em inglês), da repórter Maggie Haberman.

É uma biografia de Donald Trump, cuja Presidência ela cobriu para o New York Times e cuja vida ela escarafunchou.

Quem já o leu informa que para a repórter a chave que explica sua Presidência está na sua origem na cultura da malandragem da periferia de Nova York (cidade em que ela foi criada e vive).

Conta outra, doutor
Surfando a onda de promessas da campanha eleitoral, o ministro Paulo Guedes disse o seguinte:

"Tem um grupo de fora que quer comprar uma praia numa região importante do Brasil, quer pagar US$ 1 bilhão. Aí você chega lá, pergunta: vem cá, vamos fazer o leilão dessa praia? Não, não pode. Por quê? Isso é da Marinha."

Em 2018, durante a campanha eleitoral, Guedes já propunha esse feirão de imóveis da Viúva. Dizia que esses imóveis valeriam R$ 1 trilhão. Admitindo-se que essa carteira existisse, à época ele foi advertido por um economista de respeito que a promessa não ficava em pé.

Admitindo-se que, mesmo assim, ele estivesse certo, fica uma pergunta: Passados quatro anos, tendo incorporado vários ministérios, ele continua prometendo o mesmo feirão.

Bolsonaristas se apoiam em pesquisas contestadas para construir narrativas

Levantamentos autocontratados e alvo de críticas de especialistas colocam Bolsonaro à frente de Lula

Paula Soprana, Patrícia Campos Mello e Fernando Canzian

SÃO PAULO Com ampla divergência dos resultados de institutos como o Datafolha e o Ipec, pesquisas de intenção de voto contestadas por especialistas são abraçadas por bolsonaristas na reta final da campanha e ajudam a construir diferentes narrativas.

Ao lado do "Datapovo", os levantamentos que dão vantagem para Jair Bolsonaro (PL) frente ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) alimentam a ideia de vitória no primeiro turno, refutam pesquisas tradicionais e, em última instância, podem servir de argumento para o discurso golpista que deslegitima o processo eleitoral, caso o atual presidente seja derrotado.

Levantamento da Brasmarket Análise e Investigação de Mercado divulgado na sexta (30), por exemplo, mostra o presidente liderando com folga, com 45,4% das intenções de voto no cenário estimulado. Lula aparece com 30,9%.

Pelo último Datafolha, divulgado neste sábado (1º), é Lula quem lidera, com 48% dos votos totais —14 pontos à frente dos 34% de Bolsonaro na pesquisa estimulada. O Datafolha pertence à Empresa Folha da Manhã, que edita a **Folha**.

Desde agosto a Brasmarket mostra Bolsonaro à frente do petista, numa série de pesquisas registradas no TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

O sócio da Brasmarket José Carlos Nogueira Cadermartori afirmou que o instituto usa "a mesma metodologia do Datafolha, do Ipec, da FSB". Questionado sobre como os resultados podem ser tão discrepantes, afirmou: "Tem de perguntar a eles [outros institutos], que erraram a vida inteira".

Cademartori desviou quando a reportagem perguntou quem encomendou a pesquisa. Pediu que enviasse a solicitação por email e desligou o telefone. A **Folha** mandou uma série de perguntas ao instituto, mas não obteve resposta.

Segundo o site do TSE, o levantamento foi feito de 26 a 28 de setembro, com 1.600 entrevistas telefônicas em 529 cidades das cinco regiões, tem margem de erro de 2,45 pontos percentuais e custou R$ 30 mil.

Na quinta (29), influenciadores da ala bolsonarista passaram a divulgar o que chamam de "maior pesquisa já feita", referindo-se à amostra do desconhecido Instituto Equilíbrio Brasil. Também registrada no TSE, ela ouviu 11.500 pessoas em 1.286 cidades.

O Equilíbrio fez os questionários por telefone e de forma automatizada, o que, em tese, pode reduzir o custo da pesquisa, declarada em R$ 28 mil. Por esse valor, cada questionário custou, no máximo, R$ 2,40. Outra empresa que faz questionários robotizados é a Poder Data, ligada ao Poder360, e cujo custo por questionário varia de R$ 23 a R$ 29 segundo a declaração ao TSE —ou seja, dez vezes mais caros que os do Equilíbrio.

O Equilíbrio declara ao TSE que foi o próprio contratante dos levantamentos e que gastou R$ 220 mil em seis pesquisas. Se seguisse o custo médio de mercado, só a última teria saído por R$ 260 mil.

O resultado de votos válidos do Equilíbrio mostra Bolsonaro com 46%, contra 41% de Lula. No segundo turno, ele tem 47% da preferência, contra 43% de Lula. Antes de junho de 2022, o Equilíbrio nunca havia registrado uma pesquisa no TSE.

Além de aparecer em grupos de conversa, a pesquisa foi divulgada por Leandro Ruschel, Ricca Perrone, Gustavo Gayer e Flávio Bolsonaro.

Ela está registrada no CNPJ da Multi Mercado LTDA, empresa criada em 1978, em Belo Horizonte, com outras atuações, como comércio de automóveis. O site foi lançado em 20 de maio deste ano.

O questionário do último levantamento começa com "Você foi sorteado para uma pesquisa eleitoral, é rapidinho!". São nove questões, incluindo gênero, nível de escolaridade, faixa de renda, idade, se a pessoa é beneficiária do Auxílio Brasil, se tem carro e em quem pretende votar no primeiro e no segundo turno.

"É muito amador. Do ponto de vista técnico, quando se conduz uma pesquisa por telefone ou internet, todas as instruções têm de estar muito claras e elaboradas", diz Pedro Mundim, professor de ciência política na Universidade Federal de Goiás.

> É muito amador. Do ponto de vista técnico, quando se conduz uma pesquisa por telefone ou internet, todas as instruções têm de estar muito claras e elaboradas
>
> **Pedro Mundim**
> professor de ciência política na Universidade Federal de Goiás

Ele se refere a pontos básicos como apresentação do instituto ao eleitor e o tempo que vai durar a ligação. "Também é preciso incluir todos os presidenciáveis como opção de resposta, como Vera Lúcia (PSTU) ou Padre Kelmon (PTB)", diz. O questionário cita só os mais conhecidos.

A reportagem ouviu mais cinco especialistas, que indicaram outros problemas. O principal é a falta de perguntas para controlar a amostra, como religião, voto declarado em 2018, voto espontâneo e rejeição.

O coordenador-geral do Equilíbrio, Henrique Parizzi, respondeu por email que a empresa utilizou o método de atendimento URA (Unidade de Resposta Audível), capaz de reduzir custos, e que ponderou a amostra dentro dos padrões registrados no TSE.

Para Antonio Lavareda, cientista político e presidente de honra da Abrapel (Associação Brasileira dos Pesquisadores Eleitorais), é importante que perguntas sobre o voto da eleição passada, o recall, apareçam nos questionários. "É uma variável de controle elementar para saber se a pesquisa está enviesada do ponto de vista político-ideológico."

Ele recomenda atenção com pesquisas autocontratadas, com resultados discrepantes da maioria, sem histórico e que não incluem a variável de controle de recall do voto.

Militares, usados por Bolsonaro em teses golpistas, fiscalizarão urnas

Forças Armadas preparam checagem de boletins, além de teste de integridade e da zerésima

Cézar Feitoza

BRASÍLIA A atuação inédita das Forças Armadas na fiscalização das eleições que ocorrem neste domingo (2) foi utilizada pelo presidente Jair Bolsonaro (PL) para desacreditar o sistema eletrônico de votação e motivo para acirrar a crise entre o governo e o TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Mesmo com toda a turbulência, generais ouvidos pela **Folha** afirmam que a atuação não busca promover uma ruptura institucional, por mais que Bolsonaro use os militares para fazer insinuações golpistas. Para eles, a tentativa é de auxiliar no aprimoramento do processo eleitoral, mesmo sem experiência no assunto.

No dia da votação, as Forças Armadas trabalharão em duas frentes. Como de costume, vão atuar em operações de Garantia de Votação e Apuração, cujo objetivo é auxiliar em questões logísticas e de segurança. Ao todo, 34 mil militares vão a 585 municípios em 11 estados para transporte de urnas e segurança de eleitores. O trabalho envolve ainda proteção aeroespacial e cibernética.

Em outra frente, as Forças Armadas vão trabalhar em três etapas da fiscalização. Na manhã de domingo, os militares vão checar a emissão da zerésima, boletim cujo objetivo é confirmar que as urnas não possuem votos antes do início da votação. Durante o pleito, representantes das Forças também vão acompanhar o teste de integridade —auditoria que confirma se as urnas registram corretamente os votos.

Após a votação, militares espalhados pelo país vão tirar fotos de 385 boletins de urna e enviá-las a técnicos das Forças Armadas em Brasília. O objetivo é conferir se os votos não sofrem mudanças ao chegar ao TSE. Essa última etapa, revelada pela **Folha**, causou mal-estar entre Defesa e tribunal.

Estimulado por integrantes da corte eleitoral, o TCU (Tribunal de Contas da União) também decidiu realizar uma checagem semelhante à dos militares no dia da eleição, para servir como uma salvaguarda contra possíveis questionamentos dos militares. Auxiliares da Defesa e generais do Alto Comando do Exército ouvidos pela **Folha** afirmam que o objetivo da fiscalização não é contestar o resultado do pleito.

Dizem, porém, que se encontrarem falhas no processo eleitoral que possam influenciar no resultado das eleições há caminhos previstos em resoluções do TSE para pedir a verificação dos sistemas eleitorais.

Os militares foram incluídos na discussão do processo eleitoral em setembro de 2021. Numa tentativa de frear os ataques de Bolsonaro às urnas, o então presidente do TSE, Luís Roberto Barroso, criou a Comissão de Transparência Eleitoral e incluiu as Forças Armadas no colegiado. A ideia era trazer os militares para perto do processo e, assim, conseguir o respaldo deles na defesa do sistema de votação.

Em conversas reservadas, porém, magistrados avaliam que a tentativa de obter um antídoto teve o efeito contrário: em vez de aumentar a confiabilidade do pleito, forneceu uma ferramenta para as Forças Armadas inflarem ainda mais o discurso de Bolsonaro contra o sistema eleitoral brasileiro.

Defesa fará checagem de máquinas de voto em 153 municípios

BRASÍLIA O Ministério da Defesa afirmou ao TCU (Tribunal de Contas da União) na sexta-feira (30) que coletará boletins de urna em 153 municípios para fazer a checagem da totalização dos votos no primeiro turno das eleições.

Segundo relatos de quem teve acesso ao documento, os militares informaram que a amostra não será aleatória.

De acordo com os integrantes da Defesa, a definição foi feita seguindo princípios metodológicos de estatística.

Na resposta ao TCU, a Defesa ainda afirmou que não pretende usar os boletins de urna para fazer as contas e descobrir o resultado final da eleição. O objetivo é apenas conferir se os votos não sofrem alterações durante a transmissão dos dados para o TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

No ofício, os militares falam em conferência de dados e não em totalização.

A equipe da Defesa ainda diz que se forem encontradas divergências nos números, um relatório será encaminhado ao TSE para que o próprio tribunal adote as providências para análise do caso.

Na avaliação de integrantes do TCU, a amostra a ser coletada pela Defesa não é suficiente para contrapor o resultado da eleição a ser anunciado pelo TSE.

A resposta foi bem recebida entre auditores já que, como a própria Defesa confirmou que não vai extrapolar os dados e checar, pela amostra, o resultado das eleições, este é um indício de que não haverá questionamento do resultado das urnas. **Júlia Chaib e CF**

O ministro presidente do TSE, Alexandre de Moraes, leva o ministro da Defesa, Paulo Sérgio Nogueira, para conhecer a sala de totalização dos votos no tribunal Pedro Ladeira - 28.set.22/Folhapress

Moraes, do TSE, exalta sistema eleitoral e defende democracia sem violência na véspera da votação

Mateus Vargas, Ranier Bragon e Lucas Marchesini

BRASÍLIA O presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), Alexandre de Moraes, defendeu na noite deste sábado (1º) o sistema eleitoral e a democracia brasileira, afirmando que a Justiça está empenhada em assegurar o sigilo do voto e a normalidade das eleições, sem ocorrência de violência.

As declarações foram dadas em pronunciamento em cadeia de rádio e TV na véspera da eleição. É comum que presidentes do TSE promovam esse tipo de fala.

"Somos 1 das 4 maiores democracias do mundo, porém a única que apura e divulga os resultados eleitorais no mesmo dia, com agilidade, segurança, competência e transparência, graças a tecnologia avançada, confiável, segura e auditável das nossas urnas eletrônicas", afirmou o ministro.

Moraes apontou a democracia como uma construção coletiva "daqueles que acreditam na liberdade, na paz, no desenvolvimento, na dignidade da pessoa humana, no pleno emprego, no fim da fome, na redução das desigualdades, na prevalência da educação e garantia da saúde de todos os brasileiros".

De acordo com Moraes, o exercício seguro das escolhas democráticas é fundamental na "construção e fortalecimento de uma democracia estável, justa, igualitária e solidária".

O ministro destacou ainda medidas tomadas para tentar evitar episódios de violência em uma disputa marcada pelo acirramento dos ânimos, com várias ocorrências de discussões, brigas e até assassinatos. Ele citou a proibição do porte de armas por colecionadores e, sobre o sigilo da votação, a proibição de que os eleitores levem os telefones celulares para a cabine da urna.

"Para que haja verdadeira democracia, há necessidade de plena liberdade e segurança para exercício do direito de voto de cada eleitor e eleitora brasileira. Segurança e liberdade de voto serão efetivadas tanto com a observância do absoluto sigilo do voto, que é plenamente garantido pelas urnas eletrônicas, quanto pelo respeito a ampla e civilizada liberdade de discussão política, afastando qualquer possibilidade de violência ou coação e pressão por grupos políticos e econômicos."

Moraes assumiu o comando do TSE em agosto e tomou uma série de medidas para evitar tumultos no dia da eleição, como proibir a circulação de armas perto das seções eleitorais e reforçar o veto a celulares nas cabines de votação.

Em paralelo, o ministro reabriu o diálogo com as Forças Armadas e, em reuniões a portas fechadas, decidiu contrariar técnicos da corte e alterar parte do teste de integridade feito no dia das eleições para agradar os militares.

Moraes tem dito que o TSE fez todo o possível e que as eleições serão seguras.

O tribunal ainda ampliou o rol de entidades de fiscalização do pleito deste ano, inserindo as Forças Armadas, entre outras entidades, e chamou um número maior de observadores nacionais e internacionais. Além disso, o TSE tem feito esforço em divulgar todas as etapas de auditoria e fiscalização do pleito, como os testes públicos das urnas e a análise do código-fonte.

Cruzada por voto impresso reacendeu após revés de Trump

BRASÍLIA O caminho até as eleições de 2022 foi marcado pelo esforço do presidente Jair Bolsonaro (PL), 67, e de aliados em desacreditar as urnas eletrônicas e lançar desconfiança sobre o resultado eleitoral.

A ofensiva, no entanto, encontrou resistência de autoridades do Legislativo e do Judiciário, além da comunidade internacional e lideranças políticas.

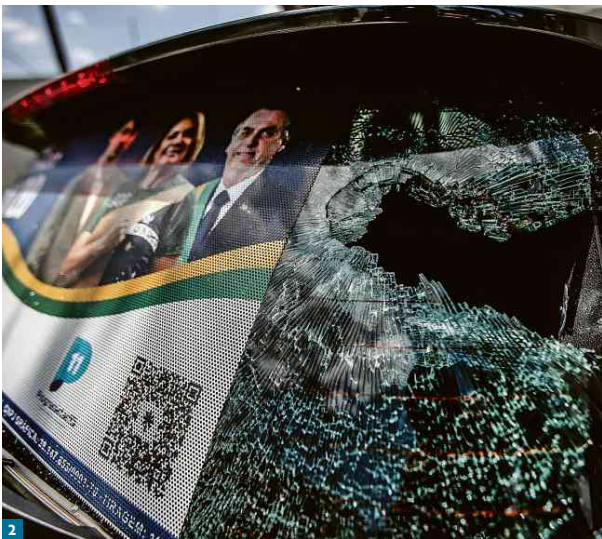
As primeiras investidas de Bolsonaro contra as urnas eletrônicas ocorreram antes de ele chegar à Presidência. Em 2015, por exemplo, então deputado federal, ele conseguiu aprovar no Congresso Nacional uma emenda sobre o tema na minirreforma política. Bolsonaro apresentou uma proposta que previa a emissão de recibos impressos dos votos nas urnas eletrônicas.

Em junho de 2018, o Supremo Tribunal Federal derrubou a emenda do voto impresso por oito votos a dois.

No governo, as ameaças golpistas de Bolsonaro contra as urnas oscilaram ao longo do tempo. O movimento ganhou impulso com o fim da eleição presidencial dos EUA, nas quais Joe Biden derrotou Donald Trump.

"Se nós não tivermos o voto impresso em 2022, uma maneira de auditar o voto, nós vamos ter problema pior que os Estados Unidos", disse, em 7 de janeiro de 2021, em referência à invasão do Capitólio, que havia ocorrido no dia anterior nos EUA.

Bolsonaro retomou a pauta do voto impresso por meio de uma PEC no Congresso. Em 10 de agosto daquele ano, o presidente promoveu um desfile de veículos militares na Esplanada. No mesmo dia, à noite, a Câmara rejeitou a PEC do voto impresso. **CF**

Paulo Lisboa - 11.jul.22/Folhapress

Gabriela Biló - 30.set.22/Folhapress

Brasil vive onda inédita de violência política

Escalada movida por intolerância resultou em mortes de militantes por oponentes em ao menos quatro estados

Thaísa Oliveira

BRASÍLIA Os brasileiros vão às urnas neste domingo (2) sob um clima inédito de medo e violência em eleições presidenciais. De assassinatos de eleitores a ameaças a candidatos, a disputa reproduziu um cenário que costumava ser visto em pleitos municipais e sinalizou que a polarização política atingiu novo patamar.

"Nunca chegamos a uma eleição desse jeito. Em geral se vê mais violência em eleições municipais, candidatos a vereador. Além de violência contra postulantes, a novidade é essa onda de violência gratuita e de intolerância à divergência", diz a diretora-executiva do Instituto Sou da Paz, Carolina Ricardo.

Antes mesmo do início oficial da campanha, casos de agressão já se acumulavam. Em julho, um bolsonarista invadiu uma festa de aniversário que tinha Lula como tema e matou a tiros um militante petista em Foz do Iguaçu (PR).

No mesmo mês, uma caminhada com Marcelo Freixo (PSB), candidato ao Governo do Rio de Janeiro, foi encerrada após apoiadores armados do deputado estadual bolsonarista Rodrigo Amorim (PTB) fazerem ameaças.

O receio de violência levou a Polícia Federal a montar o maior esquema de segurança da história para a proteção dos candidatos à Presidência. A campanha de Lula (PT) chegou a cancelar viagens, rever a estrutura de comícios e a traçar um plano para evitar que apoiadores deixem de votar por medo de agressão.

"Houve casos em Paraná, Mato Grosso, Ceará, Santa Catarina. São pessoas que não estavam no centro do debate político", afirma o sociólogo David Marques, coordenador de projetos do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

"As pessoas agora estão com medo de sair na rua com camiseta, de colar adesivo no carro, colocar broche na mochila. Elas temem sofrer ameaças ou se envolver em conflito."

No início de setembro, um apoiador do presidente Jair Bolsonaro (PL) confessou ter matado a facadas um colega de trabalho em Mato Grosso após uma discussão política em que a vítima defendeu Lula.

Em setembro, um simpatizante do PT matou em Santa Catarina, também a facadas, um homem que vestia uma camisa com menção a Bolsonaro. A polícia investiga se houve motivação política.

Na última quinta-feira (29), o carro e a casa da ex-mulher de Bolsonaro, a candidata a deputada distrital Ana Cristina Valle (PP-DF), foram alvos de vandalismo em Brasília. Ela e o filho, Jair Renan Bolsonaro, publicaram vídeos curtos nas redes sociais sobre o ocorrido e sugeriram motivos políticos pelo ataque.

Uma pesquisa do Fórum Brasileiro de Segurança Pública em parceria com a Rede de Ação Política pela Sustentabilidade, encomendada ao Instituto Datafolha, indicou que 67,5% dos entrevistados sentem medo de serem agredidos fisicamente em razão de suas escolhas políticas ou partidárias.

O medo dos eleitores é compartilhado por políticos. Segundo o PSOL —sigla da vereadora Marielle Franco, assassinada em 2018 em um crime ainda não solucionado—, cerca de 50 candidatos sofreram algum tipo de violência política recentemente e necessitaram de assistência ou de medidas de segurança especiais.

As organizações da sociedade civil Justiça Global e Terra de Direitos monitoram casos de violência política no Brasil desde 2016. A coordenadora-geral da Justiça Global, Sandra Carvalho, que diz temer que o medo de casos de violência intimide candidatos de grupos que já são minoria na política, como mulheres e negros, destaca que os números passaram a indicar tendência de alta em 2019.

"A violência política é recorrente na história do país, mas já verificávamos um incremento na campanha que elegeu o atual presidente. Desde então, há tendência de aumento", afirma ela.

"Vemos campanhas de determinados segmentos muito mais tímidas por receio de sofrerem algum tipo de ataque, um perigo ao processo democrático, porque pode implicar, cada vez mais, na subrepresentação de determinadas fatias."

> Nunca chegamos a uma eleição desse jeito. Além de violência contra postulantes, há essa onda de violência gratuita e de intolerância
>
> **Carolina Ricardo**
> diretora-executiva do Instituto Sou da Paz

9.set.22 - Gazeta Digital MT/Reprodução

15.jun.22 - O Tempo/Reprodução

Anna Virginia Balloussier - 9.set.22/Folhapress

1 Funeral de Marcelo Arruda, assassinado por bolsonarista em Foz do Iguaçu **2** Carro de Ana Cristina Siqueira Valle, ex-mulher de Bolsonaro, depredado em Brasília **3** Bolsonarista preso em Cuiabá (MT) após matar colega petista **4** Evento do PT em Belo Horizonte atacado com fezes **5** Apoiador de Bolsonaro deixa evento do PT em São Gonçalo (RJ) sangrando após agressão

Na quinta (29), em reunião com observadores internacionais, o presidente do TSE (Tribunal Superior Eleitoral), Alexandre de Moraes, disse que a Justiça vai garantir liberdade e segurança nas eleições.

Para diminuir os riscos de violência, o tribunal proibiu CACs (caçadores, atiradores e colecionadores) de transportarem armas e munição no sábado (1º), no domingo (2) e na segunda-feira (3) e elaborou um novo texto sobre a proibição da entrada com celular nas cabines de votação.

"Não à toa chegamos aqui desse jeito. Além da facilidade completa de se comprar armas, porque mais de 40 normas facilitaram esse acesso, o discurso de acesso a armas, sobretudo presidencial, foi alimentado nos últimos anos", diz Carolina Ricardo.

A onda de violência também levou o TSE a fazer um acordo com a CBF (Confederação Brasileira de Futebol). Uma urna eletrônica inflável gigante foi colocada em campo durante sete jogos com a mensagem "paz nas eleições". O lema foi compartilhado pelos principais times do país.

David Marques, do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, afirma que é difícil avaliar as sequelas deixadas pela campanha de 2022 nos próximos pleitos. Para ele, a resposta pode estar no resultado das urnas.

"Em 2018, em São Paulo, você tinha [o ex-governador] João Doria dizendo que a polícia precisava atirar para matar. No Rio de Janeiro, [o ex-governador] Wilson Witzel dizia que a polícia tinha que atirar na cabecinha. A pauta da segurança pública também foi muito importante para Bolsonaro. Ele falava do excludente de ilicitude para policiais e do armamento da sociedade", afirma o sociólogo.

"Em todos esses casos, o que está sendo dito é: a gente precisa utilizar violência para fazer política pública, controlar o crime. E isso, em alguns aspectos, vai passando também para as relações políticas, para o debate político como um todo. O que a gente vai ter que ver neste domingo é se essa onda de agressividade vai ser novamente empoderada ou se ela vai ser freada, justamente pelo voto popular."

Para Carolina Ricardo, do Instituto Sou da Paz, a solução depende da própria democracia. "As instituições estão respondendo. E o jeito é todo mundo comparecer, votar, eleger quem achar que tem que ser eleito para mostrar que a democracia prevalece e é mais forte do que casos pontuais de violência política."

Big techs têm plantão, reforço e treino para atuar em cenário de crise eleitoral

Empresas de redes sociais analisam diferentes possíveis cenários desencadeados por desinformação

Paula Soprana, Patrícia Campos Mello e Renata Galf

SÃO PAULO Às portas do primeiro turno, as big techs realizaram treinamentos para diferentes cenários de crises eleitorais desencadeadas por desinformação. As empresas não divulgam o tamanho das equipes mobilizadas para os dias próximos à eleição, mas afirmam que há reforço internacional, com especialistas deslocados dos Estados Unidos para o Brasil, plantão 24 horas e um "war room", a sala de guerra de operações.

Embora não exista cooperação oficial entre as redes para combater fake news —e as mentiras pipoquem de uma plataforma para outra—, as companhias dizem que o meio de campo será feito pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Nenhuma delas vai publicar um relatório de transparência específico sobre a eleição.

Na sexta-feira (30), o TSE chamou as empresas para apresentar um mapeamento de eventuais cenários de violência e contestação de votos, numa espécie de último chamado para que as redes atuem com celeridade no veto de conteúdos extremos no domingo (2), dia da votação.

O tribunal pediu atenção com publicações citando ataques infundados contra o sistema eleitoral, possíveis incitações à violência, deep fakes e contestações de votos.

A discussão sobre o bloqueio de figuras públicas, a exemplo do que ocorreu com o ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump após a invasão do Capitólio, costuma chegar até as cúpulas dos gigantes de tecnologia.

No Brasil, redes chinesas como TikTok e Kwai, amplamente usadas pelos presidenciáveis, participam pela primeira vez de uma disputa presidencial. O Kwai afirma que terá reforço no time de segurança na eleição. O TikTok, por sua vez, atualizou em 22 de setembro a política de integridade eleitoral e passou a incluir em lives sobre o pleito botões que direcionam os usuários a uma página com informações oficiais do TSE.

A plataforma também afirma que redirecionará alguns resultados de pesquisas para restringir o acesso a conteúdos que violem suas diretrizes. Isso vale para termos associados a discurso de ódio, violência e desinformação sobre fraude —a empresa não detalha quais palavras entrarão nesse filtro.

No caso de alegações não verificadas, como declaração de vitória antes da confirmação, a empresa pretende reduzir a capacidade de disseminação desses conteúdos.

No prédio do Google, do no do YouTube, na Faria Lima, em São Paulo, uma sala de operação está em funcionamento há semanas, com o reforço de profissionais da matriz dos Estados Unidos.

Neste ano, a plataforma de vídeos incluiu o Brasil na política que proíbe conteúdos com alegação de fraude. A medida, retroativa, foi aplicada a publicações sobre os pleitos de 2014 e 2018 e levou a empresa a excluir lives do presidente Jair Bolsonaro (PL), como a que registrou a reunião com embaixadores para atacar o processo eleitoral.

Questionada se pretende incluir a disputa de 2022 na regra assim que o TSE certificar o resultado da eleição, a empresa disse contar com fontes de informações confiáveis, como o tribunal, e que mantém contato próximo com a corte "para estar atualizada sobre informações corretas relacionadas ao pleito".

Nos Estados Unidos, o YouTube foi alvo de críticas porque só passou a remover vídeos com alegações falsas de fraude eleitoral em dezembro de 2020, mais de um mês após o dia final da votação.

A plataforma também não revelou se aumentará a fiscalização sobre anúncios políticos. Estudo do NetLab, da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), mostra que cerca de 7 em cada 10 anúncios eleitorais exibidos no Google estão irregulares, com CNPJ do responsável pela peça ausente ou ilegível e financiamento empresarial, o que não é permitido.

"Qualquer anúncio feito por meio das plataformas do Google precisam respeitar políticas rígidas que proíbem, por exemplo, anúncios que exibem conteúdo chocante ou promovem ódio, intolerância, discriminação ou violência", afirmou a companhia em nota.

No Twitter, haverá "dedicação extra" da equipe que analisa potenciais violações às regras e toma as medidas cabíveis. O período em que a rede social funcionará em esquema de emergência será definido de acordo com o que o contexto demandar.

As decisões sobre remoção ou etiquetagem de postagens devem ser tomadas mais rapidamente, a depender do potencial de dano do conteúdo. "De acordo com a violação cometida e o potencial de dano do conteúdo no mundo offline, a análise do conteúdo e posterior tomada de medida são priorizadas."

O Twitter considera estar mais preparado para esta eleição. Em 2018, por exemplo, não contava com políticas específicas para lidar com desinformação —hoje possui quatro.

Já a Meta, dona do Facebook e do Instagram, afirma que seu centro de operações reúne de forma presencial e remota especialistas de diferentes equipes no Brasil e no exterior. A empresa destaca ter removido mais de 140 mil conteúdos que violavam as políticas contra interferência eleitoral no primeiro turno da eleição de 2020.

Assim como outras big techs, a empresa de Mark Zuckerberg realiza análises de risco online e offline e, baseada nos resultados, prevê diferentes cenários e medidas a serem tomadas. Algumas investigações internas geradas por denúncias já estão sendo realizadas, segundo a empresa, que anunciou em junho um acordo com mais duas agências de checagem, ampliando para seis o número de parceiros.

Após ter bloqueado o perfil de Trump em 2021, por incitação à violência no caso da invasão do Capitólio, o Facebook criou uma regra que dá base para a restrição de figuras públicas durante agitações civis, política que poderá ser adotada se houver algum tipo de insurgência no Brasil.

Nos EUA, a Meta anunciou que proibirá anúncios políticos na semana que antecede a eleição de meio de mandato, em novembro, algo que fez na semana anterior ao pleito presidencial americano de 2020.

No Brasil, porém, essa medida não será adotada. Procurada, a Meta afirmou que os EUA não possuem uma legislação federal que determina prazos para a campanha, diferentemente do Brasil. Assim, restringir publicidade online uma semana antes da votação colocaria a empresa em desacordo com a lei local.

+ Principais medidas tomadas pelas redes sociais na eleição

Google e YouTube
- Terão funcionamento de uma sala de operação na sede brasileira com reforço de profissionais dos EUA

Meta (Facebook, Instagram e WhatsApp)
- Terá um centro de operações de forma presencial e remota, com especialistas de diferentes equipes no Brasil e no exterior

Twitter
- Equipe que analisa potenciais violações às regras da plataforma estará em regime de "dedicação extra"

TikTok
- Redirecionará pesquisas com termos associados a discurso de ódio, violência e desinformação sobre fraudes
- Pretende reduzir capacidade de disseminação de alegações não verificadas, como declaração de vitória antes da confirmação

Kwai
- Reforçará seu time de segurança na eleição

Denis Charlet - 16.mar.20/AFP

Grupos bolsonaristas têm dia agitado com pesquisas e motociatas

OBSERVADOR FOLHA/QUAEST

Paula Soprana

SÃO PAULO No dia que antecede o primeiro turno, grupos bolsonaristas difundiram mensagens de convocação para motociatas e de uso de roupas com as cores verde e amarela no dia da votação.

Também celebraram o apoio de artistas a Jair Bolsonaro (PL) e engrossaram o coro de vitória no primeiro turno, cenário improvável segundo as principais pesquisas. As críticas ao PT e às urnas apareceram com conteúdos requentados, com a exceção de novas tentativas de contagem paralela de votos.

As mensagens sobre o endosso público do cantor Gusttavo Lima e da dupla sertaneja Bruno e Marrone ao atual presidente e candidato à reeleição estiveram entre as mais virais durante o dia, com mais de 200 encaminhamentos em grupos no Telegram. O pedido para que os eleitores usem peças em verde e amarelo no domingo (2) dominou os grupos de WhatsApp, com centenas de compartilhamentos.

O cenário foi detectado pelo Observador **Folha**/Quaest, que monitora 465 grupos de conversa no Telegram e 1.346 grupos públicos no WhatsApp, de 0h até as 16h deste sábado (1º). Da amostra, 176 são grupos bolsonaristas de Telegram, e 511, de WhatsApp. Os outros são lulistas ou não determinados.

O vídeo "Marrone e Gusttavo Lima declaram apoio a Bolsonaro –para desespero da esquerda", de Gustavo Gayer (PL-GO), candidato a deputado federal, foi um dos mais publicados sobre o assunto.

As transmissões ao vivo da motociata de Bolsonaro em São Paulo também estiveram entre os links mais compartilhados. As duas lives mais populares, do canal Francisco Mello, e do Foco do Brasil, geraram, juntas, mais de meio milhão de visualizações.

A reta final da campanha imprimiu tom otimista nos grupos, muitas vezes ocupados em atacar o TSE (Tribunal Superior Eleitoral) e adversários. As pesquisas que colocam Bolsonaro à frente de Lula ajudaram a impulsionar mensagens de vitória, o que o próprio presidente tem repetido em comícios.

O resultado é divergente dos de institutos como o Datafolha e o Ipec, que divulgaram levantamentos na véspera do dia da votação. Segundo o Datafolha, Lula tem 50% dos votos válidos, ante 36% de Bolsonaro. Já a do Ipec mostra o petista com 51% dos votos válidos, e Bolsonaro, com 37%.

Neste sábado, a desconfiança sobre o sistema eleitoral não apareceu em forma de ataques diretos, mas concentrada na disseminação de um vídeo de 2014 do Projeto Você Fiscal, apresentado pelo pesquisador Diego Aranha, então professor do Instituto de Computação da Unicamp.

O material estimula os eleitores a fotografar boletins de urna das portas das seções após as 17h e a enviar as imagens a um aplicativo para fiscalização. O projeto não está válido nesta eleição, então a viralização não terá efeito prático para os eleitores.

O vídeo começou a viralizar na sexta-feira e foi encaminhado centenas de vezes, chegando a mais de 200 grupos de conversa. "Agora sim! Com esse vídeo viralizando até as 0h de sábado, duvido o TSE fraudar as urnas. Mas o vídeo tem que viralizar. Senta o dedo, rapaziada!", diz uma mensagem que o acompanha.

Além do vídeo antigo de Aranha, outra tentativa de contagem paralela de votos começou a ganhar tração. Cerca de 94 mil pessoas se inscreveram em um grupo de Telegram para tentar fiscalizar os votos.

"Voto secreto é coisa de petista que quer fraudar as eleições, como já vem fraudando há 16 anos", afirma a mensagem. O texto pede que os eleitores tirem foto do comprovante do voto, escrevam que votaram em Bolsonaro e compartilhem as imagens em grupos estaduais. "Tire uma foto do comprovante e envie no grupo do seu estado, que será liberado para postagem no dia 02/10/2022."

Áudios de caminhoneiros convocando para uma paralisação caso Bolsonaro seja derrotado começaram a ser espalhados em diversos grupos de conversa, embora não haja nenhum tipo de coordenação nacional.

Servidores da Justiça Eleitoral, acompanhados por integrantes do Exército, levam urnas eletrônicas para a aldeia indígena Rio Vermelho, da etnia krahô, em Tocantins Pedro Ladeira/Folhapress

Análise forense sugere ausência de fraudes nas eleições de 2018

Testes matemáticos atestam padrões normais no pleito; adulteração exigiria envolver muitas pessoas e habilidades

Uirá Machado

SÃO PAULO Pesquisadores brasileiros submeteram as eleições de 2018 a cinco diferentes testes matemáticos para tentar identificar indícios de fraude. Conclusão: não encontraram nenhuma evidência de irregularidade.

O trabalho é mais um a contrariar afirmações do presidente Jair Bolsonaro (PL) a respeito das urnas eletrônicas. Sem apresentar provas, ele questiona o sistema e diz que deveria ter vencido em primeiro turno no pleito realizado há quatro anos, hipótese rechaçada pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral).

Os testes aplicados nessa nova pesquisa não miraram a integridade das urnas eletrônicas nem a transmissão das informações. Em vez disso, verificaram se o total de votos atribuídos a cada candidato seguia padrões normais ou se havia alguma coisa estranha nesses números.

Ou seja, não analisaram o processo, mas o próprio resultado da votação em cada uma das seções eleitorais. Esse procedimento pode parecer confuso à primeira vista, mas faz bastante sentido.

Imagine que uma pessoa acerte a Mega-Sena dez vezes seguidas. Mesmo sem analisar as casas lotéricas ou os bilhetes, é razoável desconfiar que houve fraude apenas pela maré de sorte bastante incomum.

Nesse exemplo, o resultado (ganhar dez vezes seguidas na Mega-Sena) é visto como indício de algo errado no processo (casas lotéricas ou bilhetes).

Órgãos de controle como o TCU (Tribunal de Contas da União) utilizam esse tipo de procedimento para supervisionar planilhas de execução orçamentária, por exemplo.

Se a matemática aponta a existência de algo fora da curva nas planilhas, o passo seguinte é investigar a fundo o que aconteceu, para comprovar ou descartar a fraude.

Foi o que fizeram os pesquisadores em relação à eleição de 2018. Eles aplicaram em conjunto de cinco testes diferentes e não encontraram nenhuma anomalia nos resultados das votações.

"É como ir a cinco médicos e sair de todos eles com o mesmo diagnóstico", afirma Dalson Figueiredo Filho, um dos autores do estudo. "Aumenta muito a chance de estar diante de um diagnóstico correto."

Professor de ciência política da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), ele conduziu a pesquisa com seu colega Ernani Carvalho e com Lucas Silva, do Departamento de Medicina da Universidade Estadual de Ciências da Saúde de Alagoas (Uncisal).

O trabalho, "The forensics of fraud: Evidence from the 2018 Brazilian presidential election" (Análise forense de fraude: evidências da eleição presidencial de 2018 no Brasil) passou por revisão dos pares e foi publicado em setembro na revista Forensic Science International: Synergy. Além disso, para aumentar a transparência, os autores publicaram todos os dados utilizados para quem quiser conferir os achados.

Pela conclusão deles, a única maneira de ter havido fraude em 2018 seria por meio de uma conspiração muito ampla, que tivesse o envolvimento de muitas pessoas em diferentes etapas do processo.

"Teria que ter um conhecimento absurdo tanto de matemática como computacional", diz Carvalho. "E teria que ter a conivência de um número elevado de pessoas, para que isso ocorresse num espaço de tempo tão pequeno, porque a nossa apuração é muito rápida."

O problema, diz ele, é que uma conspiração tão ampla dificilmente teria permanecido em segredo. "Somos seres humanos, né? Com uma organização dessa, haveria possibilidade de vazamento. E, obviamente, com toda essa pressão, isso já teria ocorrido."

Driblar os testes que eles aplicaram exigiria muito esforço porque cada um deles examina um aspecto diferente do resultado. Um deles avalia quantas vezes o último dígito do número de votos destinados a cada candidato em cada uma das seções eleitorais é 0 e 5. Por exemplo, se Bolsonaro recebeu 123 votos em uma seção e 55 em outra, o algarismo 5 apareceu uma vez como último dígito.

Considerando todas as seções, e sabendo que existem dez algarismos, é esperado que a frequência dos dígitos 0 e 5 some 20%. Se fugir desse padrão, o indício de fraude é grande. Em 2018, no primeiro turno, a frequência para Bolsonaro foi de 20,2%; para Fernando Haddad (PT), 20%; para Ciro Gomes (PDT), 19,8%. No segundo turno, a frequência para Bolsonaro foi de 19,9%, e para Haddad, 20%.

Num segundo teste dos dígitos, foi examinada a média do último algarismo. Se os números não tiverem sido manipulados, a média esperada é 4,5 (grosso modo, porque 0+1+2+3+4+5+6+7+8+9=45; 45 dividido por 10=4,5). Na eleição realizada há quatro anos, a média do último dígito para Bolsonaro foi de 4,52 no primeiro turno e 4,43 no segundo. Para Haddad, 4,49 e 4,48. Ciro teve 4,49.

Um terceiro teste, menos intuitivo, utilizou a Lei de Benford para analisar o padrão do segundo dígito dos votos destinados a cada candidato em cada uma das seções eleitorais. Por exemplo, se Bolsonaro recebeu 123 votos em uma seção, o segundo dígito, nesse caso, é 2.

A Lei de Benford estabelece uma frequência padrão para o primeiro dígito de um número, para o segundo, para o terceiro e assim por diante.

Nem os matemáticos compreendem muito bem por que, mas o fato é que a lei se aplica a conjuntos de dados como tamanho de populações, área de rios e distância entre cidades, para ficar em alguns casos.

Em todos eles, há uma frequência padrão esperada. Algarismos menores, como 1, 2 e 3, são mais frequentes do que algarismos maiores, como 7, 8 e 9. E o que aconteceu em 2018? Os resultados estiveram em conformidade com a Lei de Benford.

Os outros dois testes analisaram aspectos um pouco diferentes. Um deles investigou se havia alguma correlação entre taxa de participação e percentual de votos obtido pelo candidato vencedor.

Na Rússia e em Uganda, por exemplo, havia uma correlação clara entre seções eleitorais com alta taxa de participação e alto percentual de votos para o vencedor, um indício forte de que votos dos perdedores e abstenções foram convertidos artificialmente em votos para um determinado candidato.

No Brasil de 2018, não há nenhuma correlação que sugira esse tipo de manobra.

O último teste examinou com que frequência apareceram percentuais arredondados entre os votos válidos das seções eleitorais. Por exemplo, 65% é arredondado, ao passo que 65,22% não é. O resultado é que, na disputa de 2018, essa frequência ficou dentro dos padrões esperados, sem sinal de anomalia.

Daí por que os pesquisadores concluem: "Não encontramos evidência de irregularidades na eleição presidencial de 2018 no Brasil. Todos os parâmetros observados estão de acordo com a expectativa teórica de uma contagem justa de votos".

Manipular os números a ponto de passar incólume nesses cinco testes é mais ou menos como ganhar dez vezes seguidas na Mega-Sena: não é impossível, mas quem acredita que pode acontecer?

Urnas eletrônicas são carregadas para local de votação em escola de Brasília Gabriela Biló/Folhapress

> "Não encontramos evidência de irregularidades na eleição presidencial de 2018 no Brasil
>
> **Dalson Figueiredo Filho, Ernani Carvalho e Lucas Silva**
> em estudo publicado na 'Forensic Science International: Synergy'

> É como ir a cinco médicos e sair de todos eles com o mesmo diagnóstico
>
> **Dalson Figueiredo Filho**
> professor de ciência política da UFPE e coautor do estudo

Dia de começo e fim

Não há vergonha em defender a democracia. Esse é ato de grandeza, sempre

Janio de Freitas
Jornalista

Há exatos quatro anos, o que se instalou no Brasil, a pretexto de sucessão presidencial, não era um novo governo. Foi o estado de terrorismo político. Veio a ser a continuidade lógica da fraude aplicada ao processo eleitoral a propósito de corrupção denunciada na Petrobras.

Hoje, a ameaça terrorista de impedir os brasileiros da única atribuição institucional que lhes deixaram, generosos, consagra um fato extraordinário: a numerosa união pela democracia, entre divergentes às vezes extremados, como mais um dos tão raros momentos de beleza na política.

Não há vergonha em defender a democracia. Esse é ato de grandeza, sempre. Vai além do significado eleitoral: atitude talvez insuspeitada, faz conhecer com mais justiça quem a pratica — e, em contrapartida, quem a recusa.

São gestos de independência e altivez. E é emocionante saber que pessoas centenárias vão às urnas com sua contribuição à democracia, porque "é preciso pacificar o país".

Ser bolsonarista é, também, a incapacidade de ver o que constrói o momento particular que os brasileiros vivem, de um lado como de outro. Os anos recentes trouxeram indicações de que essa restrição perceptiva persiste em grande parte dos militares.

Por identificação com a direita extremada ou por outras causas, sua instabilidade entre bolsonarismo e legalismo foi o amparo para os feitos de Bolsonaro: aprofundar as históricas fendas econômicas e sociais, devastar a aparelhagem de condução do país e pôr em suspenso o valor da vida.

Com o ataque ao Estado de Direito, o próprio estado de terrorismo a ser perenizado pelo golpe.

É muito importante, pode mesmo ser decisivo, que a etapa eleitoral se encerre hoje. O intervalo até o segundo turno seria ainda mais perigoso, em violência até letal, do que o temido entre a eleição e a posse do eleito. Mesmo que a de Bolsonaro.

É isso, sim: o bolsonarismo tem um só plano para vindita de derrotado e para o pretendido poder sem opositores. Bolsonaro o disse: "É preciso matar uns 30 mil".

Nenhuma previsão da conduta de militares em derrota de Bolsonaro merece maior credibilidade. É imprevisível a força armada presente em uma aberração como o sentido eleitoreiro dado ao Bicentenário da Independência.

Data nacional única em que o ponto a ecoar para a história, vindo do próprio presidente, foi gabar-se de sua fantasiada sexualidade — nem ao menos considerável, vista a quantidade de Viagra comprado em seu governo.

À nossa custa, o governo americano vive a interessante experiência de estar, até mais do que ausente, contrário a um golpe da direita. A defesa da democracia brasileira submete o bolsonarismo civil e militar a ameaças externas equivalentes, mas contrárias, às que faz aqui. Com uma diferença: montadas em tanques ou em motos, as ameaças bolsonaristas descobriram à sua frente uma consciência democrática de que nem os democratas tinham certeza.

Dois terços

A grande massa dos que vivem de trabalho acorda ainda na madrugada. Os que moram menos longe do emprego o fazem aí pelas 6h. Debate que começa às 22h30 não é para ser visto por dois terços do eleitorado, no mínimo. O confronto dos candidatos na TV Globo ficará simbolizado, no seu grotesco, pelo padre que não é padre. Um partido que leva tal vigarice a um programa de eleição presidencial, como fez o PTB de Roberto Jefferson, deveria ter o registro cassado e seus dirigentes processados, a bem do serviço de limpeza pública.

Na caverna

O ministro da Defesa, general Paulo Sérgio Nogueira, não comentou o que viu, se viu, no TSE. Mas possibilitou o que é, até agora, a foto simbólica deste período sem precedente, com os ataques às urnas, ao TSE, militares querendo controlar o processo eleitoral. A foto é de Pedro Ladeira, da Folha, e publicada pelo Globo de quinta (29).

Sisudo, rosto fixo para a frente, meio isolado, o general passa ao lado de uma divisória em vidro transparente. Do outro lado, bem iluminada, está a sala de apuração eleitoral, descrita por Bolsonaro e tida pelos bolsonaristas como "secreta e escura".

Uma prova da vulnerabilidade eleitoral. O general fazia parte da visitação, a convite do ministro Alexandre de Moraes, ao que seria o laboratório cavernoso das fraudes inventadas por Bolsonaro e suspeitadas por militares.

| DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas | **SEG. Celso R. de Barros** | TER. Joel P. da Fonseca | QUA. Elio Gaspari | QUI. Conrado H. Mendes, Juliano Spyer | SEX. Reinaldo Azevedo, Angela Alonso, Silvio Almeida | SÁB. Demétrio Magnoli

Cisternas são instaladas em casas com adesivos do deputado federal Elmar Nascimento (União Brasil) em Juazeiro (BA) Flávio Ferreira/Folhapress

Codevasf entrega cisterna em casa com adesivo de deputado

Para especialistas, prática caracteriza compra de votos; órgão cita 'emergência'

Flávio Ferreira e Artur Rodrigues

JUAZEIRO (BA) E SÃO PAULO Estatal central no escoamento das emendas parlamentares e na sustentação do esquema de toma lá dá cá aprimorado na gestão do presidente Jair Bolsonaro (PL), a Codevasf doou e instalou cisternas às vésperas da eleição em residências marcadas com adesivos de propaganda de um deputado federal aliado candidato à reeleição.

A **Folha** flagrou a situação nesta semana em Juazeiro (BA), dias após um vereador aliado ter intermediado a doação dos equipamentos e ter pedido votos ao parlamentar. As casas visitadas pelo correligionário ou sua equipe receberam o adesivo da campanha do congressista.

O material foi comprado pela Codevasf (Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba) e instalado nas casas marcadas com o nome de Elmar Nascimento, líder da União Brasil na Câmara dos Deputados.

Elmar tem influência no governo Bolsonaro, tendo sido ele o responsável pela indicação do atual presidente nacional da Codevasf e de seu superintendente regional na Bahia.

Moradores que preferiram não se identificar disseram à reportagem que os pedidos de cisternas à Codevasf foram feitos há mais de dois anos, mas só saíram agora, às vésperas da eleição. De acordo com os relatos, o vereador de Juazeiro Hitallo Marcelino (DC), apoiador da reeleição do parlamentar, intermediou a liberação dos reservatórios.

Segundo esses relatos, Marcelino primeiro procurou potenciais beneficiários das cisternas para pedir votos ao congressista e, em seguida, avisou a todos sobre o elo dos equipamentos com emendas parlamentares liberadas por Elmar.

Os adesivos de campanha colocados nas casas das famílias visitadas acaba funcionando como uma retribuição imediata e mostram um vínculo com o candidato padrinho da doação. Isso, segundo especialistas, configura uma situação de compra de votos.

A entrega e a instalação dos reservatórios em casas que traziam adesivo de campanha de Elmar ocorreram na quarta (28) e quinta-feira (29), em povoados do distrito de Pinhões, na zona rural de Juazeiro.

A reportagem também verificou que esses mesmos moradores receberam material de divulgação do parlamentar, como santinhos com seu número de urna.

Em suas redes sociais, o congressista anuncia ser padrinho de repasses de emendas que somam mais de R$ 500 milhões a cidades baianas. Aliado de Elmar, o vereador Marcelino postou agradecimento ao deputado pelas cisternas.

O caso mostra um roteiro de como os recursos de uma estatal do governo do presidente Jair Bolsonaro (PL) e de emendas parlamentares comandadas pelo Congresso podem ser usadas para compra de votos, segundo especialistas ouvidos pela **Folha**.

Os reservatórios distribuídos nos últimos dias têm capacidade para 16 mil litros e haviam sido adquiridos em 2021 pela 6ª Superintendência da Codevasf, sediada em Juazeiro, a 506 km de Salvador.

A **Folha** cruzou com duas carretas da fabricante Fortlev na zona rural de Juazeiro. Elas transportaram os reservatórios até a frente das casas indicadas, para que, no dia seguinte, as equipes da empresa fizessem a instalação dos equipamentos — sempre com o acompanhamento de um funcionário da Codevasf.

Em uma postagem em julho, ainda na pré-campanha eleitoral, Marcelino dá crédito às emendas de Elmar Nascimento pelas cisternas. "Através da nossa articulação política conquistamos mais 9 poços artesianos e 15 cisternas completamente instaladas. Fruto de emenda parlamentar do nosso deputado federal @deputadoelmarnascimento, em parceria com a Codevasf de Juazeiro", escreveu o vereador.

O deputado, então, respondeu: "Vamos em frente, com muito trabalho e dedicação. Conte sempre comigo e com nosso mandato. Tmj".

Essa postagem foi apagada na última quinta-feira, logo após a reportagem procurar o deputado e o vereador.

Ativo em suas redes sociais, Elmar anuncia centenas de milhões em repasses a diversos municípios da Bahia. Levantamento feito pela **Folha** com base nos posts de Elmar contabilizou anúncios que, somados, chegam a R$ 583 milhões.

De acordo com o Portal da Transparência, desde 2019, Elmar teve R$ 64 milhões em emendas empenhadas. No entanto, a conta não inclui as emendas de bancada e de relator. No caso das de relator, em abril, Elmar declarou mais R$ 60 milhões em indicações.

Parte importante dos valores foi indicada à Codevasf. Desde 2019, a estatal é comandada por Marcelo Andrade Moreira Pinto, indicado por Elmar Nascimento. O deputado levou um apadrinhado seu, Miled Cussa Filho, ao posto de superintendente da Codevasf na região de Juazeiro.

O ex-procurador regional eleitoral em São Paulo Pedro Barbosa diz que "chama a atenção que o pedido das cisternas foi feito bem antes das eleições, mas os agentes aguardaram o momento eleitoral para se beneficiar eleitoralmente".

Para o ex-diretor da Faculdade de Direito da USP e advogado Floriano Peixoto de Azevedo Marques Neto, "os fatos narrados, se comprovados, indicam claramente o uso de recursos públicos com intuito eleitoral".

Só na Bahia, em 2022, a estatal Codevasf entregou mais de 5.000 caixas d'água a entidades e associações apadrinhadas por políticos autores de emendas parlamentares.

Estatal diz que instalação segue critério técnico

OUTRO LADO

Questionada sobre a distribuição de cisternas, a Codevasf afirmou que o material é destinado "a famílias que não dispõem de acesso regular à água".

"Ao todo, 16 (dezesseis) cisternas estão sendo implantadas no município no âmbito desse contrato. Outros municípios foram beneficiados pela ação, iniciada em março. Os processos de instalação dos reservatórios são orientados por avaliação técnica, em quaisquer casos."

"Registre-se que Juazeiro encontra-se em situação de emergência, reconhecida pela Portaria nº 1.856, de 07/06/2022, da Secretaria Nacional de Proteção e Defesa Civil, em razão de estiagem", diz nota da estatal.

A reportagem procurou o deputado federal Elmar Nascimento e o vereador Hitallo Marcelino, mas não obteve retorno até a conclusão desta edição.

Haddad tem 39% em SP; Tarcísio, 31%, e Rodrigo, 23%

Bolsonarista tem 8 pontos sobre governador, vantagem fora da margem de erro da pesquisa

Carolina Linhares

SÃO PAULO Fernando Haddad (PT) segue na liderança da eleição para o Governo de São Paulo com 39% dos votos válidos, segundo pesquisa Datafolha divulgada neste sábado (1º), véspera do primeiro turno da votação.

Em seguida, aparecem Tarcísio de Freitas (Republicanos), com 31%, e Rodrigo Garcia (PSDB), com 23%.

Na última pesquisa, publicada na quinta-feira (29), Haddad tinha 41%, Tarcísio aparecia com 31% e Rodrigo, 22%.

Carol Vigliar (UP) tem 2% dos votos válidos. Gabriel Colombo (PCB), Elvis Cezar (PDT), Antonio Jorge (DC), Edson Dorta (PCO) e Vinicius Poit (Novo) têm 1% cada um. Altino (PSTU) não pontua.

O Datafolha passou a destacar o resultado dos votos válidos, que exclui da conta de intenção de votos brancos, nulos e indecisos, pois esse é o critério usado pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral) para contabilizar o resultado do pleito.

A nova pesquisa Datafolha, contratada pela **Folha** e pela TV Globo, ouviu 3.700 pessoas, de sexta-feira (30) a sábado (1º), em 79 municípios. A margem de erro é de dois pontos para mais ou para menos. O levantamento foi registrado no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) com o número SP-09987/2022.

No segundo turno entre Haddad e Tarcísio, o petista venceria o bolsonarista por 46% a 41% (era 48% a 40% na rodada anterior). A vantagem vem diminuindo —era de 53% a 31% em 18 de agosto.

Haddad também foi perdendo a vantagem que tinha em relação a Rodrigo no segundo turno, e a pesquisa mostra os candidatos empatados tecnicamente. O tucano tem 43% ante 42% de Haddad. A campanha de Rodrigo vem usando esse dado para pregar o voto útil contra o PT e, assim, tentar chegar ao segundo turno.

Os eleitores de Rodrigo, que estão em terceiro lugar, migram para Tarcísio (44%) e Haddad (33%) no segundo turno.

Em outro cenário, caso Tarcísio fique de fora do segundo turno, seus eleitores escolhem Rodrigo (65%) e Haddad (11%).

Os eleitores do ex-presidente Lula (PT) em São Paulo escolhem para governador Haddad (75%), Rodrigo (15%) e Tarcísio (5%). Já quem escolhe Jair Bolsonaro (PL) diz que votará em Tarcísio (68%), Rodrigo (21%) e Haddad (6%).

O Datafolha mediu ainda a intenção de votos para o Senado. Márcio França (PSB), apoiado por Lula, lidera com 45% dos votos válidos ante 31% de Marcos Pontes (PL), candidato de Bolsonaro.

Considerando os votos totais, Haddad tem 33% (eram 35% na pesquisa anterior), Tarcísio marca 26% (idem na anterior) e Rodrigo aparece com 20% (eram 18%). Os que não sabem se mantiveram em 8%, assim como os brancos e nulos.

A pesquisa espontânea mostra que 34% (eram 39%) dos eleitores ainda não escolheram um candidato para o Governo de São Paulo na véspera da eleição. Outros 22% declaram voto em Haddad, 17% escolhem Tarcísio, e 11% são eleitores de Rodrigo.

No total, 51% dos entrevistados acertam o número de seu candidato, enquanto 45% declaram não saber e 4% erram.

Os eleitores de Haddad são os que mais acertam o número do candidato: 61% de menções corretas ante 38% que não sabem. Não houve erros. Para Tarcísio, 53% acertam, 39% não sabem e 8% erram. Já entre eleitores de Rodrigo, 46% acertam, 50% não sabem e 4% erram.

Agora, 73% dos eleitores estão totalmente decididos em quem votar, e apenas 27% admitem mudar de voto. Haddad e Tarcísio têm eleitores mais consolidados (77% decididos e 23% que podem mudar). Para Rodrigo, os índices são de 69% a 31%.

Quando o Datafolha pergunta ao eleitor qual é sua segunda opção de voto, Rodrigo aparece na liderança, com 22%, seguido de Tarcísio (15%) e Haddad (14%).

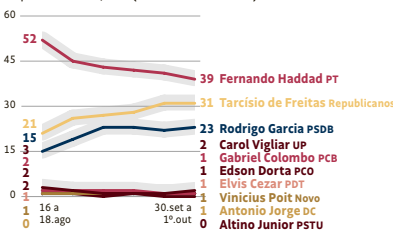
Os eleitores de Haddad escolhem como segunda opção Rodrigo (32%) e Tarcísio (17%). Aqueles que escolhem Tarcísio migrariam para Rodrigo (35%) e Haddad (19%). Já os eleitores de Rodrigo podem mudar para Tarcísio (28%) e Haddad (25%).

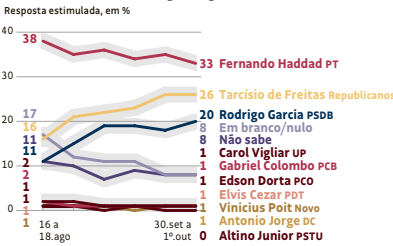
O levantamento mostra que o petista é o candidato mais rejeitado —40% não votariam nele (eram 37%). Tarcísio é rejeitado por 33% (29% antes), e Rodrigo manteve 20%.

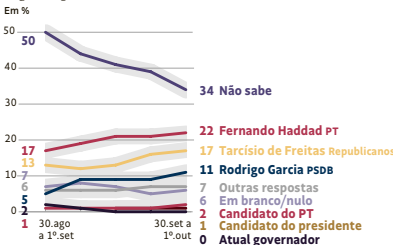
Apesar do antipetismo que caracteriza o eleitorado paulista, Haddad esteve à frente dos adversários nas pesquisas durante toda a campanha.

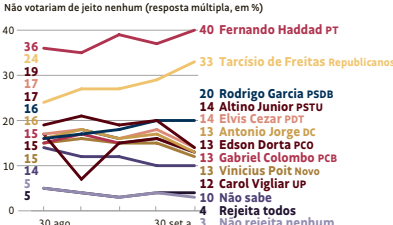
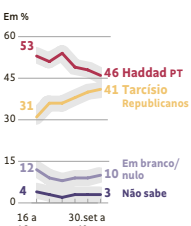
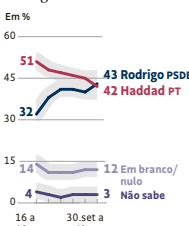
Eleições estaduais em SP

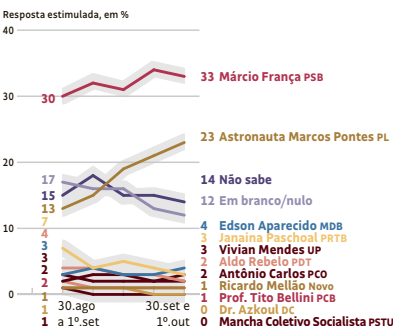
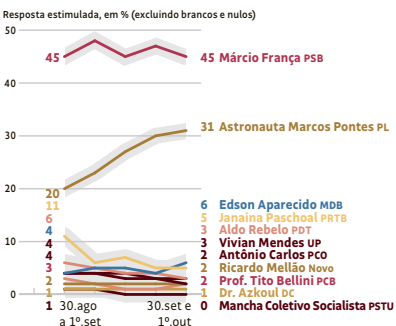
Haddad tem 39% dos votos válidos em SP; Tarcísio marca 31%

Resposta estimulada, em % (excluindo brancos e nulos)

Haddad lidera em SP, seguido por Tarcísio

Resposta estimulada, em %

Haddad lidera na pesquisa espontânea, seguido por Tarcísio

Em %

Haddad é o mais rejeitado, seguido por Tarcísio e Rodrigo

Não votariam de jeito nenhum (resposta múltipla, em %)

Haddad lidera segundo turno contra Tarcísio em SP

Haddad e Rodrigo estão empatados tecnicamente no segundo turno

Fonte: Datafolha presencial com 3.700 pessoas de 16 anos ou mais em 79 municípios nos dias 30.set e 1º.out; a margem de erro é de 2 pontos percentuais e o registro no TSE é SP-09987/2022

Márcio França (PSB) lidera corrida para Senado, seguido por Marcos Pontes (PL)

Resposta estimulada, em % (excluindo brancos e nulos)

Resposta estimulada, em %

Fonte: Datafolha presencial com 3.700 pessoas de 16 anos ou mais em 79 municípios nos dias 30.set e 1º.out; a margem de erro é de 2 pontos percentuais e o registro no TSE é SP-09987/2022

Eleição nacional pauta disputa entre 3 primeiros colocados nas pesquisas

SÃO PAULO Espremida e pautada pelo antagonismo entre Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e Jair Bolsonaro (PL) na eleição nacional, a disputa pelo Governo de São Paulo será decidida entre Fernando Haddad (PT), Tarcísio de Freitas (Republicanos) e Rodrigo Garcia (PSDB).

A depender do resultado, o principal estado do país irá coroar o domínio de um dos polos ou terá o papel de reduto da oposição —pode também indicar que a terceira via e o PSDB ainda respiram.

A pesquisa Datafolha divulgada neste sábado (1º), véspera do primeiro turno da eleição, mostra Haddad com 39% dos votos válidos, seguido de Tarcísio, com 31%, e Rodrigo, com 23%.

Ex-prefeito da capital e ex-ministro da Educação, Haddad, 59, liderou em toda a campanha —cenário improvável no estado onde o PSDB vence desde 1994 e o PT não chegou a ter chances reais de vitória.

É consenso que o petista terá dificuldade no segundo turno, seja contra o ex-ministro da Infraestrutura Tarcísio, 47, representante de Bolsonaro, ou Rodrigo, 48, o atual governador que foge da polarização.

Haddad se ancorou em Lula e viajou ao interior com outro padrinho, o ex-governador e ex-tucano Geraldo Alckmin (PSB), em busca de suavizar a resistência do paulista conservador. Ciente da oportunidade histórica, o PT operou uma inédita união da esquerda, com PSB, PSOL, Rede, PV e PC do B.

Tarcísio, que angariou os apoios de Republicanos, PL, PSD, PTB, PSC e PMN, teve a campanha marcada pela necessidade de se afirmar como bolsonarista e paulista —sua ignorância sobre o local de votação em São José dos Campos (SP), onde nunca morou, virou meme.

Assim como Haddad, grudou no padrinho e percorreu o estado em motociatas, sempre refém da ambiguidade de entre se apresentar como técnico ao mesmo tempo em que testemunhava Bolsonaro questionar urnas e atacar mulheres.

Para se diferenciar, Rodrigo pregou ser "nem esquerda nem direita" e disse não ter padrinhos —escondendo seu antecessor João Doria (PSDB), de quem foi vice.

Embora não tenha tido um presidenciável para chamar de seu, o tucano teve onde se apoiar. Atraiu União Brasil, partido com maior verba e tempo de TV, e montou uma aliança com Cidadania, MDB, Podemos, Solidariedade, PP, Avante e Patriota. Mas, principalmente, utilizou a máquina pública a seu favor, multiplicando recursos para municípios e parlamentares.

Com o desafio de se tornar conhecido, o neotucano, que entrou para o PSDB em 2021, foi quem visitou mais cidades a cada dia.

Neste sábado (1º), os três encerraram a campanha na região metropolitana. Haddad participou de caminhada com Lula e Alckmin na avenida Paulista, Rodrigo percorreu Osasco e São Bernardo do Campo, enquanto Tarcísio saiu em motociata com Bolsonaro do Campo de Marte ao Ibirapuera.

Reproduzindo o discurso de frente ampla de Lula, Haddad pregou que São Paulo e o país deveriam remar na mesma direção. Ele mirou o eleitorado mais pobre ao prometer ampliar o salário-mínimo paulista e criar o Bilhete Único metropolitano.

Já Tarcísio chegou a ser acusado de traidor e foi alvo de fogo amigo por não embarcar plenamente na guerra cultural bolsonarista. Passou, então, a demonstrar alinhamento —valorizou a família e a religião, além de atacar Lula e o PT.

A eleição para o Planalto acabou norteando até mesmo Rodrigo, ainda que para dar as costas à disputa nacional a cada vez que repetiu querer "proteger São Paulo da briga política".

Na reta final e em terceiro lugar, apostou nos eleitores indecisos, no voto útil contra o PT e na mobilização de prefeitos e deputados irrigados com entregas do estado. O volume de obras em São Paulo, aliás, foi munição contra Tarcísio e o governo federal.
Artur Rodrigues, Bruno B. Soraggi, Carlos Petrocilo, Carolina Linhares

Derrota de Rodrigo ou Tarcísio definirá liderança da direita

O resultado do primeiro turno, neste domingo (2), poderá ou dar fim à hegemonia do PSDB ou inviabilizar um inédito domínio bolsonarista no estado.

Quem avançar entre o ex-ministro Tarcísio de Freitas (Republicanos) e o governador Rodrigo Garcia (PSDB), deve enfrentar Fernando Haddad (PT), candidato de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), no segundo turno, conforme indica a pesquisa Datafolha deste sábado (1º).

O que está em jogo não é pouco, de acordo com George Avelino, professor de ciência política da FGV-SP. "A eleição em São Paulo sempre foi organizada entre vermelhos e azuis, e quem vencer entre os dois ficará com a liderança dos azuis", resume.

Para o professor, o objetivo do PT de chegar ao Bandeirantes, embalado pela onda pró-Lula e pela melhor situação da esquerda agora do que em 2018, é ousado. Mas, mesmo se perder, Haddad terá o mérito de restabelecer o tamanho que a oposição petista já teve no estado.

A disputa nacional entre Bolsonaro e Lula mostra que o bolsonarismo perdeu força eleitoral desde 2018 —o petista é favorito e pode vencer no primeiro turno. Em São Paulo, o presidente é mais rejeitado pelo eleitor do que Lula.

Mais debilitado que a direita verde-amarela, porém, está o PSDB —que governa SP desde 1994, com breves interrupções— após a crise atribuída por tucanos a João Doria (PSDB), que se tornou tóxico dentro do partido, após comprar uma série de brigas internas, e fora dele, como indica seu índice de rejeição do eleitor.

Outra dificuldade é o fato de que Rodrigo não representa o tucanato tradicional, tendo ingressado no partido em 2021 após militar toda a vida no DEM (atual União Brasil). Seus interlocutores acreditam, inclusive, que ele voltará ao partido após a eleição.

Rodrigo fora do segundo turno seria a pá de cal no partido. Sem a máquina paulista, fica mais difícil para o PSDB se projetar nacionalmente, recuperar seu tamanho na Câmara (de 54 cadeiras em 2014, teve 29 em 2018) e lançar um presidenciável competitivo —as esperanças recaem sobre Eduardo Leite no Rio Grande do Sul.

O resultado de Tarcísio também tem clima de tudo ou nada, principalmente se uma derrota de Bolsonaro se confirmar. São Paulo seria a boia de salvação para gestar um novo projeto presidencial para 2026 —liderado pelo próprio Bolsonaro ou por Tarcísio.

Eleições estaduais no RJ

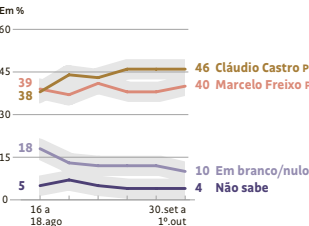
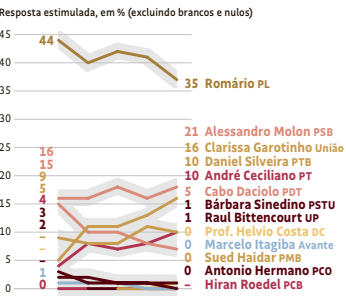
Castro tem 44% dos votos válidos, seguido por Freixo
Resposta estimulada, em % (excluindo brancos e nulos)

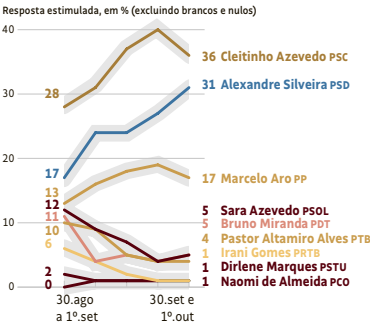
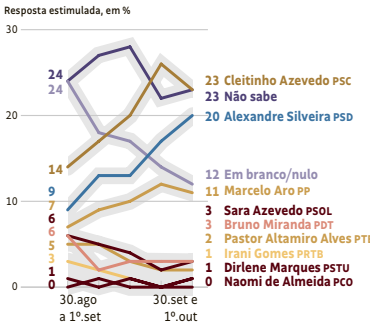
Castro lidera para governo do RJ, seguido por Freixo
Resposta estimulada, em %

Na pesquisa espontânea, Castro é o mais citado
Em %

32 Não sabe
25 Cláudio Castro PL
20 Marcelo Freixo PSB
13 Outros
8 Em branco/nulo
1 Atual governador
0 Candidato apoiado pelo Lula
30.ago a 1º.set
30.set a 1º.out

Witzel é o mais rejeitado, seguido por Freixo e Castro
Não votariam de jeito nenhum (resposta múltipla, em %)

No 2º turno, Castro tem 46% e Freixo 40%
Em %

Fonte: Datafolha presencial com 2.550 pessoas de 16 anos ou mais em 40 municípios nos dias 30.set e 1º.out; a margem de erro é de 2 pontos percentuais e o registro no TSE é RJ-07599/2022

Cleitinho (PSC) lidera corrida para Senado em MG, seguido por Alexandre Silveira (PSD)

Fonte: Datafolha presencial com 2.650 pessoas de 16 anos ou mais em 70 municípios nos dias 30.set e 1º.out; a margem de erro é de 2 pontos percentuais e o registro no TSE é MG-04343/2022

Castro lidera no RJ com 44%, seguido por Freixo, com 35%

Em um eventual 2º turno, governador venceria candidato pessebista por 46% contra 40% dos votos totais

Italo Nogueira

RIO DE JANEIRO O governador Cláudio Castro (PL) mantém liderança isolada das intenções de voto na véspera da eleição para o Governo do Rio de Janeiro, segundo pesquisa Datafolha divulgada no sábado (1º).

O candidato à reeleição tem 44% dos votos válidos, contra 35% do seu principal rival, o deputado Marcelo Freixo (PSB). O cálculo exclui os entrevistados que declararam votar nulo (9%) ou indecisão (8%).

Castro manteve o mesmo patamar nos votos válidos em relação às duas últimas pesquisas. Freixo, por sua vez, oscilou positivamente 4 pontos percentuais —tinha 31% na pesquisa divulgada na quinta (29).

Mesma tendência se configurou na simulação de segundo turno. O governador manteve os 46% de intenção de voto, enquanto o candidato do PSB oscilou positivamente 2 pontos percentuais, para 40% —outros 10% afirmam que pretendem anular o voto nesse cenário e 4% dizem não saber quem escolher.

O levantamento, contratado pela **Folha** e pela TV Globo, foi realizado na sexta-feira (30) e neste sábado e entrevistou 2.550 eleitores em 40 municípios no estado. A pesquisa está registrada no TSE sob o número RJ-07599/2022. A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos.

Eleições estaduais em MG

Zema tem 56% dos votos válidos; Kalil, 35%
Resposta estimulada, em % (excluindo brancos e nulos)

Zema tem 49% dos votos totais; Kalil tem 31%
Resposta estimulada, em %

Zema é mais lembrado nos votos espontâneos
Em %

Kalil é rejeitado por 32%; Zema por 25%
Não votariam de jeito nenhum (resposta múltipla, em %)

Zema tem 55% dos votos no 2º turno contra 37% de Kalil
Em %

55 Romeu Zema Novo
37 Alexandre Kalil PSD
4 Em branco/nulo
4 Não sabe
16 a 18.ago
30.set a 1º.out

Fonte: Datafolha presencial com 2.650 pessoas de 16 anos ou mais em 70 municípios nos dias 30.set e 1º.out; a margem de erro é de 2 pontos percentuais e o registro no TSE é MG-04343/2022

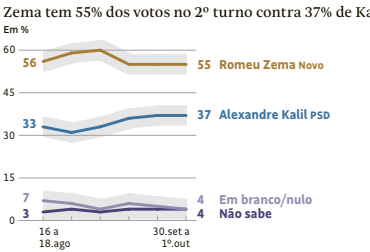
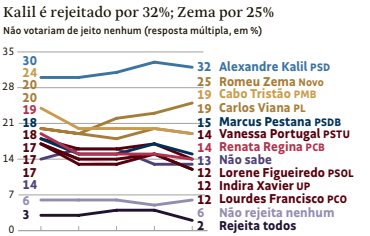
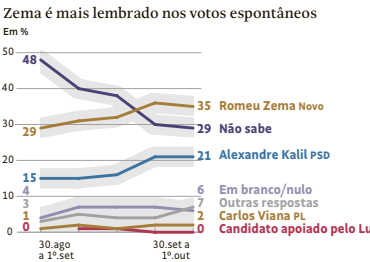
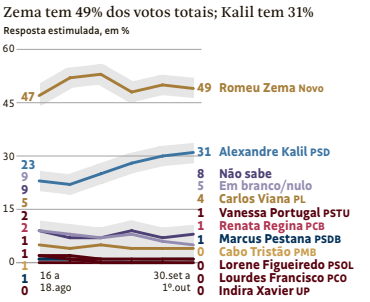
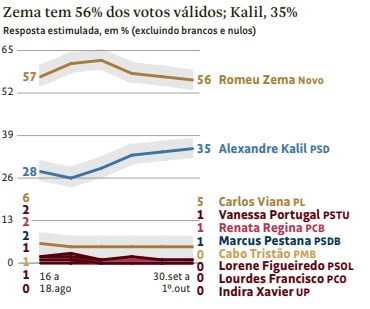
Zema tem 56% dos votos válidos em MG; Kalil, 35%

SÃO PAULO O governador de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo), chega ao dia da eleição com 56% dos votos válidos, ante 35% do segundo colocado na disputa estadual, Alexandre Kalil, do PSD, de acordo com o Datafolha.

Pela pesquisa do instituto, realizada na sexta (30) e neste sábado (1º), Zema pode definir a vitória em primeiro turno. No levantamento anterior, feito da última terça (27) a quinta (29), o placar era 57% a 34%.

O terceiro colocado é o senador Carlos Viana (PL), que tinha 5% e manteve esse índice agora. Vanessa Portugal (PSTU), Marcus Pestana (PSDB) e Renata Regina (PCB) marcaram, cada um, 1%.

A margem de erro é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos. Foram realizadas 2.650 entrevistas.

A vantagem do líder tem oscilado dentro da margem de erro nas duas últimas semanas. Nos votos válidos, Zema chegou a abrir 35 pontos de liderança há um mês.
Felipe Bächtold

Romário (PL) lidera corrida para Senado no RJ, Molon (PSB) é o segundo

Resposta estimulada, em % (excluindo brancos e nulos)

Resposta estimulada, em %

Fonte: Datafolha presencial com 2.550 pessoas de 16 anos ou mais em 40 municípios nos dias 30.set e 1º.out; a margem de erro é de 2 pontos percentuais e o registro no TSE é RJ-07599/2022

Fotos Divulgação

Eduardo Leite (PSDB) tenta reeleição no Rio Grande do Sul

Fátima Bezerra (PT) busca reeleição no Rio Grande do Norte

Disputa nos estados deve consagrar nomes conhecidos

Dos 19 governadores em reeleição, 11 podem vencer já no primeiro turno

João Pedro Pitombo

SALVADOR Em rota contrária à eleição de 2018, que trouxe surpresas de última hora e resultou em uma ampla renovação nos governos estaduais, a disputa nos estados em 2022 deve ser marcada pelo triunfo de nomes conhecidos, com experiência política e administrativa.

Em ao menos 11 estados, governadores em reeleição caminham para encerrar a fatura já no primeiro turno, segundo dados de pesquisas Datafolha e Ipec. Em alguns casos, como no Pará e em Mato Grosso, a reeleição deve acontecer com larga margem de diferença frente aos adversários.

Dentre os demais 8 governadores que concorrem a um novo mandato, 6 estão na liderança em seus estados e devem estar no segundo turno.

Uma das exceções é o governador de São Paulo, Rodrigo Garcia (PSDB), que está em terceiro lugar segundo pesquisa Datafolha, e enfrenta o desgaste dos 28 anos de governos tucanos no estado, além da impopularidade de seu antecessor, o ex-governador João Doria (PSDB).

Entre os candidatos que lideram ou estão em segundo nas pesquisas, apenas três concorrem a uma eleição pela primeira vez: Tarcísio de Freitas (Republicanos) em São Paulo, Jerônimo Rodrigues (PT) na Bahia e Rafael Fonteles (PT) no Piauí. Mas os três têm experiência administrativa, ocuparam cargos públicos de relevo e estão ancorados em grupos políticos fortes em seus respectivos estados.

Há quatro anos, quando o país vivia uma onda de antipolítica impulsionada pela operação Lava Jato, o cenário era o oposto. Sete governadores que foram eleitos em 2018 não tinham experiência com administração pública e concorriam a uma eleição pela primeira vez. Dentre eles estavam nomes como Wilson Witzel (PSC-RJ), depois cassado, e Romeu Zema (Novo-MG), favorito para a reeleição já no primeiro turno.

Por outro lado, naquele ano, seis governadores em reeleição foram derrotados já no primeiro turno. Outros quatro perderam a disputa no segundo turno.

O sociólogo Antonio Lavareda, do Ipespe (Instituto de Pesquisas Sociais, Políticas e Econômicas), explica que as eleições de 2018 e 2022 têm cenários distintos em relação à natureza da disputa. "Em 2018, tivemos uma eleição tipicamente crítica, onde há um profundo desalinhamento de comportamentos eleitorais anteriores. Em 2022, a eleição se dá dentro de um ciclo de relativa normalidade, o que beneficia as forças políticas tradicionais."

Neste cenário, a experiência administrativa é um dos requisitos que os eleitores demandam dos candidatos, o que faz com que as campanhas eleitorais sejam marcadas pela comparação de realizações dos candidatos.

Desta forma, além de governadores em reeleição, aparecem entre os destaques na eleição deste ano sete ex-prefeitos de capital, incluindo Fernando Haddad (PT-SP) e ACM Neto (União Brasil-BA).

Também se destacam ex-governadores como Jorge Viana (PT-AC) e Amazonino Mendes (Cidadania-AM), que mesmo sem liderar as pesquisas em seus estados se reposicionam após derrota de seus grupos políticos há quatro anos.

Em Alagoas, o ex-presidente da República e senador Fernando Collor de Melo (PTB) tenta uma vaga no segundo turno. Caso não tenha sucesso, ficará sem mandato pela primeira vez desde 2006.

Bruno Schaefer, doutor em ciência política e professor na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, destaca que as taxas de reeleição seguem uma tendência histórica no Brasil e destaca que a pandemia da Covid-19 fez com que aumentasse a demanda por candidatos mais experientes.

Também afirma que o acirramento da eleição presidencial entre Lula e Bolsonaro fez com que os eleitores prestassem menos atenção nas disputas para os governos estaduais: "Assim, o eleitor acaba votando em quem ele já conhece."

Entre os partidos, a tendência é de crescimento da União Brasil, criada em 2021 a partir da fusão do PSL com o DEM e que ganhou protagonismo no campo da centro-direita.

O novo partido tem candidatos competitivos em 12 estados e tende a reeleger ainda no primeiro turno os governadores de Goiás, Ronaldo Caiado, e de Mato Grosso, Mauro Mendes.

O PSDB é um dos partidos que mais deve perder espaço nos estados. Caso a derrota em São Paulo se consolide, as urnas devem projetar o gaúcho Eduardo Leite como líder mais relevante do partido. Em 2018, o partido elegeu governadores em São Paulo, Mato Grosso do Sul e Rio Grande do Sul, mas apenas neste último o partido desponta como favorito.

O MDB, que já chegou a ter sete governos em 2014 e na última eleição caiu para três, caminha para reeleger seus atuais governadores. Mas ainda deve ir para o segundo turno em Mato Grosso do Sul.

No campo da esquerda, o PT concorre com chances nos quatro estados que governa — Bahia, Ceará, Piauí e Rio Grande do Norte. E deve estar no segundo turno em São Paulo e Sergipe. A favorita entre os candidatos do partido é a governadora do Rio Grande do Norte, Fátima Bezerra (PT), que caminha para vencer já neste domingo (2).

Principal parceiro da coalização lulista, o PSB pode reeleger Renato Casagrande no Espírito Santo e deve ir para o segundo turno com Marcelo Freixo, no Rio de Janeiro, Carlos Brandão, no Maranhão, e João Azevêdo, na Paraíba.

O PL, partido de Bolsonaro, tem candidatos com mais de 10% das intenções de voto em 10 estados, mas aposta suas fichas na reeleição do governador Cláudio Castro, no Rio. A legenda ainda deve chegar ao segundo turno no Rio Grande do Sul, com o ex-ministro Onyx Lorenzoni, em Santa Catarina, com o senador Jorginho Mello, e em Rondônia, com o senador Marcos Rogério. Em Pernambuco, Anderson Ferreira também briga por uma vaga no segundo turno.

As últimas pesquisas para os governos estaduais

% de votos válidos, segundo pesquisas Datafolha e Ipec*

2º Estados que devem ter segundo turno

Região	Estado	2º turno	Candidato	Partido	%
Sudeste	SP	2º	Fernando Haddad	PT	39
			Tarcísio de Freitas	Repub	31
			Rodrigo Garcia	PSDB	23
	MG		Romeu Zema	Novo	56
			Alexandre Kalil	PSD	35
	RJ	2º	Cláudio Castro	PL	44
			Marcelo Freixo	PSB	35
			Rodrigo Neves	PDT	10
	ES		Renato Casagrande	PSB	59
			Carlos Manato	PL	25
Nordeste	BA		ACM Neto	União	51
			Jerônimo Rodrigues	PT	38
	PE	2º	Marília Arraes	Solid	38
			Raquel Lyra	PSDB	17
			Miguel Coelho	União	17
			Danilo Cabral	PSB	12
			Anderson Ferreira	PL	12
	CE	2º	Elmano de Freitas	PT	44
			Capitão Wagner	União	37
			Roberto Cláudio	PDT	18
	MA	2º	Carlos Brandão	PSB	48
			Lahésio Bonfim	PSC	23
			Weverton Rocha	PDT	22
	PB	2º	João Azevêdo	PSB	39
			Pedro Cunha Lima	PSDB	22
			Veneziano Vital do Rêgo	MDB	22
			Nilvan Ferreira	PL	15
	PI	2º	Sílvio Mendes	União	48
			Rafael Fonteles	PT	47
	RN		Fátima Bezerra	PT	61
			Capitão Styvensson	Pode	18
			Fábio Dantas	Solid	17
	AL	2º	Paulo Dantas	MDB	45
			Rodrigo Cunha	União	23
			Rui Palmeira	PSD	16
			Fernando Collor	PTB	14
	SE	2º	Valmir de Francisquinho	PL**	48
			Rogério Carvalho	PT	20
			Fábio Mitidieri	PSD	20
Sul	RS	2º	Eduardo Leite	PSDB	40
			Onyx Lorenzoni	PL	30
			Edegar Preto	PT	20
	PR		Ratinho Júnior	PSD	62
			Roberto Requião	PT	29
	SC	2º	Jorginho Mello	PL	29
			Carlos Moisés	Repub	23
			Gean Loureiro	União	16
			Décio Lima	PT	15
			Esperidião Amin	PP	14
Norte	PA		Helder Barbalho	MDB	76
			Zequinha Marinho	PL	19
	AM	2º	Wilson Lima	União	38
			Amazonino Mendes	Cidad	28
			Eduardo Braga	MDB	19
	RO	2º	Coronel Marcos Rocha	União	43
			Marcos Rogério	PL	27
			Léo Moraes	Pode	19
	TO		Wanderlei Barbosa	Repub	56
			Ronaldo Dimas	PL	19
	AC		Gladson Cameli	PP	53
			Jorge Viana	PT	24
	AP		Clécio Luís	SD	57
			Jaime Nunes	PSD	38
	RR		Antonio Denarium	PP	51
			Teresa Surita	MDB	45
Centro-Oeste	GO		Ronaldo Caiado	União	56
			Gustavo Mendanha	Patri	29
	MT		Mauro Mendes	União	73
			Márcia Pinheiro	PV	17
	DF	2º	Ibaneis Rocha	MDB	46
			Leandro Grass	PV	20
			Izalci	PSDB	16
	MS	2º	André Puccinelli	MDB	31
			Eduardo Riedel	PSDB	18
			Marquinhos Trad	PSD	17
			Capitão Contar	PRTB	17
			Rose Modesto	União	13

* Pesquisas Datafolha em SP, RJ, MG e BA; nos demais estados, pesquisas Ipec
** Candidatura indeferida pelo TSE na última quinta (29)

ACM Neto tem 51%, e Jerônimo, 38% dos votos válidos para o Governo da Bahia, diz Datafolha

SALVADOR A campanha eleitoral da Bahia chega à reta final com uma margem mais estreita entre os dois principais candidatos a governador.

Levando em conta os votos válidos, que descontam brancos nulos e indecisos, ACM Neto (União Brasil) lidera com 51% das intenções de voto contra 38% de Jerônimo Rodrigues (PT). Pelos dados, há chance de o ex-prefeito de Salvador se eleger no primeiro turno. A margem de erro da pesquisa é de dois pontos percentuais, para mais ou para menos.

Em terceiro lugar, vem o ex-ministro João Roma (PL), candidato apoiado pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), com 8%.

Os candidatos a governador Kleber Rosa (PSOL), Marcelo Millet (PCO) e Giovani Damico (PCB) marcaram 1% cada um.

ACM Neto lidera disputa pelo Governo da BA Divulgação

Jerônimo Rodrigues está em segundo Mateus Pereira/Divulgação

O levantamento, contratado pela rádio Metrópole, da Bahia, foi realizado entre sexta-feira (30) e sábado (1º) e entrevistou 2.500 eleitores. Ele está registrado no TSE (Tribunal Superior Eleitoral) com o número BA-00751/2022 .

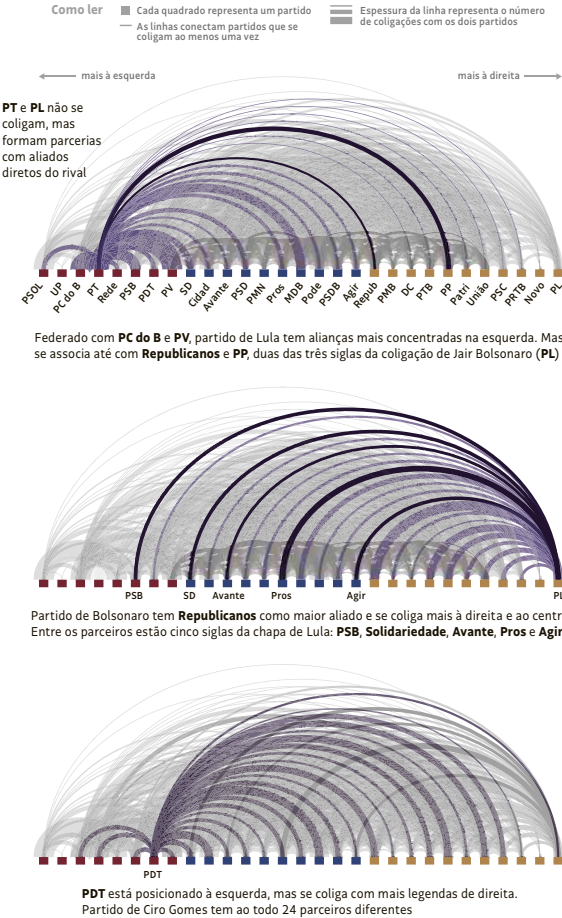
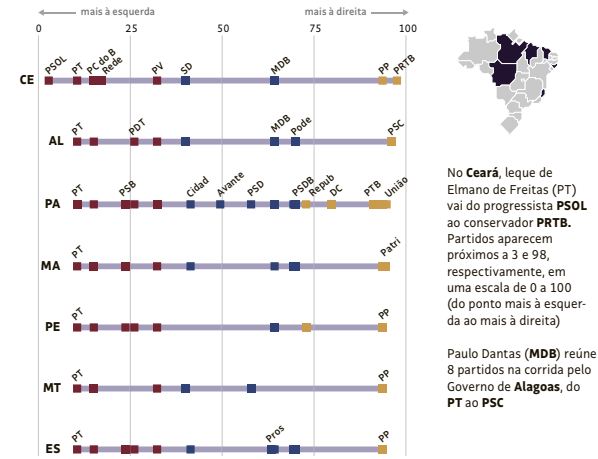
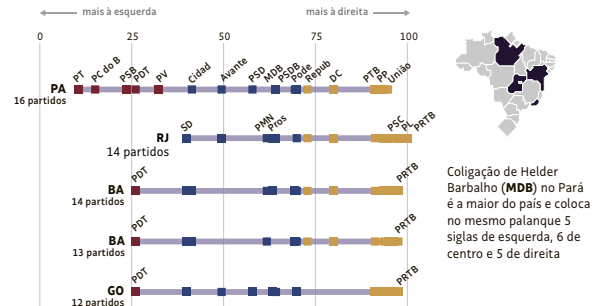
Esta é a quarta pesquisa Datafolha na campanha eleitoral da Bahia, que consolida uma tendência crescimento de Jerônimo, que tem o apoio do governador Rui Costa (PT) e do candidato a presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Nos votos totais, Jerônimo registrou 16% em 24 de agosto, subiu para 28% em 14 de setembro, avançou para 31% em 21 de setembro e chegou a 34% neste sábado (1º)

ACM Neto, por sua vez, reduziu a margem de intenção de voto ao longo. Ele teve 54% dos votos totais na primeira pesquisa, caiu para 49%, depois 48% e agora tem 46%.

Na disputa para o Senado, o senador Otto Alencar (PSD) lidera com 53% dos votos válidos. Na sequência, aparecem o deputado federal Cacá Leão (PP), com 28%, e a médica Raíssa Soares (PL), com 11%.

Cícero Araújo (PCO), Tâmara Azevedo (PSOL) têm 3% cada um. Marcelo Barreto Luz para Todos (PMN) tem 2%.

Na disputa pela Presidência entre eleitores baianos, Lula marca 67% das intenções de votos válidos contra 23% de Bolsonaro e 5% de Ciro Gomes (PDT). Simone Tebet (MDB) tem 3% e os demais, somados, têm 2%. JPP

Partidos se aliam a rivais e formam mais de 100 coligações

PT está em chapas com PP e Republicanos, e PL com PSB e PDT; só PCB, PCO e PSTU não participam de composições

DELTAFOLHA GPS IDEOLÓGICO

Daniel Mariani, Diana Yukari e Cristiano Martins

SÃO PAULO Enquanto luta do "bem contra o mal" e polarização entre "nós e eles" dão o tom de uma campanha eleitoral marcada por episódios de violência política, partidos relativizam questões ideológicas e rivalidades nacionais ao formar coligações para as disputas nos estados.

No Ceará, por exemplo, o progressista PSOL e o conservador PRTB caminham de mãos dadas pela eleição de Elmano de Freitas (PT) ao governo. As legendas ocupam posições opostas no espectro político, como reforça a métrica criada pela **Folha** para situar ideologicamente os partidos brasileiros.

Considerando 6 dos 7 indicadores calculados —à exceção justamente das coligações—, o PSOL aparece próximo a 3, e o PRTB, a 98, em uma escala variando de 0 a 100 do ponto mais à esquerda ao mais à direita.

O grupo de apoio a Freitas no Ceará tem ainda o PC do B e o PP, posicionados com 15 e 94, respectivamente, nessa mesma régua. Rede, PV, Solidariedade e MDB completam a coalizão.

Para as eleições deste ano, os partidos formaram 146 coligações, de acordo com os dados das candidaturas registradas no Tribunal Superior Eleitoral (TSE). Das 32 legendas, apenas PCB, PCO e PSTU não participam de nenhuma composição.

No Pará, a articulação em torno da reeleição do governador Helder Barbalho (MDB) uniu 16 partidos, formando assim a maior coligação do país em 2022.

O arranjo coloca no mesmo palanque cinco siglas posicionadas à esquerda (PT, PC do B, PSB, PDT e PV), seis ao centro (Cidadania, Avante, PSD, MDB, PSDB e Podemos) e outras cinco à direita (Republicanos, DC, PTB, PP e União Brasil).

A extensão da aliança levou Barbalho a se equilibrar entre acenos aos presidenciáveis que o apoiam.

Além de Simone Tebet, do próprio MDB, a campanha reúne as legendas de Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Ciro Gomes (PDT) e Soraya Thronicke (União). E conta ainda com PP e Republicanos, duas das três siglas que sustentam a candidatura de Jair Bolsonaro (PL).

Protagonistas no principal embate nacional, entre Lula e Bolsonaro, PT e PL não aparecem juntos em nenhuma coligação, mas não se furtaram de parcerias com aliados diretos do rival.

O partido de Bolsonaro se associou em três estados ao PSB de Geraldo Alckmin, candidato a vice-presidente na chapa de Lula. Em Roraima, por exemplo, as duas siglas apoiam o nome de Romero Jucá (MDB) para o Senado.

O PL participa ainda de coalizões com Solidariedade, Agir, Avante e Pros, outras legendas da base de apoio à candidatura petista à Presidência. Também se aliou ao PDT, de Ciro Gomes.

"Não podemos errar. Sabemos que é uma luta do bem contra o mal. O lado de lá quer o comunismo [...] Essa praga sempre está contra a população", afirmou Bolsonaro durante evento de campanha no Tocantins, referindo-se à corrida presidencial contra Lula.

Já o PT costurou seis alianças com o PP do ministro Ciro Nogueira e três com o Republicanos, sigla ligada à Igreja Universal do Reino de Deus. Apoia, por exemplo, a candidatura de Neri Geller (PP) ao Senado por Mato Grosso.

Além disso, o partido de Lula está associado em ao menos um estado com PSC, Patriota, União Brasil, PTB, PRTB e DC, siglas posicionadas à direita no espectro político nacional.

"A polarização é saudável. O importante é não confundir com estímulo ao ódio [...] Agora, nós precisamos vencer o antagonismo do fascismo e da ultradireita", disse Lula ao ser questionado sobre a expressão "nós contra eles" em sabatina no Jornal Nacional.

As maiores alianças, obviamente, são aquelas formadas pelas federações, uma novidade desta edição. Na prática, é como se as siglas federadas funcionassem como um único partido por quatro anos.

PSOL e Rede aparecem lado a lado em 28 coligações, assim como PT, PC do B e PV. Isto é, caminham juntos em todos os estados, no Distrito Federal e também no pleito presidencial. PSDB e Cidadania estão unidos em 27, pois não lançaram nem apoiaram candidatos para governador ou senador no Rio Grande do Norte.

Fora das federações, a parceria mais recorrente é entre o PSB e o trio que sustenta a candidatura de Lula à Presidência. O partido de Alckmin se coligou ao grupo formado por PT, PC do B e PV em 14 unidades da Federação e também na corrida presidencial.

Na sequência aparecem as alianças formadas por MDB e Podemos, União Brasil e Republicanos, e PP e Solidariedade, com 14 coligações entre si.

Os partidos que se aliaram a mais siglas diferentes são MDB, PP e Solidariedade, com um leque de 27 parceiros dentre 31 possíveis.

A análise sobre a coerência ideológica e programática das coligações está baseada na métrica criada pela **Folha** para posicionar os partidos no espectro político nacional.

A afinidade entre as siglas foi calculada a partir de seis indicadores: votação dos deputados na Câmara, migração partidária, formação de frentes parlamentares, autodeclaração dos congressistas, opinião de especialistas e posicionamento no GPS Ideológico da **Folha**, atualizado neste ano.

Para inferir o posicionamento de cada partido, o modelo estatístico avalia como as siglas se comportam em relação a cada um desses quesitos.

Nos casos em que não existem dados para uma legenda —se não possui congressistas eleitos, por exemplo—, o modelo estima o valor do quesito faltante a partir dos demais e, aplicando os devidos pesos, calcula a métrica final.

Segundo a cientista política Graziella Testa, os acordos tendem a refletir a formação de grupos políticos regionais, cuja organização nem sempre se dá em torno de questões ideológicas.

A professora da FGV (Fundação Getulio Vargas) avalia que o fim das coligações nas eleições proporcionais —para vereador e deputado— reduz as contradições geradas por esse tipo de composição.

"Isso era um problema mais grave quando a coligação contava para a distribuição de votos e o quociente eleitoral. Isso fazia com que a vontade do eleitor fosse pouco respeitada. Essa mudança foi muito salutar na reforma política de 2017. É uma tentativa de federalizar as legendas. Mas é um processo. Até que esses grupos regionais se organizem em torno de ideologias, vai levar um tempo", afirma.

Pelas regras atuais, as coligações são válidas apenas nas disputas majoritárias —para presidente, governador, senador e prefeito.

Elas influenciam, por exemplo, no tempo destinado aos candidatos no horário eleitoral gratuito de televisão e rádio. Os acordos também podem incluir distribuição de cargos no governo.

O cientista político e professor da UFG (Universidade Federal de Goiás) Robert Bonifácio afirma que os partidos têm dificuldade para alcançar uma coerência político-programática nos 26 estados e no Distrito Federal.

"O que predomina é a lógica regional, não a nacional. Isso tem se mostrado uma constante ao longo das décadas", diz.

"A cláusula de desempenho fortalece esse aspecto, uma vez que tornou necessário um bom resultado nas urnas para os partidos continuarem recebendo dinheiro de fundo partidário e um bom espaço na propaganda eleitoral. O que se verá, cada vez mais, é uma diminuição do número efetivo de partidos enquanto durarem a cláusula e a impossibilidade de coligações proporcionais", conclui.

> O que predomina é a lógica regional, não a nacional. Isso tem se mostrado uma constante ao longo das décadas
>
> **Robert Bonifácio** cientista político e professor da UFG

> Até que esses grupos regionais se organizem em torno de ideologias, vai levar um tempo
>
> **Graziella Testa** cientista política e professora da FGV

Partidos formam 146 coligações diferentes nas eleições de 2022

Como ler: Cada quadrado representa um partido. As linhas conectam partidos que se coligam ao menos uma vez. Espessura da linha representa o número de coligações com os dois partidos

Federado com **PC do B** e **PV**, partido de Lula tem alianças mais concentradas na esquerda. Mas se associa até com **Republicanos** e **PP**, duas das três siglas da coligação de Jair Bolsonaro (**PL**)

Partido de Bolsonaro tem **Republicanos** como maior aliado e se coliga mais à direita e ao centro. Entre os parceiros estão cinco siglas da chapa de Lula: **PSB**, **Solidariedade**, **Avante**, **Pros** e **Agir**

PDT está posicionado à esquerda, mas se coliga com mais legendas de direita. Partido de Ciro Gomes tem ao todo 24 parceiros diferentes

PSOL está federado com a **Rede** e tem mais alianças na esquerda, mas arco chega até o **PRTB**

Partidos do centro se aliam mais. **MDB**, por exemplo, tem 27 parceiros de 31 possíveis

Siglas de direita, como a **União Brasil**, se coligam mais com o centro e têm arcos mais amplos

Alianças reúnem partidos de lados opostos do espectro

No **Ceará**, leque de Elmano de Freitas (PT) vai do progressista **PSOL** ao conservador **PRTB.** Partidos aparecem próximos a 3 e 98, respectivamente, em uma escala de 0 a 100 (do ponto mais à esquerda ao mais à direita)

Paulo Dantas (**MDB**) reúne 8 partidos na corrida pelo Governo de **Alagoas**, do **PT** ao **PSC**

Composição das coligações com mais partidos

Coligação de Helder Barbalho (**MDB**) no Pará é a maior do país e coloca no mesmo palanque 5 siglas de esquerda, 6 de centro e 5 de direita

Fonte: TSE e métrica elaborada com dados de Twitter, Câmara dos Deputados, Senado Federal, artigo "Uma Nova Classificação Ideológica dos Partidos Políticos Brasileiros" e estudo "Pesquisa Legislativa Brasileira 2017

Fabiano Santos
Tamanho do centrão é chave, seja o presidente Lula ou Bolsonaro

Para coordenador do Observatório do Legislativo Brasileiro, Congresso tem se tornado o epicentro do processo político no país

ENTREVISTA

Uirá Machado

SÃO PAULO Seja quem for o presidente eleito neste ano, o tamanho do centrão será a chave para a relação entre o Executivo e o Legislativo, afirma o cientista político Fabiano Santos. Mas, diz ele, não pelos mesmos motivos.

Caso vença Luiz Inácio Lula da Silva (PT), o melhor cenário seria um centrão menor, para que ele possa organizar uma coalizão em torno de compromissos programáticos.

Na hipótese de Jair Bolsonaro (PL) ser reeleito, afirma, dá-se o oposto. O melhor cenário é com um centrão inchado, pois o bloco pragmático funciona como fator de mitigação das características extremadas do presidente.

Contornar o centrão está fora de questão, diz Santos, que coordena o Observatório do Legislativo Brasileiro no Iesp-Uerj (Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro).

"Faz parte da democracia. O Executivo precisa olhar a correlação de forças no Congresso e organizar uma coalizão minimamente operacional e definir uma agenda clara para o país", afirma.

Para ele, o Congresso Nacional foi conquistando protagonismo crescente desde a redemocratização e tem se tornado o epicentro do processo decisório político no país.

*

Eduardo Anizelli/Folhapress

Fabiano Guilherme Mendes Santos, 58
Mestre e doutor em ciência política, é professor e pesquisador do Iesp-Uerj (Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro), onde coordena o Observatório do Legislativo Brasileiro. É subcoordenador do Instituto da Democracia e da Democratização da Comunicação, que faz parte do Programa de Institutos Nacionais de Ciência e Tecnologia

Neste ano, muitos partidos lançaram nomes de peso para a Câmara. A que se deve essa estratégia? É difícil avaliar estratégias dos partidos no âmbito nacional, porque a decisão de organizar a lista e a chapa é tomada no âmbito estadual. A pergunta é: a mesma estratégia vale para o conjunto dos partidos e para o conjunto dos estados? Vamos supor que sim.

É claro que o Legislativo brasileiro tem assumido um protagonismo cada vez maior. O episódio mais sintomático foi o impeachment de Dilma Rousseff [PT], mas outros fatos giram em torno desse mesmo aspecto. Por exemplo, a aprovação das emendas impositivas e, mais recentemente, toda a polêmica em torno do orçamento secreto. O poder de decidir a alocação do dinheiro arrecadado dos impostos tem aumentado muito.

Então, é muito razoável imaginar que os partidos vejam o lançamento de candidaturas fortes para o Legislativo como uma estratégia importante, porque o Legislativo tem se tornado cada vez mais o epicentro do processo decisório.

Quanto desse fortalecimento do Congresso se deve a uma fraqueza dos últimos presidentes e quanto é uma evolução natural? Uma característica da transição democrática no Brasil é o Legislativo hipotrofiado e o Executivo hipertrofiado, como herança do período autoritário. O poder de decreto foi mantido, por exemplo, assim como vários outros procedimentos de poder extraordinário do Executivo. Isso contribuiu para ter esse Poder como centro quase incontrastável do processo decisório.

Aos poucos, o Congresso foi conquistando suas prerrogativas. Na medida do possível, foi querendo se estabelecer como ator protagonista, foi estabelecendo limites para a atuação incontrastada do Executivo e foi acumulando capacidade institucional.

Por outro lado, aqueles partidos que uma vez foram governo passaram a atuar no Congresso. Grupos de interesse que não conseguiam ter entrada no Executivo passaram a atuar no Legislativo. É natural que esse espaço de poder seja ativado pelas forças partidárias e pela sociedade para pautar a sua agenda.

E, ao lado disso, tem a conjuntura. Tanto Dilma teve dificuldades em organizar o processo político —por fatores de crise: externa, econômica, de investigação de corrupção— quanto o atual presidente teve muitos problemas no seu mandato, mas por decisões próprias de não organizar uma coalizão com os principais partidos e definir uma agenda clara de políticas públicas com o Congresso.

Então, na medida em que a conjuntura permite, o Congresso vai abocanhando cada vez mais espaço.

Essas alterações são, na sua visão, positivas ou negativas? É difícil fazer uma avaliação em bloco. Nós temos modificações positivas, como a mudança na tramitação das medidas provisórias. Antes, o Executivo podia reeditá-las sem que finalmente fossem aprovadas pelo Congresso. Em 2001, isso mudou, e a aprovação pelo Congresso, num prazo definido, tornou-se obrigatória. Essa mudança foi muito importante, porque exige que o Executivo busque a cooperação dos partidos no Congresso para aprovar sua agenda.

Mais recentemente, tivemos algumas modificações que precisam ser corrigidas logo no desdobramento do novo governo, como a nova lei orçamentária das emendas impositivas. Eu não acho que, em si, ela seja ruim. É razoável que o Executivo não tenha poder ilimitado de contingenciar aquela parcela pequena de investimentos sobre a qual o Legislativo pode falar alguma coisa.

Mas não é razoável o que aconteceu em 2020, com a retomada das emendas de relator. Foi uma medida aprovada de comum acordo entre Executivo e Legislativo e que significa um enorme retrocesso, porque retira transparência do processo.

> Faz parte da democracia compor com as forças representadas no Legislativo. O Executivo precisa olhar a correlação de forças no Congresso e organizar uma coalizão minimamente operacional e definir uma agenda clara para o país

A avaliação do Congresso nas pesquisas de opinião costuma ser ruim. Tem alguma reforma que poderia ser feita para melhorar a qualidade da representação parlamentar? É possível pensar em reformas que aperfeiçoem o processo legislativo e a democracia, mas é muito difícil associar essas mudanças a uma repercussão positiva na opinião pública. O Congresso tem 513 deputados e 81 senadores. Tudo que acontece de ruim com um deles acaba carregando junto a imagem do Congresso. A avaliação que as pessoas fazem do conjunto institucional é muito contaminada por fatos individuais bombásticos e negativos.

Mas, embora a avaliação continue baixa, ela tem sido revertida [nos últimos anos] porque o Congresso se posicionou de maneira razoável em relação ao governo Bolsonaro, à decisão dele de não fazer coalizão, à posição negacionista na pandemia. Dentro das limitações, o Congresso foi muito eficiente na resposta. Colocou o mínimo ao país.

É possível imaginar como vai ser a cara do próximo Legislativo? As mudanças são importantes, e os efeitos, difíceis de medir. Sabemos que a esquerda e a centro-esquerda lançaram um número muito menor de candidaturas do que a direita. Se a gente considerar que o número de candidatos é preditor do tamanho das bancadas, podemos prever que a composição ideológica do Congresso, hoje bastante inclinada para a direita, não vai mudar tanto assim.

Temos diferentes vetores caminhando em diferentes direções. Do ponto de vista do número de partidos, a tendência é que ele diminua. Mas, no agregado ideológico, a gente pode imaginar que será um Congresso de centro-direita com um pouco mais de equilíbrio para a esquerda.

Supondo esse cenário, do ponto de vista da relação com o Congresso, qual é o maior desafio do próximo presidente? A chave para essa pergunta é o tamanho do centrão, e é curioso notar que as respostas caminham em sentidos distintos. Para Lula, um centrão muito grande é um risco para a montagem da sua coalizão, porque o centrão, por conta da sua maleabilidade, mostrou ser um bloco que, dadas as condições, pode compor uma força para um impedimento. Então ao Lula interessa diminuir o tamanho do centrão, porque isso significaria aumentar a parcela dos partidos de centro mais liberal e dos chamados progressistas, de forma que possa dar um caráter mais programático à organização da sua coalizão.

Num governo Bolsonaro, um centrão inchado é interessante, porque o centrão também é um grupo de políticos pragmáticos, para os quais a manutenção do jogo eleitoral é importante. Portanto, o centrão é um fator de mitigação do caráter mais ideologizado, mais extremado do Bolsonaro. Isso foi verdade durante seu primeiro mandato.

O presidente tem como contornar o centrão? Não. Faz parte da democracia compor com as forças representadas no Legislativo. O Executivo precisa olhar a correlação de forças no Congresso e organizar uma coalizão minimamente operacional e definir uma agenda clara para o país.

Se Lula encarar um centrão inchado, vai ter que negociar com aquelas parcelas desses partidos que estão dispostas a negociar.

No caso do Bolsonaro, é um pouco mais complexo por conta da característica dele, de permanentemente deslegitimar o próprio processo democrático. Se ele encara um Congresso mais problemático para ele, com centrão menos inchado, vai precisar discutir uma agenda com o Congresso, no seu conteúdo.

Quaest projeta direita menor e aumento da esquerda na Câmara

Júlia Barbon

RIO DE JANEIRO A direita deve encolher, a esquerda deve crescer e o centro deve se manter estável na Câmara dos Deputados eleita no próximo domingo (2), aponta projeção feita pela Quaest com base nos índices de popularidade digital dos 24.500 candidatos pelo país.

Os partidos com tendência conservadora, porém, continuarão ocupando quase metade das 513 cadeiras da Casa, enquanto os outros dois grupos ainda terão cerca de um quarto cada um, de acordo com os cálculos da empresa de consultoria e pesquisa.

Os parlamentares de direita recuam de 253 atualmente para 245, os de esquerda avançam de 121 para 129, e os de centro seguem com 139 no levantamento, cujo intervalo de confiança varia conforme a legenda.

Essa mudança nos espectros políticos se reflete, consequentemente, nas possíveis bancadas de apoio a Jair Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Os partidos que formam a atual coligação do presidente (PL, PP e Republicanos) ou que tendem a posições próximas a ele (PTB, PSC e Patriota) perderiam 13 vagas, passando de 194 para 181, o equivalente a pouco mais de um terço da Câmara.

Já a coligação do petista, formada por um número maior de siglas que inclui duas novas federações (PT/PV/PC do B e PSOL/Rede), somada a outras que tendem à sua bancada (PSD, MDB e PDT), se ampliaria de 222 para 234, quase metade do plenário.

Os demais partidos, entre eles União Brasil, PSDB, Cidadania e Novo, apenas oscilariam de 97 para 98.

Considerando as legendas separadamente, o PL de Bolsonaro continuaria concentrando o maior número de cadeiras, segundo a projeção, com um pequeno crescimento de 76 para 78 deputados federais.

Esse patamar só foi alcançado na janela do troca-troca partidário, quando grande parte do bolsonarismo seguiu o presidente da República e migrou para a sigla. Em 2018, o PL havia eleito 33 nomes, ou seja, menos da metade da atual bancada.

Já a federação do PT de Lula seguiria reunindo o segundo maior grupo, com uma variação de 68 para 71 congressistas. O partido, sozinho, saiu das urnas em 2018 com a maior bancada (54). Ficou, porém, distante do seu auge em 2002.

A composição partidária na Câmara é de suma importância para qualquer governante. Além de ser a Casa que dá a largada em possíveis processos de impeachment, é por lá também que começa a tramitação da maioria dos projetos de interesse do Planalto.

Os resultados estimados pela Quaest tiveram como base o Índice de Popularidade Digital (IPD) de todos os candidatos a deputado com nomes inscritos no TSE (Tribunal Superior Eleitoral), divulgado mensalmente pela **Folha**. O indicador, que varia de zero a cem, é calculado pela empresa mineira desde 2018 através de um algoritmo de inteligência artificial que coleta e processa 139 variáveis de três plataformas: Twitter, Facebook e Instagram.

Bolsonaro chega às urnas sem apoio externo à tese de fraude no sistema

TSE vê reconhecimento estrangeiro da segurança do processo como chave contra contestações

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA O presidente Jair Bolsonaro (PL) chega ao dia da eleição sem ter conseguido internacionalizar sua campanha contra as urnas eletrônicas e os ministros do TSE (Tribunal Superior Eleitoral). Os recorrentes ataques contra o sistema de votação se voltaram contra ele e consolidaram a percepção entre governos estrangeiros —principalmente dos EUA e da Europa Ocidental— de que o mandatário é um ator desestabilizador da democracia no país.

Diplomatas sediados em Brasília sempre reportaram para suas respectivas capitais a escalada golpista de Bolsonaro contra as urnas, destacando que o chefe do Executivo vinha dando sinais claros de que poderia contestar o resultado da eleição em caso de uma derrota para Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

A preocupação, no entanto, subiu de patamar em 18 de julho, quando Bolsonaro promoveu uma reunião com chefes de missões diplomáticas no Palácio da Alvorada. Na ocasião, falando a uma plateia de embaixadores estrangeiros, o presidente repetiu as teorias da conspiração sobre urnas eletrônicas, desacreditou o sistema eleitoral, fez novas ameaças e atacou ministros do STF (Supremo Tribunal Federal).

"Por que um grupo de três pessoas apenas quer trazer instabilidade para o nosso país, não aceita nada das sugestões das Forças Armadas, que foram convidadas?", disse Bolsonaro à época, referindo-se aos mais recentes presidentes do TSE: ministro Alexandre de Moraes, Luís Roberto Barroso e Edson Fachin. Moraes é o atual presidente da corte.

Embaixadores de países ocidentais avaliaram à **Folha** na ocasião que Bolsonaro utilizou uma técnica trumpista —em referência ao ex-presidente dos EUA Donald Trump, que, após a derrota eleitoral para Joe Biden, insuflou mentiras sobre fraudes no pleito daquele país e foi peça central no episódio que resultou na invasão do Congresso americano.

O recado transmitido pelos estrangeiros a seus governos após o episódio no Alvorada foi o de que o Brasil caminhava para ter a própria versão do conflito pós-eleições registrado nos EUA: um governante que, caso derrotado, contestaria as urnas e deflagraria uma crise institucional.

Por isso, o evento desencadeou uma inédita articulação internacional de atores-chave em defesa do sistema eleitoral brasileiro. Pouco depois, a embaixada americana em Brasília divulgou uma nota em que disse que as eleições brasileiras são um modelo para o mundo e que os EUA confiam na força das instituições do país.

"As eleições brasileiras, conduzidas e testadas ao longo do tempo pelo sistema eleitoral e instituições democráticas, servem como modelo para as nações do hemisfério e do mundo", disse a missão diplomática. Comunicado semelhante foi difundido pela embaixada do Reino Unido.

Desde então, a mensagem de que os EUA confiam na segurança do processo eleitoral brasileiro conduzido pelo TSE passou a ser uma constante em reuniões de autoridades americanas com brasileiras. Foi, por exemplo, tema de manifestações do secretário de Defesa dos EUA, Lloyd Austin, na Conferência de Ministros de Defesa das Américas, realizada em Brasília no fim de julho.

Integrantes do governo americano dizem reservadamente que participaram de diferentes reuniões para entender o funcionamento das urnas eletrônicas e que estão convencidos de que o modelo é seguro. Avaliação semelhante de defesa da lisura do processo é encontrada em embaixadas europeias em Brasília.

A expectativa de uma possível contestação dos resultados por Bolsonaro neste ano deu peso adicional às tradicionais manifestações da comunidade internacional após a divulgação dos resultados, o que deve ocorrer ainda neste domingo (2).

Caso Lula vença já em primeiro turno, um rápido reconhecimento de democracias importantes é visto como chave para desarmar qualquer discurso desestabilizador por parte de Bolsonaro.

Em uma situação normal, a discussão sobre como e quando parabenizar um presidente eleito representa uma tarefa mais protocolar, mas a situação no Brasil fez com que o assunto esteja na ordem do dia nas comunicações das embaixadas ocidentais com as respectivas chancelarias.

A expectativa é que, se o petista alcançar a maioria dos votos, líderes internacionais como o americano Biden e governantes europeus o felicitem rapidamente. Na Europa, por exemplo, Lula mantém boas relações com o presidente francês, Emmanuel Macron. O PT tem ainda um relacionamento histórico com os partidos que hoje lideram os governos da Espanha e da Alemanha.

De acordo com a agência Reuters, durante recente reunião com o chefe da embaixada dos EUA, o encarregado de negócios Douglas Koneff, o ex-presidente reforçou a tese de que um rápido reconhecimento do resultado seria um movimento importante para minimizar o ímpeto de Bolsonaro de questionar as eleições.

Diplomatas estrangeiros ouvidos pela **Folha** ressaltaram que mensagens de congratulações são praxe e que elas devem ser enviadas ao vencedor do pleito, quem quer que seja ele. No entanto, o histórico de Bolsonaro de muitas vezes ter demorado dias para parabenizar vitórias de líderes internacionais com posições ideológicas distantes das suas pode fazer com que alguns desses políticos, por reciprocidade, adotem um tom mais frio e protocolar nas suas manifestações no caso de reeleição.

A preocupação com o comportamento da comunidade internacional foi partilhada inclusive pelo ex-presidente do TSE Edson Fachin. Em maio, ele fez reunião com embaixadores estrangeiros para prestar informações sobre o sistema de votação brasileiro.

"Permita-me convidar o corpo diplomático sediado em Brasília a buscar informações sérias e verdadeiras sobre a tecnologia eleitoral brasileira, não somente aqui no TSE, mas junto a especialistas nacionais e internacionais, de modo a contribuir para que a comunidade internacional esteja alerta contra acusações levianas", disse Fachin na ocasião.

Em conversas reservadas quando no comando do TSE, Fachin destacava que um rápido reconhecimento da comunidade internacional seria um dos pilares para conter eventuais ações de desestabilização após a divulgação dos resultados eleitorais.

Jair Bolsonaro discursa na Assembleia-Geral da ONU, em Nova York Brendan McDermid - 20.set.22/Reuters

Presidente recebe apoio de Orbán e de outros direitistas

Na véspera do 1º turno, Jair Bolsonaro recebeu apoio de líderes expressivos da direita mundial. Um deles é Viktor Orbán, primeiro-ministro da Hungria e um dos expoentes da direita populista. Outro endosso de destaque foi Donald Trump Jr., filho do ex-presidente dos EUA, que definiu Bolsonaro como o único capaz de "parar a disseminação do socialismo na América do Sul".

Órgãos internacionais reforçam atenção na eleição no Brasil

Thiago Amâncio e Ivan Finotti

WASHINGTON E MADRI Em meio à sequência de ameaças ao sistema eleitoral brasileiro feitas pelo presidente Jair Bolsonaro (PL), entidades da sociedade civil e ativistas foram buscar no exterior uma forma de pressão por respeito à democracia no Brasil.

Às vésperas do primeiro turno das eleições, neste domingo (2), esse esforço ganhou apoios concretos em diferentes órgãos, do Senado dos Estados Unidos ao Parlamento Europeu e à Comissão Interamericana de Direitos Humanos. O cálculo é que qualquer tentativa de ruptura democrática terá mais dificuldade de ser levada a cabo sem apoio internacional —sobretudo de países ou blocos dos quais o Brasil depende economicamente, como EUA e UE.

Nesse sentido, um dos apoios mais simbólicos veio na quarta-feira (28), com a aprovação pelo Senado americano de uma resolução que pede a revisão de relações diplomáticas entre Brasil e EUA em caso de golpe e o reconhecimento imediato por parte do governo Joe Biden do vencedor nas urnas —em uma tentativa de dificultar uma contestação do resultado.

A moção foi capitaneada pelo senador Bernie Sanders, que acionou colegas após receber uma comitiva de entidades brasileiras alertando para o risco de um golpe, liderada pelo grupo Washington Brazil Office.

"Historicamente, a pressão internacional pela defesa do meio ambiente, de direitos humanos e democracia sobre governos que não compactuam com esses valores provou-se uma tática eficiente para prevenir maiores tomadas de direitos", diz Iman Musa, diretora de advocacy da entidade.

"A influência política e econômica global dos EUA é inegável, e com o Brasil não é diferente. Ter uma das maiores potências globais ecoando denúncias que as entidades fazem é importante não só para amplificar, mas também respaldar suas mensagens."

No mesmo dia em que o Senado aprovou a moção, 51 membros do Parlamento Europeu entregaram uma carta à presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, e ao chefe da política externa do bloco, Josep Borell, que pede para que a UE monitore o pleito e apoie as instituições democráticas do Brasil.

Anna Cavazzini, eurodeputada alemã pelo Partido Verde, afirma que a ideia surgiu após uma viagem de parlamentares ao Brasil em julho, na qual se encontraram com políticos, acadêmicos, representantes indígenas e ativistas. "Havia um receio de ataques à democracia, e foi feito um pedido forte para que a comunidade internacional se posicionasse em defesa dela."

Segundo Maria Arena, eurodeputada belga que preside a Subcomissão dos Direitos Humanos, "o objetivo é pedir que a UE seja clara aos parceiros em termos de respeito das leis e da ordem constitucional".

Sanções comerciais estão na lista de instrumentos desses parlamentares para punir o Brasil em caso de quebra do sistema democrático. "No caso de um não reconhecimento dos resultados eleitorais pela força e pelo caos, a Europa vai ter que usar suas relações comerciais com o Brasil como instrumento de sanção", afirmou Arena à **Folha**.

Na quinta (29), a Comissão Interamericana de Direitos Humanos, com sede em Washington, divulgou comunicado pedindo que o governo brasileiro "ponha o máximo de seus esforços para prevenir e combater qualquer ato de intolerância que possa resultar em violência política".

O órgão vem se movimentando há meses em relação ao pleito. No fim de junho, emitiu comunicado afirmando que "observa com preocupação atos de violência motivados pelo contexto político, bem como os discursos de lideranças políticas, especialmente de altas autoridades, que possam aprofundar o clima de polarização política".

A comissão é um órgão autônomo ligado à Organização dos Estados Americanos, que enviou, por sua vez, uma missão de observadores chefiada pelo ex-chanceler do Paraguai Rubén Ramírez Lezcano. Na noite de quarta, Bolsonaro afirmou em uma live que pediu a Lezcano que a missão produza um relatório contra as urnas eletrônicas.

Ao todo, 55 observadores da OEA de 17 nacionalidades estarão em 15 estados para fiscalizar o andamento do pleito. É a terceira vez que o órgão envia uma missão do tipo ao Brasil. Após o pleito, o grupo apresentará um relatório preliminar com observações e recomendações.

Também na quinta, a Human Rights Watch afirmou que o governo deve "garantir aos brasileiros o livre exercício do direito ao voto e eleições seguras" e que autoridades, federais e estaduais, devem "proteger eleitores, candidatos, servidores e voluntários da Justiça eleitoral, inclusive fiscalizando o cumprimento das restrições temporárias a armas e munições".

Soldado ucraniano apoia colega ferido ao cruzar ponte sobre o rio Oskil, em área retomada por Kiev em Kharkiv Yasuyoshi Chiba/AFP

Kiev expulsa russos de cidade anexada por Putin na véspera

Aliado do Kremlin sugere arma nuclear, citada por Moscou, para barrar ação

GUERRA DA UCRÂNIA

Igor Gielow

SÃO PAULO Forças da Ucrânia expulsaram neste sábado (1º) cerca de 5.000 soldados russos em Liman, cidade estratégica na área anexada na véspera por Vladimir Putin na autoproclamada república popular de Donetsk. Um importante aliado do russo pediu uma resposta nuclear à situação.

"Em conexão com o risco de um cerco, tropas aliadas foram retiradas para linhas mais vantajosas", disse o Ministério da Defesa da Rússia.

Segundo relatos ucranianos e de blogueiros militares russos, o cerco de fato havia sido estabelecido ao longo da madrugada, e a cidade estava prestes a ser isolada.

O avanço ocorreu ao longo desta semana, e parece ter sido desenhado por Kiev para desmoralizar os russos um dia após Putin ter feito um grandioso evento para celebrar a integração à Rússia de Donetsk e sua vizinha região russófona do Donbass (leste), Lugansk, além das áreas ao sul de Kherson e Zaporíjia, que ligam as duas primeiras à Crimeia, anexada em 2014.

O chefe dos separatistas que governavam boa parte de Donetsk desde a guerra civil de 2014, Denis Puchilin, disse na sexta (30) que a situação era "muito desagradável" e que seria necessário "aprender com os nossos erros".

A esta altura, contudo, a retomada de Liman é uma ação mais simbólica do que definitiva para os rumos da guerra. Mas ela enseja avaliações estratégicas e políticas maiores do que a colocada da bandeira de Kiev na sua entrada, como mostraram imagens divulgadas na manhã do sábado (madrugada no Brasil).

Como fica a Ucrânia sem regiões que Rússia quer anexar

Fonte: Graphic News e BBC

Kiev poderá estabelecer uma ponte para a eventual invasão de Lugansk, área que está quase totalmente ocupada por Moscou —pontos-chave como Kreminna, Severodonetsk e Lisitchansk ficam a menos de 50 km de Liman.

"Liman é importante porque é o próximo passo na libertação do Donbass", disse o porta-voz militar ucraniano Serhii Tcherevatii, do comando que opera na frente a partir de Kharkiv.

Isso teria implicações mais sérias, no caso de haver um colapso da defesa russa na região de Lugansk.

Putin decretou na semana passada uma mobilização de 300 mil reservistas visando reforçar ao menos a defesa das áreas que anexou.

Foi uma resposta ao agravamento da situação em campo, já que Kiev havia recuperado quase sem esforço a área da província de Kharkiv, vizinha do Donbass, que havia sido ocupada por Moscou no começo da guerra.

Os russos, preocupados com uma ofensiva montada em Kherson que demorou quase um mês entre o anúncio e o começo, desviaram suas reservas para o sul, aparentemente deixando a região nordeste desguarnecida.

Alguns observadores especulam se a retirada russa possa ter sido parte de um plano de Putin para estabelecer a fronteira que deseja anexar para abrir um caminho de congelamento do conflito, já que o anúncio dos referendos de absorção das regiões e a mobilização foram feitos logo após a derrota em Kharkiv.

É insondável, claro, mas a hipótese de que a Rússia tenha reagido ao risco de uma derrota e tentado criar um fato consumado político parece bem mais racional, seja para ter uma saída para a guerra em seus termos, seja para se reagrupar e seguir o combate.

Além disso, há um outro ponto importante: Putin ameaçou o emprego de armas nucleares se considerar que a Rússia corre risco existencial. Como agora as áreas ocupadas são consideradas pelo Kremlin como suas, o corolário de um impasse atômico com o Ocidente que defende Kiev se coloca.

Um dos mais belicosos aliados de Putin, o líder tchetcheno Ramzan Kadirov, foi explícito na sua conta no Telegram: "Na minha opinião pessoal, medidas mais drásticas têm de ser tomadas, como lei marcial nas fronteiras e o uso de armas nucleares de baixo rendimento", afirmou.

Ele é um dos líderes linha-dura em torno de Putin que insistiam na mobilização, dada a insuficiência de forças nas frentes. O presidente resistiu por temer impopularidade.

Os EUA já alertaram que mesmo o uso de uma arma tática de pequena potência, contra movimento de tropas ou bases militares, seria respondida de forma "horrível" para os russos, segundo o secretário de Estado, Antony Blinken.

Os americanos parecem estar levando a sério o risco de uma escalada. Na quarta passada, o chefe do Comando Estratégico dos EUA, almirante Charles Richard, participou de um painel que discutiu riscos de um ataque ao país, no National Harbor (Maryland).

"Todos nós nessa sala estamos de volta ao trabalho de contemplar a competição por meio de crise e possível conflito direto com um par em capacidades nucleares. Nós não tivemos de fazer isso em mais de 30 anos, e as implicações são profundas. Não é mais teórico", afirmou.

Já a mobilização gerou protestos na classe média urbana russa —que viu várias categorias profissionais influentes como funcionários do sistema bancário ou trabalhadores de TI serem isentas do alistamento— e a fuga de homens em regiões fronteiriças da Geórgia, do Cazaquistão e da Mongólia, países que não exigem visto de russos.

É para tratar do problema que Kadirov sugeriu a lei marcial também, mas o Kremlin já disse que não há ainda planos para isso.

Ainda assim, ela segue e, em talvez dois meses, as forças comecem a chegar com um mínimo de treinamento à Ucrânia. Resta saber se o presidente Volodimir Zelenski tem também fôlego militar para fazer um avanço sobre Lugansk, além de vontade de pagar para ver o blefe atômico de Putin.

No sul ucraniano, a estatal de energia nuclear Energoatom afirmou que os russos prenderam o diretor da maior usina atômica da Europa, a de Zaporíjia, que está sob ocupação de Moscou e desligada. Se confirmado, pode ser um primeiro passo para tentar colocar o local sob administração da gigante russa do setor, a Rosatom.

Antifascismo deve ser refundado, diz autor de série sobre Mussolini

ENTREVISTA ANTONIO SCURATI

Michele Oliveira

MILÃO Antonio Scurati, 53, começou há quase dez anos a pesquisa para uma série de romances documentais sobre o fascismo italiano, inaugurado há cem anos por Benito Mussolini. Desde então, o mundo se transformou, com a ascensão de personagens da ultradireita nacional-populista dentro das regras democráticas.

Poucos dias após o lançamento do terceiro volume da série, o movimento chegou ao seu auge na Itália, com a vitória eleitoral do partido Irmãos da Itália, de Giorgia Meloni.

"Tudo foi normalizado, não causa mais escândalo", diz. "A Itália mais uma vez será laboratório político, uma espécie de vanguarda da retaguarda."

Traduzida em 40 países, a série volta com "M - Os Últimos Dias da Europa", que percorre de 1938 a 1940, período da aliança de Mussolini com a Alemanha nazista. No Brasil, os dois primeiros volumes foram lançados pela Intrínseca.

À **Folha** Scurati traça semelhanças e diferenças do fascismo e do populismo atual.

*

Por que achou necessário incluir um aviso, no início do livro, sobre fatos históricos que poderiam parecer inverossímeis? Nos três livros, colocamos o aviso de que todos os fatos, personagens e diálogos são comprovados historicamente. Mas, neste, quis reforçar que, devido ao nosso desconhecimento do que foi o fascismo e pelo fato de não termos acertado as contas até o fim com nossa história, certos aspectos da infeliz decisão que levou Mussolini a se aliar a Hitler e a desencadear a Segunda Guerra poderiam parecer implausíveis, uma invenção do escritor. Mas não são.

Quais são esses momentos? O fato de que Mussolini fosse totalmente ciente do total despreparo militar da Itália. Que fosse capaz de ver claramente o traço demoníaco do nazismo, mas de ter ido em frente por achar mais conveniente. E que, apesar de o antissemitismo não representar um pilar ideológico do fascismo, ele decide sacrificar judeus italianos, um cálculo desprezível.

De um lado, Mussolini se dá conta de que está acompanhado de um aliado incontrolável em sua obsessão de conquista. Mas, de outro, é vítima de um autoengano. Continua a acreditar ser o que manobra Hitler e não o contrário. Entre a realidade desagradável e complexa e a imagem que tem de si mesmo, escolhe a última.

Políticos populistas de hoje também são acometidos por esse autoengano? Sim, no sentido de que, entre a realidade com suas complexidades e as falsas soluções retóricas, escolhem sempre a última. É um traço do populista, que reduz a política à comunicação, ao proclamar coisas como "construiremos um muro", "fecharemos portos", contornando o confronto real com problemas inextricáveis. Quase uma negação psicótica.

O medo é outra ligação com a direita populista de hoje? Certamente. Mussolini vinha do Partido Socialista, que tinha como símbolo o sol nascente, o futuro. Quando é expulso, percebe que há uma única paixão mais poderosa que a esperança: o medo da esperança dos outros —no caso, da revolução socialista.

E ele aposta tudo em alimentar o medo. Depois, transforma medo em ódio. O populismo fascista reduz toda a complexidade dos problemas reais em um único inimigo, uma simplificação brutal.

Antonio Scurati, 53
Nascido em Nápoles, já venceu o Prêmio Strega, o mais importante da literatura italiana. Professor de literatura contemporânea na Universidade de Comunicação e Línguas de Milão, também é colunista do jornal La Stampa e ensaísta

Há cem anos, era o socialismo. Hoje, pode ser o imigrante.

O livro narra momentos cruciais antes da Segunda Guerra. Que comparações podem ser feitas com a Guerra da Ucrânia? O tipo de poder que Vladimir Putin instalou na Rússia, com esse Estado policial, a necessidade de apoiar seu poder em uma retórica neoimperialista, lembra muito o totalitarismo imperfeito baseado em uma ditadura pessoal de Mussolini. E o expansionismo lembra, às vezes com simetrias assustadoras, o de Hitler. O uso de armas para defender uma minoria da mesma língua que está além das fronteiras e supostamente estaria sendo perseguida. Foi assim com Hitler na Áustria, na Tchecoslováquia, na Polônia, e tem sido assim com Putin na Tchetchênia, na Geórgia, na Crimeia, na Ucrânia.

Em breve a Marcha sobre Roma completa cem anos. Sobrou algum traço desse golpismo na ultradireita hoje? À diferença de cem anos, esses políticos chegam ao poder se movendo dentro das regras do jogo democrático, ainda que desprezando-as. Esse tipo de alarme não só é injustificado como nos distrai do verdadeiro perigo, que não é uma supressão da democracia, mas sua deterioração qualitativa —que já está em curso.

Como vê o uso da tríade "Deus, pátria e família" por Meloni e, no Brasil, por Jair Bolsonaro? Acho chocante que, em 2022, possa existir esse slogan. É isso que demonstra de maneira evidente que se trata de uma cultura política reacionária. Esse lema vem do pensamento de Giuseppe Mazzini, um dos pais da unificação italiana. Em sua concepção, assume um significado de emancipação. Hoje, significa propor uma perspectiva de retorno a uma sociedade em que o pai pega sua autoridade do pai da pátria, o qual a recebe diretamente de Deus. Um slogan amplamente usado por Mussolini durante 20 anos de fascismo.

Como vê a tentativa das forças de oposição a essa ultradireita, não só na Itália, de vincular esses políticos ao fascismo? Em uma campanha eleitoral isso pode tirar votos? Não, justamente porque a coisa foi normalizada. A questão moral desapareceu, com o eclipse do antifascismo ao longo do século 20, aquele movimento que colocava como prerrogativa o fato de que, se você quiser fazer parte da sociedade civil ou da política, precisa se declarar antifascista. O antifascismo deve ser refundado sobre novas bases. Não deve estar de maneira alguma sob as bandeiras da esquerda. Deve ser uma nova consciência, cívil e cívica, de todos os democratas. Significa reafirmar a superioridade ética, política e econômica da democracia plena, liberal.

Onda anti-ESG confronta empresas e investidores ativistas nos EUA

Conservadores acusam negócios de deixar o objetivo do lucro de lado em prol de agenda política

Thiago Bethônico

SÃO PAULO Em julho, o governador da Flórida, Ron DeSantis, foi a público denunciar aquilo que considera uma grave ameaça à economia dos EUA e à liberdade dos americanos. Durante pronunciamento na cidade de Tampa, o republicano declarou guerra ao ESG, movimento que propõe uma reorientação dos negócios a partir de princípios ambientais, sociais e de governança.

A cruzada de DeSantis tem como alvo empresas, bancos e gestores de ativos que, na visão dele, usam de seu poder econômico para impor uma ideologia "woke" na sociedade. O termo, que significa acordado ou desperto em português, faz referência aos defensores de pautas progressistas e ganhou conotação negativa entre os conservadores.

Embora o governador tenha despontado como uma das figuras mais vocais dessa agenda, ele não é o único. Políticos, investidores e até procuradores —geralmente alinhados ao partido Republicano— começaram a enquadrar empresas que adotam iniciativas sustentáveis, como reduzir emissões de carbono ou melhorar a diversidade do quadro de funcionários.

A recente onda anti-ESG já tem constrangido empresas e provocado reveses entre os defensores da pauta. DeSantis, por exemplo, anunciou medidas para proibir que os fundos de pensão da Flórida tomem decisões de investimento baseadas em critérios ambientais, sociais ou de governança, estabelecendo que só o retorno financeiro deve importar.

Recentemente, o ex-vice-presidente republicano Mike Pence, que planeja se candidatar à corrida pela Casa Branca em 2024, também disse que quer controlar o ESG.

Enfrentar o "movimento woke" tem apelo no partido Republicano, especialmente entre os apoiadores do ex-presidente Donald Trump. DeSantis, que também pretende disputar a Presidência, ganhou proeminência há alguns meses ao confrontar a Disney, depois que executivos da companhia manifestaram oposição a uma lei aprovada na Flórida que proíbe discutir orientação sexual e identidade de gênero nas escolas.

A investida contra a onda sustentável dos negócios não tem ficado restrita a jogadas políticas de candidatos. Em agosto, procuradores-gerais de 19 estados americanos começaram uma investigação contra a fornecedora de dados financeiros Morningstar, para avaliar se ela violou uma lei ao classificar empresas por critérios ESG. Processo semelhante corre contra a S&P Global.

O governador da Flórida, Ron DeSantis, é uma das figuras mais vocais contra o ESG Jeff Swensen/Getty Images/AFP

O argumento é que companhias estariam deixando valores progressistas atrapalharem decisões financeiras, politizando questões que deveriam ser apenas de negócios.

Os 19 procuradores também enviaram uma carta a Larry Fink, CEO da BlackRock, acusando a maior gestora de ativos do planeta de colocar a agenda climática na frente dos interesses dos clientes, com potenciais riscos para a economia dos EUA.

"Os compromissos públicos da BlackRock indicam que ela usou ativos de cidadãos para pressionar as empresas a cumprir acordos internacionais, como o Acordo de Paris, que forçam a eliminação progressiva dos combustíveis fósseis, aumentam os preços da energia, impulsionam a inflação e enfraquecem a segurança nacional dos EUA" diz o texto.

Antecipando críticas, Fink já defendeu que a virada sustentável dos negócios nada tem a ver com política.

"Não é uma agenda social ou ideológica. Não é 'woke'. É o capitalismo, impulsionado por relacionamentos mutuamente benéficos entre você e os funcionários, clientes, fornecedores e comunidades em que sua empresa depende para prosperar", afirmou.

A litigância anti-climática, porém, já tem feito companhias repensarem seus compromissos ESG. Segundo o Financial Times, gigantes como JPMorgan, Morgan Stanley e Bank of America cogitam abandonar a aliança financeira pela descarbonização (Gfanz) porque temem ser processadas.

A maior preocupação seriam as metas rígidas de eliminação gradual do carvão, petróleo e gás. Em muitos casos, isso exigiria que os bancos deixassem de financiar esses setores, o que é visto como boicote pelos ativistas anti-ESG.

O Texas, por exemplo, aprovou uma lei que exclui dos negócios estatais as instituições financeiras que forem consideradas "boicotadoras" da indústria de petróleo e gás.

Investidores também têm defendido que iniciativas ambientais e sociais são efetivamente ruins para os negócios.

O americano Vivek Ramaswamy, por exemplo, tem se destacado como um dos críticos mais proeminentes do ESG. No início de 2022, ele lançou a gestora Strive, com o objetivo de combater o movimento e que já atraiu mais de US$ 300 milhões em ativos.

Ramaswamy diz que pretende reorientar as grandes empresas para maximizar os lucros —objetivo que ele diz ter sido deixado de lado.

Recentemente, o investidor enviou uma carta aberta ao CEO da Apple, Tim Cook, pedindo que ele pare de observar a equidade racial na hora de contratar e desconsidere a diversidade nas políticas de remuneração da empresa. Na visão de Ramaswamy, o único critério deve ser o mérito.

Em outra carta, enviada à Disney, ele pediu que a companhia parasse de fazer declarações políticas, mencionando o caso das escolas primárias da Flórida.

Fabio Alperowitch, sócio-fundador da Fama Investimentos, diz que o ESG foi bastante "ideologizado" no Brasil e nos EUA .

Teoricamente, ele afirma, direitos humanos e mudanças climáticas não deveriam ser tratados como temas de esquerda, mas quando isso acontece, a direita ataca essa agenda como forma de atingir seus oponentes.

Na avaliação dele, o ESG vive seu pior momento da história. A agenda passa por uma fragilização devido a questões como valorização das commodities, crise de energia na Europa e alta do petróleo. Nesse contexto, é natural que investimentos verdes tenham performance pior do que os poluentes, por exemplo.

Alperowitch confronta aqueles que afirmam que o ESG diminui a rentabilidade. Segundo ele, como o ESG é relativamente novo, não há uma série histórica longa o suficiente para fazer essa mensuração.

O fundador da Fama ainda menciona um estudo feito por um professor de Harvard que comparou 180 empresas, divididas entre sustentáveis e não-sustentáveis, durante 18 anos, e que aponta vantagens maiores para empresas sustentáveis.

PAINEL S.A.

Joana Cunha
painelsa@grupofolha.com.br

João Camargo
Empresariado é pragmático e tem resistência zero a Lula

Presidente do grupo Esfera Brasil diz que teve de tirar móveis da sala por guindaste para acomodar convidados em encontro com petista

ESFERA BRASIL

SÃO PAULO João Camargo, presidente do grupo de empresários Esfera Brasil e anfitrião do jantar que reuniu Lula com os maiores nomes do empresariado na semana passada, precisou tirar os móveis da sala para conseguir acomodar as 137 pessoas que confirmaram presença, entre elas, nomes como Abílio Diniz (Carrefour), André Esteves (BTG) e Rubens Ometto (Cosan).

Os sofás não couberam no elevador e saíram içados pela janela da cobertura de seu apartamento no Morumbi.

A princípio, seriam menos de 50 convidados, segundo Camargo, porém, foi tão grande o interesse em ouvir o líder nas pesquisas dias antes da eleição, que ele expandiu a lista. Apesar das ressalvas feitas no setor privado em relação aos rumos que Lula pode dar à economia, Camargo diz que o petista estava afinado. "Empresário é um ser pragmático. Eu acho que a resistência ao Lula, aqui, não existiu", diz.

Fundado em 2021, o grupo Esfera se apresenta como um think tank que reúne representantes do setor público com o setor privado para pensar o Brasil. Tem semelhanças com o Lide, do ex-governador de São Paulo João Doria. Mas Camargo afasta a comparação e nega qualquer interesse de entrar na política no futuro.

"Fiz um compliance em que não posso exercer cargo público, dar declaração política nem ser filiado a partido", diz.

*

O empresário João Camargo Bruno Santos/Folhapress

Esfera Brasil
Criado em julho de 2021, o Esfera Brasil tem hoje 43 associados que participam dos encontros com representantes do poder público. O grupo, que se posiciona como apartidário, já recebeu nomes como Jair Bolsonaro, o ex-presidente Michel Temer e os presidentes da Câmara, Arthur Lira, e do Senado, Rodrigo Pacheco

Dias antes do 1º turno, o sr. reuniu Lula com dezenas de empresários e já havia feito o mesmo com Bolsonaro semanas antes. Como a Esfera Brasil, um grupo formado há pouco tempo, conseguiu isso em meio à polarização? Acho que sou uma pessoa de relacionamento nato. Antes da Esfera, fui convidado para 15 confrarias. Eu quis fazer uma coisa mais pró-Brasil e esquecer esse assunto de confraria. Eu pensava muito em montar a Esfera, quando veio a Covid.

Aí, fui formulando, fiz um compliance bem-feito, em que não posso exercer cargo público nem dar declaração política nem ser filiado a partido. Tem altas multas em algumas empresas com as quais eu assinei. Em julho [de 2021], comecei a fazer [reuniões] em casa com protocolo sanitário, PCR, álcool em gel e máscara.

Começamos a fazer a Esfera assim, e teve sucesso. Veio Paulo Guedes, quatro vezes, Guilherme Boulos, o Fernando Haddad, três vezes, veio o Emídio [de Souza, deputado estadual do PT]. Fizemos reunião com vários presidentes de partidos, a Gleisi Hoffmann, do PT, o Bruno Araújo [PSDB], Carlos Lupi [PDT].

Começamos a estimular essa classe geradora de empregos, que gera riqueza para o país, que corre risco, a conversar com o poder público.

Como foi o evento com Lula na terça? Nós não tínhamos certeza de que íamos fazer com o Lula no primeiro turno. Eles só confirmaram no domingo. Eu estava na praia, descansando, e me ligaram às 11h da manhã. Voltei correndo e comecei a chamar os 45 membros [do grupo Esfera]. Aceitaram de primeira. Foi o primeiro evento com 100% de presença dos membros.

Mas, como a campanha está muito dinâmica, e está no final, e o Lula está em primeiro nas pesquisas, muitos membros quiseram trazer algum sócio e outras pessoas que não pertencem à Esfera. Eram muito representativos. Então, acabei abrindo exceção, e 137 pessoas apareceram no dia.

Tive de chamar uma empresa de engenharia para trazer um guindaste no meu apartamento [para tirar os móveis]. Eu moro na cobertura, o sofá não cabia no elevador para descer. Tive que içar os móveis e depois colocamos umas 80 ou 90 cadeiras para comportar essas 137 pessoas que vieram a um evento recorde que a Esfera fez com Lula.

O que sentiu por parte dos empresários? Alguma resistência ao candidato? Como foi o clima? Empresário é um ser pragmático. O empresário é pró-Brasil. Não tem isso de paixão. O empresário é uma pessoa mais fria. Eu acho que a resistência ao Lula, aqui, não existiu. Acho que foi zero de resistência. Agora, ele realmente estava muito afinado.

Ele falou para eu escolher três pessoas para dizerem qual é o Brasil que eles querem, e ele diria se seria possível atender. Depois de ouvi-los, concordou, desde que ele consiga cumprir uma promessa dele de inclusão social e de tirar da miséria 31 milhões de pessoas que estão passando fome. Falou que vai fazer vários comitês que vão ter vários tipos de empresários, mas com trabalhadores juntos.

Foi um discurso muito proveitoso, sincero, honesto. Acho que as pessoas saíram daqui satisfeitas, aliviadas.

E a ocasião com Bolsonaro, como foi? Bolsonaro foi um mês antes. Foi no dia em que o ministro Alexandre de Moraes fez aquela busca e apreensão naqueles empresários [do grupo de WhatsApp em que se defendeu golpe]. Então, foi um momento tenso.

Bolsonaro chegou apreensivo. Ele veio com ministros. Acho que não estava em um dia muito propício. Mas foi um encontro muito bom, proveitoso. Bolsonaro, no final, também se expressou muito bem, não teve dúvida de urnas.

A gente quer um Brasil seguro para o capital poder investir. Fizemos um seminário com os Três Poderes e falamos da garantia dessas eleições. Também fizemos um seminário com o ministro Lewandowski, vice-presidente do Tribunal Superior Eleitoral, que falou para mais ou menos 40 pessoas aqui sobre a segurança da urna eletrônica.

Ele nos confidenciou que, quando foi com o ministro Alexandre de Moraes levar o convite da posse deles no TSE para Bolsonaro, ele disse ao Guedes: "Ministro, quando eu faço um Pix para o senhor, o senhor acredita que o dinheiro sai da minha conta e vai para a sua? O senhor tem alguma dúvida? O voto eletrônico é muito mais simples do que isso. Quando vai ao mercado, pega o carrinho, passa no caixa e a soma total é aquela, dúvida daquela soma? A gente não duvida porque sabe que é exata. A urna eletrônica é muito mais simples".

Após a eleição, qual é o próximo evento? Estamos fazendo um grande estudo de segurança do capital estrangeiro. Levantamos com os associados quais são as dores do capital estrangeiro, seja na parte jurídica, tributária e criminal. Estamos tentando resolver algumas delas, ou por portarias no novo governo, ou por decreto, ou até por projeto de lei.

Também vamos fazer um seminário para pensar o Brasil, de 25 a 27 de novembro. Fechei o Casagrande Hotel inteiro [em Guarujá], 300 apartamentos. Vou chamar a equipe que formulou o plano econômico, de infraestrutura, tecnologia, saúde e educação do candidato vencedor. Vamos introduzi-los com alguns empresários e fazer lounges, pensando Brasil e onde pode melhorar. Vamos debater com o atual governo, ou pelo menos dialogar.

A Esfera lembra muito o que era o Lide, anos atrás. A Esfera é um novo Lide. Você é o novo Doria? A pergunta é interessante. Eu tento desmistificar isso ao máximo. Nós somos um think tank. A gente só pensa Brasil. Não quero passar de 50 sócios. Digo isso desde o primeiro dia em que fundei a Esfera. Demanda para ir para 300 é fácil. Mas é artesanal. Eu preciso ligar para um, fazer um comitê com dois ou três, sentar, pensar Brasil.

Se eu colocar muita gente, não vou entregar o meu propósito, que é um Brasil melhor. Aí vai ficar uma coisa de B2B [business to business ou negócio entre empresas]. Eu não sou B2B e não sou um protótipo de gerente de eventos. A gente faz poucos eventos, mas ricos em conteúdo e sempre para melhorar o país.

E se vier a possibilidade de ir para a política, como fez João Doria? Não posso ir, porque o nosso compliance para essas grandes empresas que aceitaram se afiliar à Esfera é muito rigoroso. Eles se sentiram confortáveis de que eu não vou fazer da Esfera um trampolim político ou que vá ocupar um cargo público ou dar uma declaração que possa comprometer grandes empresários.

Fizemos algo apartidário, pró-Brasil e sem grandes paixões. A Esfera é uma bola que não tem lado. E eu percebi que ia dar certo porque, quando eu chego, o time do Bolsonaro diz: "Opa, chegou o nosso amigo lulista". E o time do Lula diz: "Chegou nosso amigo bolsonarista". É porque eu estou no meio de uma esfera. Então, estou sendo bem-aceito por um lado e pelo outro.

O Esfera conseguiu reunir os empresários com Lula e Bolsonaro, coisa que o Lide já não consegue. Acha que o fato de Doria ter ido para a política quebrou pontes do Lide? No caso do Lide eu não sei te responder. No caso da Esfera, que é um think tank para pensar Brasil, não dá para misturar um ingresso na política. Se você espera ter um resultado melhor, não dá para misturar. Na Esfera, eu estaria traindo a confiança dos meus associados e pagaria multas por isso.

A Esfera é um think tank pequeno. Para fazer um propósito pró-Brasil, não posso me envolver em partido ou paixão política. O governo dura quatro anos. O Brasil já está com 500 anos, e esse nosso projeto não é para melhorar o Brasil de pirlimpimpim. São maturações, ideias, contratação de profissionais, economistas, para pensar um Brasil melhor.

Para mudar, vai demorar cem anos, 200 anos, mas, se a gente melhorar o Brasil e diminuir os nós de crescimento, todos vamos sair ganhando. Desde a classe da base da pirâmide até o pico da pirâmide vai sair ganhando.

VEJA VÍDEO DA ENTREVISTA EM folha.com/joaocamargo

LEILÃO JUDICIAL ELETRÔNICO

IMÓVEIS COM DESÁGIOS DE ATÉ 50% SOBRE O VALOR DE AVALIAÇÃO. APROVEITE!

IMÓVEL COMERCIAL — ID 5889

Piracicaba/SP

Imóvel com 21.000 m² de construção e área de terreno de 69.230 m². Composto por térreo, 2 pavimentos e estacionamento com 1.660 m². Localizado a 2 min. da Rod. do Açúcar e a 18 min. do centro da cidade.

Avaliação **R$ 22.540.739,10** | Lances a partir de **R$ 13.524.437,46**

Leilão 04 de Outubro - 10:00hs

Juiz: Exmo. Dr. Rogério Sartori Astolphi
6ª Vara Cível de Piracicaba/SP

TERRENO RURAL — ID 5953

Avaí/SP

Gleba de terras denominada Fazenda Morada do Sol com 317 hectares.

Avaliação **R$ 11.700.000,00** | Envie sua **Proposta!**

Leilão 19 de Outubro - 10:00hs

Juíza: Exma. Dra. Fabiola Helena de Paula Roque Lucato
1ª Vara da Família e Sucessões de Piracicaba/SP

ID 5883

Apartamento Cobertura
Guarujá/SP

Imóvel com 109 m² no Ed. Chateau Marville, composto por sala, terraço, lavabo, 3 dorms, 1 suíte, cozinha, área de serviços, dependências de empregados, área coberta com churrasqueira, piscina, salão de jogos e vaga de garagem dupla.

Avaliação **R$ 1.032.337,07** | Lances a partir de **R$ 516.168,53**

1º Leilão **04/10 - 09:00hs** | 2º Leilão **25/10 - 09:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Marcelo Machado da Silva
4ª Vara Cível de Guarujá/SP

ID 5848

Imóvel Residencial
Santana do Ipanema/AL

Imóvel com área construída de 139 m² sobre terreno de 306 m². Composto por 3 dorms, sala, banheiro e cozinha. Localizado a 2 min. da Av. Dr. Otávio Cabral.

Avaliação **R$ 430.000,00** | Lances a partir de **R$ 215.000,00**

1º Leilão **04/10 - 10:40hs** | 2º Leilão **25/10 - 10:40hs**

Juiz: Exmo. Dr. Kleber Borba Rocha
1ª Vara Judicial de Santana do Ipanema/AL

ID 5882

Imóvel Residencial
Guaratinguetá/SP

Imóvel com 130 m² de construção e terreno com área de 200 m². Localizado a 3 min. do Aeroporto de Guaratinguetá e a 6 min. do centro da cidade.

Avaliação **R$ 338.863,01** | Lances a partir de **R$ 293.651,91**

1º Leilão **04/10 - 14:20hs** | 2º Leilão **25/10 - 14:20hs**

Juiz: Exmo. Dr. Walter Emídio da Silva
4ª Vara Cível de Guaratinguetá/SP

ID 5673

Apartamento com 111 m²
Guarujá/SP

Imóvel no Edifício Belvedere Enseada no Guarujá, composto por 3 dorms, sendo 1 suíte, sala, cozinha, banheiro, área de serviços e vaga de garagem.

Avaliação **R$ 494.523,06** | Lances a partir de **R$ 247.261,53**

Leilão **05/10 - 09:40hs**

Juiz: Exmo. Dr. Marcelo Machado da Silva
4ª Vara Cível de Guarujá/SP

ID 5854

Imóvel Comercial com 136 m²
Arapiraca/AL

Imóvel comercial de 2 pavimentos, composto por 5 salas comerciais. Localizado a 7 min. da Rod. Dr. Geraldo Cavalcante Cajueiro e a 11 min. do Arapiraca Garden Shopping.

Avaliação **R$ 780.000,00** | Lances a partir de **R$ 585.000,00**

1º Leilão **06/10 - 09:20hs** | 2º Leilão **27/10 - 09:20hs**

Juiz: Exmo. Dr. Marcos Vinicius Linhares Constantino da Silva
2ª Vara Judicial de Delmiro Gouveia/AL

ID 5880

Apartamento com 56 m²
Diadema/SP

Imóvel no Condomínio Costa Marina, composto por 2 dorms, banheiro, sala, cozinha, área de serviço e vaga de garagem.

Avaliação **R$ 355.654,79** | Lances a partir de **R$ 266.741,09**

1º Leilão **06/10 - 09:40hs** | 2º Leilão **26/10 - 09:40hs**

Juíza: Exma. Dra. Erika Diniz
1ª Vara Cível de Diadema/SP

ID 5563 - Lote 1

Prédio Comercial
Santo André/SP

Imóvel de 3 pavimentos com 344 m² de construção e terreno com área de 216 m². Composto por divisões internas, cozinha, salas e banheiros. Localizado em área industrial, a 6 min. do Atrium Shopping e a 7 min. da Av. dos Estados.

Avaliação **R$ 2.497.742,02** | Lances a partir de **R$ 1.873.306,52**

1º Leilão **06/10 - 10:00hs** | 2º Leilão **26/10 - 10:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Gustavo Dall'olio
8ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP

ID 5563 - Lote 2

Apartamento com 122 m²
Santo André/SP

Imóvel no Edifício Ilhas Palaus, composto por 3 dorms, sendo 1 suíte, sala de estar e jantar, terraço, cozinha, 2 banheiros, dormitório e banheiro de empregada, área de serviço e vaga de garagem.

Avaliação **R$ 658.906,05** | Lances a partir de **R$ 494.179,53**

1º Leilão **06/10 - 10:00hs** | 2º Leilão **26/10 - 10:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Gustavo Dall'olio
8ª Vara Cível de São Bernardo do Campo/SP

ID 5894

Imóvel Residencial
Piracicaba/SP

Imóvel no loteamento Jardim Ipanema com 101 m² de construção e terreno com área de 125 m². Localizado a 2 min. da Av. Antonio Mendes de Barros Filho e a 10 min. do centro da cidade.

Avaliação **R$ 248.315,27** | Lances a partir de **R$ 198.652,22**

1º Leilão **06/10 - 14:20hs** | 2º Leilão **26/10 - 14:20hs**

Juíza: Exma. Dra. Daniela Mie Murata
4ª Vara Cível de Piracicaba/SP

ID 5947

Maquinários e Equipamentos
São Carlos/SP

Maquinários industriais e equipamentos operacionais da massa falida de laticínios Salute em São Carlos/SP.

Avaliação **R$ 3.180.678,15** | Lances a partir de **R$ 1.590.339,07**

1º Leilão **10/10 - 16:40hs** | 2º Leilão **25/10 - 16:40hs**

Juiz: Exmo. Dr. Carlos Castilho Aguiar França
3ª Vara Cível de São Carlos/SP

ID 5920

Terreno Urbano
Guarulhos/SP

Terreno com área total de 7.512 m². Localizado a 3 km da Rod. Presidente Dutra e a 10 km do Aeroporto Internacional de Guarulhos, com fácil acesso às Rodovias Ayrton Senna e o Rodoanel Mário Covas, que ligam a capital e as cidades do interior.

Avaliação **R$ 9.015.000,00** | Lances a partir de **R$ 4.507.500,00**

1º Leilão **17/10 - 09:00hs** | 2º Leilão **17/10 - 10:00hs**

Juíza: Exma. Dra. Patrícia Cotrim Valério
Setor de Execuções Fiscais de Guarulhos/SP

ID 5921

Imóveis e Terreno
Guarulhos/SP

Imóvel com 520 m² de construções e terreno com área de 30.814 m². Composto por 4 construções, área coberta de estacionamento e área de lazer. Localizado a 7 min. da Rod. Presidente Dutra e a 10 min. da Rod. Ayrton Senna.

Avaliação **R$ 14.800.000,00** | Lances a partir de **R$ 7.400.000,00**

1º Leilão **17/10 - 10:00hs** | 2º Leilão **17/10 - 11:00hs**

Juíza: Exma. Dra. Patrícia Cotrim Valério
Setor de Execuções Fiscais de Guarulhos/SP

ID 5923

Terreno Urbano
Guarulhos/SP

Terreno com área de 445 m². Localizado a 2 min. da Rodovia Presidente Dutra e a 10 min. do Aeroporto Internacional de Guarulhos.

Avaliação **R$ 436.400,00** | Lances a partir de **R$ 218.200,00**

1º Leilão **17/10 - 13:40hs** | 2º Leilão **17/10 - 14:40hs**

Juíza: Exma. Dra. Patrícia Cotrim Valério
Setor de Execuções Fiscais de Guarulhos/SP

ID 5756

Imóvel Residencial
São José do Rio Preto/SP

Imóvel no loteamento Residencial Cidade Jardim com área construída de 220 m² sobre terreno de 360 m². Composto por sala, escritório, 3 dorms sendo 1 suíte, 2 banheiros, cozinha/copa, varanda, deposito e 2 vagas de garagem.

Avaliação **R$ 402.000,00** | Lances a partir de **R$ 241.200,00**

Leilão **18/10 - 09:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Lincoln Augusto Casconi
5ª Vara Cível de São José do Rio Preto/SP

ID 5862

2 Terrenos Urbanos
Atibaia/SP

Lotes de terrenos com áreas de 26.573 m² e 13.091 m². Localizado de frente para a Rod. Fernão Dias, próximo a pequenos comércios, resorts, hospitais e com fácil acesso também pela Rod. Dom Pedro I.

Avaliação **R$ 1.844.903,91** | Lances a partir de **R$ 1.475.922,97**

Leilão **18/10 - 09:20hs**

Juiz: Exmo. Dr. Thiago Garcia N. Senne Chicarino
1ª Vara Cível de Santa Barbara D'Oeste/SP

ID 5865

Apartamento com 74 m²
Osasco/SP

Imóvel no Condomínio Solar de Ville, composto por 3 dorms, sala 2 ambientes, terraço, cozinha, área de serviço e vaga de garagem com auxílio de manobrista.

Avaliação **R$ 403.367,10** | Lances a partir de **R$ 242.020,26**

Leilão **18/10 - 14:20hs**

Juíza: Exma. Dra. Denise Cavalcante Fortes Martins
4ª Vara Cível de Osasco/SP

ID 5870

Apartamento com 53 m²
Bairro Jardim D'Abril/SP

Imóvel no Condomínio Residencial Ilha do Sol com vaga de garagem. Localizado a 5 min. da Rod. Raposo Tavares e a 8 min. do Raposo Shopping.

Avaliação **R$ 333.687,77** | Lances a partir de **R$ 166.843,88**

Leilão **18/10 - 15:40hs**

Juíza: Exma. Dra. Andrea Ferraz Musa
2ª Vara Cível do Foro Regional XI de Pinheiros/SP

ID 5589

Imóvel Residencial
Bairro Campo Limpo/SP

Sobrado com área construída de 116 m² e área total de 154 m². Composto por 2 dorms, 2 banheiros, 2 salas, quintal, área de serviços, garagem para 2 veículos e casa de morada nos fundos.

Avaliação **R$ 482.223,96** | Lances a partir de **R$ 289.334,37**

Leilão **18/10 - 16:20hs**

Juiz: Exmo. Dr. Alex Ricardo dos Santos Tavares
9ª Vara Cível de Ribeirão Preto/SP

ID 5867

Imóvel Residencial
Praia Grande/SP

Imóvel de 180 m² de construção sobre terreno de 362 m² com 2 vagas de garagem. Localizado em frente a orla da praia Solemar, com fácil acesso pela Avenida Presidente Kennedy.

Avaliação **R$ 962.393,11** | Lances a partir de **R$ 962.393,11**

Leilão **19/10 - 14:20hs**

Juíza: Exma. Dra. Caroline Quadros da Silveira Pereira
1ª Vara da Fazenda Pública de Guarulhos/SP

ID 5120 - Lote 1

Imóvel Residencial
São José dos Campos/SP

Imóvel com 47 m² de construção e terreno com área de 273 m². Composto por sala, cozinha, 2 dorms, banheiro, quintal e 2 edículas.

Avaliação **R$ 521.051,38** | Lances a partir de **R$ 364.735,96**

Leilão **19/10 - 16:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5120 - Lote 2

Terreno Urbano
São José dos Campos/SP

Lote de terreno com área de 273 m². Composto por sala, cozinha, 2 dorms, banheiro, quintal e 2 edículas. Localizado a 4 min. do Vale Sul Shopping e a 8 min. da Rod. Presidente Dutra.

Avaliação **R$ 426.766,76** | Lances a partir de **R$ 298.736,73**

Leilão **19/10 - 16:00hs**

Juiz: Exmo. Dr. Luís Mauricio Sodré de Oliveira
3ª Vara Cível de São José dos Campos/SP

ID 5873

Imóvel Comercial com 53 m²
Bairro Freguesia do Ó/SP

Salão comercial no andar térreo do Edifício Javoraú, localizado a 5 min. da Av. Marginal Tietê e a 13 min. da estação CPTM Pirituba.

Avaliação **R$ 797.000,18** | Lances a partir de **R$ 398.500,09**

Leilão **19/10 - 16:40hs**

Juiz: Exmo. Dr. Rodrigo de Oliveira Carvalho
7ª Vara Cível do Foro Reg. XII de Nossa Senhora do Ó/SP

ID 5876

Apartamento com 194 m²
São José do Rio Preto/SP

Imóvel no Edicício Mário Miziara com vaga de garagem dupla. Localizado a 7 min. da Rod. Washington Luiz e a 8 min. do Aeroporto Estadual de São José do Rio Preto.

Avaliação **R$ 835.610,50** | Lances a partir de **R$ 668.488,40**

Leilão **20/10 - 09:20hs**

Juiz: Exmo. Dr. Lincoln Augusto Casconi
5ª Vara Cível de São José do Rio Preto/SP

ID 4294 - Lote 2

Terreno Urbano
Sorocaba/SP

Terreno com área de 2.200 m² contendo 1 imóvel em construção. Localizado a 8 min. da Av. Ipanema e a 10 min. do Aeroporto Estadual de Sorocaba - Bertram Luiz Leupolz.

Avaliação **R$ 2.135.497,57** | Lances a partir de **R$ 1.067.748,79**

1º Leilão **25/10 - 10:00hs** | 2º Leilão **09/11 - 10:00hs**

Juíza: Exma. Dra. Alessandra Lopes Santana de Mello
2ª Vara Cível de Sorocaba/SP

ID 5820

Apartamento com 62 m²
Bairro Jabaquara/SP

Imóvel no Edifício Portofino com vaga de garagem. Localizado a 2 min. do Metrô Conceição e a 5 min. da Rodovia dos Imigrantes.

Avaliação **R$ 631.492,22** | Lances a partir de **R$ 315.746,11**

1º Leilão **07/11 - 10:00hs** | 2º Leilão **21/11 - 10:00hs**

Juíza: Exma. Dra. Clarissa Somesom Tauk
3ª Vara de Falências e Rec. Judiciais de São Paulo/SP

Reservamo-nos o direito à correção de possíveis erros de digitação. As informações aqui contidas não substituem o edital.

11 3969 1200 | 0800 789 1200   11 95577 1200   **www.leje.com.br**

@lejeoficial   Leilão Judicial Eletrônico

O dirigente chinês, Xi Jinping, discursa no evento de celebração dos 25 anos da retomada do controle sobre Hong Kong Selim Chtayti - 30.jun.22/AFP

Os quatro pilares do plano da China para a independência econômica

Xi Jinping quer tornar o país uma superpotência tecnológica autossuficiente e liderada pelo Estado

James Kynge, Sun Yu e Leo Lewis

LONDRES, PEQUIM E TÓQUIO | FINANCIAL TIMES O nanobisturi da empresa Tianjin Saixiang pode ser uma forma de cirurgia de precisão, mas é indicativo de uma ampla tendência que está reformulando a relação econômica da China com o resto do mundo.

Feito por uma empresa chinesa pouco conhecida, foi projetado para combater o câncer de próstata sem cirurgia invasiva. A Tianjin Saixiang recebeu o título oficial de "pequeno gigante" em 2020, o que significa que se qualifica para tratamento preferencial em troca de ajudar a China a subir na escada tecnológica.

De acordo com um executivo da companhia, que não quis ser identificado, essa versão chinesa de um tratamento de ponta faz parte de um esforço para reduzir a necessidade de tecnologias médicas importadas. O governo exige que os hospitais locais, sempre que possível, substituam equipamentos médicos estrangeiros por nacionais, diz o executivo —o que ele avalia como uma bênção.

Em setembro, o dirigente da China, Xi Jinping, fez um discurso sobre a necessidade urgente de avanços na tecnologia do país para superar o Ocidente e reforçar a segurança nacional. A experiência da Tianjin Saixiang é um pequeno exemplo da escala da ambição do líder chinês.

Sob Xi —que quase certamente conseguirá mais um mandato em breve—, a China está tentando se tornar uma superpotência tecnológica autossuficiente e liderada pelo Estado, que não dependerá mais tanto do Ocidente.

O objetivo subjacente, dizem os analistas, é construir uma "fortaleza China" —reformular a segunda maior economia do mundo para que possa funcionar com energias internas e, se necessário, resistir a um conflito militar.

Enquanto muitos nos Estados Unidos querem "dissociar" sua economia da China, Pequim quer se tornar menos dependente do Ocidente, especialmente de sua tecnologia.

A estratégia tem quatro troncos principais e, se for bem-sucedida, levará vários anos para ser realizada, dizem analistas.

1. Aposta em tecnologia

Muitas mudanças que estão sendo sinalizadas enquanto a China se prepara para sediar, no dia 16 de outubro, o 20º Congresso Nacional do Partido Comunista Chinês foram sugeridas há algum tempo ou já estão em andamento. O congresso deve reafirmar e acelerar o ritmo de vários desses desenvolvimentos.

As observações de Xi ao presidir mês passado uma reunião da Comissão Central para o Aprofundamento Abrangente da Reforma, um dos órgãos do partido que ele usa para governar, definiram uma clara visão para a tecnologia.

O desenvolvimento de "tecnologias centrais" não é algo que possa ser deixado para o livre mercado, mas deve ser liderado pelo governo chinês.

"É necessário fortalecer a liderança centralizada e unificada do [...] Comitê Central e estabelecer um sistema de comando e tomada de decisão autoritário [para tecnologia]", disse Xi, segundo a transmissão da TV estatal.

Em um sinal da importância que Xi atribui a essa agenda, ele parece pronto para rechear o novo Comitê Central, que inclui cerca de 200 das mais altas autoridades do país, com tecnocratas, em vez de burocratas de carreira, segundo análise de Damien Ma, diretor-gerente da Macro Polo, grupo de pensadores nos EUA.

Essas autoridades experientes em tecnologia serão responsáveis por supervisionar o que representa uma grande aposta: mais de US$ 150 bilhões (R$ 793 bilhões) foram prometidos para estimular o progresso em semicondutores.

Em comparação, o plano dos Estados Unidos de distribuir US$ 50 bilhões para apoiar sua própria indústria de semicondutores parece muito mais modesto.

Os semicondutores são geralmente considerados o calcanhar de aquiles da indústria chinesa. Em 2020, o país importou US$ 378 bilhões (R$ 2 trilhões) em semicondutores, uma vulnerabilidade na cadeia de suprimentos perpetuada pelo fato de 95% da capacidade instalada chinesa ser dedicada à fabricação de tecnologia de ponta.

No entanto, houve alguns avanços notáveis. Soube-se recentemente que a SMIC, uma das principais fabricantes de chips da China, produziu com sucesso um chip de 7 nanômetros, colocando-o apenas uma ou duas "gerações" atrás de líderes do setor, como a TSMC, de Taiwan, e a Samsung, da Coreia do Sul.

Vários analistas, entretanto, dizem que, apesar desse progresso e dos enormes fundos que a China dedicou ao desenvolvimento de sua indústria de chips, as metas de autossuficiência em semicondutores são ilusórias. A indústria é tão complexa e interconectada que nenhum país pode ficar sozinho.

Uma segunda vertente dos esforços chineses para alcançar a autossuficiência tecnológica vem em duas áreas inter-relacionadas —a seleção pelo Estado de potenciais campeões, como a Tianjin Saixiang, e o apoio do governo a um forte impulso em capital de risco.

> "A curto prazo, Pequim se esforçou para não cair em conflito com as sanções ocidentais impostas à Rússia pela invasão da Ucrânia, mas também seu foco na dissociação do dólar se acentuou
>
> **Diana Choyleva**, economista

Mas também nisso os analistas estão pessimistas quanto à eficácia a longo prazo das tentativas de Pequim de "escolher vencedores". Um assessor do governo chinês, que não quis ser identificado, diz que vários aspectos do plano dos "pequenos gigantes" são falhos.

O assessor diz que a melhor maneira de identificar campeões é seguir a regra da sobrevivência do mais apto. Segundo ele, qualquer empresa de alta tecnologia que cresça com a concorrência deve ser vista como uma candidata a "pequena gigante", o que não pode ser predeterminado pelo governo."

2. Energias renováveis

Na intersecção da geopolítica com a tecnologia encontra-se outra grande vulnerabilidade para a China —a oferta de energia.

Com a atual taxa de autossuficiência energética do país em cerca de 80%, isso deixa quase 20% da oferta —sobretudo em forma de petróleo e gás importados— relativamente vulnerável a choques externos.

A China está particularmente preocupada com as rotas de navegação através de pontos de estrangulamento, como o estreito de Malaca, onde o poderio naval dos EUA permanece supremo.

Michal Meidan, diretor do Instituto para Estudos de Energia de Oxford, diz que Pequim está adotando um foco maior em energias renováveis, como solar e eólica, como parte da solução.

Analistas dizem que a China está a caminho de alcançar um plano nacional para obter cerca de 33% de sua energia de fontes renováveis até 2025. Mas levará muitos anos para que sua vulnerabilidade na importação de petróleo e gás seja atenuada, acrescentaram.

3. Alimentos-chave

Uma dependência mais séria do mundo exterior está na produção de alimentos.

A segurança alimentar da China despencou nas últimas três décadas, à medida que sua população cresceu e o uso da terra agrícola mudou de grãos para culturas mais lucrativas. Em 2021, apenas 33% da demanda total do país pelos três principais óleos alimentares —de soja, de amendoim e de colza— foram atendidos pela produção doméstica, abaixo dos 100% no início da década de 1990.

Embora sucessivos líderes chineses tenham enfatizado a importância vital da segurança alimentar há anos, analistas acreditam que a linguagem e o tom endureceram sob Xi. A segurança alimentar e a segurança nacional foram claramente relacionadas por líderes importantes, e o objetivo da autossuficiência alimentar básica foi cada vez mais descrito em termos semelhantes a outras ambições da "fortaleza China".

As principais políticas sobre a produção de grãos se concentram em elevar a produtividade, proteger as terras aráveis, o uso mais eficiente da água e outros grandes projetos de economia de água. A China pretende manter sua autossuficiência nos principais grãos, que atingiu mais de 95% em 2019.

Mas a política mais importante, segundo a analista Trina Chen, do Goldman Sachs, é o plano de revitalização da indústria de sementes, que Xi promoveu pela primeira vez em 2021 e que exige maiores esforços para alcançar a autossuficiência.

O ponto de inflexão será a primeira geração de sementes geneticamente modificadas no país —uma mudança que tem enfrentado forte resistência, mas que os analistas agora consideram inevitável.

4. O dólar como arma

Os cálculos da "fortaleza China" também podem ser vistos na atitude chinesa em relação ao domínio do dólar. Para Pequim, uma das características mais alarmantes das sanções ocidentais à Rússia foi a exclusão de algumas de suas instituições financeiras do Swift, sistema global de mensagens que é central para as compensações internacionais.

A vulnerabilidade a esse tipo de sanção surge porque cerca de três quartos do comércio chinês são faturados em dólares —o que significa que dependem do acesso ao Swift.

A solução de Pequim só pode ser a longo prazo. Seus esforços para "internacionalizar" o yuan tiveram sucesso limitado até agora, e os planos de promover uma moeda digital —que dispensa o uso de plataformas como a Swift— têm sido lentos.

"A curto prazo, Pequim se esforçou para não cair em conflito com as sanções ocidentais impostas à Rússia pela invasão da Ucrânia, mas também seu foco na dissociação do dólar se acentuou", diz Diana Choyleva, economista-chefe da Enodo Economics, em Londres.

Para analistas, país terá que se manter conectado ao mundo

A ênfase chinesa na autossuficiência vem de longa data. Desde 2015, o governo de Xi deu crescente importância à autossuficiência nas cadeias de suprimentos industriais. Isso se intensificou com o lançamento no ano passado do 14º Plano Quinquenal da China e a introdução de uma política chamada "circulação dupla" —que enfatizou a necessidade de a China confiar no dinamismo interno.

Desde então, uma onda crescente de sanções dos EUA a empresas chinesas, divisões geopolíticas decorrentes do apoio de Pequim à Rússia na Guerra da Ucrânia e um aumento das tensões com Taiwan reforçaram as tendências que sustentam a "fortaleza China".

No entanto, alguns analistas acreditam que, apesar de todos os slogans políticos, ainda existem limitações importantes.

Yu Jie, pesquisador sênior da Chatham House, grupo de pensadores do Reino Unido, argumenta que a China não pode se isolar completamente do mundo devido à sua estrutura voltada para a exportação. Em consequência, é provável que Pequim adote uma abordagem híbrida, dependendo do setor.

"Setores com importância estratégica e necessidades cotidianas para a população serão tratados como questões de segurança nacional", diz Yu, "enquanto setores que exigem capital e mão de obra estrangeiros permanecerão abertos e interconectados ao mundo."

O impulso de autossuficiência da China vem crescendo há vários anos, mas foi acelerado desde a invasão da Ucrânia pela Rússia e as subsequentes sanções ocidentais a Moscou.

Chen Zhiwu, professor de finanças da Universidade de Hong Kong, diz que os líderes chineses entendem que poderá ser "difícil evitar" conflitos militares se Pequim quiser unificar Taiwan com o continente: "As sanções econômicas abrangentes contra a Rússia após a invasão da Ucrânia apenas aumentaram a urgência de autossuficiência em tecnologia, finanças, alimentos e energia".

Steve Tsang, professor da Escola de Estudos Orientais e Africanos da Universidade de Londres, adverte que a construção da "fortaleza China" não significa isolamento. Como maior potência comercial do globo e um dos maiores receptores de investimento estrangeiro direto, seria a automutilação econômica.

"Em vez disso, eles estão principalmente se transformando em uma potência inovadora, com tecnologias que outros desejarão compartilhar, tornando-se dependentes da China."

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

Lua de mel curta para o presidente

Não está escrito que 2023 vai ser ano de crise, mas é preciso correr com governo novo

Vinicius Torres Freire
Jornalista, foi secretário de Redação da **Folha**. É mestre em administração pública pela Universidade Harvard (EUA)

Deixar o conserto do telhado para a época de chuva é metáfora velha também em economia. Mas ainda serve para apresentar o problema que vai cair na mão do próximo governo.

O tempo está fechando, embora não se saiba quanta água vá cair, aqui e no mundo. Nem é preciso dizer que vivemos em uma casa com paredes sob risco de desabamento, apenas remendadas desde 2015.

Supondo-se que Lula da Silva (PT) venha a ser eleito, terá pouco tempo para escrever nesta "carta branca" que supostamente estaria recebendo. Teria uns quatro meses para arrumar uma equipe econômica, acertar os termos de serviço, elaborar planos e alinhavar a política que possa dar sustentação prática a esses programas. Não é simples. Ainda mais se chover muito.

Embora tenha sido alegria de pobre, a economia brasileira rendeu muito mais do que o esperado em 2022. É possível que a baixa na atividade econômica seja notável apenas neste trimestre final do ano. Mas, embora previsões econômicas costumem ser vexaminosamente erradas, o tempo agora nublou de fato, não apenas no palpite. Os juros estão salgados no Brasil e assim vão ficar pelo menos até a metade de 2023. A economia mundial vai andar devagar.

O financiamento de casa, carro e tudo mais ficou bem mais caro nos bancos, de um ano para cá. A taxa de inadimplência sobe devagar, para níveis ainda normais, mas sobe. A parte da renda total das famílias dedicada a pagamento de dívidas sobe também. Levantar capital para qualquer negócio custa mais.

Sim, o salário médio está para voltar a crescer, em termos reais e anuais (até agora, vinha apenas despiorando), embora ainda seja 3% menor do que o de 2019. O número de pessoas empregadas cresceu de modo surpreendente em 2022. Tanto que se duvida que possa continuar nesse ritmo, muito maior do que o do PIB, desde o início da epidemia.

A taxa de investimento (quanto da renda do país é dedicada a expandir produção, instalações produtivas e moradias) continua em nível relativamente alto, 18,6% do PIB até julho (nas contas do Ibre/FGV). Não resolve nosso problema, mas é maior do que a média de 16,5% desde 2015 ou de 18%, desde 2000. Além do mais, há possibilidades de investimento em saneamento, energia, telecomunicações e transporte. Com alguma inteligência e rapidez, é possível incentivar o dinheiro privado a se mexer.

A confiança de comércio, serviços e construção está no campo positivo; a da indústria, por ali. O consumidor faz anos é pessimista, mas vinha se animando. Até setembro não havia sinal de derrocada. Ao contrário.

Mas o crédito mais caro vai jogar alguma água nesses chopes. Preços mais moderados de commodities que exportamos, também. Não está escrito que 2023 será ruim, mas a coisa complicou.

Passada a eleição, qualquer governo terá de lidar com esse Orçamento federal que não prevê dinheiro nem para a promessa básica da campanha —o Auxílio de R$ 600, entre muitos problemas críticos. A turma do dinheiro quase aceitou que 2023 será um ano de "licença para gastar" —o déficit público vai aumentar. Mas, se houver lambança e nenhum programa crível para 2024-26, o caldo engrossa rápido.

Supondo-se que agora apareçam menos empregos, com salários ainda baixos, o ambiente não será propício para uma "lua de mel" duradoura também com o povo, embora esperanças políticas possam aumentar a tolerância (vide o 2003-04 de Lula 1). Não convém testar a paciência dos donos do dinheiro e a do povo ao mesmo tempo.

Tempo é problema. Embora se possa encontrar na praça e no Congresso muito plano de mudança quase pronto, os candidatos a assumir esta ruína não têm programa ou equipe para tocar o barco.

vinicius.torres@grupofolha.com.br

Instituto de Pesquisa de Semicondutores de Taiwan (TSRI, na sigla em inglês), em Hsinchu Ann Wang - 16.set.22/Reuters

Liderança em microchips é um escudo para Taiwan

Fornecimento de semicondutores é crítico para o comércio, a guerra e a paz

Jeff Sommer

NOVA YORK | THE NEW YORK TIMES Não é só por razões geopolíticas que Taiwan continua importante para os Estados Unidos. A ilha reivindicada pelos chineses também é protegida por algo muito mais sutil —seu papel central nos mercados mundiais.

Mais especificamente, Taiwan é um colosso no mercado global de semicondutores, o cérebro da eletrônica moderna. Seu domínio da fabricação de microchips é tão essencial para a economia do século 21 quanto o petróleo era há cem anos.

Taiwan produz a maioria dos chips de silício de alta tecnologia do mundo —lascas do tamanho de uma unha, nas quais estão embutidos bilhões de transistores microscópicos.

Os melhores chips são feitos na Taiwan Semiconductor Manufacturing Company, ou TSMC, que talvez seja a empresa mais importante da qual a maioria das pessoas nos Estados Unidos nunca ouviu falar.

A Taiwan Semiconductor é a empresa mais valiosa da Ásia e uma das 12 mais valiosas do mundo, com uma capitalização de mercado superior a US$ 400 bilhões (R$ 2,047 trilhões).

Se você investe em ações internacionais por meio de um fundo mútuo amplo e diversificado ou fundo negociado em Bolsa, provavelmente possui uma parte dela.

Tem sido um investimento esplêndido. Ao longo dos 20 anos até 7 de setembro, retornou 18,6% ao ano, incluindo dividendos, segundo dados da FactSet.

Suplantou o S&P 500, com um retorno anual de 10,3%, e a Intel, maior fabricante de chips americana, com 6,7%.

Taiwan Semiconductor não é um nome conhecido porque não vende seus produtos diretamente aos consumidores. Mas seus próprios clientes certamente são. Os microchips que ela fabrica para a Apple são o núcleo de cada iPhone vendido.

O iPhone 13 mini no meu bolso, assim como os novos modelos do iPhone 14 apresentados recentemente, são construídos em torno de chips projetados pela Apple na Califórnia, produzidos pela Taiwan Semiconductor em Hsinchu e enviados para montagem na China continental ou talvez, atualmente, em outro país.

As origens da história de sucesso de Taiwan estão na década de 1980. O governo de Taiwan queria desenvolver um Vale do Silício local, tinha terras baratas, capital disponível e uma força de trabalho altamente qualificada, disposta a trabalhar por salários muito mais baixos do que eram pagos por empresas nos Estados Unidos.

Mas não tinha a experiência até trazer Morris Chang, um veterano de tecnologia dos EUA nascido na China, que percebeu que fabricar chips, e não projetá-los, seria o forte de Taiwan.

Chang fundou a Taiwan Semiconductor, e o resto é história.

A China fez da produção de seus próprios chips de silício de última geração uma prioridade nacional, mas não conseguiu alcançar Taiwan.

O governo Biden pretende garantir que isso não aconteça, impondo restrições à exportação para a China dos chips mais avançados —e de equipamentos para fabricação de chips. E com US$ 50 bilhões (R$ 255 bilhões) da nova Lei de Chips e Ciência o governo está tentando trazer parte da fabricação dos melhores chips de volta para os Estados Unidos.

Como diz David Leonhardt, "a categoria mais avançada de semicondutores produzidos em massa —usados em smartphones, tecnologia militar e muito mais— é conhecida como 5 nm. Uma única empresa em Taiwan, chamada TSMC, produz cerca de 90% deles. As fábricas dos EUA não produzem nada".

As estruturas gravadas nesses microchips são muito pequenas. "Nm" é a abreviação de nanômetro. Leia isto devagar: um nanômetro é um milionésimo de milímetro.

O coronavírus que começou a se espalhar pelo planeta em 2020 tinha apenas cerca de 100 nanômetros de diâmetro. No mesmo ano, a Taiwan Semiconductor estava gravando formas com menos da metade desse tamanho em dezenas de milhões de chips para a Apple.

Além disso, os sistemas de armas modernos de todas as descrições e a infraestrutura de telecomunicações do mundo, além de aplicações em inteligência artificial, veículos autônomos e muito mais, dependem desses chips extremamente complexos.

Como Dale C. Copeland, professor de relações internacionais da Universidade da Virgínia, escreveu na Foreign Affairs: "A China hoje tem capacidade de produzir chips com transistores de tamanho inferior a 15 e até 10 nanômetros. Mas, para permanecer na vanguarda dos desenvolvimentos tecnológicos", a China precisa de chips "medindo menos de 7 ou de 5 nanômetros, que apenas Taiwan pode produzir em massa com alto nível de qualidade".

Os problemas centrais na relação EUA-China nunca foram resolvidos. Desde o Comunicado de Xangai de fevereiro de 1972, que reabriu as relações diplomáticas, os dois lados concordaram que existe apenas "uma China".

Os líderes chineses deixaram claro que "a questão de Taiwan é a questão crucial que obstrui a normalização das relações entre a China e os Estados Unidos" e, 50 anos depois, continua sendo um enorme problema.

A China preferiria alcançar a reunificação pacificamente, mas não descarta uma solução militar, se for o caso. Os Estados Unidos continuam comprometidos em proteger Taiwan, mas não podem impedir a China de degradar ou destruir as capacidades de fabricação de semicondutores da ilha.

A extraordinária importância da indústria de semicondutores de Taiwan no comércio mundial pode ser a única coisa capaz de fornecer essa proteção.

No momento, porém, quase todo o mundo depende do poder do escudo de silício.

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves

90%
dos chips de 5 nanômetros, categoria mais avançada de semicondutores produzidos em massa, usados em smartphones e até tecnologia militar, são produzidos por uma única empresa taiwanesa, a TSMC

Executivo sai da Apple após comentário em vídeo no TikTok

Akash Sriram e Stephen Nellis

LONDRES | REUTERS O executivo de alto escalão da Apple Tony Blevins está deixando o cargo, informou a empresa na sexta-feira (30), sem dar detalhes.

A medida ocorre depois que um vídeo do executivo fazendo um comentário machista sobre mulheres viralizou nas redes sociais.

A Bloomberg revelou a saída de Blevins da empresa.

Em um vídeo no TikTok publicado em setembro, Blevins pode ser ouvido dizendo: "Tenho carros luxuosos, jogo golfe e acaricio mulheres de seios grandes, mas folgo nos fins de semana e feriados importantes", em resposta a uma pergunta sobre o que faz para ganhar a vida.

Ele também disse ter um "baita plano odontológico", segundo a Bloomberg.

Blevins foi abordado pelo criador de conteúdo do TikTok Daniel Mac num show de carros como parte de uma série de vídeos em que Mac pergunta aos donos de carros de luxo suas profissões.

Blevins estava estacionando sua Mercedes-Benz SLR McLaren quando foi abordado pelo influenciador.

A Bloomberg afirmou que Blevins parecia estar fazendo referência a uma frase quase idêntica falada pelo personagem principal no filme "Arthur", de 1981.

Procurado pela Bloomberg, o executivo afirmou: "Eu gostaria de usar essa oportunidade para sinceramente pedir desculpas a qualquer um que tenha se ofendido com a minha tentativa equivocada de humor".

A Apple não comentou o motivo da saída. A Reuters tentou fazer contato com o Blevins, sem sucesso.

Ainda de acordo com a Bloomberg, houve uma investigação interna na Apple sobre o caso, que resultou na saída do executivo.

Blevins, com 22 anos de casa, teve um papel importante nas operações da cadeia de suprimentos da empresa de tecnologia.

Seu trabalho envolvia alinhar de dois a seis fornecedores para cada um dos milhares de componentes dos produtos da Apple e promover disputas para obter os melhores preços para a Apple.

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 168/2022

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO DO TRABALHO PARA O HOSPITAL ESTADUAL AMÉRICO BRASILIENSE (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:
Data: 0h do dia 03/10/2022 às 14h do dia 14/10/2022

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação de **Médico**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica na **área de concentração em saúde do trabalhador em conformidade com as Normas Regulamentadoras nºs 04 (NR-4) ou 07 (NR-7)** emitido por instituições credenciadas pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), ou Certificado de Conclusão de Curso de Especialização em **Medicina do Trabalho** em nível de pós-graduação ou, ainda, Título de Especialização em **Medicina do Trabalho** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada;
e) Estar quite com seu Conselho de Classe.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 12h/semanais.
Salário + adicionais: **R$ 4.735,30**
(quatro mil setecentos e trinta e cinco reais e trinta centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO ON LINE
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 19/10/2022 até as 17h do dia 20/10/2022 no site www.faepa.br

Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados e que conste do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREVISTA ON LINE
(somente para os candidatos classificados)

DATA: 26/10/2022 às 14h

Os candidatos realizarão a **Entrevista** por videoconferência por meio da plataforma utilizada para tal finalidade cujo link será enviado pela Unidade de Recursos Humanos e deverão acessá-la pelo menos **10 (dez) minutos** antes da hora marcada.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 169/2022

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO GINECOLOGISTA PARA O HOSPITAL ESTADUAL AMÉRICO BRASILIENSE (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:
Data: 0h do dia 03/10/2022 às 14h do dia 07/10/2022

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação de **Médico**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **Ginecologia** emitido por instituições credenciadas pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM) ou Título de Especialização em **Ginecologia** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada;
e) Estar quite com seu Conselho de Classe;

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 12h/semanais.
Salário + adicionais: **R$ 4.735,30**
(quatro mil setecentos e trinta e cinco reais e trinta centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO ON LINE
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 13/10/2022 até as 17h do dia 14/10/2022 no site www.faepa.br

Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados e que conste do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREVISTA ON LINE
(somente para os candidatos classificados)

DATA: 21/10/2022 às 14h

Os candidatos realizarão a **Entrevista** por videoconferência por meio da plataforma utilizada para tal finalidade cujo link será enviado pela Unidade de Recursos Humanos e deverão acessá-la pelo menos **10 (dez) minutos** antes da hora marcada.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 170/2022

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO NEONATOLOGISTA PARA O HOSPITAL DAS CLÍNICAS DE RIBEIRÃO PRETO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:
Data: 0h do dia 03/10/2022 às 14h do dia 07/10/2022

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação de **Médico**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **Neonatologia** ou **Pediatria** credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), ou Título de Especialista em Neonatologia emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada;
e) Estar quite com seu Conselho de Classe.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 24h/semanais.
Salário + adicionais: **R$ 8.877,43**
(oito mil oitocentos e setenta e sete reais e quarenta e três centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO ON LINE
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 13/10/2022 até as 17h do dia 14/10/2022 no site www.faepa.br

Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados e que conste do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

FUNDAÇÃO DE APOIO AO ENSINO, PESQUISA E ASSISTÊNCIA DO HCFMRPUSP - FAEPA

COMUNICADO Nº 171/2022

SELEÇÃO PARA CONTRATAÇÃO:

MÉDICO NA ÁREA DE CLÍNICA MÉDICA PARA O CENTRO MÉDICO SOCIAL COMUNITÁRIO VILA LOBATO (01 VAGA)

PERÍODO DE INSCRIÇÕES:
Data: 0h do dia 03/10/2022 às 14h do dia 07/10/2022

As inscrições serão efetuadas através da **internet** no site **www.faepa.br**

REQUISITOS PARA O EXERCÍCIO DA FUNÇÃO

a) Possuir 18 (dezoito) anos completos;
b) Possuir Diploma de Graduação de **Médico**, expedido por escola oficial ou reconhecida;
c) Possuir Certificado de Conclusão de Residência Médica em **Clínica Médica** ou **Infectologia** credenciada pela Comissão Nacional de Residência Médica (CNRM), Título de Especialista em Clínica **Médica ou Infectologia** emitido por sociedade de especialidade médica filiada à Associação Médica Brasileira (AMB);
d) Possuir Carteira do respectivo Conselho de Classe do Estado de São Paulo devidamente atualizada;
e) Estar quite com seu Conselho de Classe.

Taxa: R$ 65,00 (sessenta e cinco reais)
Jornada de trabalho: 20h/semanais.
Salário + adicionais: **R$ 7.397,88**
(sete mil trezentos e noventa e sete reais e oitenta e oito centavos)

CONVOCAÇÃO PARA A PROVA TEÓRICA
(somente para os candidatos inscritos)

DATA: 13/10/2022 - 19h.
LOCAL: Hospital Estadual de Ribeirão Preto - Avenida Independência, 4.750, Jardim Califórnia, Ribeirão Preto/SP.

Os candidatos deverão comparecer ao local da Prova Teórica **30 minutos antes** da hora marcada para o início, munidos do **documento de identidade original com foto**, comprovante de pagamento bancário da inscrição, caneta de tinta azul, lápis preto e borracha.

CONVOCAÇÃO PARA A ENTREGA DE CURRÍCULO ON LINE
(somente para os candidatos inscritos)

PERÍODO: 0h do dia 20/10/2022 até as 17h do dia 21/10/2022 no site www.faepa.br

Os candidatos habilitados poderão anexar o seu currículo e as cópias dos respectivos comprovantes de formação acadêmica, experiência profissional e conclusão de cursos relacionados à função, digitalizados em formato PDF, no período e datas acima observados e que conste do esquema de Avaliação Curricular deste Comunicado.

Os atos decorrentes do procedimento desta Seleção serão disponibilizados na íntegra no site da FAEPA: www.faepa.br

mercado

São Paulo tem 4º aluguel mais caro da América Latina, diz QuintoAndar

Ana Paula Branco

SÃO PAULO A cidade de São Paulo é a quarta mais cara para alugar um imóvel entre as principais da América Latina e a sétima com o metro quadrado mais caro para a compra. A conclusão está em levantamento feito pela QuintoAndar com dados de Argentina, Brasil, Equador, México, Panamá e Peru.

De acordo com a plataforma, a cidade mais cara para alugar e vender um imóvel entre as analisadas é Buenos Aires, na Argentina, que enfrenta uma inflação de 70%.

O preço do metro quadrado para aluguel na capital argentina está em US$ 11,8 (cerca de R$ 63,60). E, para compra, custa, em média, US$ 2.479 (em torno de R$ 13.362).

Foram escolhidas 12 cidades representativas economicamente com volume significativo de anúncios nos portais do QuintoAndar. Juntas elas somam 55 milhões de habitantes, afirma a empresa.

Segundo o levantamento, o gasto com aluguel está comprometendo a renda dos moradores de forma crítica.

Apenas em 3 das 12 cidades analisadas o percentual de comprometimento da renda com a locação fica abaixo dos 30%, limite recomendado para evitar o endividamento.

"Mesmo que os valores nominais dos imóveis não superem a inflação nos últimos anos, cada vez mais o impacto do aluguel na renda é sentido pelos moradores", afirma o levantamento. Para os autores, contribuem para esse cenário o crescimento acelerado das cidades e as legislações restritivas para o aproveitamento do solo.

O cálculo para avaliar o acesso ao mercado de aluguel compara o valor médio de locação com a renda média mensal familiar de uma região, sem levar em conta outros gastos como taxa de condomínio e impostos. Quanto menor o indicador, menor a dificuldade que a família terá para pagar o aluguel.

Gastar mais do que metade da renda com aluguel, como registrado em São Paulo, é considerado "alarmante".

Para a compra de imóveis, o índice de acessibilidade financeira de São Paulo também preocupa. Segundo o estudo, uma família precisa comprometer sua renda mensal até dez anos.

Edital de 1ª e 2ª. Pç de bens imóveis e p/ intimação da requerida MADALENA VENTURA – CPF: 064.281.838-03, RICARDO SANTOS VENTURA – CPF 096.219.858-70 e terceiro interessado ARNALDO LUCCA JUNIOR – CPF 110.605.778-36, expedido na Ação de Execução de Título Extrajudicial – Nota Promissória – 1ª Vara Cível de Marília – Proc. 100207290.2014.8.26.0344, promovida por EVA MACIEL – CPF: 407.945.398-15 A EXMA. DRA. PAULA JACQUELINE BREDARIOL DE OLIVEIRA, MM. JUÍZA DA 1ª VARA CÍVEL - DE MARÍLIA, NA FORMA DA LEI, ETC. FAZ SABER a quantos o presente virem, ou dele tiverem conhecimento que, com fulcro no artigo 879 e seguintes do CPC e Provimento CSM 1625/2009, na modalidade online, através do sitio homologado pelo TJ, www.unileiloes.com.br, sob a gestão da Leiloeira Fabiana Cusato, Jucesp nº 619, foi designado p/ o 1º. Leilão, com abertura no dia 03/10/2022 às 10hs, encerrando-se em 05/10/2022 às 10hs, sendo entregue a quem mais der igual ou acima da avaliação, sendo que, em não havendo licitantes, abrir-se-á o 2º. Leilão no dia 05/10/2022 às 10:01hs e se encerrará no dia 25/10/2022 às 10hs, ocasião em que o referido bem será entregue a quem mais der, não devendo ser aceito lance inferior a 60% da avaliação dos bens abaixo descritos: LOTES: 01) Um Prédio e seu terreno com área de 192,00 m², constituído de parte do lote nº 08 da quadra H do loteamento Jd Ouro Verde, com área construída de 99,71m² situado na R Porfírio Theodoro, nº 18, Jd Ouro Verde, Ourinhos/SP, matrícula nº 34.945, do CRI de Ourinhos. Avaliação: R$ 321.220,36, em 04/2022. 02)Os direitos que a executada Madalena Ventura possui sobre a Matrícula 21.202 do CRI de Ourinhos: Um prédio residencial com 178,91 m² de área construída, e seu terreno, constituído do lote 07, do loteamento "Village San Rafael", com área total de 348,20 m², na Av. Domingos Carmerlingo Caló, nº 1.768, bairro Vila São José, Ourinhos/SP. Avaliação: R$ 651.618,45, em 04/2022. 03)Os direitos que a executada Madalena Ventura possui sobre o imóvel de matrícula 21.218 do CRI de Ourinhos: Um prédio residencial geminado com área de 165,45 m² e seu terreno com área total de 324,00 m², constituído do lote nº 23 do loteamento "Village San Rafael", na R.:Otoni Felipe Soares, nºs 282 e 284, Jd Matilde, em Ourinhos/SP. Avaliação: R$ 393.331,06, em 04/2022. 04)Os direitos que a executada Madalena Ventura possui do imóvel de matrícula 3.960 do CRI de Ourinhos como uma área de terras, com um alqueire, iguais a 2,42 hectares, com área construída de 3.972,99 m², na Rod. Raposo Tavares, Km 384, no Município de Salto Grande, em Ourinhos, na Fazenda Santa Helena, Água dos Pereiras. Obs: Consta Recurso pendente de apreciação dos Embargos de Terceiro intentados por Arnaldo Lucca Júnior, processo 1009667- 67.2019.8.26.0344, julgados improcedentes em 1ª. e 2ª. instâncias. Avaliação: R$ 4.700.000,00, em Março de 2019. (Valor da ação: R$ 3.329.383,76 - atualizada em 10.06.2022). CONDIÇÕES DE VENDA: DOS LANCES: O presente leilão será na modalidade "on-line", e quem pretende arrematar dito bem, deverá ofertar lanços pela Internet através do site www.unileiloes.com.br, mediante cadastramento prévio, no prazo de até 24 horas de antecedência da data do Leilão. DO PAGAMENTO: O arrematante deverá depositar, como sinal, o valor de 20% do lance vencedor, e o restante em 24 horas, sob pena, de perder o sinal ofertado em favor da execução, através da guia de depósito judicial (a ser obtida na agência do fórum ou através do site www.bb.com.br). DO PARCELAMENTO: Os interessados em adquirir o bem em prestações poderão apresentar até a data de início do segundo leilão, proposta por escrito (sem prejuízo de que os lances devem ser ofertados pela internet) e encaminhar para o e-mail: leilaojudicial@unileiloes.com.br observando o disposto no artigo 895 §§ 1º, 2º e 4º, do Código de Processo Civil. As propostas serão levadas a devida apreciação do MM. Juízo. Caso a arrematação seja aceita, o valor da arrematação deverá ser devidamente atualizado pela Tabela do TJ/SPDA COMISSÃO: A comissão da Leiloeira será de 5% sobre o valor da arrematação, a ser paga pelo arrematante, no prazo de até 24 horas após o leilão, através de depósito bancário em dinheiro na conta a ser indicada pela Leiloeira no prazo de até 3 horas após o fechamento do Leilão. DO AUTO DE ARREMATAÇÃO: Após a efetiva liquidação dos pagamentos acima, o auto de arrematação será assinado pelo Juiz. IMISSÃO NA POSSE: O arrematante providenciará perante o Juízo competente a imissão na posse. DO ACORDO e outros: Em caso de adjudicação, remição ou acordo, a comissão será de 5% (cinco por cento) sobre o valor da avaliação, a ser pago pelo adjudicante ou pelo requerido conforme o caso, para cobertura de custos do Leilão. Esse valor deverá ser depositado diretamente na conta da Leiloeira .Caso as partes, cônjuges e terceiros interessados não sejam encontrados, notificados ou cientificados, por qualquer motivo, das datas do Leilão Eletrônico, quando da expedição das respectivas notificações, valerá o presente Edital como notificação. INFORMAÇÕES: Dúvidas poderão ser dirimidas no tel.: (11) 9.8944.6994, ou no e-mail: leilaojudicial@unileiloes.com.br ou compulsando os Autos. Os bens serão vendidos no estado de conservação em que se encontram, sem garantia, constituindo ônus do interessado verificar suas condições, antes das datas designadas para as alienações judiciais eletrônicas, o arrematante arcará com os débitos pendentes que recaiam sobre o bem, exceto os decorrentes de débitos fiscais e tributários conforme o artigo 130, parágrafo único do CTN, além da comissão do leiloeiro fixada em 5% sobre o valor do lance vencedor. Será o presente edital, publicado e afixado no local de costume. SP, 31 de agosto de 2022.

Duas inflações e duas desinflações

Desinflação será bem menos dolorida do que no surto inflacionário de 2016

Samuel Pessôa

Pesquisador do Instituto Brasileiro de Economia (FGV) e da Julius Baer Family Office (JBFO). É doutor em economia pela USP

Em janeiro de 2016, o IPCA acumulado em 12 meses foi de 10,7%. Em abril último, marcou 12,1%. Os dois processos inflacionários são, no entanto, muito distintos.

No primeiro, havia sinais de desequilíbrio doméstico entre oferta e demanda desde 2006, aproximadamente. Em particular, por todo esse período a inflação de serviços rodou acima da inflação cheia. Os serviços lideraram o processo inflacionário.

Pode-se argumentar que a inflação de serviços representava um ganho civilizacional. A política de valorização do salário mínimo mantinha os ganhos dos trabalhadores mais desqualificados correndo acima da inflação cheia.

O problema é que, naquela oportunidade, o ganho civilizacional ocorreu simultaneamente à queda do retorno das empresas privadas. O governo à época bem que tentou compensar com a elevação do investimento das estatais e com estímulos ao investimento privado.

Não funcionou. Que fique a lição. Há duas formas de garantir ganhos civilizacionais. A primeira é por meio de ações, em geral difíceis e com efeito a longo prazo, que elevem a produtividade do trabalho. Dessa forma, é possível haver ganhos de salários sem queda da rentabilidade das empresas privadas.

A segunda é o setor público ter situação fiscal robusta que permita políticas de transferências de renda aos pobres.

No atual processo inflacionário, temos dinâmica oposta. A inflação de serviços tem corrido atrás da inflação cheia. O motivo é que o atual surto inflacionário teve inicialmente forte componente de choque externo, fruto da natureza da recuperação em "V" da economia mundial após a parada súbita no segundo trimestre de 2020 e, mais recentemente, dos choques de preços em consequência da Guerra da Ucrânia.

Os choques que detonaram o processo inflacionário concentraram a inflação em bens de consumo duráveis e alimentos. A inflação de serviços veio a reboque.

Outra diferença importante entre os dois episódios inflacionários é que, no anterior, a inflação era um fenômeno doméstico. No atual, a inflação é um fenômeno global. Por exemplo, no Chile, na Colômbia, no Peru e no México, a inflação em 12 meses roda, respectivamente, a, 14%, 11%, 8,4% e 5%. No Brasil, fechou agosto em 8,4%. E a 7% na Índia, 8,3% nos EUA, 9,9% no Reino Unido e 9,2% na união monetária do euro.

Na Ásia, região que apresenta elevadíssimas taxas de poupança, a inflação não bateu com toda a sua força. Na China e em Taiwan, roda a 2,5% e 2,7%, respectivamente, e, no Japão, a incrível 0,7%! Na Coreia do Sul, há algum sinal de pressão, com a inflação rodando a 4,4%.

Em razão das diferenças dos processos inflacionários, a desinflação no atual processo será muito menos dolorida. Os choques de preços vão se reverter, processo já iniciado.

De qualquer forma, algum custo haverá. O banco central americano, após relutar por diversos meses, tem reconhecido tal fato.

Para nós, com as seguidas surpresas positivas de crescimento, o mercado de trabalho deve terminar 2022 a pleno emprego. Não haverá espaço para expansão fiscal em 2023. De fato, o IBGE divulgou na sexta-feira (30) que o desemprego atingiu 8,6%, já considerando a série com ajuste sazonal.

Porém, como reconhecido no parágrafo quarto da ata da mais recente reunião do Copom —"o mercado de trabalho seguiu em expansão, ainda que sem reversão completa da queda real dos salários observada nos últimos trimestres"—, não há desequilíbrio nos salários.

Há um longo caminho para trazer a inflação no Brasil para a meta em 2024, mas a desinflação será bem menos dolorida do que no surto inflacionário anterior.

| DOM. Samuel Pessôa | **SEG. Marcos Vasconcellos, Ronaldo Lemos** | TER. Michael França, Cecilia Machado | QUA. Helio Beltrão | QUI. Cida Bento, Solange Srour | SEX. Nelson Barbosa | SÁB. Marcos Mendes, Rodrigo Zeidan

Brad Pitt acena no Festival de Veneza, no mês passado Tiziana Fabi - 8.set.22/AFP

Brad Pitt estreia lado empresário com produtos de beleza

Ator lança marca de cosméticos unissex baseados em uvas, além de coleção de camisas de cashmere a R$ 11.470

Fernanda Ezabella

LOS ANGELES Brad Pitt está de volta às manchetes, mas desta vez não com um novo blockbuster nos cinemas. Considerado no passado "bad boy" de Hollywood e até pouco tempo eterno maconheiro, o ator finalmente se rendeu às simplicidades do alto luxo para diversificar seus investimentos.

Com um sex appeal raro na indústria aos 58 anos, nada mais natural do que abraçar uma linha de produtos de beleza e uma grife de roupas. Os novos empreendimentos se juntam à marca de champanhe rosé que ele lançou dois anos atrás e à estreia na carreira de artista plástico, com sua primeira exibição pública em setembro, num museu na Finlândia.

O astro de "Clube da Luta" (1999) e "Era uma Vez em Hollywood" (2019) recebeu convidados para apresentar as novidades na sua propriedade no sul da França, o Château Miraval. Ele e Angelina Jolie compraram a vinícola em 2008 e se casaram lá em 2014. O local é até hoje centro de disputas judiciais entre os dois após o divórcio, em 2016.

A linha de beleza se chama Le Domaine e é baseada no poder antioxidante das uvas. Há um sérum, dois tipos de creme e uma emulsão de limpeza que combinam propriedades das sementes de uvas grenache com as sementes e cascas das uvas syrah e mourvedre, todas da região de Provença.

Le Domaine não é voltada para um gênero específico, vem em embalagem reutilizável e com uma tampa reciclada de barris de vinho.

É visível que Pitt andou fazendo tratamentos estéticos no rosto, algo que pode distrair bastante o espectador mais atento de seu blockbuster mais recente, "Trem Bala" (2022). Mas quem quiser pagar para ver se foram apenas as uvas mágicas francesas responsáveis pela transformação terá que desembolsar algumas centenas de euros. Um dos cremes custa € 275 (R$ 1.400), enquanto o sérum é vendido por € 350 (R$ 1.780).

"Não quero ficar fugindo da velhice. Gostaria de ver nossa cultura abraçando a velhice um pouco mais. Quando criamos Le Domaine, discutimos sobre uso de títulos 'antienvelhecimento'. É ridículo. É um conto de fadas. Mas o que é real é tratar sua pele de forma saudável", disse Pitt para a edição britânica da revista Vogue.

"É algo que aprendi a fazer em razão do meu trabalho, mas faz você se sentir melhor. Eu cresci com uma mentalidade do interior, você sabe, lavar a cara com sabão e seguir em frente. E acho que estamos aprendendo que, se nos amarmos, se nos tratarmos um pouco melhor, haverá benefícios duradouros nisso."

Na entrevista, Pitt também teceu elogios à sua amiga Gwyneth Paltrow, que lhe ensinou a cuidar da pele quando os dois namoraram e ficaram noivos nos anos 1990.

A ex-atriz tem ajudado Pitt a divulgar a nova coleção de camisas de cashmere que ele criou em parceria com uma empresária e curandeira holística chamada Sat Hari Khalsa. As peças da grife God's True Cashmere são ainda muito mais caras que os cremes de rosto.

Numa entrevista ao seu site de beleza Goop.com, Paltrow conversou com Pitt sobre as inspirações para lançar as camisas unissex de US$ 2.250 (R$ 11.470). Tudo começou com uma vontade de ter "mais suavidade na vida", ele disse, fazendo com que a amiga Khalsa fosse atrás da melhor cashmere do mercado para lhe fazer uma camisa de presente.

Com o portal Goop, criado em 2008, Paltrow virou guru de saúde feminina e beleza, mesmo vendendo as mais loucas panaceias para um gigantesco fã clube de carteiras polpudas. Le Domaine e God's True Cashmere serão certamente marcas voltadas para esse público, embora mais masculino.

A linha de beleza não abriu apenas promessas de juventude e sim também a caixa de pandora do divórcio de Pitt e Jolie, que seguem brigando mesmo seis anos depois de separados. A atriz vendeu em 2021 sua parte do Château Miraval para uma empresa parte da divisão de vinhos da Stoli, cujo dono seria um bilionário russo, segundo processo obtido pela revista People.

Pitt processou a ex-mulher alguns meses atrás, já que ele teria direito de compra, e Jolie contra processou no começo de setembro. A empresa da atriz alega que Pitt fez uma campanha para se apropriar do Château Miraval nos últimos anos e enrolou nas negociações de venda, tudo em retaliação ao divórcio e ao processo de custódia dos filhos.

O imbróglio deve se estender por mais alguns anos, enquanto Pitt segue com sua vida nova de empresário e artista. Ele apresenta nove esculturas no Sara Hilden Art Museum, em Tampere, ao sul da Finlândia, até 15 de janeiro. Para o crítico de arte do jornal britânico The Guardian, Pitt surpreendeu: "Ele evitou o constrangimento das celebridades que fazem arte para revelar obras poderosas e valiosas".

Produtos da linha de beleza Le Domaine, do ator americano Le Domaine/Divulgação

Camisa da grife God's True Cashmere Selfridges/Divulgação

Amarildo

As mensagens de Olivier Blanchard sobre o futuro da economia global

Curto prazo será marcado por combate à inflação nos EUA e na Europa, o que traz desafios aos emergentes

Ana Paula Vescovi
Economista-chefe do Santander Brasil

A conjuntura internacional tende a ser fator crítico para o próximo período de governo no Brasil, o qual terá que conduzir o atendimento de demandas internas durante a normalização de choques globais, com taxas de juros mais altas e menor crescimento nas economias avançadas.

Os pesos-pesados da economia global percorrerão nos próximos anos os desafios de controlar a inflação praticamente disseminada e inédita desde os anos 1970 e 1980; de normalizar as cadeias produtivas, depois das quebras de fornecimento sofridas durante a pandemia e após o início da guerra entre Rússia e Ucrânia; de assegurar a direção da transição energética; e manter a legitimidade dos seus governos.

Esse cenário externo condiz com as reflexões de Olivier Blanchard, professor de economia no MIT (Instituto de Tecnologia de Massachusetts) e ex-economista-chefe do FMI, no painel que moderei na abertura do evento MKBR22, promovido recentemente pela B3 e pela Anbima, cuja discussão se concentrou no processo de ajuste nos Estados Unidos e na zona do euro.

A mensagem mais importante foi a sua crença na volta à "estagnação secular", a longo prazo. Ou seja, na volta à convivência com taxas de juros reais mais baixas do que as taxas de crescimento, o que decorre do excesso de poupança sobre o investimento nessas regiões. Algo resultante de tendências demográficas e tecnológicas que asseguram crescimento mais sustentado, com inflação sob controle.

Ele alerta, contudo, para a possibilidade de que, antes disso, haja um período com taxas de juros reais mais altas, ainda assim abaixo da taxa de crescimento esperada nos países desenvolvidos. Isso em razão da necessidade de maiores investimentos público e privado em descarbonização.

O que está implícito nesse argumento é a ausência de risco fiscal relevante, caso as medidas governamentais de suporte à crise energética na Europa, por exemplo, possuam caráter temporário.

A curto prazo, contudo, a história é outra. Na largada do próximo governo e, aliás, desde já, o foco nos EUA e na União Europeia será o combate à inflação, com juros mais altos e desaceleração na atividade econômica.

Segundo Blanchard, se, na superfície, a inflação dos EUA e da zona do euro são semelhantes e encontram-se entre 8% e 10%, abaixo dela há grandes diferenças. E isso irá trazer respostas semelhantes dos respectivos bancos centrais, mas em intensidades diferentes.

Nos EUA, além dos choques de oferta (quebra de cadeias produtivas, preços de commodities e energia), há sobreaquecimento do mercado de trabalho, pois haveria menor taxa de participação após a pandemia, ou queda no número de pessoas dispostas a trabalhar.

A correspondência estrutural entre vagas no mercado de trabalho e taxa de desemprego teria, assim, sofrido quebra por fatores permanentes (aposentadoria precoce, mudanças na imigração e nas preferências por trabalho).

Com o mercado de trabalho apertado, os salários crescem perto de 6% em 12 meses, o que realimenta a espiral de preços e pressiona a parte mais duradoura —ou inercial— da inflação.

Isso porque, diante da queda dos salários reais, os trabalhadores pedem maiores salários para se realocar e ocupar os postos de trabalho vagos. As empresas reagem pagando mais salários, pois precisam de mais trabalhadores, e assim por diante.

Na Europa, não há esse sobreaquecimento e a inflação decorre, essencialmente, dos choques de oferta. Às rupturas das cadeias produtivas durante a pandemia somaram-se os problemas de fornecimento de energia (gás e petróleo) após as sanções aplicadas contra a Rússia. Isso vem sendo agravado pela depreciação do euro diante do dólar.

Todos esses efeitos têm aumentado as dúvidas do mercado sobre um possível novo regime de inflação mais alta, pressionando taxas de juros futuras. Em ambos os casos, por enquanto, as expectativas de longo prazo implícitas nos juros futuros ainda parecem bastante ancoradas.

Segundo Blanchard, haverá queda substancial da inflação nos EUA antes do fim deste ano, a qual poderá seguir para perto de 3% no fim de 2023. A partir daí, a resiliência dos efeitos secundários torna difícil levar a inflação para a meta de 2%. Na Europa, as notícias não seriam muito boas a curto prazo. Contudo, sem superaquecimento, a convergência da inflação torna-se menos custosa.

Assim, a necessária desaceleração da demanda ou aumento do desemprego seria substancialmente maior nos EUA. Sob a hipótese de o ajuste ser feito em um ano, implicaria redução de três pontos percentuais na taxa de crescimento. Se feito devagar o suficiente, pode evitar uma recessão, algo que será bem difícil, pois a demanda parece resiliente, apesar da redução de gastos públicos, na margem. Não há evidências de que a demanda venha a desacelerar na ausência de uma política monetária mais rígida.

O caso da Europa seria mais complexo, pois o mais provável é que a demanda diminua por conta própria, em razão da importante perda de poder de compra. Acontece que esse efeito tende a ser limitado pelos gastos públicos, pois os governos buscam criar um escudo sobre os preços da energia, via subsídios, a fim de aliviar os efeitos sobre a população. O BCE (Banco Central Europeu) vai precisar apertar as taxas de juros e enviar um sinal de compromisso com as metas de inflação, mas a intensidade será menor que nos EUA.

Tais condições rebatem sobre os mercados emergentes, pelo canal da inflação importada e de menor ancoragem, ou seja, maior custo para os bancos centrais no controle da inflação. Menor ancoragem implica necessidade de ser mais rígido no combate à inflação e aumentar as taxas de juros. Vale lembrar que essas economias convivem com taxas de juros reais neutras maiores que a taxa de crescimento, o que demanda maior esforço fiscal.

Contudo, haverá grandes diferenças entre importadores e exportadores de commodities nesse período, quando os últimos seriam menos penalizados, concluiu o professor. O que favorece o Brasil, que, ademais, poderá ter mais oportunidades relacionadas aos investimentos na "transição verde".

DOM. Ana Paula Vescovi, **Marcos Lisboa**, Candido Bracher, Arminio Fraga

MAIS INFORMAÇÃO, MAIS OPINIÃO, TODOS OS DIAS, ÀS 23H15 NA EDIÇÃO FOLHA

Ana de Armas interpreta Marilyn Monroe no filme 'Blonde', de Andrew Dominik Divulgação

Corredor sujo de sangue em pavilhão da Casa de Detenção de São Paulo, na zona norte da capital, depois da morte de 111 presos Niels Andreas - 2.out.1992/Folhapress

Massacre do Carandiru continua sem punição a policiais após três décadas

Tribunal de Justiça paulista deve analisar neste ano o tamanho das penas de 74 PMs condenados

Rogério Pagnan

SÃO PAULO Em 30 anos, o assassinato de 111 pessoas no Carandiru, zona norte de São Paulo, gerou teses acadêmicas, artigos, livros, filme de repercussão internacional e mudanças no sistema prisional. A própria Casa de Detenção, nome oficial do palco do massacre, não existe mais. Foi demolida há tempos.

Essas três décadas, completas neste domingo (2), só não foram suficientes para que fosse posto fim ao processo que visa a responsabilização criminal de 74 policiais militares acusados de atirar, sem necessidade, em presos encurralados no interior do chamado pavilhão 9.

O processo está em fase de definição de penas pelo Tribunal de Justiça paulista, mas o final da possibilidade de recursos —o chamado trânsito em julgado— ainda não tem previsão de quando deve ocorrer. A prisão dos PMs condenados só deve ser efetuada depois dessa data, porém isso também não é totalmente certo em razão de movimento político que tenta impedir as punições dos condenados.

Para a Promotoria, o motivo do atraso inclui uma soma de fatores: a própria complexidade do caso, pela quantidade de vítimas e de réus; a discussão sobre o âmbito do julgamento, se na esfera comum ou Justiça Militar; e a infinidade de recursos judiciais apresentados pelas partes.

"Há algumas explicações, mas, nenhuma delas justifica [tanto tempo]. É bom deixar claro que um processo, por mais complexo que seja, e este é um dos mais complexos da Justiça brasileira, não pode demorar 30 anos para ser concluído. Nada justifica. E justiça tardia se equipara à impunidade", disse o promotor Márcio Friggi, um dos membros da Promotoria que participaram do julgamento, em 2013 e 2014.

De acordo com magistrados ouvidos pela **Folha**, com a decisão dos tribunais superiores de Brasília, o TJ de São Paulo deve julgar, até o final deste ano, o tamanho das penas impostas aos PMs, a chamada dosimetria. Em cinco julgamentos realizados, entre 2013 e 2014, os policiais foram condenados a penas que variam de 48 a 624 anos.

As condenações se referem a 77 assassinatos com armas de fogo. A Promotoria decidiu excluir 34 vítimas, desse total de 111 pessoas mortas, porque havia dúvida se elas foram alvo de PMs ou atacadas pelos próprios presos, como aquelas feridas por armas brancas.

O TJ não vai mais analisar o mérito do caso, se os policiais são culpados ou não. Vai julgar se as penas aplicadas na primeira instância estão adequadas. A quantidade de anos de condenação de cada réu pode ser aumentada, reduzida ou ficar como está.

Todos os PMs recorrem da decisão em liberdade.

Essa análise de penas só ocorre neste momento porque o STJ (Superior Tribunal de Justiça), provocado pelo Ministério Público de São Paulo, reestabeleceu, no ano passado, a decisão dos jurados que consideraram os policiais culpados pelas mortes dos presos.

As sentenças condenatórias haviam sido anuladas em 2016 pelos desembargadores Ivan Sartori, Camilo Léllis e Edison Brandão, da 4ª Câmara Criminal do TJ, que mandaram realizar novos julgamentos. O final do processo estaria, assim, ainda mais distante se essa decisão não tivesse sido derrubada pelo STJ.

> "É bom deixar claro que um processo, por mais complexo que seja, e este é um dos mais complexos da Justiça brasileira, não pode demorar 30 anos para ser concluído. Nada justifica
>
> **Márcio Friggi**
> promotor

Os magistrados anularam os cinco júris sob a alegação de que a decisão dos jurados era manifestamente contrária às provas dos autos porque, segundo eles, não era possível dizer quais policiais foram responsáveis pelas mortes —até por falta de um confronto balístico pela perícia.

O acórdão unânime da 5ª Turma do STJ, com relatoria do ministro Joel Ilan Paciornik, discordou desses argumentos. Para o STJ, a tese da acusação sempre foi a de que os PMs se juntaram "com ânimo homicida", entraram no pavilhão e efetuaram disparos contra os presos.

Não havia, assim, por parte da acusação, a tentativa de individualizar condutas.

A procuradora aposentada Sandra Jardim, uma das responsáveis pelos recursos ao STJ, disse que a decisão de Ivan Sartori e dos colegas de Câmara só conseguiu atrasar ainda mais o andamento do processo e aumentar a descrença da sociedade pela Justiça.

Para desembargadores, procuradores e promotores ouvidos pela **Folha**, a decisão do STJ do ano passado e a do STF (Supremo Tribunal Federal) em agosto deste ano (negando o recurso contra essa decisão do STJ) puseram fim, em tese, à discussão sobre o mérito.

Isso significado que os PMs são considerados culpados e, assim, não podem mais recorrer quanto a isso. Só podem reclamar, agora, do tamanho das penas impostas a eles.

Mesmo com a decisão sobre a dosimetria, os policiais não vão começar a cumprir suas penas imediatamente. Isso porque a 4ª Câmara Criminal do TJ passou a seguir entendimento do STF de apenas mandar prender os réus após o trânsito em julgado, e não após a segunda instância.

Como o STJ e STF já se manifestaram sobre o assunto, esse trânsito não deve demorar tanto, avaliam os promotores e magistrados ouvidos.

Isso não quer dizer, porém, que o assunto estará resolvido. Há risco de os PMs não cumprirem suas penas porque tramita na Câmara projeto de lei que propõe a concessão de anistia a eles. Foi aprovado, em agosto deste ano, parecer favorável a ele.

A reportagem fez contato com o advogado Celso Vendramini, que participou da defesa dos PMs, mas ele respondeu que deixou o caso. A advogada Ieda Ribeiro de Souza, que também participou, foi procurada. A família disse que ela está hospitalizada e sem condições de falar.

Sobreviventes do presídio hoje se apoiam na fé para lidar com trauma

Manuela Ferraro

SÃO PAULO Edivaldo Godoy, 64, levou três tiros, nas costas e nas mãos, durante o massacre do Carandiru, que ocorreu no dia 2 de outubro de 1992. Na época, ele cumpria uma pena de mais de 60 anos por ter sido condenado por diversos assaltos a bancos.

Na chacina que ocorreu há 30 anos, policiais militares invadiram o pavilhão 9 da Casa de Detenção, nome oficial do presídio na zona norte de São Paulo. Mataram 111 detentos e obrigaram sobreviventes a carregarem os corpos.

Para não virar um deles, Godoy teve que se fingir de morto entre os cadáveres. "É um trauma que vou levar para o caixão", diz. A brutalidade do episódio se transformou em sequelas psicológicas, como o medo de lugares escuros e os pesadelos que o transportam de volta ao Carandiru.

O ex-detento, que comanda hoje a SOS Carentes, ONG que acolhe moradores de rua e egressos do sistema prisional, diz que a fé foi seu principal alicerce para lidar com o trauma. "Quem sobreviveu àquilo lá recomeçou do zero. Por isso, acredita em Deus", explica Godoy, que compara essa crença a "uma rocha, uma força exterior" que lhe deu forças nas últimas três décadas.

A espiritualidade é comum entre os sobreviventes. Entre alguns deles, a religiosidade já era exercida no próprio cárcere. Francys Lins, que hoje tem 55 anos, chegou à Casa de Detenção em 1987, com apenas 19. Cumpriria pena por assalto a mão armada, homicídio qualificado e furto qualificado.

No Carandiru, engajou-se na rotina do ministério de Belém, segmento da Assembleia de Deus que existia dentro do presídio. Foi porteiro, diácono, evangelista e se tornou pastor dentro do pavilhão 9.

Morador do quinto andar do prédio, Lins diz que ouviu a polícia subir cantando as escadas da cadeia. "Eles diziam: 'O Choque chegou / Vocês pediram / O Fleury mandou'", relata. Luiz Antônio Fleury Filho era governador de São Paulo na época.

A isso, relata, somava-se o som das rajadas de tiro e os gritos dos detentos que pediam para não morrer. Duas semanas após o massacre, ele foi transferido para o presídio de Araraquara, no interior do estado, e passou a sonhar com o episódio. "Lembro que, um dia, estava deitado e os outros presos começaram a vibrar e a gritar. Eu levantei assustado. Eles comemoravam um gol numa partida de futebol. Mas eu achei que estava de novo no Carandiru", relata.

Hoje, Lins diz que pouco se lembra do episódio. Depois do cárcere, viajou em missões durante 20 anos. Também continuou como pastor e tem o massacre como carro-chefe de seus testemunhos. Mora em Guapó (GO), onde trabalha como produtor rural e é membro de uma ONG de reabilitação para usuários de drogas.

O Evangelho, para ele, entrega uma espécie de "detox espiritual" para quem está preso. E a pastoral carcerária, por sua vez, tem papel fundamental na ressocialização do preso. "Na prisão, muitos pedem um caminho de volta. E é a igreja que alcança essas pessoas, que oferece um ombro amigo, uma palavra de consolação", diz.

Sobrevivente do massacre do Carandiru, Edivaldo Godoy, 64, hoje é advogado e comanda uma ONG Karime Xavier/Folhapress

É isso o que motiva Luiz Paulino, 55, que entrou no Carandiru em março de 1986 para cumprir pena por homicídio qualificado. Embora tenha nascido em berço evangélico, ele diz que estava afastado da igreja na época do massacre. Mas conta que, durante a chacina, viveu algumas experiências transcendentais.

Quando os policiais colocaram a metralhadora no guichê da cela onde estava, por exemplo, o gatilho da arma não funcionou e não disparou nenhuma bala. Depois, no caminho até o pátio, que passou por um corredor polonês formado pelos militares, Paulino afirma que viveu duas vezes o que a Bíblia chama de "arrebatamento de sentido".

"Meu corpo estava ali, mas algo levou meu espírito para as sombras. Depois, ouvi uma voz dizendo que eu não iria morrer, e voltei a raciocinar", diz. Após a chacina, quando passou para o regime semiaberto, Paulino se reconciliou com a igreja, virou pastor e passou a frequentar novamente o Carandiru, mas desta vez para pregar.

Estações e terminais vetam bike elétrica em SP

Bicicletários do transporte público da cidade não permitem o equipamento; secretaria estadual estuda mudança

William Cardoso

SÃO PAULO As bicicletas elétricas já estão por toda a parte e, em muitas regiões de São Paulo, compõem o cenário urbano da mobilidade. Apesar disso, elas não são bem-vindas em todos os bicicletários da região metropolitana, limitando o acesso de quem pretende usá-las como complemento ao transporte público. Entidades veem ilegalidade na proibição.

Segundo a Secretaria dos Transportes Metropolitanos paulista, "já são estudadas formas de adaptar e padronizar os bicicletários para a acomodação correta das bikes elétricas", entre as companhias sobre as quais responde.

Já a SPTrans, da Prefeitura de São Paulo, diz que terminais e parte das estações do Expresso Tiradentes contam com bicicletários abertos durante o horário de funcionamento de cada terminal. Mas, "no momento, não é permitido colocar bicicletas elétricas nos bicicletários", afirmou a empresa da administração municipal, em nota.

A SPTrans acrescenta que não se responsabiliza pelas bicicletas ou objetos deixados nos bicicletários dos terminais.

Não é toda estação de metrô ou trem que conta com bicicletário. Também não é toda estação que, mesmo com bicicletário, aceita bicicletas elétricas. Segundo a própria Secretaria dos Transportes Metropolitanos, apenas 37 dos 61 lugares dentro de seu sistema permitem a permanência das elétricas.

Um exemplo disso acontece no Metrô, que cuida das linhas 1-azul, 2-verde e 3-vermelha. A companhia estadual tem quatro bicicletários espalhados pela capital. Em nenhum deles é permitida a permanência das elétricas.

A ViaMobilidade, que administra bicicletários nas linhas 4-amarela e 5-lilás, de metrô, e 8-diamante e 9-esmeralda, de trens, diz por meio da STM que permite bicicletas convencionais e elétricas que possuem o motor localizado nas rodas. Entretanto, nas estações de trem especificamente, a orientação parece ser outra. A reportagem apurou in loco que não se pode deixar esse tipo de equipamento.

Cavalete para recarga de bikes elétricas na estação Vila Olímpia, na linha 9-esmeralda dos trens William Cardoso/Folhapress

A situação leva a paradoxos curiosos. A estação de trem Vila Olímpia, na linha 9-esmeralda, é apontada em painel luminoso como a "primeira sustentável do Brasil". Dentro do bicicletário, há um cavalete, com publicidade no se lê "carregue aqui a sua bike elétrica". O cavalete conta com tomadas e cabos para a recarga das baterias. Mas, segundo funcionários, é proibida a permanência desse tipo de bicicleta no local.

A EMTU (Empresa Metropolitana de Transportes Urbanos) também proíbe o estacionamento de bicicletas elétricas em seus bicicletários.

Diretor da Aliança Bike (Associação Brasileira do Setor de Bicicletas), Daniel Guth afirma que é ilegal fazer esse tipo de diferenciação por modelo de bicicleta. "A legislação federal equipara a bicicleta elétrica com a convencional, contanto que siga as regras [até 350 watts, até 25 km/h de velocidade máxima, com pedal assistido, entre outros]", afirma.

Segundo Guth, se são equiparadas, é equivocado e ilegal que bicicletários tenham política de diferenciação por modelo. "Na prática, é como se dissessem que pode parar uma bike urbana, mas uma mountain bike não pode. Pode uma BMX, mas não uma speed", diz, citando modelos de bicicletas para diferentes práticas. Guth afirma que não há justificativa técnica para a proibição das elétricas.

> É falta de conhecimento. Alguém, em algum momento, resolveu que não podia colocar e ninguém muda
>
> **Rodrigo Afonso**
> diretor da ABVE

Segundo o diretor da Aliança Bike, não é necessária nenhuma grande adaptação para que bicicletários recebam as elétricas.

Para Guth, o bicicletário tem que garantir um acondicionamento seguro, confortável e acessível. "Óbvio que o ideal é que o modelo de suporte não obrigue a pessoa a levantar a bicicleta. Os modelos com gancho são muito ruins para bikes elétricas que são mais pesadas", explica.

Rodrigo Afonso, diretor de Veículos Levíssimos da ABVE (Associação Brasileira do Veículo Elétrico) e representante da empresa da Go Lev, afirma que é um retrocesso impedir bicicletas elétricas nos bicicletários do transporte público. "É um pensamento retrógrado. Quando pensamos em mobilidade urbana, como meio de transporte, o que a gente entende é que tudo é um conjunto", diz. "A partir do momento em que não permitem parar uma bicicleta como se fosse convencional, é uma ilegalidade."

Para Afonso, a proibição não faz sentido. "É falta de conhecimento. Alguém, em algum momento, resolveu que não podia colocar e ninguém muda."

Segundo a Secretaria dos Transportes Metropolitanos, sob responsabilidade do governo estadual, as bicicletas elétricas são aceitas por 37 dos 61 bicicletários das empresas que integram seu sistema, "desde que tenham tamanho similar ao de uma bike convencional e, por questões de segurança, não podem ter motor a combustão — em alguns casos, é preciso que o motor da bike esteja localizado nas rodas".

A secretaria diz que é "importante destacar que há estudos em andamento para padronização e adequação destes serviços nas três concessionárias".

Criminosos disparam 35 tiros de fuzil e pistola e matam empresário em Porsche em São Paulo

SÃO PAULO O empresário Luiz Cláudio Mazzuca Filho, 35, foi morto a tiros na saída de uma academia na zona sul de Ribeirão Preto, no interior de São Paulo, na noite da última quinta-feira (29).

Câmeras de segurança registraram o momento em que o Porsche no qual ele estava é atingido por disparos, que também feriram uma funcionária do estabelecimento.

Por volta das 22h, Luiz e a namorada despediram-se no estacionamento da academia, localizada no bairro Nova Aliança, e ele entrou no seu carro, da marca Porsche.

Nas imagens, cedidas pela academia, é possível ver o veículo dela sendo manobrado para sair do estacionamento, quando um automóvel branco para atrás do carro de Luiz, ainda estacionado. Dois homens saem do veículo e efetuam os disparos.

De acordo com o boletim de ocorrência, dos 35 tiros, dez foram de fuzil e o restante, de pistola. Luiz morreu no local.

Uma funcionária da academia, que ia sair de moto do local, foi atingida por dois tiros e encaminhada à unidade de emergência do Hospital das Clínicas de Ribeirão Preto, da USP.

A polícia aprendeu um celular, o veículo do empresário e uma pistola Glock que estava no banco do passageiro.

O caso foi encaminhado à 3ª Delegacia de Homicídios de Ribeirão Preto, que investiga o crime.

Em nota, a academia Pacer diz que lamenta o fato e que forneceu as imagens da câmera de segurança para ajudar na investigação. "Nos solidarizamos com os familiares e esperamos que tudo seja solucionado em breve, e que os culpados sejam responsabilizados."

Luiz era proprietário do On-Bar, de Ribeirão Preto, que publicou uma mensagem de luto em sua página nas redes sociais. "Com imenso pesar, a equipe ON BAR hoje se despede de Mazzuca Filho. "As boas lembranças não nos deixam esquecer daqueles que, durante a vida, nos trouxeram tantas alegrias!", diz a nota.

Lucas Lacerda

Justiça desapropria terreno que abriga o cemitério dos Aflitos

SÃO PAULO A Justiça determinou a desapropriação de um lote localizado entre as ruas Galvão Bueno e dos Aflitos, na Liberdade, região central de São Paulo. Um sítio arqueológico foi encontrado no terreno em 2018.

No local, de acordo com especialistas, existiu o primeiro cemitério da capital.

No último dia 22, a Justiça emitiu o documento de posse para a prefeitura do lote onde está o cemitério dos Aflitos, criado no século 18 e destinado principalmente a receber corpos de pessoas pobres, provavelmente indígenas e negros. Ainda cabe recurso.

Com a possível conclusão do processo de desapropriação, a prefeitura pode lançar edital para seleção de um projeto do chamado memorial dos Aflitos, conforme lei sancionada pelo então prefeito Bruno Covas (PSDB), morto no ano passado.

O texto aponta que o objetivo do projeto é a preservação "de acervo arqueológico e memória dos negros e negras que viveram no bairro da Liberdade, durante o período da escravidão".

Gustavo Fioratti

MORTES

coluna.obituario@grupofolha.com.br

Atuou na linha de frente contra a Covid-19

CLAUDIO MARCEL BERDUN STADNIK (1971-2022)

Patrícia Pasquini

SÃO PAULO Aos 16 anos, Claudio Marcel Berdun Stadnik entrou para a faculdade de medicina na PUC-RS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul). No ano seguinte, ele já era pai.

Essa precocidade marcou toda a vida do médico, inclusive em questões de saúde. Com problemas cardíacos desde jovem, ele sofreu um infarto pela primeira vez aos 28 anos e, na quinta (28), morreu aos 51 anos.

Deixa os pais, as filhas, Raissa e Marjorie, os filhos do coração, Bernardo e Rafaela, e um rastro de generosidade.

Claudio nasceu em Montevidéu, no Uruguai, e viveu no Brasil desde os sete anos —ele se naturalizou recentemente. A família chegou a morar no estado de São Paulo, antes de se estabelecer no Rio Grande do Sul.

Formado em 1993, fez residência em clínica médica e infectologia e mestrado em epidemiologia. Depois, fez o doutorado em patologia médica na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre. Claudio trabalhou em vários hospitais, entre eles o Ernesto Dornelles e a Santa Casa de Misericórdia de Porto Alegre.

Atualmente, estava no Serviço de Controle de Infecção e no Centro de Pesquisa em Infectologia da Santa Casa, com foco na área de infecções em transplantes e imunossuprimidos. O médico atuou na linha de frente no combate à Covid-19. Referência em infectologia, especialmente nas áreas de epidemiologia, controle de infecção e Aids, era desde 2008 professor da Universidade Luterana do Brasil.

A alegria e a gargalhada indicavam, entre outras coisas, o quanto Claudio amava a medicina e a ciência.

"Meu pai estava sempre rindo. Adorava ler e adquirir conhecimento. Entendia de filosofia e ética, acreditava que a ciência encontrava as respostas pouco a pouco. Ele tinha respeito e consideração pelos pacientes. Era cativante em suas relações e apaixonado por tudo o que fazia. Meu pai representa o médico que eu quero ser", diz Marjorie Stadnik, 33, que estuda medicina inspirada por ele.

Claudio era amigo e professor da filha. "Tivemos uma vida muito proveitosa. Ele me ensinou a ser curiosa e, acima de tudo, correta."

Nas horas de descanso, Claudio gostava de pilotar sua moto, de videogames de simulação de voo, além de conversar sobre literatura e medicina com Marjorie, ir aos jogos do Internacional com o Bernardo e escutar música com Raissa. "Os dois tinham um ouvido ótimo para músicas e faziam um jogo, no carro, em que tinham que adivinhar os músicas nos primeiros acordes que tocava e ele sempre ganhava", relata Marjorie.

Procure o Serviço Funerário Municipal de São Paulo: tel. (11) 3396-3800 e central 156; prefeitura.sp.gov.br/servicofunerario.

Anúncio pago na Folha: tel. (11) 3224-4000. Seg. a sex.: 10h às 20h. Sáb. e dom.: 12h às 17h.

Aviso gratuito na seção: folha.com/mortes até as 18h para publicação no dia seguinte (19h de sexta para publicação aos domingos) ou pelo telefone (11) 3224-3305 das 16h às 18h em dias úteis. Informe um número de telefone para checagem das informações.

Adams Carvalho

‘Mamãe, por que você tá azul?’

Entre furto e latrocínio, a elite escolhe o latrocínio

Antonio Prata

Escritor e roteirista, autor de "Nu, de Botas"

Estranha elite, a nossa: entre o furto e o latrocínio, escolhe o latrocínio. O que é mais grave: corrupção na Petrobras ou 700 mil mortos na pandemia? (Bolsonaro sabotou todas as medidas sanitárias, tirou máscara do rosto de criança, atrasou a compra e fez campanha contra a vacina). Corrupção na Petrobras ou policiais sufocando um homem inocente numa câmara de gás improvisada no fundo de um camburão? (Dias após o assassinato, Bolsonaro veio a público... Elogiar a PRF).

O que é mais perigoso: corrupção na Petrobras ou uma ditadura, que Bolsonaro vive enaltecendo e ameaçando reeditar? O que é mais grave: a corrupção na Petrobras ou a desertificação da Amazônia, que vai esculhambar com o clima na Terra nos próximos séculos ou milênios, caso destruamos só mais um tiquinho? Pois a maioria dos nossos empresários, fazendeiros e financistas acha que pior do que tudo isso é a corrupção na Petrobras.

No tétrico debate desta quinta-feira (29) ficou claro que também para a maior parte dos candidatos o risco de vermos o fim da democracia é menor do que o risco de que haja corrupção. Um detalhe curioso: o risco de que haja corrupção por parte do PT assusta muito mais do que qualquer corrupção da família Bolsonaro. Os 51 imóveis comprados com papel-moeda e o orçamento secreto surgiram de leve, no debate. Só Lula mencionou as barras de ouro recebidas por pastores indicados por Bolsonaro pra fazerem lobby no Ministério da Educação.

Já Ricardo Salles desmontando o Ibama, destruindo a Amazônia e fazendo negócio com madeireiros ou as relações da família Bolsonaro com as milícias do Rio nem sequer foram citados. Segundo os postulantes ao cargo de presidente, condecorar o miliciano Adriano da Nóbrega, segurança de bicheiro e assassino de aluguel, empregar Queiroz, outro miliciano assassino, durante boa parte da vida pública de Jair, são questões menores do que desvios de dinheiro e as patacoadas econômicas da Dilma. A bolsa ou a vida? O rico brasileiro prefere a bolsa.

Digo isso tudo fazendo um recorte bem negativo dos governos petistas, como se tivesse havido apenas corrupção. Claro que houve corrupção, mas em paralelo houve a construção de 18 universidades, a chegada a elas via cotas, Prouni e Fies de muitos negros e estudantes de escolas públicas. Redução drástica das queimadas na Amazônia. Leis trabalhistas estendidas às empregadas domésticas. Bolsa Família. Aumento real do salário mínimo. Demarcações de terras indígenas e quilombolas.

"E a corrupção na Petrobras?! E a corrupção na Petrobras?!", seguem bradando os Luizes Felipes D'Ávilas, os Ciros Gomes, os membros da Fiesp, da CNI, os senhores na sauna do clube Pinheiros.

De um lado há um candidato que era presidente à época da corrupção na Petrobras. Do outro há um candidato cujo ídolo, o torturador Carlos Brilhante Ustra, pegou pelas mãos duas crianças de 4 e 5 anos numa manhã da década de 1970 e as levou à sala onde seu pai e sua mãe estavam sendo torturados, nus, sujos de sangue, vômito e urina. A mãe estava toda roxa e a criança mais velha perguntou: "Mamãe, por que você tá azul?".

Foi para este torturador que Bolsonaro dedicou seu voto no Impeachment da Dilma Rousseff. A obra "A verdade sufocada", de Ustra, é seu livro de cabeceira. É àquela época que ele pretende nos levar de volta.

Se você ainda acha que mais grave é a corrupção na Petrobras e vai arriscar um segundo turno em que o abjeto golpista pode vencer, eu desisto. Não tenho mais argumentos, apenas o meu assombro e uma tristeza profunda por este país.

| DOM. Antonio Prata | **SEG. Marcia Castro**, Maria Homem | TER. Vera Iaconelli | QUA. Ilona Szabó de Carvalho, Jairo Marques | QUI. Sérgio Rodrigues | SEX. Tati Bernardi | SÁB. Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho

ciência

Populações de insetos no país sofrem declínio significativo, aponta análise

Cientistas avaliaram série de estudos sobre o tema; diversidade de espécies também corre risco

Reinaldo José Lopes

SÃO CARLOS (SP) Uma análise de dezenas de estudos de longo prazo sobre as espécies de insetos do Brasil indica que elas estão sofrendo declínios significativos, a exemplo do que se vê em vários outros lugares do planeta.

Muitos insetos, de borboletas a besouros, estão ficando cada vez menos abundantes, e há indícios de que a diversidade de espécies também pode estar caindo.

As conclusões acabam de ser publicadas no periódico especializado Biology Letters por uma equipe que reúne cientistas da Unicamp, da UFSCar (Universidade Federal de São Carlos) e da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Ainda são dados preliminares, e existem muitas lacunas de conhecimento sobre o tema do país, mas há boas razões para considerar que as pistas disponíveis até agora são preocupantes.

"Em conversas informais com colegas, o pessoal às vezes brinca: 'Puxa, que bom, vai ter menos pernilongo e mosca para atrapalhar'. Mas é justamente o contrário — essas espécies urbanas, que se adaptaram aos ambientes que a gente cria, vão continuar por aí e até se multiplicar. O problema são as outras espécies de insetos, a grande maioria, importantíssimas para o funcionamento dos ecossistemas", explica André Victor Lucci Freitas, coautor do estudo e professor do Departamento de Biologia Animal da Unicamp.

Monitorar os riscos que as espécies de insetos correm é bem mais complicado do que fazer o mesmo monitoramento com espécies de mamíferos ou aves, lembra Freitas. Entre as dificuldades estão o ciclo de vida rápido — que pode durar apenas algumas semanas ou alguns meses— e as grandes flutuações populacionais de estação para estação e de ano para ano.

"Eu, por exemplo, que trabalho com borboletas, em geral vejo só os adultos, e é mais difícil acompanhar lagartas, pupas e ovos. Não é como uma manada de elefantes, que você consegue recensear sobrevoando os indivíduos ou pode usar radiotransmissores para acompanhar", compara o cientista.

Para tentar ter uma ideia do quadro geral do que está acontecendo com os insetos brasileiros, a equipe fez uma busca na literatura científica disponível online, tentando levantar todos os estudos que abordavam o tema com um acompanhamento das populações de insetos de pelo menos quatro ou cinco anos de duração. Também enviaram questionários para 156 pesquisadores da área.

Com isso eles chegaram a um total de 75 análises sobre tendências populacionais de insetos no país, que fazem parte de 45 estudos diferentes. A duração média dos levantamentos é de cerca de 20 anos, sendo maior no caso dos insetos terrestres (há também as espécies aquáticas, menos estudadas, mas muito importantes para a fauna dos pequenos cursos d'água).

> Acho que é um dado que vai provocar muita gente e que vai servir de estímulo para mais estudos sistemáticos
>
> **André Victor Lucci Freitas**
> coautor da análise e professor da Unicamp

Nem todos os ecossistemas brasileiros foram igualmente cobertos nessa amostra — não há dados para o Pantanal e a caatinga, por exemplo, e as áreas mais estudadas são as da mata atlântica.

Mesmo assim, a maioria dos estudos sobre abundância de insetos (ou seja, quantidade de indivíduos de cada espécie) revelou uma tendência de queda (em 19 estudos). Apenas cinco levantamentos indicaram aumento de abundância, enquanto 13 não indicaram tendência alguma.

Já quanto à diversidade de espécies, 14 estudos apontaram uma queda, enquanto cinco indicaram aumentos, mas a maioria dos levantamentos analisados (19) não apontou uma tendência clara.

"É uma tentativa de entender se está havendo o declínio ou não, e, por enquanto, os dados mais sólidos mostrando isso são os da diminuição de abundância", resume o pesquisador da Unicamp. "Acho que é um dado que vai provocar muita gente e que vai servir de estímulo para mais estudos sistemáticos."

Ainda é difícil ter certeza sobre o que está acontecendo com a trajetória de espécies individuais, mas já há alguns casos emblemáticos, como a borboleta-da-praia (Parides ascanius), que tem perdido boa parte de seu habitat nas restingas —"Muitas viraram campos de golfe", lamenta Freitas— e as mamangavas Bombus bellicosus e Bombus bahiensis.

Tanto borboletas quanto abelhas são importantes para a polinização das flores, mas os insetos desempenham uma série de outras funções cruciais. "Inúmeras espécies de animais se alimentam de lagartas, por exemplo. E a gente esquece que, antes das bactérias e fungos, insetos como besouros e cupins ajudam a degradar a matéria orgânica das florestas e a incorporar nutrientes no solo. Sem a ação deles, os efeitos sobre o solo e o lençol freático podem ser sérios."

Terra arrasada

O governo Bolsonaro se agarrou à negação da realidade como método

Reinaldo José Lopes
Jornalista especializado em biologia e arqueologia, autor de "1499: O Brasil Antes de Cabral"

No momento em que escrevo estas linhas, ainda é muito cedo para dizer se o governo Bolsonaro termina no fim de 2022. O que é indiscutível, no entanto, é que não há país possível caso o método de pensar a realidade típico do bolsonarismo continue ocupando os mais altos escalões do poder.

Digo isso de um ponto de vista que talvez seja bastante idiossincrático, ou mesmo estreito, mas que não deixa de ser iluminador também. Se é horroroso — como de fato o é — perceber que o bolsonarismo é essa maçaroca de truculência, preconceito e (muito provavelmente) corrupção mal disfarçada que vimos ao longo dos últimos quatro anos, é ainda mais assustador que o seu sustentáculo seja a negação sistemática dos fatos mais básicos.

É uma ironia trágica que esse tenha sido o modus operandi do sujeito que não parava de repetir "E conhecereis a verdade, e a verdade vos libertará" (pobre Evangelho de João). Políticos, dirão os mais cínicos, são naturalmente dados a flexibilizar os fatos. Pode até ser, mas não consigo deixar de ver um abismo entre escamotear antigas diferenças com um adversário em nome de uma nova aliança, ou mesmo esconder uma conta cheia de dólares na Suíça, e dizer que a cor do céu é verde com bolinhas brancas, e não azul.

Essa tem sido a manobra quase instintiva do bolsonarismo, o que explica o ódio do presidente à ciência. Foi assim quando Bolsonaro, apoiado pelo ex-astronauta e invertebrado moral Marcos Pontes, atribuiu a uma suposta infiltração de ONGs a piora dos dados do desmatamento no país. (Os dados continuaram piorando, e ele nem se deu mais ao trabalho de reciclar a teoria da conspiração para negá-los.)

Foi assim que Bolsonaro e Ricardo Salles propagaram a tese do "boi bombeiro" como o responsável por evitar incêndios no Pantanal ou afirmaram que regiões de floresta amazônica pegavam fogo naturalmente na estação seca.

E, para coroar essa mania de negar os fatos com uma irresponsabilidade assassina, foi assim que o presidente da República fez tudo o que pôde para vender medicamentos inócuos ou nocivos como milagrosos durante a pandemia, além de vomitar dúvidas e teorias da conspiração acerca da segurança e a eficácia das vacinas contra a Covid-19.

Não duvido de que Bolsonaro realmente acredite em algumas dessas afirmações descabidas, ou mesmo na totalidade delas. Se for esse o caso, eis mais um motivo para botá-lo para fora do Planalto o quanto antes: é loucura deixar os rumos de uma nação nas mãos de um sujeito que é incapaz de mudar de ideia diante das evidências, ou talvez seja incapaz de entender o que é evidência e o que é só crença, para começo de conversa.

É desanimador que muitos eleitores pareçam achar que a pandemia "é passado" e não deveria pautar sua escolha agora. No entanto, os estragos causados pela incapacidade de Bolsonaro de reconhecer os fatos já se tornaram um peso para o futuro, para as vidas de brasileiros que ainda nem nasceram.

Isso vale para a saúde pública: antes da pandemia, os movimentos antivacinação eram incipientes no país, mas agora ganharam repetidas injeções de anabolizante graças ao seu padrinho presidencial. Se a poliomielite voltar de vez ao Brasil, por exemplo, é na conta de Bolsonaro, e de mais ninguém, que as futuras crianças com paralisia infantil deverão ser colocadas.

E o mesmo vale para o ambiente: cada hectare desmatado vai pesar na conta das chuvas, dos eventos climáticos extremos e do preço dos alimentos na nossa mesa. Fatos são coisas teimosas. Quando um presidente briga com eles, todos sofremos.

| **DOM.** Reinaldo José Lopes, Marcelo Leite
| **QUA.** Atila Iamarino, Esper Kallás

Fóssil encontrado na China ajuda a esclarecer evolução

PEQUIM | AFP Fósseis de peixes de 440 milhões de anos, descobertos na China, permitem "preencher algumas das principais lacunas" com relação a como os peixes evoluíram até a espécie humana, anunciaram pesquisadores na última quarta-feira (28).

Os fósseis foram encontrados em 2019, em dois sítios na província de Guizhou e no município de Chongqing, no sudoeste da China.

Esses achados permitem "estabelecer que numerosas estruturas do corpo humano remontam aos peixes, alguns deles de 440 milhões de anos atrás", declararam os pesquisadores do Instituto de Paleontologia de Vertebrados e Paleoantropologia, da Academia Chinesa de Ciências.

As descobertas foram destacadas em artigos publicados na revista Nature.

Entre os achados de Chongqing está um fóssil de peixe da família dos Acanthodii. Dotados de uma estrutura óssea em torno das nadadeiras, esses peixes são considerados antepassados de seres atuais com mandíbula e coluna vertebral, como é o caso do ser humano.

Em 2013, os cientistas descobriram na China outro fóssil de peixe de 419 milhões de anos, que refutou a antiga teoria de que os peixes modernos dotados de esqueletos ósseos (osteíctios) evoluíram a partir de um peixe parecido com um tubarão e dotado de uma estrutura cartilaginosa.

A nova criatura encontrada na China, chamada Fanjingshania, tem 15 milhões de anos a mais que esse peixe, de acordo com o estudo.

"Trata-se do peixe mais antigo dotado de mandíbula de que se conhece a anatomia", explicou o responsável por essa equipe de pesquisa, Zhu Min.

"É uma descoberta incrível", afirmou John Long, ex-presidente da Sociedade de Paleontologia de Vertebrados dos Estados Unidos. "Isso põe em questão quase tudo o que sabíamos sobre a história inicial da evolução de animais com mandíbula."

equilíbrio

Estudos miram prevenção do câncer de mama, mas foco é detecção precoce

Jessica Santos

SANTO ANDRÉ (SP) Embora a detecção precoce ainda seja a principal arma usada por médicos para reduzir o risco de morte por câncer de mama em mulheres, estudos têm também mirado a prevenção.

Os resultados dos trabalhos mostram caminhos que podem diminuir os riscos da doença que só no Brasil registrou 66 mil casos por ano entre 2020 e 2022 de acordo com o Inca (Instituto Nacional do Câncer). Os hábitos apontados pelos estudos incluem alimentação saudável, exercícios físicos, menor ingestão de álcool e até o uso de medicamentos específicos.

Médicos ouvidos pela **Folha** salientam a diferença entre prevenção e detecção. Enquanto a primeira é voltada a fatores externos que, se modificados, reduzem o risco da doença, a segunda diz respeito a exames e estratégias para o diagnóstico de câncer em estágio inicial. "O maior fator de desenvolver o câncer [de mama] é ter nascido mulher", afirma a oncologista clínica Solange Moraes Sanches, vice-líder do Centro de Referência em Tumores da Mama do Hospital A.C Camargo.

De acordo com a médica, os ciclos hormonais mensais estão diretamente associados à doença, e o avanço da idade é outro fator que influencia.

O oncologista Pedro Exman, do Centro Especializado em Oncologia do Hospital Alemão Oswaldo Cruz, diz, porém, que fatores externos se mostram cada vez mais influentes. "Está cada vez mais claro que o câncer é uma doença multifatorial. Existem fatores da própria paciente, da própria pessoa como genética, histórico familiar e mutações específicas de algum gene", aponta.

Um estudo publicado no periódico Jama Network demonstrou que hábitos saudáveis podem diminuir o risco de desenvolver a doença. Ao longo de 10 anos, pesquisadores avaliaram um grupo de quase 100 mil mulheres britânicas na pós-menopausa cadastradas no Biobank UK.

"O que se viu nesse estudo foi que o câncer de mama estava relacionado a pacientes com maior índice de massa corpórea, que fizeram reposição hormonal por períodos maiores do que cinco anos, que usaram anticoncepcional por mais tempo e que faziam maior ingestão de álcool", afirma Sanches.

O estudo ainda indica que pacientes com risco genético baixo, quando não levam um estilo de vida saudável, também desenvolvem os tumores. De acordo com os especialistas ouvidos, a taxa de câncer de mama de origem hereditária é de 5% a 10% e estes casos são conhecidos por se desenvolverem antes dos 40 anos.

"O fato de uma mulher da família ter câncer de mama não necessariamente implica que as outras mulheres estão sob o maior risco, porque ela pode, de repente, ter um fator ambiental que teve um peso maior", pontua a oncologista.

Outra perspectiva animadora são medicamentos e novas formas de detecção que podem ajudar mais pessoas. No grupo de medicamentos, uma revisão publicada na Jama Network mostrou que o uso do tamoxifeno, do raloxifeno e dos inibidores de aromatase foi associado a menor risco de câncer de mama invasivo primário em mulheres.

"Como a gente sabe que o câncer de mama cresce por estímulo dos hormônios femininos, esses remédios têm uma ação anti-hormonal. Eles provocam um bloqueio a esse estímulo", afirma o oncologista Daniel Cubero, professor da FMABC (Faculdade de Medicina do ABC). No entanto, tais medicações não são para o público geral, mas para uso preventivo em "quem já teve câncer de mama ou nas pessoas com altíssimo risco, por exemplo, portadoras de uma síndrome genética". O estudo também destacou que entre os efeitos colaterais dessas medicações estão a intensificação dos sintomas da menopausa.

Já entre os novos métodos de detecção e rastreamento estão um dispositivo desenvolvido por pesquisadores indianos que pretende identificar o biomarcador da doença a partir de amostras de sangue. Trata-se de um novo método que pode tornar o tratamento mais personalizado.

De acordo com nota da Nature India, "os resultados sugerem que o sensor poderia ser usado em ambientes clínicos para a detecção rápida".

Daniel Cubero, oncologista e professor do Centro Universitário FMABC (Faculdade de Medicina do ABC), pondera, porém, que mesmo se todos os fatores de risco fossem eliminados, a doença não deixaria de existir. Mas ele aponta um caminho. "Se você tem a oportunidade de identificar a lesão no início, antes desse processo de disseminação, você remove a doença e cura o indivíduo"

Por isso, a detecção precoce da doença continua como a menina dos olhos dos especialistas. O oncologista do Oswaldo Cruz salienta que o ideal é o diagnóstico do câncer de mama ser feito antes da doença manifestar sintomas.

"A mamografia não vai prevenir seu surgimento, mas fará o diagnóstico quando ainda é subclínica e a paciente não sente nada, mas há a alteração. Se você for ver tanto a prevenção quanto o rastreamento se completam, um é tão importante quanto o outro."

Ainda que a doença atinja uma em cada oito mulheres, de acordo com a Associação Americana de Câncer, médicos apontam que os resultados dos tratamentos são animadores. "O câncer de mama, hoje em dia, tem taxa de cura altíssima", aponta Exman. "A gente tem diagnosticado as pacientes mais precocemente."

Kimberlym Dias pretende se afastar da política nos próximos dias para cuidar da saúde mental Adriano Vizoni/Folhapress

Por saúde mental, eleitores evitam discussões políticas

Para especialistas, é preciso encontrar equilíbrio entre apatia e reatividade

Ana Gabriela Oliveira Lima

SALVADOR Apesar de trabalhar orientando eleitores que irão votar no colégio onde dá aula no domingo (2), a professora Kimberlym Dias, 27, afirma que pretende se afastar da política nos próximos dias para preservar sua saúde mental.

Ela, que já se distanciou de amigos e da igreja que frequentava por conta de posições partidárias, acha melhor reduzir o contato com as redes sociais e se preparar emocionalmente para lidar com a intensidade de emoções que deve sentir no primeiro turno.

Assim como Dias, outros eleitores apostam em uma conduta mais comedida durante o pleito de domingo, muitos deles já desgastados pela disputa eleitoral. Profissionais de saúde afirmam que a estratégia é uma boa solução para quem quer se preservar emocionalmente, mas que o ideal é encontrar o equilíbrio entre apatia e reatividade na hora de lidar com o tema.

Bruno (nome fictício, a pedido), 37, optou por se afastar das notícias, redes sociais e discussões políticas, além de familiares que possuem outras preferências partidárias no dia da eleição. Mantém as conversas sobre o tema apenas com amigos que têm inclinações semelhantes as suas para evitar desgastes.

A atendente de telemarketing Isabelle Neves, 22, conta que preferiu se distanciar do debate político depois de ter crises de ansiedade e apresentar sintomas como ânsia de vômito e taquicardia durante a última disputa presidencial. Orientada por sua psicóloga, decidiu se engajar menos desta vez. "É bom a gente saber sobre o mundo ao redor. A ideia não é me afastar totalmente, mas saber como lidar com a ansiedade", afirma.

A preocupação em relação a casos de violência no domingo motivou Neves a não apoiar explicitamente o seu candidato presidencial na hora do voto. Ela também vai evitar o uso de cores que possam ser associadas a algum partido.

> Nós vivemos uma realidade potencialmente traumática. As pessoas têm a sensação de que estão machucadas
>
> **Maria Silvia Borghese**
> psicanalista

Para a jornalista Greicielle dos Santos, 32, afastar-se das discussões políticas também foi a solução encontrada para evitar o desgaste. De acordo com ela, alguns amigos fizeram o mesmo. Apesar de participarem de um coletivo voltado ao debate do contexto sociopolítico brasileiro na cidade de Bom Sucesso, em Minas Gerais, eles se mobilizaram menos nessas eleições.

Santos afirma que silenciou e parou de seguir pessoas nas redes sociais para evitar conflitos. Também não acompanha candidatos nas redes e tem consumido menos informação sobre o tema. No domingo, a jornalista vai trabalhar como mesária. "Ao terminar as eleições, pretendo encontrar amigos para trocar ideias, chorar ou festejar", diz.

Jairo Werner, psiquiatra e professor da UFF (Universidade Federal Fluminense), diz que um clima de eleição permanente perdura no país desde o último pleito presidencial, o que gera um desgaste emocional nas pessoas.

Essa situação, afirma ele, pode gerar um estado permanente de alerta e de confronto em alguns indivíduos, o que prejudica a saúde mental. Segundo ele, o ideal é buscar um equilíbrio para lidar com as emoções no dia da eleição.

A psicanalista Maria Silvia Borghese diz que estratégias para se desconectar da política são válidas para evitar o desgaste psíquico. De acordo com ela, muitos pacientes relatam sentimentos de ansiedade e angústia ao pensarem no futuro do país.

Borghese atua no Escuta Sedes, iniciativa do Instituto Sedes Sapientia, que promove rodas de conversa para falar do sofrimento psíquico decorrente de condições sociais. Segundo a psicanalista, as eleições foram um tema presente no encontro promovido no último dia 23.

Ela conta que muitos dos casos de violência que caracterizaram o período eleitoral, como o da jovem Estefane Laudano, agredida por um bolsonarista com uma paulada na cabeça em um bar em Angra dos Reis (RJ), estão presentes nas falas de pacientes que demonstram preocupação quanto ao cenário político.

"Essas são situações de muito desgaste psíquico, em que as pessoas vivem momentos de muita vulnerabilidade e labilidade emocional", diz Borghese. "Nós vivemos uma realidade potencialmente traumática. As pessoas têm a sensação de que estão machucadas. Dependendo da notícia [que leem], dói no corpo, gera ansiedade e taquicardia", afirma ela.

esporte

ESPORTE AO VIVO | **10h M. City x M. United** Inglês, ESPN/STAR+ | **15h45 Juventus x Bologna** Italiano, ESPN/STAR+ | **16h Real Madrid x Osasuna** Espanhol, STAR+

São Paulo volta a se frustrar em decisão com Rogério Ceni no banco

Equipe tricolor é derrotada pelo Independiente Del Valle e fica com vice da Copa Sul-Americana

SÃO PAULO 0
INDEPENDIENTE DEL VALLE 2

Marcos Guedes

SÃO PAULO O goleiro Rogério Ceni tem lugar de —enorme— destaque na história do São Paulo. O treinador Rogério Ceni, ainda não.

Dez anos depois de ter conquistado seu último título com a camisa 01 tricolor, o da Copa Sul-Americana de 2012, ele tentou repetir o triunfo à beira do gramado. Dali viu seus jogadores perderem por 2 a 0 para o equatoriano Independiente del Valle, gols de Lautaro Díaz e Faravelli.

A derrota no estádio Mario Alberto Kempes, em Córdoba, na Argentina, palco da final continental em jogo único, foi o segundo fracasso do time do Morumbi em uma disputa de troféu neste ano. Em abril, na decisão do Campeonato Paulista, a equipe abriu três gols de vantagem no duelo de ida e o venceu por 3 a 1, mas perdeu por 4 a 0 para o Palmeiras a partida de volta, na casa do rival.

Ceni, assim, continua sem taças no currículo como treinador do São Paulo. Campeão de quase tudo como atleta do clube por mais de duas décadas —foram dez troféus apenas em disputas internacionais—, ele iniciou sua nova carreira no próprio Morumbi, em 2017, porém só experimentou a glória como comandante à frente do Fortaleza e do Flamengo.

Ainda falta vencer na direção do time em que cresceu, naquele em que construiu toda a sua prolífica carreira de goleiro. Falta também reconstruir completamente os laços com aqueles que o idolatraram por décadas, uma relação estremecida especialmente em sua passagem pelo Rio de Janeiro.

Contratado pelo Flamengo no fim de 2020, o paranaense elogiou os torcedores rubro-negros, dizendo que eles estabelecem "uma atmosfera diferente". Parte dos tricolores se ressentiu ainda do fato de Rogério ter aceitado a oferta em um momento no qual a queda de Fernando Diniz parecia questão de tempo no Morumbi. Para esses torcedores, o velho herói se viu diante duas opções e escolheu a agremiação carioca —que tinha um elenco bem mais qualificado.

Por isso, no ano passado, quando a diretoria são-paulina anunciou o retorno do ex-goleiro, bastante gente torceu o nariz. Principal organizada do São Paulo, a Independente publicou manifesto fazendo uma distinção clara.

"Rogério Ceni como ex-jogador é um ídolo incontestável. Como técnico era a última opção!", dizia o texto da uniformizada, que apontava: "Ídolo é o torcedor". E carregava um tom de ameaça: "Se não vencer os gambá segunda...".

A equipe derrotou o arquirrival Corinthians naquela segunda-feira. O velho herói foi, pouco a pouco, minando a resistência. E esteve perto da paz no Campeonato Paulista, expectativa frustrada em uma goleada do Palmeiras na final.

A sequência da temporada teve bons e maus momentos, com o clube em claras dificuldades financeiras. O aproveitamento no Campeonato Brasileiro não é considerado satisfatório —44%, suficiente apenas para a 12ª colocação ao fim de 28 rodadas–, e a trajetória até a decisão da Sul-Americana foi acidentada.

Líder de um grupo frágil, o São Paulo teve facilidade também nas oitavas de final, marcando oito gols em dois jogos contra a chilena Universidad Católica. Daí em diante, foi necessário trilhar um caminho árduo diante de equipes menores do Brasil.

Nas quartas de final, após vitória por 1 a 0 no Morumbi, o time levou 2 a 1 do Ceará, em Fortaleza, e sobreviveu nos pênaltis. Também foi nos tiros da marca penal que se decidiu o confronto semifinal com o Atlético Goianiense, com triunfo dos donos da casa em Goiânia (3 a 1) e em São Paulo (2 a 0).

"É algo que não estava no nosso radar", disse nesta semana à **Folha** o presidente tricolor, Julio Casares, referindo-se à possibilidade de brigar por um título em 2022. "Fazemos um trabalho de reconstrução. Queremos ter um time competitivo, mas não tínhamos uma visão de campeão."

De acordo com o dirigente, a dívida da agremiação do Morumbi é atualmente de R$ 695 milhões e está "equilibrada". Ele afirmou ter reduzido o número em 5% desde que assumiu a presidência, em janeiro de 2021, e acredita em "um 2023 melhor".

Neste ano, foi como deu, e a equipe não encheu os olhos. A zona de rebaixamento esteve perto no Nacional por pontos corridos, a caminhada na Copa do Brasil se encerrou nas semifinais, e Ceni chegou a dizer que poderia sair em caso de derrota na decisão da Sul-Americana, abrindo mão da multa rescisória de seu contrato, que vai até o fim de 2023.

Casares assegurou que essa possibilidade não existe, mesmo com o fracasso em Córdoba. Segundo o dirigente, o planejamento da próxima temporada está sendo realizado em parceria com o técnico de 49 anos. Que ficou perto, mas ainda não pôde repetir sem luvas o que fez tantas vezes com elas: levantar uma taça pelo São Paulo.

Na disputa decisiva, o time encarou o Del Valle, que levou a competição em 2019 e manteve um padrão de posse de bola mesmo após a saída do técnico espanhol Miguel Ángel Ramírez. A formação equatoriana hoje é dirigida pelo argentino Martín Anselmi e avançou à final derrubando rivais com autoridade.

Na Argentina, o time de Anselmi teve um começo de jogo muito superior ao do adversário e abriu o placar aos 13 minutos, após corte malfeito de Diego Costa. Lautaro Díaz recebeu o passe de Faravelli, chutou de pé direito e superou o goleiro Felipe Alves.

O São Paulo tentou reagir e teve chances com Calleri. Mas foram os equatorianos que conseguiram balançar a rede de novo, matando o jogo.

Aos 22 minutos da etapa final, o ex-corintiano Sornoza recebeu lançamento longo. Achou passe inteligente para Lautaro Díaz, também inteligente no toque para Faravelli, que tocou na saída de Felipe Alves. Ceni tentou alternativas, mas o triunfo do Del Valle não foi ameaçado.

Nervosos, Calleri e Diego Costa, em péssima jornada, ainda foram expulsos.

Tostão
O colunista está em férias.

O atacante Luciano, em má jornada, lamenta chance desperdiçada pelo São Paulo no duelo com o Independiente del Valle, na Argentina Agustin Marcarian/Reuters

Indonésia tem ao menos 129 mortos após torcida invadir campo de jogo

JACARTA | REUTERS Ao menos 129 pessoas morreram depois que torcedores invadiram o gramado após um jogo em Malang, na Indonésia, na noite deste sábado (1º), informou a polícia.

Em um comunicado, o chefe de polícia da província de Java Oriental, Nico Afinta, afirmou que dois policiais estão entre os mortos. Além disso, o oficial disse que 34 pessoas morreram dentro do estádio, e o resto no hospital.

Os torcedores do time Arema FC, que perdeu para o Persebaya Surabaya, invadiram o campo, e as forças de segurança atiraram bombas de gás lacrimogêneo. A ação levou a multidão a correr, afirmou a polícia local.

A liga indonésia de futebol suspendeu os jogos por uma semana após a tragédia. A Associação de Futebol da Indonésia disse que iniciará uma investigação sobre o que aconteceu após o jogo.

O tumulto, que começou dentro do estádio, seguiu do lado de fora. Dois carros de polícia foram destruídos, um deles queimado. Torcedores também atearam fogo em outras instalações do estádio.

Quatro jogadores brasileiros estiveram em campo durante a partida. Maringá, que é goleiro do time da casa, e Higor Vidal, Léo Lelis e Sílvio Júnior, jogadores visitantes.

O ministro do Esporte da Indonésia, Zainudin Amali, disse que as autoridades reavaliarão a segurança em partidas de futebol.

Em nota, o Arema FC lamentou o ocorrido. "O Arema FC expressa suas profundas condolências pelo desastre em Kajuruhan [nome do estádio]. A direção do Arema FC também é responsável pelo tratamento das vítimas, tanto as que morreram quanto as feridas."

No texto, o clube afirma, ainda, que os membros da diretoria vão estabelecer um centro de crises ou posto de informações às vítimas para receber relatórios e tratar as que estão hospitalizadas e doentes.

"A direção está pronta para aceitar todas as sugestões de tratamento pós-desastre para que muitos sejam salvos", diz o trecho final do comunicado.

O eleitor na hora do pênalti

E lá vamos nós escolher o canto para o gol mais importante de nossas vidas

Juca Kfouri
Jornalista e autor de "Confesso que Perdi". É formado em ciências sociais pela USP

Atenção, esta coluna abre com "spoiler" de resenha de filme e livro indevidamente copiada do Google: "'O Medo do Goleiro diante do Pênalti', de 1972, é o primeiro longa-metragem do alemão Wim Wenders. Baseado no romance homônimo de Peter Handke, conta a história do goleiro Joseph Bloch, que, depois de perder um pênalti durante um jogo em Viena, é substituído. Sem cortes, seguem os desdobramentos: vemos o goleiro se afastar do campo, sair vagando pela cidade, entrar num cinema, não conseguir completar uma chamada telefônica e voltar só para um hotel barato onde está hospedado. No dia seguinte, novas perambulações, marca um encontro com a moça da bilheteria do cinema e, sem motivo aparente, mata-a durante a noite. Segue sua vida, como se nada fosse, à espera de que a polícia se aproxime".

Somos nós, brasileiros, agora, que estamos na marca do pênalti, neste domingo, 2 de outubro, o dia mais importante de nossas vidas, prontos para escolher em que canto chutaremos a bola que mudará os rumos do país na rota da civilização ou o manterá a caminho da barbárie.

Chutar no meio facilitará a defesa que levará ao segundo turno, sempre sujeito às viradas imprevisíveis, estimuladas por tentativas de melar o campeonato.

À direita temos o caos de quem está disposto a contestar o VAR, a tripudiar sobre as 17 regras ou sobre a Constituição, sem demonstrar respeito aos tribunais.

À esquerda encontramos a rota de quem já ganhou quatro campeonatos de 2002 para cá e acabou expulso de campo por juiz ladrão, sem ter cometido faltas graves que merecessem a exibição do cartão vermelho.

Ganhar no primeiro turno, e liquidar o jogo, faz parte da regra se a diferença atende ao desejo da maioria.

Ir para o segundo não significa nenhuma catástrofe, é até o mais comum, e há quem diga que ganhar os dois turnos torne a vitória ainda mais saborosa, além de conferir autoridade indiscutível ao vencedor.

Seria verdade caso a disputa envolvesse dois times limpos, o que não ocorre neste momento no Brasil.

São tantos os golpes baixos da equipe armada que o melhor será derrotá-la imediatamente, sem dar chances ao azar.

Não existe motivo razoável para sentir o medo do goleiro na hora do pênalti, porque os que buscam o pentacampeonato já demonstraram à exaustão saber vencer para fazer o Brasil decolar novamente, como no começo deste século 21, ao distribuir o pão e crescer, despertar o gigante adormecido —hoje apodrecido e amedrontado, vítima da necropolítica que vitimou quase 700 mil vidas, a mata, os rios, e o devolveu ao mapa da fome, além de ameaçar o Estado Democrático de Direito.

Como será estimulante poder voltar a criticar um governo democrático por erros, não por crimes.

No próximo dia 18 de dezembro, um domingo, em Lusail, no Qatar, será decidida a 22ª Copa do Mundo de futebol.

Será difícil, mas não improvável, a presença brasileira na final, embora seja incomparável a importância dos domingos de outubro e dezembro.

Principalmente para quem votou pela primeira vez para presidente só em 1989, quase aos 40 anos —e precisou lutar muito, até expor a vida, para exercer o direito de escolher seu destino.

A hora tão aguardada de virar o jogo, de dar a volta por cima, chegou na primavera brasileira.

Sem o medo do goleiro na hora do pênalti, sem medo dos fascistoides, sem medo de ser feliz.

NOSSO ESTRANHO AMOR

Anna Virginia Balloussier

folha.com/nossoestranhoamor

Jairo é Bolsonaro, Eliana é Lula, e o amor venceu o ódio

A bandeira de Jairo Menezes pode até jamais ser vermelha, mas algumas taças de vinho Pérgola avermelharam os lábios que beijou naquela noite.

Conheceu Eliana Santos dias antes, no Facebook. Ele trabalhava em um restaurante oriental junto com um sobrinho dela. Tinha postado a foto de um prato de comida japonesa que Eliana achou muito bem decorado. Ela comentou: "Tudo muito bonito, mas não tenho coragem de comer". Ele devolveu: "É falta de experimentar".

As colegas de Eliana disseram para ela parar de ser boba, que era óbvio que o bofe estava dando uma cantada. No fim do dia, Jairo a procurou virtualmente. "Ele me deu boa tarde e falou: você não gostou da resposta?"

Adorou. Trocaram mensagens por alguns dias até que ele propôs um encontro fora das telas. Ela se fez de difícil, falou que só tinha folga quinzenal no trabalho (mentira). Testou para ver se queria conhecê-la dali a 15 dias no parque Villa-Lobos, na zona oeste de São Paulo.

Jairo não quis esperar e disse que passaria na casa dela em uma terça-feira. Levou comida japonesa, que só a filha de Eliana comeu. Tomaram o vinho tinto e conversaram até meia-noite, até ele pegar um Uber do Capão Redondo para Santana. Nem um pio sobre política.

Mal começava o segundo ano de Jair Bolsonaro (PL) na Presidência. Logo Jairo e Eliana engataram namoro, e de reboque vieram a pandemia de Covid-19 e os bate-bocas que refletem entre quatro paredes a polarização que tanto divide o país. O auxiliar de obras de 29 anos é entusiasta do presidente, e a babá e empregada doméstica de 39 anos tem mais simpatia por Luiz Inácio Lula da Silva (PT).

Ela já está há duas décadas em São Paulo, ele é mais recente na cidade. Os dois têm a mesma terral natal: a baiana Crisópolis, onde Bolsonaro perdeu de lavada para o petista Fernando Haddad em 2018: 14% vs. 86%.

Jairo, que tinha 6 anos quando o PT chegou ao poder, acha que Lula é ladrão e não fez nada de útil para a população. Eliana discorda. "Quando ele comandava, eu nunca cheguei a pagar R$ 50 no quilo de carne, R$ 40 no saco de 5 kg de arroz. Fez coisa errada como todo mundo faz, ninguém é santo. Mas deu muito para quem vive na baixa renda, fez muita coisa principalmente no Nordeste."

Nenhum conseguiu mudar a cabeça do outro. Já brigaram feio, "de eu até ficar com raiva dele", por causa de eleição, conta Eliana. "Ele veio falar para mim que mulher tem que aceitar tudo o que homem quer, e isso para mim é machismo. Você manda na sua vida, eu mando na minha. Você nunca vai me obrigar a votar em uma pessoa que eu não gosto."

Os dois, no fim, nem votar, votam. O domicílio eleitoral do casal continuou na Bahia.

Outro dia mesmo, Jairo veio cheio de graça dizer que, se Bolsonaro vencer este pleito, a namorada lhe deve uma caixa de cerveja. Ela diz que respondeu: "Não te prometi nada, filho. Se ele ganhar ou não a gente vai seguir a vida da gente em paz, até porque nunca tive benefício do governo".

Hoje a convivência está pacificada, garante Eliana. Até porque ela entendeu que tudo bem cada um ter seu preferido e passou a não dar bola se Jairo vem azucrinar sobre o candidato que gosta. "Não dou mais ouvido para ele. Quando começa a falar, saio e deixo falando sozinho, 'tchau, vou tomar café ali, se quiser vir comigo, não pode falar de política'."

Em um sábado de abril, Jairo veio falar com ela de compromisso. Pediu ajuda da família da namorada e preparou uma surpresa. O cunhado de Eliana chegou com as carnes e cervejas. Por volta das 21h30, a irmã dela trouxe o bolo de glacê branco, enfeitado com corações vermelhos de papel. Jairo entregou os anéis com a data em que se conheceram, 28 de fevereiro de 2020, inscrita na parte de dentro.

"Não tinha mais o que fazer, já era. Botar a aliança no dedo e seguir em frente", ela brinca. O amor venceu o ódio.

Joe Raedle/Getty Images/AFP

IMAGEM DA SEMANA

A passagem do furacão Ian pela Flórida, nos Estados Unidos, na quinta (29), causou danos severos. De grau 4, um acima do furacão Katrina, deixou ao menos 21 mortos no estado e 10 mil pessoas com paradeiro desconhecido. Antes de chegar aos EUA, passou por Cuba, e deixou todo o país sem energia. Na foto, barcos se empilham na praia de Fort Myers, na Flórida. O Ian passou pela Carolina do Sul na sexta (30). O presidente Joe Biden disse que é o furacão mais mortal da história da Flórida.

CRUZADAS

HORIZONTAIS

1. O segundo planeta em ordem de afastamento do Sol / Oito números que indicam um endereço **2.** (Fig.) Destemido, audaz, intrépido **3.** Instituto de Educação / Os povos que habitam uma importante península asiática **4.** Manoel, para os amigos **5.** Ilha das Antilhas Holandesas, no Caribe, destino turístico **6.** É moon para os ingleses / Queimar **7.** 5 - 2 / Não torto **8.** Vai de 21 de março a 20 de junho / A UF de Novo Hamburgo e Gramado **9.** Que respeita ou reverencia **10.** Sufixo da Rússia nos endereços da internet / Que pratica a usura **11.** Sair (de uma praça de guerra) **12.** Aquele que tem conhecimento de algo **13.** Tremor de terra / (Uma) Exclamação de protesto.

VERTICAIS

1. Sete, em algarismos romanos / Maior que o normal / Uma mistura de branco e vermelho **2.** Exame Nacional do Ensino Médio / Cobra de veneno muito violento, que tem na cabeça uma mancha em forma de âncora / O grupo sanguíneo que é receptor universal **3.** Nota do Tradutor / Famosa lagoa do município de Salvador, ponto de atração turística / Uma exclamação de surpresa **4.** O planeta cujos satélites giram de cima para baixo, ao contrário dos outros planetas / Adicionável **5.** A tenista Williams, que recentemente se aposentou do circuito mundial / Proibido **6.** Mal falado (qualquer idioma) **7.** Um dos sete pequenos ossos do tarso, na parte posterior do pé / O animal que é sacrificado nas arenas espanholas **8.** A letra que precede o eme / Concerto de banda de música em praça pública **9.** Descendentes / Pode ser calculada em m², cm² etc.

	1	2	3	4	5	6	7	8	9
1						■			
2									
3			■						
4	■							■	
5		■							
6				■					
7					■				
8							■		
9	■								■
10			■						
11		■							
12								■	
13						■			

HORIZONTAIS: 1. Vênus, CEP **2.** Intrêmulo, **3.** IE, Árabes, **4.** Maneco, **5.** Bonaire, **6.** Lua, Arder, **7.** Três, Reto, **8.** Outono, Rs, **9.** Temente, **10.** Ru, Agiota, **11.** Evacuar, **12.** Sabedor, **13.** Abalo, Ova. **VERTICAIS: 1.** VII, Alto, Rosa, **2.** Enem, Urutu, Ab, **3.** NT, Abaeté, Eba, **4.** Urano, Somável, **5.** Serena, Negado, **6.** Macarrônico, **7.** Cuboide, Touro, **8.** Ele, Retreta, **9.** Pósteros, Área.

SUDOKU

texto.art.br/fsp

DIFÍCIL

	9					1	4	
				1			8	
1				6	2		7	5
3				7				8
	1	9		3		5	6	
4				5				1
6	2		8	9				4
	7			4				
	4	5					1	

O **Sudoku** é um tipo de desafio lógico com origem europeia e aprimorado pelos EUA e pelo Japão. As regras são simples: o jogador deve preencher o quadrado maior, que está dividido em nove grids, com nove lacunas cada um, de forma que todos os espaços em branco contenham números de 1 a 9. Os algarismos não podem se repetir na mesma coluna, linha ou grid

SOLUÇÃO

2	9	6	7	8	5	1	4	3
5	3	7	9	1	4	2	8	6
1	8	4	3	6	2	9	7	5
3	5	2	1	7	6	4	9	8
7	1	9	4	3	8	5	6	2
4	6	8	2	5	9	7	3	1
6	2	1	8	9	7	3	5	4
8	7	3	5	4	1	6	2	9
9	4	5	6	2	3	8	1	7

FRASES DA CAMPANHA

CORPO EM DIA

Jair Bolsonaro

Em 7 de setembro, o presidente usou comemoração de 200 anos da Independência do Brasil para fazer campanha com menções à masculinidade

"Imbrochável, imbrochável, imbrochável, imbrochável"

CANUDO

Luiz Inácio Lula da Silva

Em debate, candidato petista respondeu Felipe D'Avila (Novo), que usou pergunta sobre cotas para falar de corrupção

"Você não sabe o prazer que eu tenho de ter sido um presidente que não tem diploma universitário"

BÊ-A-BÁ

Ciro Gomes

Candidato pelo PDT cometeu deslize com eleitorado pobre em evento sobre economia dirigido a empresários

"Na verdade, é comício, né [esta palestra]? Um comício para gente preparada. Você imagina eu explicar na favela?"

SALA DE AULA

William Bonner

Apresentador do último debate, na Globo, pediu calma e respeito às regras repetidas vezes. Interrupções do Padre Kelman (PTB) foram constantes

"Temos milhões de brasileiros assistindo ao debate, esperando que tenha no mínimo regras que sejam respeitadas por quem as assinou"

CEP

Tarcísio de Freitas

Candidato ao governo de SP apoiado por Jair Bolsonaro (PL) não soube responder onde vota em São José dos Campos, onde registrou como domicílio eleitoral

"Ah, é um colégio"

CORAGEM

Ciro Gomes

Sem conseguir firmar a terceira via, pedetista acenou para a direita na reta final da campanha e intensificou ataques ao PT

"Por mais jogo sujo que pratiquem, eles não me intimidarão"

JUMA

Soraya Thronicke

Candidata pela União Brasil apostou na imagem da onça para viralizar, inclusive com ataques a Bolsonaro

"Não cutuque a onça com a sua vara curta. Respeito"

MARIDO DO ANO

Jair Bolsonaro

Presidente criticou pedido de quebra de sigilo bancário de seu principal ajudante de ordem, Cesar Barbosa Cid, por ter atingido gastos de sua esposa Michelle

"Alexandre, você mexer comigo é uma coisa, você mexer com minha esposa, você ultrapassou todos os limites, Moraes, todos os limites. Está pensando o que da vida?"

MEU JEITINHO

Simone Tebet

Pré-candidata à Presidência, a senadora Simone Tebet (MDB-MS) afirmou que é feminista nos próprios termos e que não concorda com todas as pautas do movimento, caso do direito ao aborto

"O feminismo no Brasil precisa ser entendido não como uma pauta de esquerda, mas como uma pauta cristã"

TIRA-GOSTO

Luiz Inácio Lula da Silva

Petista cravou frases de efeito no programa do Ratinho

"Mas eu gosto de uma cachacinha"

QUEM É ESSE POKÉMON?

Soraya Thronicke

Candidata patinou com nome de Padre Kelmon (PTB), que fez as vezes de linha auxiliar de Bolsonaro com atuação caótica e defesa de pautas morais

"Padre Kelson. Kelvin? Candidato padre"

ACERVO FOLHA

Há 100 anos **2.out.1922**

Grupo do ator francês Signoret faz sucesso no Theatro Sant'Anna

Como tudo fazia prever, constituiu um dos grandes sucessos teatrais do ano a chegada ao Theatro Sant'Anna, em São Paulo, da companhia francesa de comédia dirigida pelo brilhante ator Signoret.

Apresentando-se com a nova peça "Le Caducée", no sábado (30), a trupe firmou na estreia o seu mérito, recebendo entusiásticos aplausos da sala inteiramente cheia.

O êxito repetiu-se nos espetáculos de domingo. A comédia "A Oitava Mulher do Barba Azul", apresentada à noite, obteve um agrado absoluto, com o trabalho de Signoret sendo enaltecido pelo público. À tarde, outra sessão de "Le Caducée" havia sido feita.

Folha da Noite

LEIA MAIS EM acervo.folha.com.br

ilus
trís
sim

Dobras e desdobras

O economista Paulo Miguel analisa o atual cenário econômico e seus possíveis desdobramentos para 2023 *C4 e C5*

Esquerda repete erros e continua sem diálogo com o universo evangélico *C6 e C7*

- Roger Waters convoca comunidade internacional a defender a democracia no Brasil C2
- Mesmo ganhando, seu presidenciável pode perder com centrão no Congresso C3

Relevo da série 'Volare', de Luciano Figueiredo
Divulgação

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@grupofolha.com.br

Roger Waters

Bolsonaro é um porco fascista convicto

[RESUMO] Ex-Pink Floyd convoca comunidade internacional a defender a democracia no Brasil, fala sobre guerra na Ucrânia e critica roqueiros que se tornam conservadores

Por ***Bianka Vieira***

O músico Roger Waters durante sua passagem por São Paulo, em 2018 Adriano Vizoni - 19.out.2018/Folhapress

Roger Waters guarda em sua memória as horas que antecederam a ascensão de Jair Bolsonaro à Presidência da República. Em caravana pelo país com a turnê "Us + Them", o músico britânico acumulava shows em cinco capitais brasileiras e uma sequência de vaias de apoiadores do candidato quando chegou a Curitiba naquele 27 de outubro de 2018. Um dia depois, Bolsonaro seria consagrado vencedor para comandar o Brasil por quatro anos.

*

O motivo da reação de parte de seu público eram os protestos encabeçados pelo artista contra o então candidato do PSL, feitos durante as apresentações. Na capital paranaense, não seria diferente. A intervenção daquele dia, contudo, traria uma novidade. "Fui ameaçado de prisão", relembra ele.

*

"Disseram que se eu fizesse alguma coisa política no meu show depois das dez da noite, me colocariam na prisão", afirma Waters, em entrevista à coluna. Sem nomear o seu mensageiro, o fundador do Pink Floyd se refere à norma eleitoral que restringe a realização de propaganda a menos de 24 horas da votação.

*

Logo após a execução do clássico "Welcome to the Machine", os telões do estádio Couto Pereira exibiram uma mensagem em meio a luzes vermelhas dispostas sobre o palco e o som incômodo de uma microfonia. "São 9:58. Nos disseram que não podemos falar sobre a eleição depois das dez da noite. É lei. Temos 30 segundos. Essa é nossa última chance de resistir ao fascismo antes de domingo. Ele, não!", dizia o texto. Como uma recapitulação do que havia ocorrido em outras cidades, o público se dividiu entre vaias e aplausos.

*

Desde então, Roger Waters se manteve um crítico do mandatário, a quem chama de neofascista. "De longe, vi a Covid no Brasil e a bagunça pavorosa que o governo fez disso. Tenho lido muito sobre as coisas que Bolsonaro diz. Ele é um porco fascista convicto, como sabemos."

*

Há duas semanas, o músico se uniu a personalidades como o filósofo Noam Chomsky, o ator Danny Glover e a prefeita de Paris, Anne Hidalgo, em um manifesto que reivindicou a criação de "um poderoso movimento de solidariedade internacional" em defesa da democracia no Brasil. Mais de 400 signatários já se uniram a eles.

*

Articulado pelo Washington Brazil Office (WBO), think tank brasileiro e apartidário sediado nos Estados Unidos que vem se mobilizando em defesa das instituições, o texto foi lido publicamente na última quinta-feira (22), em evento realizado na PUC (Pontifícia Universidade Católica) de SP.

*

"Devemos nos unir em solidariedade a todos no Brasil, pois esperamos que a maioria das pessoas acredite na democracia, no Estado de Direito e nos direitos humanos", diz Roger Waters, que defende o voto em Luiz Inácio Lula da Silva (PT). "Queremos mostrar nosso desdém absoluto por neofascistas como Bolsonaro."

*

O ex-Pink Floyd conversou com a coluna por videoconferência desde a cidade de São Francisco, na Califórnia, em que se apresentou na sexta-feira (23) e de onde partiria com sua turnê para Los Angeles, também nos Estados Unidos. "Nesta manhã eu li todos os meus emails, porque acordei muito cedo, e li cerca de 20 páginas desse novo livro", afirma, exibindo a obra "A Retirada: Iraque, Líbia, Afeganistão e a Fragilidade do Poder dos EUA" (em tradução livre), assinada por Noam Chomsky e pelo historiador Vijay Prashad. "Falo mais sobre ele quando terminar de ler, o que provavelmente devo fazer ainda hoje."

*

Além de leitor voraz, Roger Waters tem em seu cartão de visitas a marca de crítico assíduo de conflitos que assolam o mundo. "Não moro mais na Europa, moro nos Estados Unidos. Mas estou de olho no que está acontecendo, e vejo a extrema direita operando com base no puro nacionalismo. Assim, eles dividem e conquistam. Eles nos dividem dizendo que somos diferentes de nossos irmãos e irmãs", afirma à coluna.

*

Recentemente, o músico de 79 anos experimentou o dissabor de ter shows cancelados na Polônia por causa de seu posicionamento sobre a guerra na Ucrânia. Em publicação nas redes, Waters havia questionado uma afirmação da primeira-dama ucraniana, Olena Zelenska, de que a crise poderia ser encurtada se o país contasse com mais apoio.

*

"Se por 'apoio à Ucrânia' você quer dizer que o Ocidente continue fornecendo armas aos exércitos do governo de Kiev, temo que você esteja tragicamente enganada. Jogar combustível em um tiroteio, por meio de armamentos, nunca funcionou para encurtar uma guerra no passado, e não funcionará agora", escreveu Waters.

*

Ao fazer um apelo pela paz, o britânico ainda sugeriu que o presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, não conteve a ação de nacionalistas extremistas —que, por sua vez, teriam ultrapassado supostos limites impostos pela Rússia e colocado o país "no caminho para essa guerra desastrosa".

*

"Esse inverno na Europa vai ser uma loucura por causa dessa guerra insana na Ucrânia", diz Waters à coluna. "Putin é o grande vilão do Ocidente, mas os russos tentaram alertar. 'Por favor, essa é uma linha vermelha [que não deve ser cruzada]'. Assim como os chineses avisaram Taiwan. 'Por favor, não deixe a rainha [Elizabeth 2ª] visitá-los'. Felizmente a rainha não pode mais visitar ninguém", afirma, em tom jocoso.

*

Autodeclarado abolicionista, Roger Waters se opõe à existência da monarquia no Reino Unido. "Eles possuem mais terras no mundo do que qualquer outra pessoa. É muito difícil respeitar", explica. "Eu nunca iria ao funeral da rainha porque não acredito na monarquia. Acho que eles são uma família terrível."

*

"Isso não quer dizer nada contra a rainha, pessoalmente. Se as pessoas querem honrá-la [em sua morte], cabe inteiramente a elas. Só é um pouco irritante que [por causa do funeral] eles cancelem o treino de futebol por duas semanas", diz ele, rindo.

*

Embora nem sequer tenha considerado visitar a Inglaterra para se despedir da monarca, Waters rechaça a atitude de Jair Bolsonaro (PL) de usar a ida ao evento fúnebre para falar aos seus eleitores. "Se você vai ao funeral de qualquer pessoa, você deveria ser respeitoso. Se você não tem algo de bom para dizer, você deveria ficar de boca fechada."

*

Ao falar sobre a existência de artistas e fãs de rock and roll que, ao envelhecer, passam a repudiar pensamentos da es-

Continua na pág. C3

Continuação da pág. C2

querda e se tornam conservadores —como aqueles que o vaiaram em 2018—, Roger Waters arrisca um palpite sobre seus pares. "Precisamos questionar quais são as motivações dessas pessoas para se tornarem 'astros do rock'. Normalmente é 'eu me sinto tão inseguro e pequeno, e acho que tenho um pau pequeno, então vou ficar em pé diante desses holofotes e dizer: Olhe para mim, olhe para mim'", afirma, rindo.

*

"Eu não acho que você deva esperar muito da maioria das pessoas do meu ramo. Eu tive sorte." Em seguida, o britânico atribui o mérito por ser quem é hoje ao seu pai, um combatente comunista morto na Segunda Guerra quando Waters ainda era uma criança, e à sua mãe.

*

"Quando eu tinha 13 anos e comecei a me preocupar com a morte, como quem vive uma puberdade precoce, minha mãe me disse algo assim: 'Isso vai acontecer muito na sua vida, e aqui está o meu conselho. Quando você tiver uma pergunta difícil, estude-a. Leia tudo o que há para ler sobre, o máximo que puder. Comece de um lado, ouça outras opiniões. Realmente não tenha pressa. Depois que tiver feito isso, você fez o trabalho duro. A próxima parte é fácil'", relembra. "Sério, mãe? Qual é a próxima parte?", teria perguntado. "Você faz a coisa certa", ouviu em resposta.

*

"Se todos nós tivéssemos uma mãe que pudesse nos dizer isso, seria fundamental", diz. "E você tentar fazer a coisa certa não é votar em Bolsonaro. Não tem como você sequer pensar na porra da ideia de que apoiar um idiota como Bolsonaro pode ser uma coisa boa. É tão evidente que é um gosto terrível", emenda, voltando à realidade brasileira.

*

"Esperamos que as pessoas tenham aprendido uma lição e comecem a entender que a falsa promessa de 'sou um homem forte, cuidarei de você' enquanto ferra todos os outros, não vale nada. A palavra deste homem não vale nada, com exceção de que Bolsonaro parece ser honesto sobre o que fala. Ele apenas diz: 'Eu não me importo com o que você pensa, eu quero ser um ditador e quero que o Exército esteja no controle de tudo'. Pelo menos ele é honesto sobre isso."

> **"**
> **Esperamos que as pessoas tenham aprendido uma lição e comecem a entender que a falsa promessa de 'sou um homem forte, cuidarei de você' enquanto ferra todos os outros, não vale nada. A palavra deste homem não vale nada, com exceção de que Bolsonaro parece ser honesto sobre o que fala. Ele apenas diz: 'Eu não me importo com o que você pensa, eu quero ser um ditador e quero que o Exército esteja no controle de tudo'"**

*

Durante a conversa, Waters exalta o nome da vereadora Marielle Franco, assassinada em 2018, e diz querer ver suas ideias semeadas na política brasileira. "Felizmente estamos lá", afirma ele, em referência a parlamentares que hoje defendem pautas que eram da carioca.

*

"Nós somos os meninos com a capacidade que as pessoas têm de amar umas às outras. E Bolsonaro e seus seguidores representam a capacidade de ser atraído para a escuridão desse mundo", diz.

*

"Tudo o que sei é que estou feliz por ter assinado aquele manifesto. E desejo ao povo do Brasil muita sorte em suas eleições. Se houver mais alguma coisa que eu possa fazer para persuadir as pessoas para que elas, com amor em seus corações, vão às urnas no dia da eleição para eleger o projeto defendido por Marielle Franco, eu o farei."

Conselhos para as eleições

Mesmo ganhando, seu presidenciável pode perder com centrão no Congresso

Wilson Gomes
Professor titular da UFBA (Universidade Federal da Bahia) e autor de 'Crônica de uma Tragédia Anunciada'

O que escrever em um domingo de eleição e de eleição tão singular? Se tivesse intenção de influenciar votos, coisa que não aprecio, seria tarde demais, pois quem decidiu que irá votar numa eleição de paixões urgentes e de fricção social tão intensa já terá a este ponto lapidado sua convicção.

Pregar em defesa do "mais amor, por favor", como seria da minha índole canceriana, parece-me fora de compasso em um momento em que, não vamos nos enganar, pensa-se mesmo é em vencer a guerra eleitoral e, simbolicamente, arrancar o coração do inimigo.

Fazer a apologia da civilização contra a barbárie, da rebeldia contra a conformidade, da democracia contra o autoritarismo ou dos valores conservadores contra a perturbação maligna progressista me parece a este ponto inútil, depois que os lados em atrito exploraram essas contraposições binárias à exaustão nesses anos turbulentos em que andamos metidos.

O que há mais a se dizer sobre isso? As pessoas já escolheram a épica em que a sua posição é sempre a mais justa e a mais merecedora de vencer, seja isso verdadeiro ou falso.

Pensei, então, em dar desses conselhos de mãe, que as pessoas ouvem sem escutar e, se nada mudam, ao menos evitam resfriados bestas. São só três, é rápido, leia.

Não quer votar, não vote

É direito seu. Imagino que, para você, ou tanto faz quem ganhe ou não considera haver merecedor do seu voto ou simplesmente você não quer participar dessa festa pobre. Não tem problema algum em não participar, só se lembre de que os que forem votar ganham automaticamente o direito de decidir quem governará você.

Na verdade, você será governado pela vontade da maioria dos que forem votar e pronto. O seu voto poderia até contar para formar outro tipo de maioria, quem sabe, mas se isso não lhe importa, a maioria que se constituir lhe agradece por ter saído do caminho.

Note, contudo, que, se a decisão não lhe cabe por escolha sua, as consequências do que a maioria escolher, por outro lado, não só serão sua responsabilidade, como você estará nelas implicado. Na democracia não existe o "não tenho culpa, votei nulo, branco ou deixei de votar" quando você entrega o seu voto para que a maioria decida em seu lugar.

Preste atenção nos votos para o Congresso

Qual o sentido de passar a década inteira reclamando dos desmandos do tal centrão, falando mal de uma legislatura atrás da outra, dizendo que a solução é renovar as casas legislativas, odiando o toma lá dá cá, o orçamento secreto etc. e depois encher a Câmara e o Senado com representantes do próprio centrão?

Por falar nisso, eu sei que os jornalistas não costumam contar, mas saiba que não vai encontrar candidaturas de uma legenda chamada centrão nas urnas para o seu ajuste de contas. O nome centrão é só uma camuflagem, a entidade se chama PL, PP, União Brasil, Republicanos, PTB etc. Claro, eu sei, pode ser que você prefira justamente as políticas públicas e os valores de tais partidos. É seu direito, ora bolas. Mas, nesse caso, pelo menos faça uma escolha consciente do que está contratando: o centrão.

Nada adianta dar a Presidência da República a A, achando que ele vai magicamente transformar o país, e anular todo o efeito da eleição do Executivo entregando as casas legislativas a B, justamente no momento em que o Legislativo tem a maior concentração de poder político da sua história.

Claro, quem for pela reeleição do presidente não deve se preocupar com o Congresso, pois o orçamento secreto estará fazendo a sua feitiçaria de reeleger a maior bancada do centrão de todos os tempos. Porém, quem, ao contrário, quiser demiti-lo, que preste atenção: o seu candidato pode perder mesmo ganhando a eleição, basta a gente dar a maioria do Congresso ao outro lado.

Sim, a eleição de outubro é importante, mas aprendemos amargamente nos últimos anos que é ela que estabelece as condições para uma eleição igualmente importante, de que você não participa, em fevereiro de 2023, para os presidentes das duas casas legislativas do Congresso Nacional.

> **[...]**
> Nada adianta dar a Presidência da República a A, achando que ele vai magicamente transformar o país, e anular todo o efeito da eleição do Executivo entregando as casas legislativas a B, justamente no momento em que o Legislativo tem a maior concentração de poder político da sua história

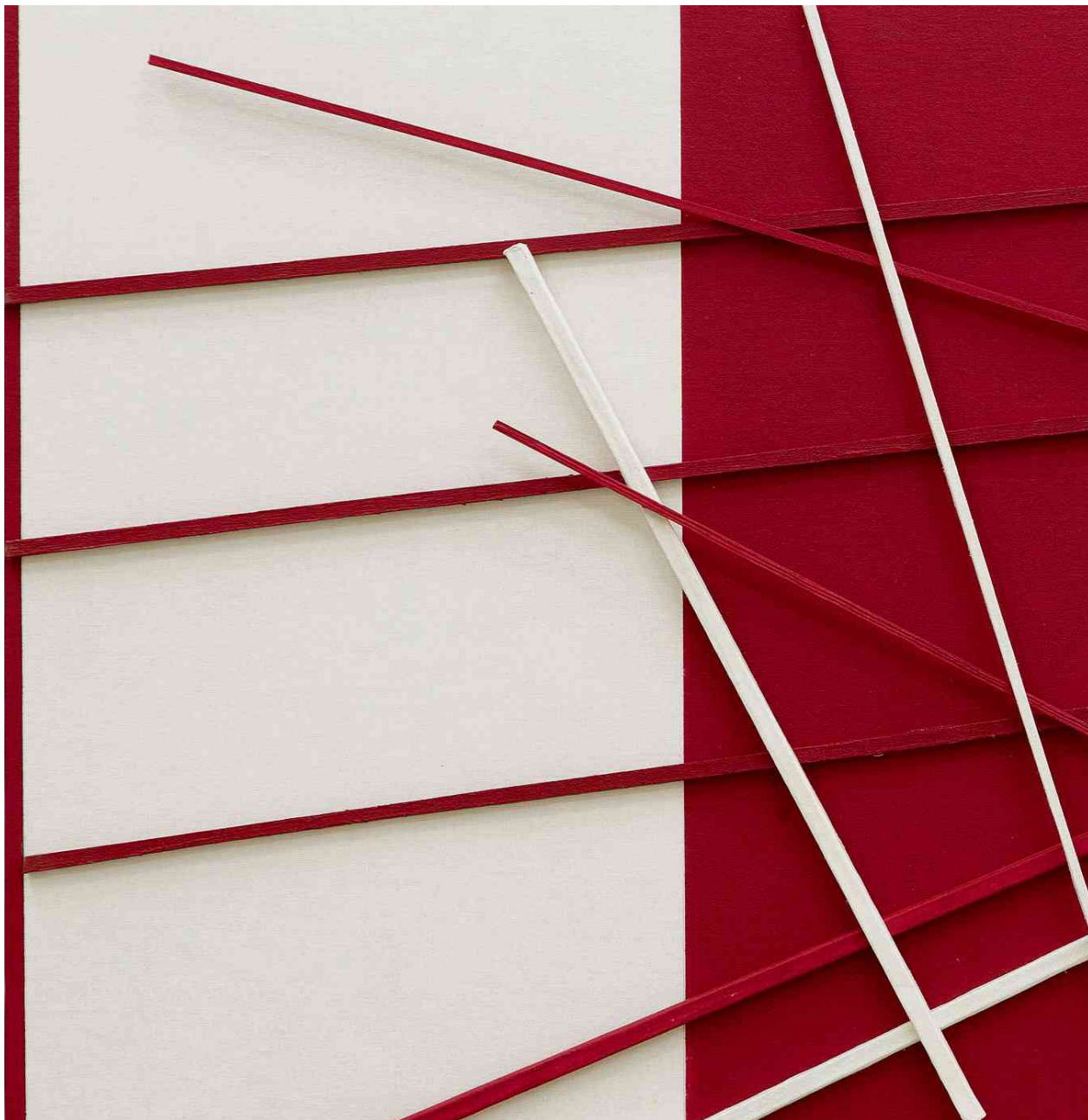
Os presidentes Arthur Lira e Eduardo Cunha, para ficar em duas aflições ainda presentes em nossas memórias, não chegaram a controlar o centro político nacional por acaso, embora não tenha sido o voto popular o que diretamente os colocou nessa posição.

As eleições de outubro terão efeitos, incontroláveis por você, nas eleições de fevereiro. Por isso, legendas de deputados e senadores importam e muito, tanto quanto o seu voto a presidente ou a governador.

Tenha juízo

Votar é precioso e necessário para que você contribua para dar a forma que prefere ao país que ama, mas tenha cuidado: tem um lado com os nervos à flor da pele, perspectivas sombrias de futuro e, sobretudo, armado.

A privacidade da cabine de votação, só você e a urna, é que dará a resposta que acha que deve aos que apostam no medo e na violência. Cuide-se e cuide de todos nós com o seu voto.

DOM. **Bernardo Carvalho**, Itamar Vieira Junior, Marilene Felinto, Wilson Gomes

Entre bons sinais e riscos consideráveis

[RESUMO] Ainda que a economia mostre reação positiva neste ano, o candidato vitorioso terá desafios imensos para implementar um ciclo vigoroso de crescimento, diante das fragilidades internas e do cenário internacional turbulento. O novo governo deveria priorizar áreas sociais, solidez fiscal, reforma tributária e protagonismo na agenda ambiental

Por **Paulo Miguel**
Economista, diretor de investimentos do Julius Baer Family Office e editorialista da **Folha**

Ilustração **Luciano Figueiredo**
Artista visual, designer gráfico, cenógrafo e pintor

Desafiando prognósticos mais negativos, a economia brasileira mostra desempenho favorável em 2022. A retomada tem sido firme, intensiva em empregos, inclusive formais, e o crescimento deve se aproximar de 3%, um destaque em um mundo cada vez mais perto da recessão.

Tal ritmo já não pode ser considerado apenas uma compensação da queda observada durante a pandemia, como foi no ano passado. Por trás do fenômeno, há pistas do estado atual da economia nacional e de riscos e oportunidades com os quais se defrontará o próximo governo.

Diante de um quadro internacional em franca deterioração, o espaço para erros é pequeno e um bom diagnóstico será fundamental para que o país possa lidar de forma competente com os enormes desafios econômicos e sociais nos próximos anos.

O impulso atual resulta de alguns vetores, alguns conjunturais e outros que podem carregar potencial de longo prazo se forem bem trabalhados. Um dos mais importantes do primeiro grupo é a alta nas cotações das matérias-primas nos mercados globais, que tem grande correlação com o ritmo interno da atividade.

Como grande produtor e exportador de alimentos, energia e minério, o país tem sua renda ampliada pelo aumento da demanda e dos preços por esses produtos desde o ano passado. O impacto favorável na economia é direto, dado o peso do agronegócio.

Tem-se agora o inverso do ocorrido em 2014 e 2015, quando a queda acentuada das cotações internacionais provocou um choque negativo de renda em um momento em que o país já se deparava com o esgotamento do modelo de crescimento baseado em intervenções setoriais malconcebidas e subsídios creditícios.

A normalização dos serviços após superada a emergência sanitária é outro tema importante. Em especial as atividades voltadas para famílias, as mais prejudicadas pela pandemia, voltam com força e impulsionam a renda do trabalho.

No trimestre encerrado em julho, a taxa de desemprego caiu para 9,1%, a menor desde 2015. O número de pessoas sem ocupação caiu para 9,9 milhões, 32% a menos que no mesmo período de 2021.

É fato que a renda habitual do trabalho ajustada pela inflação apenas iniciou uma retomada dos piores níveis da série histórica iniciada em 2012, mas há clara aceleração nos últimos meses. Com a volta dos empregos, a massa salarial cresceu 6,1% em um ano.

Levando em conta a queda recente da inflação, sobretudo em itens essenciais, o prognóstico para a renda disponível e o consumo das famílias não é ruim. Há ainda a expansão dos gastos públicos em ano eleitoral, seja o Auxílio Brasil ampliado pelo

Continua na pág. C5

Obra da série 'Inside Out' (2022)
Divulgação

Continuação da pág. C4

governo federal, sejam os investimentos nos estados e municípios em razão do caixa folgado desses entes, resultado das surpresas positivas na arrecadação.

Alguns desses fatores conjunturais sugerem uma vida curta para a retomada, como tem sido a regra no Brasil, mas há sinais de uma dinâmica mais persistente, que pode ser reforçada se houver ações positivas do próximo governo.

Desde 2016, evoluiu a agenda microeconômica, com avanços na regulação setorial, melhora dos mecanismos de intermediação financeira, dinamismo do mercado de capitais e aprendizado nos modelos de concessões na infraestrutura.

Um exemplo é o salto nas contratações para investimentos em saneamento desde a aprovação do novo marco legal. Pela primeira vez, é possível vislumbrar a universalização dos serviços de coleta de esgoto. Como é normal na infraestrutura, os avanços são lentos e cumulativos, mas a lista de projetos e investimentos contratados eventualmente pode atingir massa crítica para acelerar o crescimento.

Em um país em que as empresas se defrontam com enormes passivos nas áreas ambiental, trabalhista e tributária, a reforma que abriu espaço para a modernização das relações de trabalho é outro desenvolvimento positivo, que carrega grande potencial para reduzir a taxa estrutural de desemprego.

Encaradas com ceticismo por conta da falta de geração de vagas durante a recuperação lenta da atividade entre 2017 e 2019, não se pode descartar que as novas regras já tenham um papel de fundo importante na criação recente de empregos.

Por fim, o país superou a duras penas nos últimos anos alguns dos problemas legados pela recessão de 2015 e 2016, a maior da série histórica.

Desequilíbrios no setor externo foram reduzidos, investimentos perdulários e crédito malconcedido foram digeridos pelo setor privado e houve melhora na posição financeira e na rentabilidade das grandes empresas.

O trabalho de ajuste fiscal foi parcialmente levado a cabo no período —o déficit primário estrutural de 2,4% do PIB em 2015 no governo central se transformou em pequeno superávit neste ano.

Neste contexto, deixa de ser tão surpreendente a aceleração do crescimento. A arrecadação de impostos acompanha, impulsionada pelo perfil de atividade, que na retomada da pandemia foi ancorada em setores mais pagadores de impostos, e pela inflação em alta.

A mudança de base nominal de cobrança, inclusive nos itens que mais impactam a coleta estadual, como combustíveis e energia (fontes agora parcialmente eliminadas pela redução de alíquotas), permitiu um retorno rápido e surpreendente do superávit primário em todos os níveis de governo, mesmo tendo em conta a lamentável erosão institucional do processo orçamentário desde o ano passado —evidente pela alteração casuística das regras para pagamentos de dívidas judiciais, pelas emendas de relator sem controle e pela flexibilização temerária do teto de gastos patrocinada pelo governo e sua base de apoio parlamentar.

A queda da dívida pública para menos de 80% do PIB neste ano é frágil, diante das pressões por novos gastos no início do próximo governo e do risco de queda das receitas no caso de uma recessão global que derrube preços das exportações brasileiras, que, aliás, estão em risco pela sensível deterioração da imagem do país na questão ambiental.

A queda da dívida pública para menos de 80% do PIB é frágil, diante das pressões por novos gastos no início do próximo governo e do risco de queda das receitas no caso de uma recessão global que derrube preços das exportações brasileiras, que, aliás, estão em risco pela sensível deterioração da imagem do país na questão ambiental

A inflação cobrou seu preço, ademais, na forma de juros mais altos que encarecem a dívida. Com evidências de pressões desde o final de 2020, o Banco Central se adiantou a seus pares na elevação da taxa básica, que passou de 2% em março do ano passado para 13,75% agora.

Tendo se originado nas matérias-primas e bens industriais que responderam ao aumento dos preços globais e ao real mais desvalorizado, a inflação agora decorre principalmente de serviços, com alto grau de inércia. Por isso, a política monetária deverá permanecer restritiva ainda por muitos meses.

Juros altos e as incertezas sobre a política econômica no próximo governo sugerem uma desaceleração da atividade em 2023, cuja magnitude e duração dependerão da interação entre os citados fatores conjunturais e estruturais em um ambiente internacional adverso.

Um mundo hostil espera o próximo governo

A mais alta inflação em décadas nos países desenvolvidos, juros em disparada nos principais centros financeiros, competição por recursos naturais ampliada pela Guerra da Ucrânia, disputa geopolítica entre as grandes potências e risco recessivo formam uma combinação perigosa.

No centro financeiro e emissor da moeda reserva mundial, os Estados Unidos, a resposta da política econômica à pandemia, com forte expansão monetária e fiscal, resultou em aquecimento excessivo da demanda.

Com desemprego próximo das menores taxas históricas e alta de salários de 6,5%, há evidência de inércia no processo inflacionário. Com algum atraso, o Federal Reserve, o Banco Central dos EUA, reage e a taxa de juros deve se aproximar de 5% nos próximos meses, a maior em quase 30 anos. O risco de recessão em 2023 é elevado. São desconhecidos os danos ainda por vir dessa alta súbita no custo do dinheiro, que impacta a intermediação financeira.

O quadro tampouco é favorável na Europa, que enfrenta o agravante do choque no preço do gás, fundamental insumo industrial, com recessão quase garantida e perda de competitividade estrutural.

A China também enfrenta um momento delicado, com o esgotamento de vetores importantes para seu crescimento nas últimas décadas, notadamente o setor imobiliário. A opção de contar com demanda externa crescente para cobrir insuficiência doméstica tampouco é palatável, dados o enorme superávit comercial (que pode chegar a US$ 1 trilhão neste ano) e as resistências crescentes dos países deficitários em absorver os saldos chineses à custa de sua própria produção.

Ainda há espaço para aportes em infraestrutura, a típica resposta das autoridades, mas o acúmulo de dívidas dos últimos anos para sustentar a atividade parece encontrar limites e ameaça o futuro, na forma de uma taxa estrutural de crescimento mais baixa (talvez aquém de 3%), mesmo que não se antecipe uma crise bancária nos moldes ocidentais.

A tarefa de restaurar fontes sadias de crescimento depende de maior dinamismo na renda e no consumo das famílias, o que, por sua vez, exige reformas distributivas de alta complexidade política e hoje ainda pouco evidentes no país.

Guerra e tensões geopolíticas em ascensão sugerem que a globalização movida pela otimização da eficiência produtiva sem restrições políticas começa a dar lugar a um novo arranjo.

É cedo para concluir que está em curso uma reversão da globalização, mas certamente é o caso de se pensar em um redesenho da geografia da produção mundial nos próximos anos, a ser condicionado por ameaças reais ou percebidas à segurança nacional em setores-chave, busca por redundâncias nas cadeias de fornecimento e competição mais acirrada por recursos naturais.

Os riscos e oportunidades para o país

É nesse contexto de condições domésticas frágeis, mas a princípio promissoras, em um mundo em forte transformação, que o país deve buscar se posicionar. Cumpre repetir: o novo governo enfrentará restrições externas importantes, e a margem de manobra na política econômica não será grande.

Além da óbvia e nunca cumprida atenção à educação básica, a agenda inclui a reconstrução do arcabouço fiscal fragilizado nos últimos dois anos, o reforço das políticas sociais, uma reforma tributária para destravar a produtividade e a busca de protagonismo na agenda ambiental.

O retorno a delírios desenvolvimentistas e intervencionismo setorial seria contraproducente e com prazo de validade ainda mais limitado que da última vez. Rechaçar os avanços regulatórios e as reformas recentes seria um erro. A agenda deve olhar para o futuro.

A solidez fiscal é condição necessária para a sustentação do crescimento e das políticas sociais. Será preciso lidar com a demanda por novos gastos em 2023, que chega a 1,5% do PIB, e, ao mesmo tempo, com a construção de um novo regime fiscal, sem o qual não haverá juros baixos e estabilidade econômica de forma perene.

A lista de desejos é longa e inclui a manutenção do Auxílio Brasil em R$ 600 mensais, a recomposição de gastos discricionários e de investimentos federais e algum reajuste para o funcionalismo público.

A despesa deve priorizar as áreas sociais. Especialistas no tema sugerem que o montante atual dos benefícios pode ser mais bem trabalhado para ter maior impacto na pobreza, com reforço do atendimento à infância e criação de novos mecanismos de seguro social.

É plenamente possível lidar com algum gasto a mais, mas será preciso desenhar uma nova regra que sinalize de forma crível uma trajetória declinante para a dívida pública.

O objetivo deve ser buscar um reforço do saldo primário de ao menos 2% do PIB nos próximos quatro anos. Uma reforma na tributação direta, com vistas a maior progressividade, é um dos itens dessa agenda.

Outra tarefa crítica é dinamizar o crescimento e posicionar o país para atrair investimentos nesse processo de reconfiguração das cadeias globais. Deve ser retomado o esforço de avanço institucional, com nova ênfase na reforma tributária para criação de um imposto sobre valor agregado, assunto mais que debatido, mas ainda objeto de controvérsia setorial que precisa ser negociada e vencida na partida do próximo mandato presidencial.

Além da simplificação, a reforma é ferramenta crucial de produtividade e de harmonização do país com os padrões globais, requisito para que o Brasil possa atrair atividades de maior valor agregado.

Por fim, foco prioritário no meio ambiente para reverter o desprestígio e a hostilidade mundiais, que trazem riscos crescentes de isolamento e mesmo de embargos ao agronegócio.

Além do imperativo de estancar o desmatamento ilegal, problema de natureza fundiária e social, negociar bem no âmbito multilateral o valor das florestas em pé e os mecanismos de pagamento por serviços ambientais pode render dezenas de bilhões de dólares ao país.

As condições atuais da economia brasileira não são desesperadoras em um quadro mundial bastante complexo. Erros e incompetência não faltam, mas, por mérito dos brasileiros, o solo não é tão árido como pode parecer.

Este artigo tem o desafio de ser publicado no dia da eleição presidencial. No novo ciclo que em breve se iniciará, cumpre afastar radicalismos e resgatar o sonho de uma construção nacional coletiva. ←

Torre de babel

[RESUMO] Larga vantagem de Bolsonaro sobre Lula entre evangélicos mostra, mais uma vez, a histórica dificuldade da esquerda em se relacionar com esse segmento religioso, que representa quase um terço da população brasileira. Preconceitos arraigados em grupos progressistas interditam o debate, o que pode minar as chances da esquerda em eleições futuras

Por ***Anna Virginia Balloussier***
Repórter especial da **Folha**. Autora de 'Talvez Ela não Precise de Mim: Diários de uma Mãe em Quarentena' (Todavia)

Ilustração ***Luciano Figueiredo***
Artista visual, designer gráfico, cenógrafo e pintor

Se o Messias que tantos cristãos chamam de mito vivesse nos tempos do Messias raiz, teria passado reto pela sepultura de Lázaro: "E daí? Não sou coveiro". Também mandaria o apóstolo Judas depositar 89 mil moedas na conta da irmã Maria Michelle. E não seria muito afeito a esse camarada que o povo diz ter vindo lá da Galileia. "Ele inventou um tal de Bolsa Família com peixes e está dando comida para os pobres."

O pastor Paulo Marcelo Schallenberger continua a construir seu pouco sutil, mas muito eficaz contraponto entre Jair Messias Bolsonaro, o presidente que diz pôr Deus acima de todos, e Jesus Cristo, alguém que, nesta pregação de alta voltagem política, jamais subscreveria uma linha da retórica bolsonarista que capturou o evangelicalismo no Brasil.

Paulo começou o ano como uma aposta do PT para reerguer pontes dinamitadas entre a esquerda e o eleitorado evangélico. A um mês e meio da eleição, isolado pelo partido, veio pregar em uma microigreja da periferia de Itaquaquecetuba, na Região Metropolitana de São Paulo.

Na véspera, havia enchido o carrinho do mercado com pão de forma, biscoito água e sal, maionese, suco de caixa e maçã. Serviu o café da manhã na igreja da pastora Neuza, que precisa do dízimo para pagar a conta de luz do templo, ele diz. Nada próximo dos milhões de reais que irrigam as contas bancárias das denominações mais parrudas.

Na volta, sem tirar os olhos da estrada à sua frente, o pastor admite não estar satisfeito com o tratamento que o PT tem dado aos evangélicos na campanha para eleger Lula.

Enquanto isso, o bolsonarismo tenta se entranhar por todos os poros da religião escolhida por 1 em cada 4 eleitores. "Hoje, a igreja sabe o nome dos 11 ministros do Supremo Tribunal Federal, mas não sabe o nome dos 12 apóstolos", ironiza, evocando a corte que coleciona embates com o presidente da República.

Paulo foi apresentado a Lula por um Moisés, Moisés Selerges, presidente do Sindicato dos Metalúrgicos do ABC. Teve uma reunião com o ex-presidente em 13 de dezembro, às 13h. A soma dos numerais que compõem os 580 dias que Lula ficou preso, aliás, dá 13. Jesus e seus 12 apóstolos também somam 13. Tudo lhe parecia predestinado.

Surgiu a ideia de fazer um podcast voltado a evangélicos, que seria gravado na sede nacional do PT, para onde Paulo levou a **Folha** em fevereiro. No mesmo dia, visitou gabinetes de petistas no Congresso. Encontrou todas as portas abertas.

Seu embarque na campanha trouxe algum alívio para evangélicos progressistas que não querem mais ser um gueto eleitoral. O PT tem bons aliados no segmento, mas ninguém páreo à popularidade do batalhão de pastores que fecharam com Bolsonaro.

Naquela semana, o Observatório Evangélico, do antropólogo Juliano Spyer, publicou textos elogiosos à entrada do pastor no time lulista. O PT ganhava acesso ao "chão de fábrica" pentecostal, entusiasmou-se o pastor e teólogo Kenner Terra. O escolhido "é o mais qualificado para furar a resistência ao PT", vaticinava o também pastor Alexandre Gonçalves, à frente do grupo cristão do PDT de Ciro Gomes. Spyer, colunista da **Folha**, gostou do que viu: o partido "acerta trazendo amigo de Feliciano para dialogar com evangélicos".

Paulo é até hoje um bom amigo do deputado Marco Feliciano (PL-SP), um dos interlocutores mais orgulhosos de Bolsonaro com evangélicos. Em 2020, após uma passagem pelo cristão PSC, filiou-se ao mesmo partido que abrigava Feliciano na época, o Podemos, para tentar se eleger vereador.

Ele é cria do Gideões Missionários da Última Hora, congresso pentecostal que ajudou a projetar nomes como Feliciano, a ex-deputada Flordelis e Gilmar Santos, pastor modelo para Paulo, envolvido no escândalo do Ministério da Educação. Os missionários que por ali passam costumam dominar a pregação performática, que, para o pastor Gonçalves, lembra a de Cabo Daciolo, seu colega no PDT.

Evangélicos triplicaram de tamanho na população, mas a esquerda ainda não aprendeu a falar a língua deles, diz o sociólogo Paul Freston, referência nos estudos sobre o pentecostalismo nacional. 'O crescimento evangélico é um problema crônico para a esquerda. A dificuldade de se conectar com esse segmento implica um preço cada vez maior. Não vai ser fatal nesta eleição, mas, na próxima, volta a ser um problema'

Ou seja, Paulo tem algum fôlego em um mar pentecostal onde o bolsonarismo nada de braçadas. Por um tempo, acreditou-se que poderia ser a agulha a furar uma bolha evangélica que parece impenetrável para o campo progressista. Tido como oportunista, impressão fortalecida após anunciar sua candidatura a deputado federal pelo Solidariedade, foi logo perdendo a moral em uma legenda desconfiada de forasteiros.

Esta, porém, não é a história de um pastor que deu com a cara na porta de uma estrutura partidária tão corpulenta quanto a do PT. A jornada solitária de Paulo é sintoma de uma esquerda que ainda não sabe, e em parte não quer, se entrosar com a massa religiosa que mais cresce no país.

A primeira bancada evangélica remonta à Assembleia Nacional Constituinte, que redigiu a Constituição de 1988. Esse nicho cristão, que ainda não chegava a 10% dos brasileiros, começou ali suas aspirações políticas. A liderança marchou quase coesa com Fernando Collor na eleição de 1989. Um jovem televangelista adepto do bigodinho desgarrou-se do bloco: Silas Malafaia apoiou Leonel Brizola e depois Lula, escolhas que hoje vê como equivocadas.

Evangélicos triplicaram de tamanho na população, mas a esquerda ainda não aprendeu a falar a língua deles, diz o sociólogo Paul Freston, referência nos estudos sobre o pentecostalismo nacional. "A cada eleição, o crescimento evangélico é um problema crônico para o campo, pois representa uma porcentagem maior do eleitorado. A dificuldade de se conectar com esse segmento implica um preço cada vez maior. Não vai ser fatal nesta eleição, mas, na próxima, volta a ser um problema, como quase foi em 2014, como foi em 2018."

"Se continuar com o muro, daqui a quatro anos levam outra invertida", conjectura Paulo Marcelo, o pastor escanteado. "Nesta campanha, poderiam ter feito mais."

Há uma farta dose de preconceito nesse debate. Evangélicos, aos olhos de muitos progressistas, são reduzidos a dois estratos: o dos pastores inescrupulosos e o do rebanho manipulado, despido de qualquer autonomia para decidir o que é melhor para si.

Continua na pág. C7

Obra da série 'Inside Out' (2022)
Divulgação

Continuação da pág. C6

A presença da igreja em vácuos sociais deixados pelo Estado é vista com ceticismo. Que bom que o sujeito deixou de chegar bêbado em casa e bater na mulher depois de se converter, mas a que preço? Ele agora só fala de Jesus!

As reações antipáticas que Marina Silva, então senadora pelo PT, colheu após se converter, nos anos 1990, são uma amostra disso. Em sua biografia, ela conta que alguns colegas de partido foram os mais inclementes. Um disse que sempre pensou nela como uma mulher inteligente, não como uma evangélica.

"Toda vez que a esquerda mina alguém como Marina, cria um vazio que vai ser ocupado por uma Damares Alves", diz Freston, trazendo para a mesa a ministra de Bolsonaro que clamou por um país "terrivelmente cristão".

Por um momento, o fosso ideológico encolheu. Ao vencer em 2002, Lula conseguiu dissipar uma persistente má vontade de pastores com ele. Contou com Edir Macedo, Malafaia e companhia ao seu lado. Reelegeu-se com 6 de cada 10 votos evangélicos no segundo turno contra o então tucano Geraldo Alckmin, agora seu vice.

Muito provavelmente, o PT vai levar este pleito, mas o fará apesar dos evangélicos, diz Freston. Todas as pesquisas apontam que Bolsonaro tem uma vantagem polpuda de intenções de voto nesse grupo. E daqui a quatro anos, quando a fé protestante avançar ainda mais no Brasil? O que se tem feito para dissolver o messianismo criado em torno de Bolsonaro?

Como lembra o sociólogo, estamos diante de um autodeclarado católico com esposa e filhos evangélicos, que fez amizade com pastores e se deixou batizar em 2016 no rio Jordão pelas mãos de um pastor. Tudo isso fez dele "um candidato híbrido ideal, talvez o primeiro presidente pancristão, reunindo as vantagens eleitorais da identidade evangélica, mas evitando as desvantagens".

O polo rival vai ficar parado assistindo? "Basicamente, a esquerda andou muito pouco nesses 30 anos na compreensão do mundo evangélico", afirma Freston. "Fez muito pouco uso de pessoas que poderiam ajudar nesse sentido. Ela precisa de pessoas que tenham expressividade no meio. Falta entender as nuances, a diversidade eclesiástica, socioeconômica e política. O que precisa é de gente bilíngue."

A batista Nilza Valéria Zacarias, uma das coordenadoras da canhota Frente Evangélica pelo Estado de Direito, sabe exatamente do que Freston está falando. Progressistas em geral têm dificuldade e desinteresse em traduzir a língua dos pentecostais, que são o grosso dos templos. São exemplos que soam até pitorescos, como falar em "rezar" quando evangélicos só oram —há diferença conceitual, já que a reza seria uma fórmula pronta, e a oração, um diálogo não roteirizado com Deus.

O PT precisa se atentar ao "processo acelerado de transição religiosa" pelo qual o país passa, diz Zacarias. Até os anos 1980, o Brasil era praticamente todo católico. Esse contingente caiu para a metade da população, enquanto evangélicos beiram o terço e são em sua maioria mulheres, negros e pobres.

Isso se reflete nas periferias, no camelô que se dirige à freguesa como varoa e abençoada, terminologias crentes. "As novas gerações não sabem tanto o que são as expressões católicas. Não vejo mais, na minha andança por comunidades, gente evocando santos [evangélicos não creem neles]", afirma Zacarias. "No passado, bastava ver o céu carregado para a gente falar 'minha Nossa Senhora'." Agora, se popularizam ditos exportados por crentes, como "misericórdia" e "está amarrado".

Sem entender o interlocutor, fica difícil estabelecer algum elo. Evangélicos têm um senso de comunidade forte e hábitos religiosos mais frequentes que a média católica, colhada de não praticantes. Sua tendência a agir como bloco eleitoral é, portanto, mais alta.

Bolsonaro foi hábil como nenhum outro presidenciável em captar esse zeitgeist religioso. Lula pode ter sido o presidente que sancionou a Lei Nacional da Marcha para Jesus, mas nunca se deu ao trabalho de ir a uma.

O atual chefe do Executivo foi o primeiro inquilino do Palácio do Planalto a aceitar o convite para o evento mais importante no calendário pentecostal do país. Também desonerou obrigações fiscais de igrejas e nomeou pastores para a Esplanada e o STF. O Planalto, antes "consagrado a demônios", como chicoteou a primeira-dama no púlpito de um pastor amigo, agora é do Senhor Jesus.

Por um breve período, Lula já foi ultrarreligioso. De luto pela morte da primeira esposa e do filho que ela carregava no ventre, deixou-se atrair para um movimento católico popular nos anos 1970, os Cursilhos da Cristandade. "Eu me sentia tão borocoxô que agarrei aquela novidade para sobreviver em paz", recordou na sua biografia assinada por Fernando Morais.

Morais conta que Frei Chico percebeu que "aquilo estava ganhando ares de fundamentalismo religioso" e chamou o irmão de canto. "Lula, isso está virando fanatismo, rapaz. Você acorda rezando, passa o dia agradecendo a Deus. Eu entro em casa, vejo você ajoelhado na beira da cama. Volto pra casa, tá lá você, de joelhos. Parece que você tem que agradecer a Deus até a cada peido que solta!"

Depois, a religião só permeou sua trajetória pelas frestas. A mágoa com os pastores que lhe deram as costas depois de seu governo não foi pequena. Já a participação de evangélicos na política só fez crescer.

Parte dos dias de cárcere em Curitiba, o ex-presidente passou assistindo a cultos. Em novembro de 2021, já na toada eleitoral, disse o seguinte: "A religião pode ser feita com muita verdade, e ninguém precisa utilizar da boa-fé dos outros, porque a fé é uma coisa sagrada".

Para Zacarias, Lula poderia usar 2022 para reagir mais enfaticamente às investidas bolsonaristas nas casas de Deus, mas mal saiu do lugar. Fez acenos tímidos à comunidade evangélica e pareceu se contentar com um único encontro com lideranças, em São Gonçalo (RJ), dois dias após Bolsonaro discursar sobre "um governo que acredita em Deus" no 7 de Setembro carioca, em um trio pago pelo amigo Malafaia.

Dizer que o petista pregou para convertidos não é só força de expressão. "Evangélicos progressistas somos minoria. Não precisamos do Lula falando para a gente, precisamos dele falando para a imensidão da igreja que está nos rincões."

O ato foi organizado pelo Núcleo de Evangélicos do PT, sob comando de um bissexto quadro evangélico de peso no partido. A octogenária deputada Benedita da Silva se converteu aos 26 anos, em um momento penoso para ela: o marido desempregado, o irmão muito machucado após um acidente. Deu ouvidos àquele pessoal que chegou no hospital com a Bíblia embaixo do braço, e a vida mudou para melhor.

Benedita diz que o PT "é um partido plural que acolhe lutas a favor da expansão dos direitos das pessoas, independentemente de que isso seja chamado de 'pauta identitária'". Nem por isso, pondera, "pode ser definido, como a direita faz parecer, como o partido que quer mudar os costumes sociais, isso é absurdo".

Ideias como a de que a sigla quer descriminalizar o aborto são balela, segundo a deputada. "Há documentos de grupos defendendo essa pauta, mas isso nunca entrou em nenhum plano de governo em eleição nenhuma. Também nunca entrou em votação durante governos do PT. O que acontece é que algumas mentiras perduram e há também pastores mal-intencionados que as mantêm circulando."

Zacarias concorda, mas diz que esse recado não chega aos templos também por falha interna. A linha de frente evangélica que a campanha de Lula conseguiu reunir nem sempre tem capilaridade no segmento.

Muitas vezes, o que se vê é o progressista evangélico que desistiu da igreja por não se sentir à vontade nela. "Ele tem a memória afetiva, mas não é mais o cara que está toda semana na igreja. O que a esquerda tem que fazer para não se desconectar desse novo Brasil?" ←

Moto-herói

'Você já tentou dirigir nas ruas de São Paulo?'

Ricardo Araújo Pereira
Humorista, membro do coletivo português Gato Fedorento. É autor de 'Boca do Inferno'

"Avô, o que você fazia em 2022?"
"Estava na guerra."
"Guerra? Em 2022? No estrangeiro?"
"Não, aqui mesmo, no Brasil. Estive na guerra uns dez anos."
"Dez anos? Deve ter sido duro."
"Muito. Tive companheiros que morreram, outros que ficaram com marcas para toda a vida."
"Você ia num tanque?"
"Não, numa moto."
"E lutou contra a opressão?"
"Contra a fome, na verdade."
"As pessoas tinham fome?"
"Tinham. Por volta da hora das refeições. Às vezes também noutras alturas."
"Quem impunha a fome?"
"A natureza, acho eu."
"E como você a combatia?"
"Entregando pizza, normalmente. Mas sushi também saía muito bem."
"Hum... Essa guerra era contra quem?"
"Alemães, japoneses, franceses, italianos, americanos... Alguns coreanos."
"Houve uma guerra contra toda essa gente?"
"Não era gente. Eram carros. Carros alemães, japoneses, franceses, italianos, americanos... Alguns coreanos."
"Avô, você era motoboy?"
"Sim."
"Isso não era uma guerra, avô. Você andava pela cidade a entregar comida."
"Qual é a diferença? Havia destruição e mortalidade. Se os carros não queriam nos matar, parecia. Na minha geração, muita gente morreu nesse combate. E a ONU não fazia nada. Uma guerra, tal e qual."
"Isso não é exatamente uma guerra, avô. Os soldados arriscam a vida."
"Nós também. E usávamos capacete, também. Tudo igual."
"Os soldados estão no campo de batalha, um ambiente muito hostil."
"Você já tentou dirigir uma moto nas ruas de São Paulo?"
"Sim, mas na guerra há violência extrema. Traumas que ficam para sempre."
"Experimente ir ao Capão Redondo às seis e meia da tarde."
"Ora, avô. Não se pode comparar um conflito armado terrível, em que a vida das pessoas não vale nada, com uma das melhores conquistas da civilização, que é a entrega rápida de comida a baixo custo."
"Pode, se o baixo custo for a minha vida."
"Você matou alguém, avô?"
"Não, mas tive muita vontade. Clientes que não davam gorjeta, sobretudo. Mas também patrões que não queriam assinar contrato nem dar seguro de saúde. E motoristas que não usavam setas. Às vezes ainda acordo à noite, aos gritos. Sua avó sabe que são sonhos do tempo da guerra e me dá uma nota de R$ 50, para me acalmar."

Luiza Pannunzio

| DOM. Ricardo Araújo Pereira | SEG. Bia Braune | TER. Manuela Cantuária | QUA. Gregorio Duvivier | QUI. Flávia Boggio | SEX. Renato Terra | SÁB. José Simão

É HOJE

Tony Goes
tonygoes@uol.com.br

Apuração das eleições domina programação à tarde e à noite

Eleições 2022 - Boca de Urna
Globo, 17h, livre
O Domingão com Huck (livre) começa mais cedo, a partir das 15h, e já será interrompido às 15h15 pelo noticioso Giro Eleições. O programa de Luciano Huck também termina cedo, às 17h, abrindo espaço para o Boca de Urna, relatando pesquisas com eleitores que acabaram de votar. A apuração dos resultados prossegue no Fantástico (livre), que começa às 18h.

De Olho no Voto
Cultura, a partir de 17h, livre
Além de acompanhar o encerramento da votação e os primeiros resultados das urnas, os jornalistas Vera Magalhães e Rodrigo Piscitelli conversam ao vivo com as cientistas políticas Denilde Holzhacer e Lara Mesquita, o jornalista Leonardo Sakamoto, o filósofo Pablo Ortellado e diversos outros especialistas.

Band Eleições
Band, 17h, livre
Comandado por José Luiz Datena, Adriana Araújo, Rodolfo Schneider e Eduardo Oinegue, o programa acompanha a apuração durante quatro horas. Às 22h, o Canal Livre repercute os resultados, com a participação de Fernando Mitre e diversos convidados.

O Conformista
Mubi, 18 anos
O francês Jean-Louis Trintignant estrela uma das muitas obras-primas de Bernardo Bertolucci. Ele vive um homem instruído pelo Partido Fascista a matar seu antigo professor universitário. Lançado em 1970, o filme não perdeu atualidade. Stefania Sandrelli e Dominique Sanda também estão no elenco.

Até que se Prove o Contrário
Star+, classificação não informada
A atriz Kerry Washington, das séries "Scandal" e "Little Fires Everywhere", produz e dirige o primeiro episódio desta minissérie sobre uma ousada e ambiciosa advogada de defesa de Los Angeles. Um novo episódio toda terça-feira; o primeiro já está disponível.

O Planeta dos Macacos - A Guerra
Globo, 0h15, 14 anos
Andy Serkis, que interpretou Gollum da trilogia "O Senhor dos Anéis", encarna pela terceira vez o chimpanzé Caesar, líder da revolução simiesca contra a humanidade.

QUADRÃO

Luiz Gê

| DOM. Jan Limpens, Luiz Gê, Ricardo Coimbra, Angeli, Laerte

Ciclo de Cinema e Psicanálise exibe o filme 'Pleasure'

SÃO PAULO O Museu da Imagem e do Som de São Paulo exibe o filme "Pleasure", de Ninja Thyberg, nesta terça-feira, às 19h, com entrada gratuita. A trama aborda a violência e o machismo da indústria pornográfica dos Estados Unidos. Como convidados do debate estarão o psicanalista e psiquiatra Pedro Colli e Marília Ponte, uma especialista em educação sexual e pesquisadora sobre o prazer feminino.

Obras de Brecht terão debate no Sesc 24 de Maio

SÃO PAULO O ciclo 7 Leituras, criado pela diretora Eugênia Thereza de Andrade, vai discutir nesta terça-feira, às 20h, dois temas da juventude do dramaturgo Bertolt Brecht, em São Paulo.

O encontro será realizado no Sesc 24 de Maio e debaterá as peças "O Mendigo ou o Cachorro Morto" e "Ele Expulsou um Diabo". Enquanto a primeira trata das diferentes visões de mundo, a segunda fala de repressão a mulheres jovens.

Historiador Rui Tavares fala em encontro online

SÃO PAULO O historiador e deputado português Rui Tavares vai participar do Encontro de Leituras, evento online promovido pela **Folha** e pelo jornal português Público no dia 11 de outubro, a partir das 18h.

A sessão abordará "O Pequeno Livro do Grande Terremoto", sobre a destruição de Lisboa pelo sismo de 1755. Aberto e gratuito, o debate acontece via Zoom, na reunião 863 4569 9958. A senha de acesso é 553074.

Cultura grega é tema de livro com a saga dos deuses

SÃO PAULO "Engenhos da Sedução - O Hino Homérico de Afrodite em Quatro Ensaios e uma Tradução", apresentado e traduzido por Mary Lafer, terá lançamento no próximo sábado, a partir das 15h, na Casa das Rosas, em São Paulo.

Publicada pela Ateliê Editorial, a obra adentra as particularidades dos deuses para tratar da literatura grega antiga. As ilustrações são de Bia Wouk.

retratos de uma democracia

POR BOB WOLFENSON

SÃO PAULO Ao longo de um ano, Bob Wolfenson, com o apoio da sua equipe, fotografou expoentes da vida partidária brasileira e nomes da economia e da sociedade civil com influência política, além de participantes de atos populares. O projeto foi realizado em parceria com a **Folha**.

O resultado é um painel com 75 fotos inéditas, que abarca diversas vertentes ideológicas e busca, na medida do possível, expressar o estado atual da democracia no Brasil. A iniciativa contempla, inclusive, representantes de movimentos identitários e da chamada "nova direita", que ganharam força nos últimos anos no país.

O projeto, intitulado "Retratos de uma Democracia", é um dos mais amplos já realizados por Wolfenson, fotógrafo paulistano com mais de 50 anos de carreira. Inspira-se em um ensaio de Richard Avedon (1923-2004), um dos maiores nomes da fotografia americana do século 20, para a New Yorker. As imagens de Avedon para a revista foram publicadas em 2004, às vésperas das eleições de George W. Bush e John Kerry.

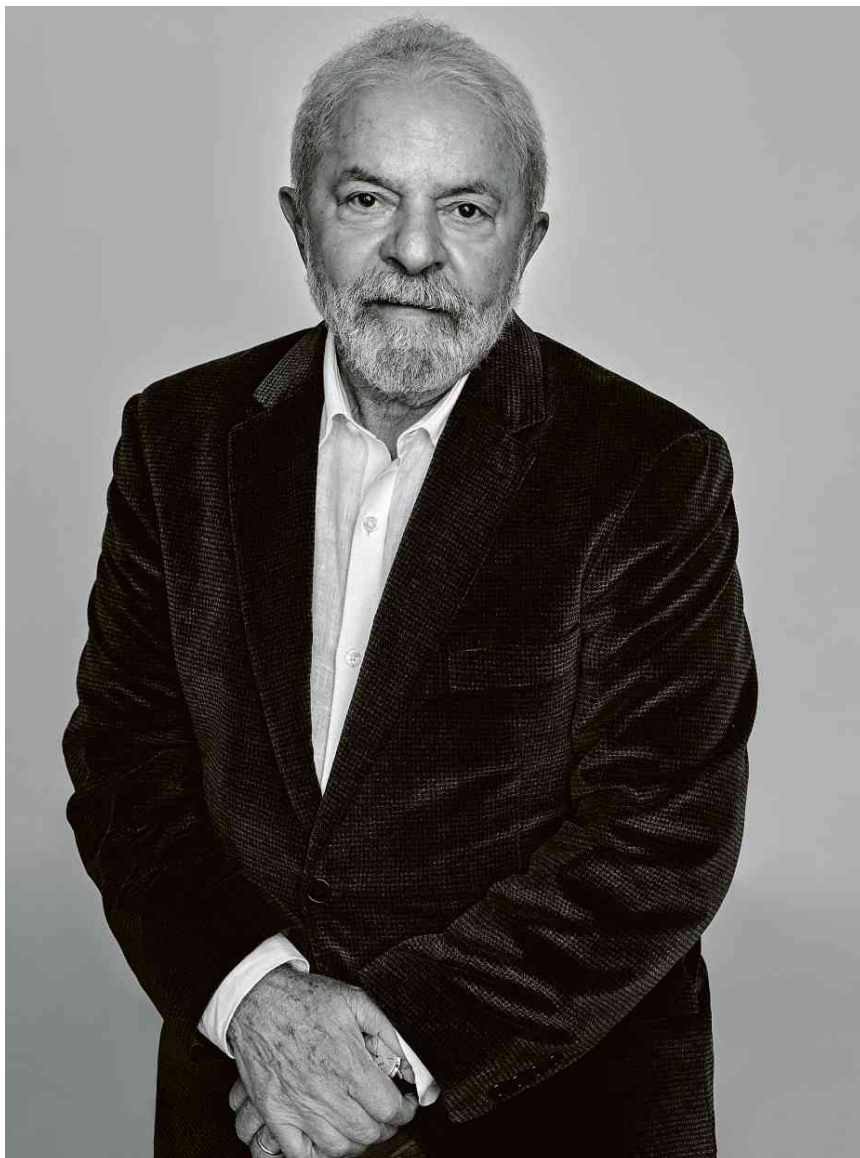
No caso da disputa pela Presidência da República, esta edição destaca apenas os cinco primeiros colocados na pesquisa do Datafolha divulgada em 22 de setembro. Em relação à corrida pelo governo do estado de São Paulo, este caderno inclui os três primeiros nomes no mesmo levantamento.

A iniciativa desconsidera candidatos a cargos do Poder Legislativo. A exceção é Arthur Lira. Embora seja candidato a deputado federal, ele integra o projeto devido ao cargo que exerce, a presidência da Câmara dos Deputados.

O projeto também deixou de lado os colunistas da Folha. Preto Zezé e Casagrande, presentes na edição, foram fotografados meses antes do convite para que se tornassem colunistas do jornal.

Sobreposição de alguns dos retratos feitos por Bob Wolfenson

Montagem Irapuan Campos

retratos de uma democracia

Luiz Inácio Lula da Silva, candidato do PT à Presidência

Ciro Gomes, candidato do PDT à Presidência

Simone Tebet, candidata do MDB à Presidência

Jair Bolsonaro, presidente da República e candidato à reeleição pelo PL

Fernando Haddad, candidato do PT ao governo de São Paulo Fotos Bob Wolfenson

Tarcísio de Freitas, candidato do Republicanos ao governo de São Paulo

Soraya Thronicke, candidata do União Brasil à Presidência

Rodrigo Garcia, governador de São Paulo e candidato à reeleição pelo PSDB

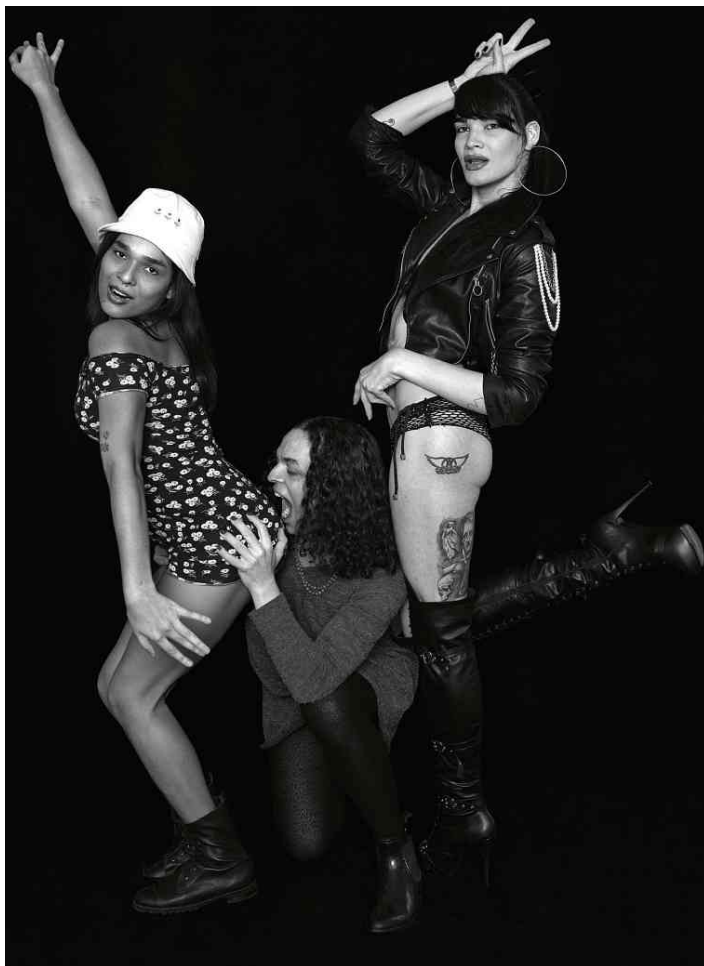
Davi Kopenawa, líder do povo Yanomami

Preto Zezé, presidente nacional da Cufa (Central Única das Favelas)

Latino, cantor e compositor

Gilberto Kassab, presidente do PSD

Maria Bopp, atriz e roteirista Fotos Bob Wolfenson

Alexandre de Moraes, presidente do Tribunal Superior Eleitoral e ministro do Supremo Tribunal Federal

Isabella Mara Miranda (esq.), Amara Moira (centro) e Júlia Reis durante a Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo

Augusto Aras, procurador-geral da República

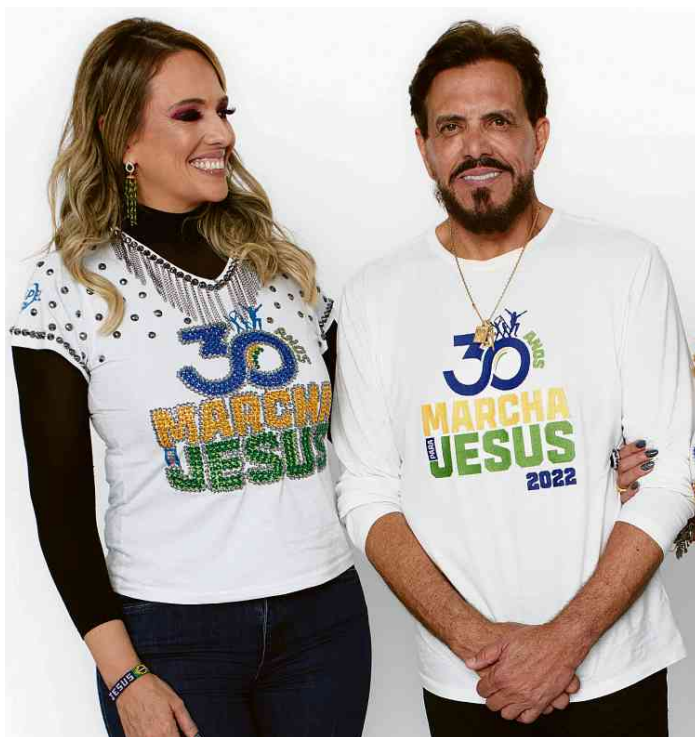
Lilia Moritz Schwarcz , historiadora e antropóloga

Rene Silva, jornalista e ativista social

retratos de uma democracia

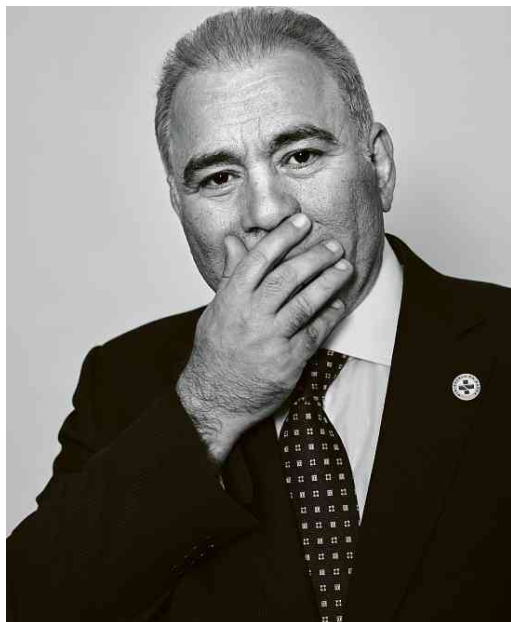
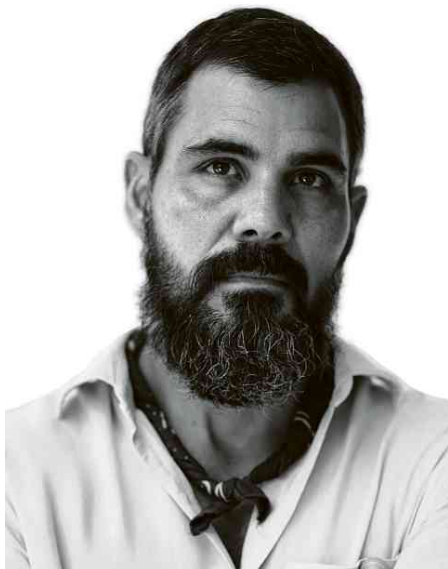
Silas Malafaia, líder da Assembleia de Deus Vitória em Cristo

Felipe Neto, youtuber e empresário

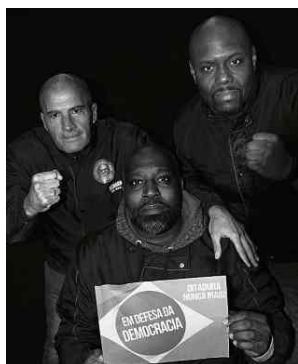
Thales Bretas, médico e viúvo de Paulo Gustavo, e os filhos Romeu (esq.) e Gael

Estevam Hernandes, líder da Igreja Apostólica Renascer em Cristo, com sua mulher, a bispa Sônia Hernandes (à dir.), e a filha, a bispa Fernanda Hernandes

Roberto Campos Neto, presidente do Banco Central

Preta Ferreira, ativista por moradia

Ciro Nogueira (PP), ministro da Casa Civil

retratos de uma democracia

Integrantes do Bloco Feminista durante comício de Lula em São Paulo

Iara Boldrin (delegada, com arma na mão direita) e participantes de motociatas

Os sindicalistas Valdir Laino (esq.), Caio Leopoldo (centro) e Leonardo Lopes durante comício de Lula em São Paulo

Luciano Machado (esq.), empresário, Celio Wakayama (centro), produtor rural, e Leandro de Lima, ferrador, no 7 de Setembro

Antonio Carolino Filho, aposentado, em comício de Lula no Vale do Anhangabaú, em São Paulo

Sonia Zanoni (sentada no chão) e amigos em manifestação pró-Bolsonaro no 7 de Setembro, em São Paulo

Participantes da Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo

Integrantes do grupo Mães pela Diversidade durante a Parada do Orgulho LGBT+ de São Paulo

Renato Zulato durante comício de Lula em São Paulo

Davi Teodoro da Silva e Marcia Teodoro, agricultores, em ato pró-Bolsonaro no 7 de Setembro, em São Paulo

Elenice Myuki, aposentada, durante comício de Lula em São Paulo

Priscila Gonçalves de Abreu, babá, em manifestação pró-Bolsonaro no 7 de Setembro, em São Paulo Fotos Bob Wolfenson

Ailton Krenak, líder do povo Krenak

Michel Temer (MDB), ex-presidente da República

Anitta, cantora e compositora

Fotos Bob Wolfenson

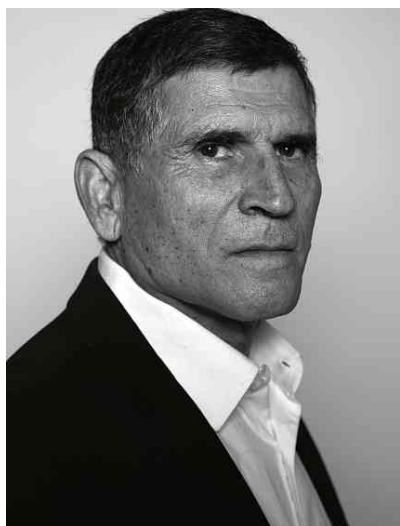
retratos de uma democracia

Rosa Weber, presidente do Supremo Tribunal Federal

Fernando Henrique Cardoso (PSDB), ex-presidente da República

João Doria (PSDB), empresário e ex-governador de SP

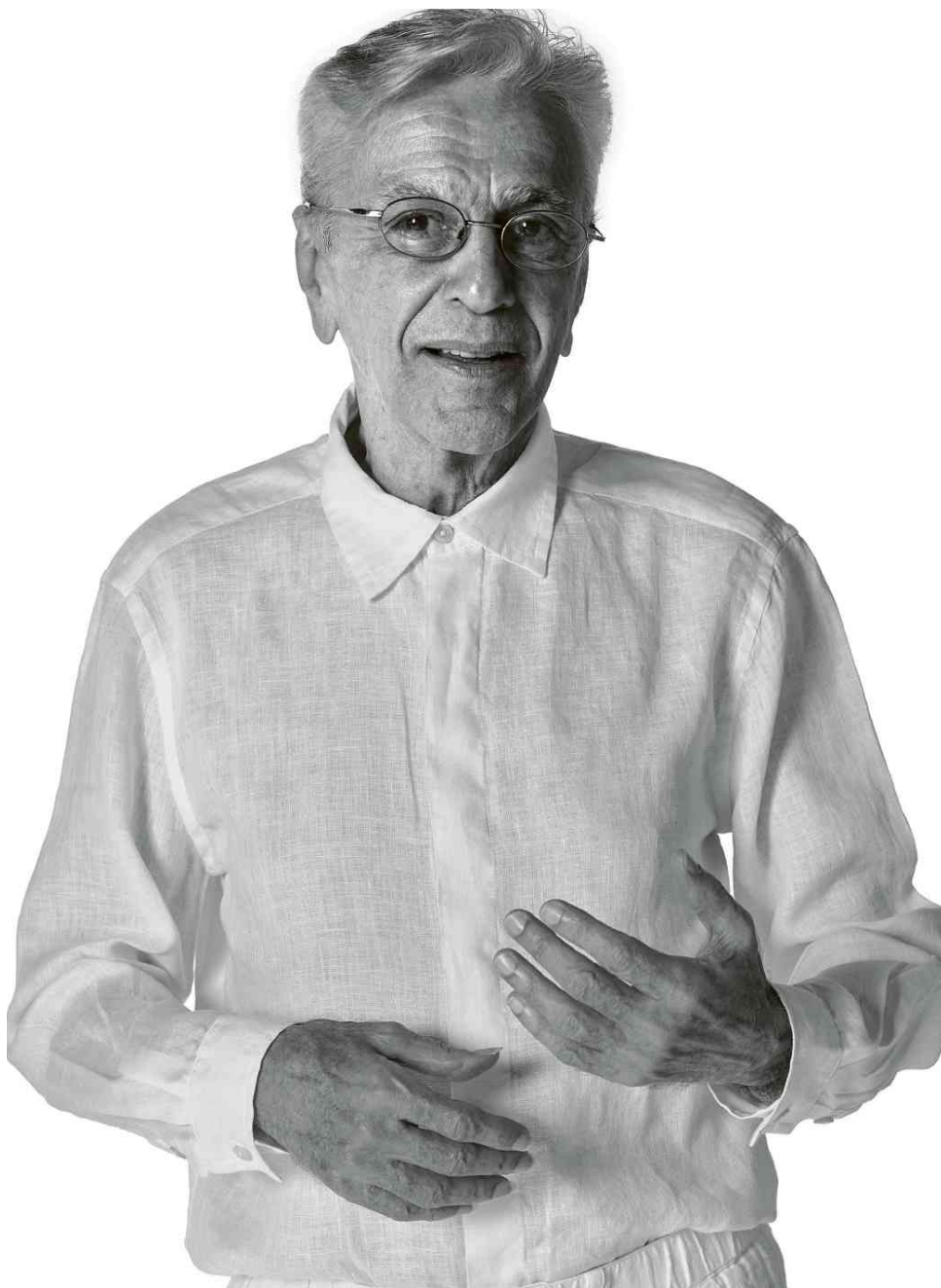
Jeferson Tenório, escritor

Paula Lavigne, empresária

Santos Cruz (Podemos), general da reserva

Zélia Duncan, compositora, cantora e atriz

Walter Casagrande Jr., comentarista e ex-jogador de futebol

Sueli Carneiro, filósofa e ativista Fotos Bob Wolfenson

Monica Benicio (PSOL), vereadora do Rio de Janeiro Fotos Bob Wolfenson

Emicida, compositor, cantor e escritor

Luiz Carlos Trabuco (à esq.), presidente do conselho de administração do Bradesco, e Octavio de Lazari Junior, presidente do banco

Rita von Hunty, arte-educador e colunista da revista Carta Capital

Luís Roberto Barroso, ministro do Supremo Tribunal Federal

Fernanda Montenegro, atriz

Paulo Guedes, ministro da Economia

Rodrigo Pacheco (PSD), presidente do Senado

Arthur Lira (PP), presidente da Câmara dos Deputados

Raull Santiago, ativista social

Luciano Hang, empresário

Marcelo Adnet, ator e roteirista Fotos Bob Wolfenson

Fotografia **Bob Wolfenson** | Edição **Naief Haddad, Renata Megale e Thea Severino** | Produção **Naief Haddad, Renata Megale, Soraya Chara e Thea Severino** | Assistentes de fotografia **Augusto Jordão, Felipe Campos, Flávia Faustino e Marina Najjar** | Tratamento de fotos **Chris Kehl e Edson Sales** | Desenho gráfico **Irapuan Campos (capa), Thea Severino e Rubens Fernando Alencar** | Agradecimentos **Alexa Salomão** | **Amanda Scattolini** | **Ana Luiza Aguiar** | **Anna Virginia Balloussier** | **Beatriz Cardoso** | **Bianca Santana** | **Camila Mattoso** | **Cássio Alves** | **Catia Seabra** | **Cláudio Canuto** | **Elsinho Mouco** | **Fabio Wanjgarten** | **Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp)** | **Gabriel Araújo** | **Gabriela Biló** | **Hotel Ipanema Inn** | **Juliana Moreira Lima** | **Kleber Bonjoan** | **Malak Poppovic** | **Mauro Zanatta** | **Mariana Araújo de Oliveira** | **Mário Canivello** | **Naná DeLuca** | **Nando Reis** | **Otavio Valle** | **Pedro Ladeira** | **Raul Caconde da Silva** | **Raquel Silva Nascimento** | **Renan Quinalha** | **Renata Aparecida dos Santos** | **Ricardo Stuckert** | **Thiago Henrique Lima Santos** | **Thyago Nogueira** | **Victoria Azevedo**

Taças de vinho natural, servidos no gastrobar Sede 261, em Pinheiros, zona oeste de São Paulo Fotos Rafael Roncato - 1º.mar.18/Folhapress

Vinho natural causa mesma ressaca e danos à saúde que a versão normal

Entusiastas dizem que há benefícios na bebida; críticos afirmam que não passa de marketing

EQUILÍBRIO

Jesse Hirsch

THE NEW YORK TIMES O vinho natural é uma das categorias de bebidas mais procuradas hoje nos Estados Unidos, e os argumentos são igualmente inebriantes: beba vinho natural, dizem os defensores, e suas dores de cabeça e ressacas serão menores; você não se sentirá tão desidratado; sua saúde intestinal vai melhorar.

"Há uma percepção geral de que quando você bebe algo mais limpo está bebendo algo mais saudável", diz Anita Oberholster, especialista em uva e vinho da Universidade da Califórnia em Davis. "Mas não há provas claras disso."

Então, o vinho natural é realmente melhor que suas contrapartes convencionais, ou isso é apenas um pouco de marketing inteligente? Analisamos alguns dos argumentos de saúde mais comumente expressados em favor do vinho natural e perguntamos a especialistas se eles tinham algum amparo científico.

Antes de avaliar a argumentação em prol do vinho natural, é importante concordar sobre o que estamos falando.

Ao contrário dos produtos com o selo orgânico de certificação, que devem cumprir um conjunto claro e regulamentado de exigências federais, o vinho natural é, na melhor das hipóteses, o resultado de um conjunto de princípios de produção voluntária e bem-intencionados.

Use uvas cultivadas organicamente; não adicione nada (por exemplo, fermento) ou modifique algo (como níveis de acidez) durante o processo de fermentação; não filtre o produto final (de modo a reter seus sabores e micróbios naturais); e adicione pouco ou nenhum sulfito (substâncias produzidas naturalmente durante o processo de fermentação ou adicionadas para preservar o frescor ou minimizar a oxidação).

Na pior das hipóteses, o "vinho natural" é um slogan de marketing, capitalizando uma tendência cultural extremamente popular.

"Não é como se o termo fosse regulamentado. Então, se uma empresa lhe diz que está vendendo vinho natural, é impossível saber o que está realmente dizendo", afirma Oberholster.

1. Menos pesticidas

Um argumento recorrente é que os vinhos convencionais podem estar carregados de pesticidas tóxicos, enquanto os vinhos naturais — cultivados com práticas de viticultura orgânica — não.

Evidência: de acordo com Oberholster, todo vinho vendido nos EUA —seja convencional ou não— só pode conter quantidades infinitesimais de resíduos de pesticidas. Qualquer coisa maior que isso, segundo os reguladores, representaria riscos para a saúde humana.

"Os níveis de pesticidas permitidos no vinho são quase indetectáveis", diz ela. "Você não seria capaz de notá-los sem instrumentos muito avançados. Os níveis estão muito abaixo de qualquer coisa que possa afetar a saúde humana."

É claro que não há evidências hoje de que exposições tão pequenas a pesticidas possam afetar a saúde. Mas talvez possamos aprender mais tarde o efeito de exposições cumulativas ao longo do tempo.

Adega do gastrobar Sede 261, na zona oeste de São Paulo

"A pesquisa evolui", diz Oberholster, "e o que sabemos ser verdade hoje pode não ser verdade para sempre".

2. Ressaca mais fraca

Há uma sensação entre os aficionados de que o vinho natural é menos agressivo ou prejudicial à nossa constituição geral —algo "suave no sistema", como disse Simon Wolf, jornalista e especialista em vinhos, numa entrevista em 2020 ao Wine Scholar Guild.

Alice Feiring, famosa escritora sobre vinhos que vive em Nova York, afirma: "Não quero soar como outros fanáticos, mas o vinho natural realmente dá uma sensação melhor no seu corpo". Mas ela tem o cuidado de observar que essa não era uma afirmação comprovada cientificamente.

Como o vinho natural tende a ter um nível de álcool por volume menor que o dos vinhos convencionais, alguns dizem que é mais fácil processar a bebida no dia seguinte.

Evidência: Andrew Waterhouse, professor emérito e diretor do Instituto de Ciência de Alimentos e Vinhos Robert Mondavi da Universidade da Califórnia em Davis, disse que o vinho natural não vai aliviar sua manhã seguinte.

"Não há absolutamente nenhuma prova de que a ressaca do vinho natural será menos severa", diz ele.

Feiring concorda, observando que ela bebe "quase exclusivamente vinho natural, e já tive mais que a minha cota de ressacas". "Não há nenhum truque de mágica para evitá-las", ela continua.

Feiring acrescenta que, embora alguns vinhos naturais tenham teor alcoólico mais baixo, isso não é uma regra —e alguns vinhos naturais têm gradação alcoólica muito alta. "Basta ir à sua loja de vinhos e olhar os rótulos se quiser esclarecer esse mito comum", diz ela.

3. Menos sulfitos

Outro argumento prevalente é que tanto os sulfitos adicionados quanto os naturais em vinhos convencionais são prejudiciais à saúde humana. É verdade que, em excesso, a exposição ao sulfito pode causar uma série de problemas, incluindo dores de cabeça leves, desidratação e desconforto respiratório grave.

Na década de 1980, foi amplamente divulgado que os altos níveis de sulfitos pulverizados em vegetais para evitar que murchassem ou escurecessem estavam deixando muita gente doente.

O vinho convencional tem permissão legal para conter 350 partes por milhão de sulfitos, enquanto o vinho natural geralmente limita os níveis de sulfito em 100 partes por milhão —mas eles normalmente contêm muito menos.

Evidência: Amarat Simonne, professora de segurança alimentar na Universidade da Flórida, pesquisou os efeitos dos sulfitos na saúde humana. Ela diz que, a menos que você esteja entre os 2% a 3% das pessoas que sofrem de intolerância ao sulfito, a exposição aos níveis legalmente permitidos em alimentos e bebidas não afetará negativamente sua saúde.

"Mas nunca se sabe. A tolerância das pessoas aos sulfitos pode variar ao longo do tempo", afirma ela.

Aquelas com verdadeira intolerância ao sulfito, especialmente se tiverem asma, podem enfrentar complicações respiratórias devido à exposição aos produtos químicos do vinho convencional. Mais provavelmente, os intolerantes ao sulfito podem ficar muito desidratados e com dor de cabeça depois de beber vinho não natural —sintomas que combinam com a ressaca.

Mas a avaliação de Waterhouse foi mais contundente: "Não tenho conhecimento de nenhum dado indicando que o vinho com sulfitos adicionados tenha resultados negativos para a saúde".

4. Melhor saúde do intestino

Finalmente, alguns entusiastas afirmam que, como o vinho natural é rico em boas bactérias, que não são filtradas ou minimizadas durante o processo de vinificação, o vinho natural pode melhorar a saúde intestinal.

Evidência: Vários estudos limitados têm indicado cautelosamente que o vinho tinto pode ter benefícios digestivos, mas há necessidade de mais pesquisas.

Nenhum desses estudos mostrou diferenças entre vinhos naturais e convencionais —nem deveria, diz David Mills, biólogo molecular e professor emérito no departamento de Viticultura e Enologia da Universidade da Califórnia em Davis.

"Não haveria qualquer diferença significativa no conteúdo microbiano se o vinho fosse o chamado natural ou não", diz Mills. "O álcool vai matar a maioria das bactérias benéficas de qualquer maneira, então não é como se o vinho fosse chegar perto do nível de kimchi ou iogurte."

Não importa como o vinho é produzido —ou qualquer bebida alcoólica, aliás—, pode causar danos significativos.

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

LEIA TAMBÉM

equilíbrio Matcha faz bem como chá verde, mas não é pó mágico p. 2
saúde mental Buscar causa única para suicídio é erro, diz psicóloga p. 3
opinião É urgente que alunos pobres voltem à escola p. 4
mercado Baixa natalidade na China alerta setor de leite em pó p. 5
opinião 'Blonde' vê Marilyn Monroe só como vítima p. 6

Matcha faz bem, mas tanto quanto chá verde

Suplemento feito de folhas moídas da mesma planta deve ser consumido com moderação e sem excesso de açúcar

EQUILÍBRIO

Annie Sneed

THE NEW YORK TIMES Entre em qualquer cafeteria ou loja de produtos naturais e é quase certeza que você encontrará este chá verde em pó cor de jade brilhante. Ele é misturado em lattes, milkshakes, refrigerantes, chocolates quentes, smoothies e até mesmo em sobremesas como sorvetes e brownies.

É recomendado por muitos como um superalimento repleto de antioxidantes que pode prevenir o câncer, melhorar a memória e reduzir estresse e ansiedade. Isso é suficiente para convencer quase qualquer pessoa a beber matcha. Mas será que ele realmente faz jus à onda?

Matcha é um tipo de chá verde que tem raízes tradicionais nas cerimônias de chá no Japão e se tornou popular nos Estados Unidos e também em outros países.

Provém da mesma planta (*Camellia sinensis*) que outros chás cafeinados, e é cultivada de forma inusitada: é protegida da luz solar excessiva durante grande parte de seu período de crescimento para que possa produzir mais aminoácidos e compostos biologicamente ativos, como clorofila e teanina. Depois que as folhas são colhidas, elas são moídas em um pó fino.

Enquanto outras folhas de chá verde geralmente são mergulhadas inteiras em água quente, "o matcha é muito mais concentrado em termos de ingredientes porque é feito de folhas de chá moídas", explica Frank Hu, que é professor de nutrição e epidemiologia e presidente do departamento de nutrição da Escola de Saúde Pública T.H. Chan em Harvard.

Embora a pesquisa sobre seus benefícios à saúde não seja definitiva, os especialistas dizem que o matcha contém grande quantidade de substâncias potencialmente benéficas para o organismo. Entre elas os antioxidantes.

"À medida que envelhecemos ou somos expostos a coisas no ambiente, como luz ultravioleta ou agentes cancerígenos, acabamos com espécies reativas ao oxigênio e elas fazem coisas nocivas, como danificar nossas membranas celulares", diz Jamie Alan, professora associada de farmacologia e toxicologia na Universidade Estadual de Michigan, nos Estados Unidos.

Os antioxidantes, que são abundantes no matcha, são substâncias que "neutralizam" essas moléculas nocivas, explica Alan, prevenindo "uma cascata de eventos prejudiciais".

O chá, portanto, pode teoricamente ajudar a proteger as células do corpo contra danos e reduzir o risco de certos problemas de saúde, como doenças cardíacas ou câncer, segundo os professores Hu e Alan, embora isso não tenha sido comprovado.

A L-teanina, um aminoácido único, que pode ser encontrado no chá verde e em certos cogumelos, é outro componente do matcha que os especialistas destacam como potencialmente benéfico para a saúde. No entanto, as evidências científicas de como isso pode acontecer no organismo são fracas, afirma Hu.

Alguns pequenos ensaios controlados por placebo sugeriram que a L-teanina pode melhorar o desempenho cognitivo e reduzir o estresse. Mas houve apenas estudos em animais e alguns pequenos testes em humanos, observam os dois especialistas.

Cafeína também está presente no matcha. Embora a maioria das pessoas possa não pensar nos efeitos da cafeína para a saúde ao beber sua xícara de café matinal, a evidência de seus benefícios à saúde é bastante forte, de acordo com Hu.

> Se você desenvolver o hábito de consumo habitual de matcha, em longo prazo poderá obter algum benefício para a saúde. Mas se apenas polvilhar um pouco de pó de matcha em cima de sorvete de chocolate acho que não ajudará muito
>
> **Frank Hu**
> presidente do departamento de nutrição em Harvard

Estudos descobriram, por exemplo, que a cafeína pode aumentar a função cognitiva e o estado de alerta, além de acelerar o metabolismo. E o consumo regular de café —a principal fonte de cafeína para adultos nos EUA— tem sido associado a um menor risco de diabetes, doenças cardíacas, doenças hepáticas e declínio cognitivo relacionado à idade, segundo Hu.

Poucos estudos científicos se concentraram especificamente em como o matcha pode beneficiar a saúde, por isso é difícil dizer com certeza os efeitos do consumo do pó no longo prazo. Mas os cientistas têm uma compreensão bastante boa dos benefícios do chá verde.

"Há muita pesquisa de chá verde, e as evidências gerais indicam que é uma bebida saudável", afirma Hu.

"Não temos evidências semelhantes para o matcha, mas como ele tem os mesmos ingredientes que o chá verde, apenas em concentrações muito mais altas", continua ele, provavelmente é seguro inferir que ofereça os mesmos benefícios.

Alan também enfatiza que, embora o matcha geralmente seja seguro, certas pessoas — incluindo aquelas que devem limitar a ingestão de cafeína por causa de algum problema de saúde— provavelmente devem evitá-lo.

"Se você é propenso a arritmia ou se tem doença cardíaca, o matcha pode ser prejudicial", diz ela. As pessoas com sensibilidade à cafeína também poderiam dispensar o matcha porque pode causar ansiedade e perturbar o sono.

Em geral, afirma Hu, o matcha pode ser uma adição saudável à dieta, desde que você esteja atento à quantidade de açúcar e outros ingredientes prejudiciais que consome junto. Se for muito grande, ela "realmente neutraliza os benefícios à saúde", explica o professor.

E se você come muito fast food ou fuma cigarros regularmente, não espere que o matcha neutralize essas escolhas prejudiciais.

"Se você desenvolver o hábito de consumo habitual de matcha, em longo prazo poderá obter algum benefício para a saúde. Mas se apenas polvilhar um pouco de pó de matcha em cima de sorvete de chocolate acho que não ajudará muito."

Tradução Luiz Roberto M. Gonçalves

Matcha, feito de folhas moídas Eric Helgas/The New York Time

Estudo identifica 75 proteínas associadas a depressão em idosos

SAÚDE

Samuel Fernandes

SÃO PAULO Uma pesquisa brasileira investigou se proteínas poderiam ser marcadores biológicos da depressão geriátrica, aquela que acomete idosos sem histórico prévio da doença. No fim, os cientistas observaram 75 substâncias que podem estar associadas com a condição.

"O objetivo da pesquisa era compreender melhor a biologia da doença, já que, com essas proteínas diferentes, conseguimos contar a história biológica da depressão", afirma Daniel Martins-de-Souza, professor de bioquímica da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) e um dos autores do estudo.

Publicada na revista Journal of Proteomics, a investigação contou com 50 idosos: 19 tinham depressão geriátrica e 31 compuseram o chamado grupo controle.

A ideia de pesquisar essa complicação ocorreu durante o mestrado em genética e biologia molecular de Lícia Silva-Costa, primeira autora do artigo. "Eu estava procurando um tema para o meu mestrado e esse me interessou bastante porque é uma época da vida em que as pessoas são mais vulneráveis", conta ela, que agora faz um doutorado de bioquímica na Unicamp.

Amostras de todos os 50 participantes do estudo foram colhidas para serem analisadas em laboratórios por meio de uma ferramenta chamada proteômica. Por meio dela, é possível mapear as proteínas presentes no sangue e apurar o respectivo volume delas nas amostras.

Então, os cientistas observaram que 96 proteínas estavam em uma quantidade maior nos pacientes com depressão em comparação àqueles voluntários sem a doença.

Com esse dado inicial, os autores utilizaram uma inteligência artificial para avaliar com maior precisão quais proteínas realmente indicavam uma associação entre a doença e as substâncias. "As 96 estavam alteradas, mas só as 75 geraram uma potencial identidade da depressão geriátrica", explica Silva-Costa.

Uma das proteínas que chamou a atenção de Martins-de-Souza foi a CACNA1C. O professor de bioquímica afirma que ela cumpre um papel importante nos neurônios, as células comuns do cérebro humano. "Ela já foi previamente associada a distúrbios do neurodesenvolvimento, como os psiquiátricos."

Durante a pesquisa, porém, a substância foi encontrada em maior quantidade no sangue dos pacientes, algo que não deveria acontecer. Segundo o pesquisador, essa descoberta pode ser uma evidência importante para indicar a associação entre substâncias como a CACNA1C, a maior quantidade delas no sangue e a depressão geriátrica.

> Essa pode ser uma assinatura molecular interessante em uma pessoa que esteja no início da doença para ir regulando e se tratando. Seria como um biomarcador para não deixar a doença piorar
>
> **Daniel Martins-de-Souza**
> professor de bioquímica da Unicamp e um dos autores do estudo

"O fato de termos encontrado ela no sangue nos dá uma evidência bem importante porque essa proteína não deveria estar no sangue, principalmente por ela ter um papel neuronal", completa.

Outra descoberta do estudo foram seis proteínas específicas que apresentaram uma ligação com quadros mais críticos da depressão geriátrica. "Esse conjunto de seis proteínas aumenta à medida que se tem sintomas mais severos", resume Martins-de-Souza.

Para o professor, a informação é útil, pois pode ser utilizada, no futuro, para evitar o desenvolvimento crítico da doença. "Essa pode ser uma assinatura molecular interessante em uma pessoa que esteja no início da doença para ir regulando e se tratando. Seria como um biomarcador para não deixar a doença piorar."

Silva-Costa acrescenta que, de forma geral, as proteínas poderiam ser alvo para o tratamento da doença.

"Na hora que você reduz o nível de proteínas, pode reduzir os sintomas. Pode ser que não trate realmente a doença. Para isso, são necessárias mais investigações do que causa a depressão nessa faixa etária", diz.

As proteínas como biomarcadores também podem ser úteis para diagnosticar a depressão tardia. Como a doença pode ocorrer por diversas causas, o diagnóstico exato é mais difícil. Por isso, a análise das proteínas como marcadores biológicos podem ser igualmente úteis.

No entanto, a pesquisa não conseguiu confirmar à correlação com a depressão tardia. A intenção era levantar hipóteses que precisam ser exploradas por outros estudos, com um grupo amostral maior.

Karen Scavacini

Buscar uma única causa para suicídio estigmatiza vítima e afeta enlutados

Precursora em estudos de posvenção, psicóloga defende que tema é uma questão de saúde pública e deve ser discutido nas escolas

SAÚDE MENTAL
ENTREVISTA

Sílvia Haidar

SÃO PAULO Suicídios são eventos multifatoriais de alta complexidade. Não há uma causa única que explique o por que de uma pessoa tirar a própria vida. Tentar achar um motivo, como o fim de um relacionamento, uma briga, um problema financeiro, ou mesmo uma doença, é uma atitude que, além de estigmatizante, tenta culpabilizar as pessoas que ficaram, ou seja, os enlutados pelo suicídio.

A psicóloga Karen Scavacini, CEO, idealizadora e cofundadora do Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do Suicídio, apresenta essas conclusões no livro "Suicídio - Um Problema de Todos", lançado pela editora Sinopsys. A obra é fundamentada em sua tese de doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP (Universidade de São Paulo).

A psicóloga fundou o Vita Alere em 2013. O instituto oferece cursos, como a pós-graduação em Intervenção na Autolesão, Prevenção e Posvenção do Suicídio, consultoria, grupo para sobreviventes, entre outras atividades.

A falta de capacitação na saúde para atender casos de risco e mesmo de tentativas de suicídio foi um dos fatores que levou Karen a criar a instituição. Ela defende que disciplinas de prevenção e pósvenção deveriam ser obrigatórias na faculdades de psicologia e optativas em outras, como medicina, enfermagem, comunicação social e pedagogia.

Para a psicóloga, saúde mental e suicídio deveriam ser discutidos nas escolas. "Os adolescentes falam sobre isso entre eles. Eles veem séries e filmes que tratam desses temas. A gente pode, sim, falar a partir de 12 ou 13 anos abertamente sobre isso. Só é preciso ter cuidado no enfoque."

Ela vê com bons olhos a campanha Setembro Amarelo, mas observa que é preciso incluir agora nesse debate as questões sociais ligadas ao suicídio. "Ainda está muito com uma visão médico-centrada. A pessoa tem um problema, você encaminha para um psicólogo e manda para o médico. Só que aí não tem atendimento, as pessoas não acham esse serviço. Então todas essas questões sociais mesmo, de violências estruturais, não estão sendo debatidas", diz.

Pensando nisso, com apoio técnico do Google, Karen desenvolveu em 2020 o Mapa da Saúde Mental, que mostra onde encontrar atendimento gratuito, online e presencial, com endereços de Caps (Centro de Atenção Psicossocial), Caism (Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental), hospitais psiquiátricos, ONGs e clínicas de faculdades.

Agora o Vita Alere elabora o Mapa das Favelas, que deve ficar pronto no mês que vem, apontando as comunidades que têm grupos de apoio e que distribuem cestas básicas. "A gente tem visto que nas favelas, além de não ter acesso à saúde mental, o debate nem chega. Porque a vulnerabilidade social é tão grande que a questão da fome e a questão da moradia tomam todo o espaço", observa.

Carla Dias/Divulgação

Karen Scavacini, 45
Presidente-executiva do Instituto Vita Alere de Prevenção e Posvenção do Suicídio, representante do Brasil na International Association for Suicide Prevention, diretora científica da Abeps (Associação Brasileira de Estudos e Prevenção do Suicídio) e da Abrases (Associação Brasileira de Sobreviventes Enlutados por Suicídio)

> **"É natural em caso de suicídio as pessoas buscarem essa causa, é para tentar aliviar um pouco aquela dor, aquele sofrimento, e tentar explicar para si e para os outros o que houve. Mas, infelizmente, a gente tem mais perguntas do que respostas na maioria das vezes**

*

No seu livro você reforça em diversas passagens que o suicídio é um evento multifatorial. Quais são os problemas que uma visão reducionista pode acarretar? Quando as pessoas têm essa visão muito simplificada, que é um desencadeante, ou a gota d'água, como se diz, elas passam a impressão de que o suicídio acontece por causa única. Ou pior, por conta de alguém, quando se fala que a pessoa terminou um relacionamento e se matou depois. Então você busca um culpado único, uma causa única, e não consegue ver que outras coisas podem ser feitas para essa prevenção. Essa é o pior erro.

Isso também tem um efeito nos sobreviventes enlutados, que são as pessoas que ficaram. Porque elas vão, obviamente, em busca de um culpado. E elas sempre se colocam como culpadas, embora a gente saiba que não são. E se elas olham somente uma causa, fica ainda mais difícil de lidarem com esse processo.

É natural em caso de suicídio as pessoas buscarem essa causa, é para tentar aliviar um pouco aquela dor, aquele sofrimento, e tentar explicar para si e para os outros o que houve. Mas, infelizmente, a gente tem mais perguntas do que respostas na maioria das vezes.

Mesmo quando a pessoa tinha um transtorno psiquiátrico a gente não pode apontar essa doença como uma causa? Não pode. Mesmo quando a gente está falando em casos de depressão, que é o transtorno mais ligado ao suicídio. Algumas pessoas vão usar a expressão "morreu por depressão", que é uma forma honesta de comunicar que tem relação com o transtorno mental, porque não dá para dizer todos os fatores que levaram alguém ao suicídio.

Mas mesmo em relação à depressão, se fosse assim todas as pessoas depressivas se matariam. Precisa ter uma série de outras coisas que vão pesar na dor dessa pessoa.

O suicídio também não é uma escolha. É um ato de desespero. A pessoa não tem clareza na decisão. E a depressão, nesses casos, vai prejudicar a visão que a pessoa tem dos seus caminhos, das suas possibilidades, do amor que as outras pessoas sentem por ela.

> **"O suicídio também não é uma escolha. É um ato de desespero. A pessoa não tem clareza na decisão. E a depressão, nesses casos, vai prejudicar a visão que a pessoa tem dos seus caminhos, das suas possibilidades, do amor que as outras pessoas sentem por ela**

Acabamos de passar pelo Setembro Amarelo, de prevenção do suicídio. Tem sido uma campanha bem-sucedida? Eu acho que sim. Se a gente pensar o quanto a gente falava de suicídio antes do Setembro Amarelo e o quanto a gente fala agora realmente teve uma mudança muito grande. Eu entendo que o maior objetivo do Setembro Amarelo é a conscientização, e para isso acho que ele está trazendo esse tema para discussão.

Hoje em dia eu não acho que um mês inteiro falando sobre o tema necessariamente seja algo positivo. Porque quando a gente conversa com as pessoas que perderam alguém, ou as pessoas que estão com o comportamento suicida, é muito difícil para elas. Elas são relembradas o mês inteiro sobre algo que elas estão sentindo ou algo que aconteceu. Nesse sentido, a gente precisa talvez ouvi-las mais para entender qual é a melhor forma de abordar o tema.

Tem um aspecto um pouco mais comercial que a gente vê hoje. Até um tempo atrás teve uma loja de roupa que procurou a gente para fazer camisetas com frases. Mas não, gente, a ideia não é essa, o objetivo não é esse.

Talvez tenham se inspirado na campanha do câncer de mama, nos anos 1990. Pois é. E se a gente pensar na campanha do câncer de mama, ela foi muito boa. Antigamente, a gente não falava de câncer de mama e hoje fala. Eu entendo que o Setembro Amarelo vai ter o seu desenvolvimento para chegar na sua melhor forma. Não sei se a sua melhor forma vai ser o mês inteiro ou vai ser uma semana só, como acontece na maioria dos países. Ou vamos ter apenas o dia 10 de setembro, que é o dia da prevenção do suicídio.

Eu só acho que a gente precisa incluir agora nesse debate do Setembro Amarelo as questões sociais também ligadas ao suicídio. Ainda está muito com uma visão médico-centrada. A pessoa tem um problema, você encaminha para um psicólogo e manda para o médico. Só que aí não tem atendimento, as pessoas não acham esse serviço.

Há algumas críticas a respeito do Setembro Amarelo, como o marketing amarelo, que você citou, e também sobre influenciadores digitais que falam sobre o tema nas redes sociais, mas não estão preparados para abordar o assunto. Se a gente olhar a parte negativa da campanha, acho que tem muito dessa questão do marketing amarelo mesmo, que é a pessoa que põe a fitinha amarela no peito, solta o balãozinho na praça, mas não fala com a pessoa ao lado dela. E essa história de "vou abrir meu inbox para quem quiser falar" não é legal. Você não sabe o que vai chegar, você não vai saber como lidar.

A gente precisa trabalhar todo o espectro da prevenção do suicídio e não só essa coisa "olha, você está mal, busca um médico". Porque aí você pode até aumentar a desesperança. Você faz toda uma campanha, a pessoa percebe que precisa de ajuda, vai ao Caps, mas chega lá e vai enfrentar uma fila de seis meses para ser atendida. Então a gente reforça muito essa necessidade de pensar também o que vai fazer com a demanda gerada.

Por que é tão difícil envolver o poder público no debate sobre saúde mental? Acho que existe um tabu ainda na política em geral em relação ao suicídio, de entender esse tema como saúde pública e de envolver várias áreas. Hoje quem mais promove ações nesse sentido é o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, mas ainda muito pouco diante do que precisaria ser desenvolvido. Falta a união dessas instituições envolvidas. E é preciso incluir pessoas que viveram a situação, além de especialistas.

Por exemplo, a gente está fazendo o levantamento do Mapa das Favelas, que deve ser lançado em outubro. Nesse processo, a gente tem visto que nas favelas, além de não ter acesso à saúde mental, o debate nem chega. Porque a vulnerabilidade social é tão grande que a questão da fome e a questão da moradia tomam todo o espaço.

A gente está fazendo uma busca no Brasil inteiro de locais de saúde mental que atendam de maneira gratuita. A gente inclui onde distribui cesta básica, por entender que isso vai ser um determinante de saúde mental.

O que você acha do papel de ONGs e grupos de apoio que debatem e oferecem ajuda a populações que sofrem preconceitos diários, como negros e LGTBQIA+? As ONGs são fundamentais. Sem elas a gente estaria numa situação muito mais complicada. O que eu acho é que falta as pessoas saberem que essas ONGs existem. É muito difícil encontrar. E tem outra coisa: como que os serviços podem dar conta da demanda? No Mapa da Saúde Mental, que hoje a gente tem cerca de mil acessos por dia, muitos locais que oferecem atendimento pediram para sair da lista porque começa a chegar uma demanda tão grande que não dão conta.

No livro você fala também sobre a falta de capacitação na saúde para atender casos de risco de suicídio e mesmo tentativas de suicídio. Como isso poderia ser melhorado? Na psicologia deveria ser obrigatório ter aulas sobre prevenção do suicídio, sobre identificação de risco, sobre como se faz um atendimento, o manejo de uma pessoa com risco. A gente escuta tantos absurdos sobre psicólogos que vão replicando mitos.

Mas poderia ser uma disciplina optativa em outros cursos, no direito, na engenharia, na arquitetura. Os prédios e outras construções, como pontes e viadutos, poderiam já serem projetados de uma forma mais segura para que não se tornem um hotspot.

As faculdades de comunicação também deveriam ensinar a tratar do tema sem sensacionalismo, de forma segura. Assim como na pedagogia.

Como a gente pode falar sobre suicídio e saúde mental com adolescentes? Os adolescentes falam sobre isso entre eles. Eles veem séries e filmes que tratam desses temas. Então a gente pode, sim, falar a partir de 12 ou 13 anos abertamente sobre isso. Só é preciso ter cuidado no enfoque.

Mostrar para o adolescente que pensar em suicídio é comum. Mas se ele pensar muito, se ele não conseguir afastar o pensamento, se isso começar a ser visto como algo plausível para ele, ele precisa buscar ajuda. Falar sobre como ele lida com frustração ou com bullying também é prevenção do suicídio.

Isso deveria ser feito da mesma forma como ocorre com a educação sexual. Deveria ser algo para a gente incluir como uma educação mesmo. Com esse enfoque: o que fazer, onde buscar ajuda. A minha impressão é que com o passar dos anos isso vai ser algo cada vez mais necessário nas escolas. Essa geração tem falado mais de saúde mental do que a gente falava.

O estigma e o medo de ser julgado ainda são impedimentos para que as pessoas busquem ajuda? Com certeza. A sociedade ainda tem muito estigma sobre saúde mental, morte e suicídio. O estigma faz com que as pessoas não busquem ajuda. É o aluno que não quer falar com o professor, é o colaborador que não quer falar para o seu chefe e, realmente dependendo do local que ele trabalha, vai ouvir que "isso é mi mi mi", "você está fazendo corpo mole". Familiares de pessoas que cometeram suicídio têm vergonha e até medo de dizer. A maioria não fala que a morte foi por suicídio. Porque vai receber da outra pessoa perguntas do tipo "você não viu nada?", "você não percebeu?", que são perguntas que aumentam a culpa.

A sociedade costuma transferir para a família essa culpa com comentários do tipo "um suicídio não acontece em uma família boa", e a gente sabe que não tem nada a ver.

Garota se concentra para escrever; alunos precisam ser engajados no processo de aprendizagem 13.dez.20-Marlene Bergamo/Folhapress

É urgente trazer os estudantes pobres de volta para a escola

Política tradicional não é suficiente, e 'escola nova' precisa ser construída

OPINIÃO

Alexandre Schneider
Pesquisador do Transformative Learning Technologies Lab da Universidade Columbia em Nova York, pesquisador do Centro de Economia e Política do Setor Público da FGV/SP e ex-secretário municipal de Educação de São Paulo

A divulgação recente do Saeb, exame nacional de proficiência em língua portuguesa e matemática dos estudantes brasileiros, mostrou, como o esperado, uma queda no desempenho dos alunos, mais acentuada entre os estudantes do segundo ano do ensino fundamental. Embora os dados por aluno ainda não estejam disponíveis, é possível inferir que os mesmos seriam ainda mais baixos em caso de maior participação dos alunos em situação mais vulnerável.

Levantamento realizado pelo pesquisador Daniel Castro, da UFRJ (Universidade Federal do Rio de Janeiro), demonstra que não só o número de escolas participantes do exame em 2021 foi inferior ao registrado antes da pandemia, como foi ainda menor em escolas de nível socioeconômico baixo.

Antes da pandemia (2019), cerca de 15 mil escolas de nível socioeconômico baixo tiveram resultados divulgados pelo MEC (Ministério da Educação). No primeiro exame pós-pandemia —realizado no final do ano passado— o número de escolas nessa condição caiu para 9.605, uma taxa de 63% de participação.

Para efeito de comparação, nas escolas com nível socioeconômico mais alto a taxa de participação foi de 82,3%. Os números são ainda piores no ensino médio, onde menos da metade das escolas de nível socioeconômico baixo teve sua participação registrada.

> **[...]**
> Estudo indica que 17% dos alunos das classes D/E abandonaram a escola na pandemia e não retornaram, metade deles para trabalhar

Como os alunos mais vulneráveis em média tendem a obter resultados mais baixos em língua portuguesa e matemática, é muito provável inferir que o desempenho das redes públicas teria sido pior do que o registrado caso todos os estudantes houvessem realizado os exames. Além da necessidade de relativizar os resultados oficiais obtidos, a baixa participação dos estudantes de escolas mais vulneráveis indica outro dado preocupante: um grande contingente dos alunos mais pobres estava fora da escola.

Também é essa a conclusão de um estudo recente do Unicef, que indica que 17% dos estudantes das classes D/E abandonaram a escola na pandemia e não retornaram, metade deles para trabalhar fora. Dos que voltaram, 46% se sentiram despreparados para acompanhar as atividades escolares, 35% tiveram dificuldade para controlar suas emoções e 30% tiveram pensamentos negativos, se sentiram tristes e deprimidos.

Os dados nos mostram que é preciso trazer e manter os estudantes mais pobres na escola, aprendendo, e que as políticas tradicionais não serão suficientes para isso. As crianças e jovens precisam de outra escola, que seja capaz de acolhê-los e às suas necessidades individuais, e de uma política social integrada à educação.

A construção dessa "nova escola" passa por mais autonomia para que as unidades escolares tenham condição de melhor compreender as necessidades dos estudantes e agir sobre elas, pelo enfrentamento das questões de saúde mental dos alunos e dos profissionais e a adoção de um programa que una a busca ativa dos estudantes que deixaram a escola, o monitoramento dos casos passíveis de evasão e a integração de um programa de renda que seja capaz de manter os alunos mais vulneráveis na escola, e não em trabalhos precários fora dela.

Uma escola autônoma não é "livre para fazer o que deseja". Ao contrário, é uma escola que responde às necessidades da comunidade que atende às instâncias superiores a partir de um planejamento desenhado e articulado coletivamente, o que só será possível com professores e gestores capazes de organizar a aprendizagem dos alunos a partir da compreensão de seu contexto e necessidades específicas, da combinação dos resultados das avaliações próprias e de larga escala e de devolutivas construtivas aos seus estudantes.

Enfrentar as questões de saúde mental dos alunos — um legado da pandemia ainda presente nas escolas— requer a articulação de programas da área da saúde com a preparação dos profissionais da escola para a identificação de problemas e a criação de projetos em que os estudantes também se organizem para apoiar os colegas que apresentem fragilidades, criando uma rede de apoio que ligue a escola, a família e os profissionais de saúde.

Por fim, os governos devem organizar a busca ativa dos estudantes, criar mecanismos de controle em cada escola para que alertem a possibilidade de evasão, articular programas sociais de apoio às famílias e implementar um programa de renda que evite que o estudante em situação vulnerável troque a escola por um emprego precário.

É preciso trazer de volta os alunos mais pobres para a escola, engajá-los no processo de aprendizagem e garantir sua segurança e a de suas famílias para que sua trajetória escolar tenha sucesso. Uma tarefa complexa que só seria cumprida se os sistemas educacionais fossem capazes de se organizar a partir das necessidades dos estudantes, e não o contrário.

A necessidade de romper com antigos dogmas na educação

Veny Santos
Escritor, jornalista e sociólogo, é autor de "Batida do Caos" e "Nós na Garganta"

Ensino nos colégios deve favorecer mentes propositivas, com ideias originais e passíveis de críticas Renato Stockler/Folhapress

SÃO PAULO Bons copistas. Ao entrarem na sala de aula, avistavam a lousa desenhada, em sua completude, por palavras a fio. Organizadas em períodos que da última carteira mais pareciam borrões de giz, causavam cansaço só de olhar.

As tantas mentes em formação faziam um esforço grande para deixar a imaginação de lado e ter sua atenção voltada apenas ao foco em grafar nos seus cadernos a lição. "Copiem." Se não fosse do quadro negro, dos livros. "Copiem." Sentenças e mais sentenças que ecoavam no pensamento sem se fixarem. "Copiem." Copiavam.

As discussões sobre modelos arcaicos de educação que limitam o desenvolvimento cognitivo reflexivo (cuja capacidade de abstração e racionalização convivem em sentido complementar, não excludente) são antigas.

Tão antigas quanto as memórias dos estudantes de escolas públicas que vivenciaram uma formação às pressas, insuficiente, que oferecia o mínimo por meio do esforço —e também não esforço— dos docentes. Aprender a copiar, decorar frases e reproduzi-las nas provas.

O treino que recebiam estes alunos ajudava na concentração e no desenvolvimento da capacidade de atenção. Porém, aplicado de maneira excessiva, calejava o ímpeto da articulação: a arte de conectar os saberes e imaginar novos caminhos para as complexidades da realidade concreta.

Anos de dogmatização dos processos educativos —principalmente nos locais distantes do centro das cidades, durante a década de 1990— impactaram na forma como poucos e poucas que conseguiram uma vaga nas universidades lidaram com aquilo que lhes foi passado enquanto conhecimento. Afirmo porque vivi e vi a dificuldade em ir além do copiar, nos primeiros anos de curso, e reaprender a aprender sem as amarras da deseducação limitadora. Fichamentos ajudaram muito, inclusive.

Os professores exigiam maior participação nas aulas, um contato íntimo com os textos, um diálogo entre o autor e nós, iniciantes nos estudos tidos como universais. Com as avaliações, ardiam as chagas de um passado escolar de amanuenses —sem a importância histórica destes. "Copiem", e copiavam, apenas.

Na elaboração de artigos ou respostas dissertativas, o desafio era compreender que o conhecimento absorvido não se limitava mais a ser replicado, na íntegra, por força maior da memória.

Era preciso articulá-lo. E neste ponto coloco em perspectiva o que mais careceu nas escolas que fundamentaram a formação das gerações — que hoje, por sua vez, transformam as sociedades a partir do que decoraram das lousas fartas. É a articulação dos saberes. Ao longo dos anos na academia, era perceptível o vício em copiar, decorar e reproduzir ipsis litteris teorias, conceitos e frases de autores. Gabavam-se, inclusive, aqueles que até tentavam simular a entonação dos pensadores e pensadoras no momento de teatralizar a fala mimetizada, durante seminário ou debate em mesa de bar.

Especialistas em trocar palavras para simular a concepção de um novo pensamento filosófico, uma nova crítica a obras clássicas, nada articulavam, apenas reproduziam o copiado.

Apoiados na falsa segurança argumentativa alicerçada por anacronismos, alguns colegas de classe ganhavam o título de especialistas em determinados autores apenas por serem, no caso, bons copistas — título esse que era, também, incentivado por acadêmicos embriagados pela vaidade intelectual.

Fora das paredes dogmáticas das universidades, o pó de giz em suas frases feitas revelava borrões antigos e um cansaço conhecido.

Com esforço, conseguiam romper com o receio inconsciente de se colocar, de fato, como mentes propositivas — arriscando a si mesmos e suas trajetórias em construção com ideias originais e passíveis de críticas.

Somente assim se fará possível avançar com os debates propostos por antigos mestres e mestras. Conhecimento prático, útil, comprometido com o povo, para além do corpo acadêmico, estruturado no intuito de romper com o cármico ciclo no qual as discussões de ontem aparecem, hoje, copiadas, como se fossem inéditas.

Baixa natalidade chinesa ameaça leite em pó

Banco estima cinco anos de crescimento zero no mercado mundial do produto devido a inflexão demográfica no país

MERCADO

Leo Lewis e Edward White

TÓQUIO E SEUL | FINANCIAL TIMES O banco Goldman Sachs alertou os investidores para que antecipem cinco anos de crescimento zero no mercado mundial de leite em pó para bebês, porque a China está se aproximando de um ponto crítico de inflexão demográfica e o mercado mais importante do mundo vai sofrer de escassez de novos bebês.

Os bebês chineses, cujo consumo de leite em pó aumentou nas últimas décadas graças ao aumento da renda da classe média da China, se tornaram a mais importante fonte de crescimento para um setor dominado por empresas como Danone, Reckitt e Abbott Laboratories.

No entanto, em um relatório distribuído aos clientes neste mês, o banco de investimento americano disse que suas perspectivas sobre o setor de leite em pó agora eram negativas, à luz de sua nova previsão de que a população infantil chinesa diminuiria em média 7% ao ano durante os próximos cinco anos.

A mesma previsão aponta para a possibilidade de que, até o final de 2022, o número de mortes possa superar o de nascimentos, colocando a China em declínio populacional —um ponto que o Japão atingiu em 2016, e que pode desencadear revisões significativas nos modelos econômico em uso.

No início deste ano, escreveu John Ennis, um analista do Goldman Sachs, o banco havia previsto uma queda bastante moderada na população infantil chinesa. Agora, antecipa que os novos nascimentos em 2022 venham a cair em 12% com relação ao ano anterior, além de uma queda adicional de 5% em 2023.

Isto significa que a população de infantes em 2023 pode ser até 45% menor do que a que existia em 2016, disse Ennis. O mercado de leite em pó para bebês poderia sofrer um declínio de 8% este ano, na China, e novas quedas à taxa composta de 4% anuais nos próximos cinco anos, segundo a análise de Ennis.

A contração prevista na população infantil chinesa pode representar um contraste com mercados como o dos Estados Unidos, onde a população está se estabilizando, mas o Goldman Sachs argumentou que o quadro geral, incluindo a Europa Ocidental, é pobre.

Grupos internacionais como Nestlé, Danone, A2 Milk e Abbott teriam um desempenho em geral abaixo do esperado, o relatório previu, e a situação provavelmente deve criar oportunidades para que as empresas locais chinesas Feihe e Yili ganhem participação nas vendas.

"Não antecipamos que o mercado venha a oferecer muito crescimento, o que representa um forte contraste com as credenciais de crescimento prévias do setor durante a década anterior, quando o crescimento médio de vendas foi de cerca de 5% ao ano", escreveu Ennis.

O relatório representa um golpe para o governo chinês do presidente Xi Jinping, que implementou revisões abrangentes das políticas do país, em um esforço para reverter a mudança demográfica.

Após anos de aplicação implacável da política de um filho só por casal —com medidas que incluíam esterilização, contracepção e abortos forçados— Pequim notoriamente revogou as restrições proibitivas à procriação, e em 2015 autorizou oficialmente que todos os casais tivessem até dois filhos.

As autoridades chinesas, assim como suas contrapartes em Seul e Tóquio, também estão testando medidas de incentivo destinadas a aliviar a carga financeira enfrentada pelas mulheres que têm filhos, tais como licença maternidade mais longa e cuidados infantis mais expansivos, assim como subsídios para aqueles que têm mais de um filho.

No ano passado, Xi introduziu uma política de "prosperidade comum" cujo objetivo, em parte, é aliviar as pressões sobre as famílias a fim de deter o declínio populacional.

Mas os índices de natalidade na China vêm se mantendo entre os mais baixos do mundo. Com o aumento das pressões econômicas, os casamentos caíram ao seu ponto mais baixo em quatro décadas, enquanto o desemprego entre os jovens, que está acima dos 19%, registra seu nível mais alto da história recente, reduzindo ainda mais as chances de reverter o quadro.

Tradução Paulo Migliacci

Enfermeira cuida de recém-nascido em um hospital de Nanjing, na China; país, que por anos adotou política rígida de filho único, vê queda drástica nos nascimentos Fang Dongxu - 12.mai.22/Xinhua

Vazamento de 'GTA' mostra que games precisam de transparência

TEC
OPINIÃO

Tiago Ribas

SÃO PAULO Na indústria de games, o segredo costuma ser a regra. Grandes desenvolvedores guardam a sete chaves informações sobre jogos em desenvolvimento, às vezes até se estão ou não trabalhando em um título novo.

Ainda assim, é comum que algumas informações sigilosas acabem escapando para o público. Raro mesmo é que esses vazamentos tenham a dimensão do que aconteceu com o novo título da franquia "GTA" ("Grand Theft Auto").

No último dia 18, o usuário "teapotuberhacker" publicou em fórum de fãs da franquia um post com 90 vídeos do desenvolvimento do próximo game da série, no que vem sendo considerado como um dos maiores vazamentos da história da indústria de games.

As imagens que vieram a público corroboram informações já reveladas pela Bloomberg sobre o novo jogo. Entre elas, que o título terá um casal de protagonistas e será situado em Vice City, versão no universo de "GTA" da cidade de Miami, nos EUA.

No dia, a Rockstar, desenvolvedora do jogo, confirmou que as imagens eram reais e resultado de um "acesso ilegal" a seus servidores. Desde então, a Take-Two, proprietária da Rockstar, vem se esforçando para evitar que as imagens roubadas se espalhem.

Alegando infração de regras de copyright, a Take-Two conseguiu que o YouTube e outros grandes distribuidores de conteúdo retirassem do ar os vídeos vazados. Além disso, segundo o site Kotaku, a Rockstar restringiu comentários em suas mídias sociais como uma forma de dificultar que as imagens continuem circulando.

Até o FBI (a polícia federal americana) entrou na história. A principal suspeita das autoridades é que as imagens tenham sido obtidas por um grupo hacker chamado Lapsus$, que estaria por trás de outras invasões, incluindo um ataque digital ao Uber.

Segundo o jornalista Matthew Keys, um adolescente de 17 anos foi detido no último dia 23 em Londres sob suspeita de pertencer ao grupo e ter participado do vazamento.

Tratando-se de uma invasão ilegal, as medidas tomadas pelas autoridades e as tentativas de contenção de danos da empresa parecem justificadas. Mas mesmo vazamentos menores, em que aparentemente não houve nenhum crime, resultam em medidas drásticas por parte dos desenvolvedores de jogos.

Foi o caso, por exemplo, da Crystal Dynamics, que em agosto abriu um processo de proteção de direitos autorais contra o podcast Sacred Symbols, do jornalista Colyn Moriarty, após ele ler o roteiro de um jogo da série "Tomb Raider" em desenvolvimento pela empresa e ainda não lançado.

Sob o risco de ter o podcast excluído do Patreon (site de financiamento coletivo pelo qual ele recebia remuneração dos fãs do seu programa), o jornalista optou por apagar o trecho do episódio em que lia o script do jogo.

Existem motivos —competitivos e relativos ao próprio mercado— para a indústria optar por uma abordagem tão pouco transparente em relação a games em desenvolvimento. Um deles ficou provado logo após as primeiras imagens vazadas do novo "GTA" se espalharem pela internet.

Alguns fãs ficaram frustrados com a qualidade dos gráficos do jogo (que está em desenvolvimento, vale reforçar) e foram às redes sociais reclamar que o game estava "feio".

Como resposta, dezenas de desenvolvedores postaram imagens comparando os gráficos de seus jogos em desenvolvimento com o produto final, demonstrando que as críticas ao próximo "GTA" não faziam nenhum sentido e partiam de uma concepção equivocada das etapas de desenvolvimento de um jogo de videogame.

Entre os desenvolvedores que resolveram mostrar um pouco dos bastidores da criação de um jogo estão: Kurt Margenau, co-diretor de "The Last of Us - Parte 2" e de outros games da série "Uncharted"; Paul Ehreth, designer de "Control"; Kevin Choteau, diretor da série "A Plague Tail"; Jeph Pérez, roteirista de "Sea of Thieves"; e Peter Hansen, criador de "Power Wash Simulator".

As contas no Twitter de games como "Detroit: Become Human", "Cult of the Lamb" e "Relic Hunters" também entraram na brincadeira, "vazando" elas próprias versões desses jogos quando estavam em desenvolvimento.

Foi através da transparência (e não de mais bloqueios e restrições) que esses desenvolvedores ajudaram a Rockstar a conter um dos resultados negativos do vazamento dos vídeos do novo "GTA".

Por mais contraditório que pareça, em uma indústria que gasta muito tentando manter tudo em segredo, mais transparência e informação parecem ser armas eficazes contra vazamentos.

Ana de Armas em cena do filme 'Blonde'; a atriz teria captado a alma de Marilyn Monroe, imitando com perfeição os seus trejeitos, a dicção e até a voz infantilizada Fotos Divulgação

'Blonde' traz Marilyn como vítima sem retratar sua força

O longa-metragem, de quase três horas, gera um efeito de déjà-vu constante

OPINIÃO

Helen Beltrame-Linné
Roteirista e consultora de dramaturgia, foi diretora da Fundação Bergman Center e editora-adjunta da Ilustríssima

"Blonde" é o tipo de longa difícil de separar de tudo o que o cerca: o que já se leu sobre Marilyn Monroe, suas fotos icônicas, vídeos eternizados em nossa memória, as participações em filmes, os livros a seu respeito. Falar do filme de Andrew Dominik, simplesmente, é quase impossível.

O longa de quase três horas disponibilizado esta semana na Netflix parece continuar uma onda inaugurada pelo chileno Pablo Larraín —de forma tímida com "Jackie" (2016) e, depois, definitivamente com "Spencer" (2021)— de filmes etéreos, ou pretensamente "intimistas", feitos por diretores homens sobre figuras femininas icônicas que tiveram vidas tumultuadas e trágicas.

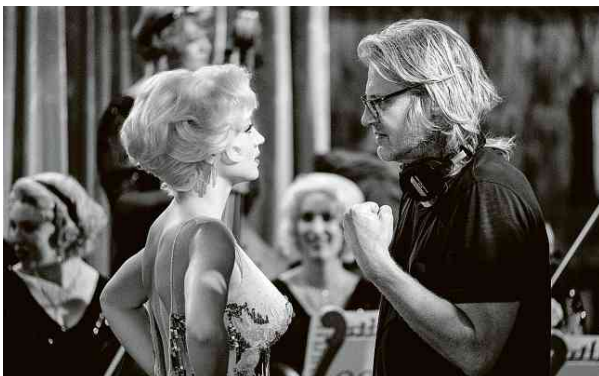
Larraín destacou em Jackie Kennedy e Lady Diana, respectivamente, enquanto "Blonde" se ocupa do ícone americano de Monroe, nascida Norma Jeane. Curiosamente, os três filmes tiveram estreia no Festival de Veneza.

"Blonde" parte do livro homônimo da americana Joyce Carol Oates para uma adaptação audiovisual que aposta num formalismo extremo. O resultado é uma colagem que oscila entre o minimalismo em preto e branco, um colorido numa paleta que lembra comerciais antigos e intervenções psicodélicas de luz e som.

Assim como Larraín, Dominik faz uma leitura bastante livre da experiência de sua protagonista, que envolve alucinação e uma overdose de closes que exploram a beleza da atriz principal, Ana de Armas.

A atuação da intérprete nascida em Cuba talvez seja o único consenso sobre "Blonde": ela teria captado a alma de Marilyn, imitando com perfeição seus trejeitos, dicção e até a voz infantilizada que marcou sua curta vida. A semelhança não é apenas mérito da atriz: Dominik usou técnicas para aproximar a imagem da cubana à do ícone americano, como filmar Armas com a câmera alta e usar lente de 50 mm, o que acentuava a relação entre as duas mulheres.

Outro aspecto que contribui para a sensação de reprodução a olho nu é a recomposição minuciosa que o filme faz de registros históricos de Monroe. O longa gera um efeito déjà-vu constante, ao reconstruir, com imagens em movimento, instantes que aprendemos a conhecer e consumir na forma estática dos registros fotográficos ou enquadradas de um certo ângulo no caso dos filmes.

Equipe utilizou técnicas para aproximar imagem de Ana de Armas à de Marilyn

Andrew Dominik (dir.) fez leitura bastante livre da experiência da protagonista

Bobby Cannavale interpreta o beisebolista Joe DiMaggio, que foi um dos maridos de Marilyn

O objetivo declarado de Dominik com o longa sempre foi o de recriar imagens icônicas: seu trabalho foi todo baseado em imagens, muito mais do que em relatos sobre Monroe.

Isso explica o efeito colagem gerado pelas mudanças constantes de cor e formato de "Blonde": se uma imagem de Monroe havia sido feita em quatro por três, eles usavam esse formato; se fosse preto e branco, era esse o registro que seria usado na cena.

Mas que história se conta? Em resumo, a de uma mulher que foi vítima da perversidade de muitos homens que passaram pela sua vida. Isso é crível? Sim. Norma Jean viveu numa época em que as mulheres estavam confinadas a existir num espaço muito delimitado pelos homens que regiam o mundo, frequentemente cercadas de uma atmosfera de masculinidade tóxica. Porém, isso torna o filme interessante? Não necessariamente.

Ao retratar Marilyn como uma vítima durante toda a vida, percebida e consumida como apenas um corpo de boneca vazia, "Blonde" parece repetir essa mesma violência.

Por que ignorar toda a força que também fez parte da vida de Norma Jeane? O fato de que ela montou a sua própria produtora, que se envolveu na luta contra o movimento anticomunista dos anos 1950, que lutou contra a segregação em favor de Ella Fitzgerald? Ou mesmo o seu interesse voraz por arte e literatura, seus estudos ou os escritos que foram objeto do livro póstumo "Fragmentos", lançado em 2012? Aliás, outro filme disponível na mesma plataforma que toca em muitos desses pontos é o recém-lançado "The Mystery of Marilyn Monroe: The Unheard Tapes" (2022), ou o mistério de Marilyn Monroe: fitas inéditas.

É válido que se questione a escolha de se representar um ícone feminino da estatura de Marilyn como uma vítima passiva sem agenciamento. Não se pode furtar, em 2022, a encarar as repercussões culturais dessa escolha artística e dramatúrgica.

O que se esconde por trás dessa onda de filmes dirigidos por homens que tentam captar a alma feminina destacando apenas o seu sofrimento?

O romance homônimo publicado por Joyce Carol Oates em 1999 e no qual "Blonde" se baseia tinha uma qualidade que o filme não replica.

A voz da Norma Jean de Oates é ativa, mesmo que dentro de sua mente, durante os abusos e percalços que enfrenta. Uma passagem icônica do livro adaptada de forma sofrível no filme é o encontro em que faz sexo oral no presidente Kennedy. No monólogo interno de Marilyn, ela encontra justificativas para se submeter àquela violência, propondo para si mesma que aquele fosse simplesmente mais um papel a desempenhar.

A passagem é extremamente significativa, inclusive pelo que revela sobre a percepção daquela mulher sobre sua própria profissão de atriz. Mais do que isso, há nessa atitude uma dignidade que não afasta o abuso, mas atribui a Marilyn uma inteligência que tentava encontrar saídas para os labirintos nos quais sua fragilidade (e muito possivelmente vaidade) a metiam.

E esse alcance não existe na interpretação que Ana de Armas dá às palavras. Curiosamente, a mesma passagem do texto integra o documentário em "Joyce Carol Oates: A Body in the Service of Mind" (2022), ou Joyce Carol Oates, um corpo a serviço da mente, de Stig Björkman, exibido na última edição do festival É Tudo Verdade. Lido por Laura Dern, o trecho ganha uma conotação dramática e astuta que de alguma forma distancia Norma Jean da banalidade cruel da violência vivida pelo seu corpo.

A sensação que fica é que "Blonde", o filme, é uma combinação de duas premissas: usar Ana de Armas para uma reconstituição masturbatória de imagens icônicas e usar Marilyn para construir uma história de trauma e abuso, ignorando tudo o que não coube nessa premissa. E essa proposta não poderia ser mais distante da de um livro que tentou justamente criar a alma de uma mulher que foi explorada simplesmente pela beleza de sua fachada.

Reclama-se dos questionamentos femininos ao lugar de fala, mas vejam o que acontece quando um homem tenta falar de maternidade: um feto falante por computação gráfica.

Como justificar a filmagem de um aborto do ponto de vista de uma vagina? E dar personalidade aos fetos que Norma Jean abortou ao longo da vida ou retratar sua gravidez não pelo crescimento de sua barriga, mas pela vida que ocupa seu útero? São escolhas que tomam contornos ainda mais complexos no contexto da reversão da legalidade do aborto nos Estados Unidos.

Diante de um longa frequentemente violento e indigesto, talvez o melhor a fazer seja ouvir as palavras do próprio diretor: "Esse é apenas um filme sobre a Marilyn Monroe. E ainda haverá muitos outros filmes sobre ela".